

Dizem que o chocolate
cura todos os males...

amor e chocolate

DOROTHY KOOMSON

Da autora do *best-seller*
a filha da minha melhor amiga

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Dizem que o chocolate
cura todos os males...

amor e chocolate

DOROTHY KOOMSON

Da autora do *best-seller*
a filha da minha melhor amiga

Apaixonada desde sempre pela palavra escrita, Dorothy Koomson escreveu o seu primeiro romance aos 13 anos.

A Filha da Minha Melhor Amiga foi o seu primeiro livro editado em Portugal. A história comovente de duas amigas separadas pela mentira e unidas por uma criança encantou os leitores portugueses.

Pedaços de Ternura, Bons Sonhos, Meu Amor, O Amor Está no Ar, Um Erro Inocente e Amor e Chocolate foram igualmente bem-sucedidos, consagrando a autora como uma das grandes referências para os leitores.

Descubra mais sobre a autora em:

www.dorothykoomson.co.uk

Publicado em Portugal por

Porto Editora, Lda.

Divisão Editorial Literária – Porto

E-mail: delporto@portoeditora.pt

Título original:

 *e Chocolate Run*

Copyright © Dorothy Koomson, 2004

www.dorothykoomson.co.uk

Fotografia da capa: © Kim Porrit

1.ª edição em papel: abril de 2011

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação, sistema de armazenamento e disponibilização de informação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.



Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Rua da Restauração, 365
4099-025 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68252-1



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

¹ N. da T.: Referência a um conto infantil, *The Water Babies*, uma obra escrita pelo Reverendo Charles Kingsley entre 1862 e 1863.

Agradeço à minha mãe e ao meu pai, a Sam, Kathleen e David, aos vossos parceiros e às vossas maravilhosas famílias. Obrigada pelo vosso carinho, apoio e entusiasmo – não podia pedir mais de um grupo tão bom como este.

A todos os meus fantásticos amigos, que me têm apoiado de tantas e tão especiais formas, que farei questão de agradecer pessoalmente a cada um de vós.

A Téa Twise, especialista em cacau, pelas citações.

A todos os que estão a ler este livro – espero que apreciem a viagem.

A todos, muitos beijos.

só há uma coisa melhor
do que sexo ilícito:
chocolate ilícito

Capítulo 1

tenham dó

Estás a flutuar num mar de chocolate.

Um chocolate suave, quente, doce e sensual... com uma textura de veludo, repousante, que afaga. Roça-te o corpo nu e cansado, envolve-o e acaricia-o. Faz desaparecer os teus problemas e as tuas angústias. O mundo, a realidade, as outras pessoas, tudo parece desvanecer-se enquanto o chocolate te desliza na pele. Placidamente, milh...

– Bom, então, eh..., acho que vou andando.

Isto não faz parte do meu nirvana de chocolate. Entreabri um olho ensonado e sondei o espaço à minha volta.

Ah! Afinal não andava à deriva num oceano cremoso, derivado do cacau. Estava encolhida no sofá com os joelhos encostados ao peito, a testa sobre os joelhos e o roupão de turco branco-sujo apertado à volta do corpo nu. Não precisava de um espelho para perceber que tinha a pele do rosto flácida devido à falta de sono, os olhos castanhos-escuros remelosos e o normalmente bem cuidado cabelo negro, que me dá pelo queixo, desgrenhado de tal forma que se assemelhava a uma escultura gótica de ferro fundido. Definitivamente, não podia estar mais longe do meu paraíso por mais que tentasse. Sobretudo quando havia um homem na minha sala de estar a dizer que se ia embora.

Movendo-me como uma condenada a caminho do cadafalso, levantei a cabeça e virei-me para o encarar.

O Greg estava vestido: por baixo de um casaco até aos joelhos tinha uma camisola azul-antracite, de um canelado largo. Calças de ganga azul-marinha. Sacola preta a tiracolo. Vestido. Dos pés à cabeça. *Que esperava eu? Se está de saída, não podia estar em cuecas, pois não?*

Ele devolveu-me o olhar, claramente à espera de que falasse. Que reagisse à sua intenção de ir embora.

Procurei ganhar tempo baixando as pernas, com cuidado para não mostrar nada por baixo do roupão. Pus-me a brincar com uma das mechas espetadas do meu cabelo, a enrolá-la à volta do dedo indicador, enquanto tentava estabelecer contacto visual sem olhar diretamente para ele.

Como deveria reagir? Há tanto tempo que não fazia nada daquilo,

que já nem sabia como era. Devia aparentar descaso? Parecer entediada? Interessada? Serena? Desesperada?

E depois ainda havia a parte do falar. Que dizer? «Adeusinho e obrigada pelo sexo» ou «Desaparece, não quero tornar a ver a tua sombra no meu quarto»?

E o pequeno-almoço? Tinha quase a certeza de que era costume oferecê-lo nestas situações. Mas isso era mais, sei lá, uma hora, ou coisa assim. Ele não havia de querer prolongar o desconforto ficando para o pequeno-almoço, pois não? Mas se fosse embora assim, que faríamos na segunda-feira? Como haveríamos de comportar-nos – de *ser* – se deixássemos as coisas assim, no ar?

Havia tantas perguntas a precisar de resposta que seria de supor que alguém já tivesse escrito um manual de instruções para estes casos, não? *Guia de Bolso dos Erros Crassos* ou qualquer coisa do género. Estariam a nadar em dinheiro.

Talvez devesse tentar uma solução de compromisso entre pô-lo na rua e oferecer-lhe o pequeno-almoço... Táxi! Ia oferecer-me para lhe chamar um táxi. Assim, teria de ficar até um de nós deixar escapar um «Isto nunca aconteceu, OK?», e concordarmos em não mais falar no assunto. Nunca mais. E a seguir, só lhe restaria uma saída airosa.

Tossiquei e obriguei-me a olhá-lo nos olhos. Tinha o caracol tão apertado à volta do indicador que a ponta do dedo latejava.

– Queres que te chame um táxi? – perguntei num tom sereno e agradável. Ninguém diria que respirava com dificuldade, que continuaria a respirar com dificuldade até ele se ir embora.

– Não, é melhor ir andando. Não quero incomodar – respondeu ele, sem no entanto se mexer.

– Tens a certeza? – insisti.

Ele fez que sim com um aceno de cabeça, mas continuou imóvel. Não dava mostras de saber como se locomover.

– A sério, não é incómodo nenhum – disse eu. – Ficas aí quietinho, eu aponto-te um dedo e digo «És um táxi.» Mais fácil é impossível. Faço-o a toda a hora.

Ficou feito parvo a olhar para mim.

Eu fiquei a olhar para ele, feita parva.

O pequeno-almoço. Seja.

Capítulo 2

que grande trapalhada

O Greg abriu as portas de baixo do armário mais próximo da porta da cozinha e retirou de lá a tábua de cortar. A seguir, abriu a gaveta por cima das portas do armário e vasculhou o interior à procura da faca mais indicada.

Eu fiquei parada a olhar para ele. Deslocava-se com tamanho desembaraço pela minha cozinha branca e vermelha que por momentos fiquei surpreendida que não vivesse ali. Por aquela cozinha ser minha e não dele.

Pegou no avental vermelho que estava pendurado atrás da porta da cozinha, enfiou-o por cima da cabeça, atou-o à volta da cintura e arregaçou as mangas da camisola. Espera lá, seria aquela *mesmo* a minha cozinha? Eu tinha um avental? Um que dizia... *Recheio de Sonho*? A ironia não me passou ao lado enquanto o Greg sorria, radiante, por cima das palavras que tinha no peito e esfregava as mãos na expectativa.

Abri o frigorífico e o meu olhar caiu imediatamente sobre a gigantesca tablete de chocolate que estava na prateleira de cima. O que eu não daria por um quadradinho ou dois. Acabava de descobrir que sem chocolate sou incapaz de trabalhar sob pressão. Que, quando a coisa aperta, preciso de chocolate. Porém, ninguém podia jamais ficar a saber que às vezes como chocolate ao pequeno-almoço. Saquei uma cebola e o último tomate do compartimento dos vegetais e atirei-lhos. O pequeno-almoço seria uma omeleta. Sim, o pequeno-almoço, o arremedo de refeição para o qual fora involuntariamente arrastada. (Sei que fui eu que contei a maldita da piada, mas ele podia ter feito o que, segundo consta, a maioria dos homens faz no lugar dele, e deixar-me a sufocar no pó que ficaria para trás enquanto ele se afastava na direção do pôr do sol.)

O Greg apanhou a cebola com uma só mão e o tomate com a outra, mas em vez de pôr mãos à obra, agarrou na faca e numa colher de pau.

– Vê lá isto – disse ele e, um por um, atirou-os ao ar.

Sem dar por isso, apertei ainda mais o cinto do roupão, cortando

grande parte da circulação das pernas, e espalmei algumas madeixas espetadas ao passar uma mão distraída pelo cabelo. Observei a cebola, o tomate, a colher de pau e a faca a dançarem no ar durante o número de malabarismo. A faca cruzou-se com a cebola ao subir, a colher de pau cruzou-se com o tomate ao descer. A faca e a cebola voltaram a elevar-se no ar. Os meus olhos seguiam as graciosas linhas que os objetos desenhavam no ar. Estava hipnotizada por aquela graciosidade contraditória e pela elegância natural do malabarista. Não devia ser tão belo, tão sublime, fazer rodopiar objetos no ar. Sempre quis aprender a fazer malabarismo, a fazer voar objetos numa dança aérea, mas não tenho a coordenação necessária. O Greg era perfeito. Sacana presunçoso.

Palerma.

Foi o primeiro pensamento que me ocorreu quando conheci o Gregory Walterson. *Que grande palerma.*

Estava sentado ao balcão de um bar com o melhor amigo, o Matt, que já saía há algumas semanas com a Jen, a minha melhor amiga. O Matt e a Jen tinham decidido convidar-me e ao Greg para jantar, a fim de ficarmos todos a conhecer-nos. Ela queria muito que eu simpatisasse com o Matt e pensara que conhecer o amigalhaço – o qual, segundo constava, costumava andar colado a ele como um gémeo siamês – ajudaria no processo, e daí a refeição.

Nesse sábado tivera de ir trabalhar e entrei no bar quase a correr, afogueada e arreliada por chegar atrasada.

– Ambs, este é o Greg, o melhor amigo do Matt – disse a Jen com um sorriso alucinado, enquanto o seu olhar saltava de um para o outro. – Greg, esta é a Amber, a minha melhor amiga. Não lhe chames Ambs. Nunca. Ela odeia. Acha que é demasiado íntimo, principalmente quando não a conhecem. Só eu é que tenho autorização para lhe chamar Ambs. Mas o Greg não se importa que o tratem por Greg ou Gregory. É-lhe indiferente.

Enquanto a Jen continuava a papaguear, deitei o olho ao tal Gregory que não se importava que lhe chamassem Greg e contorci-me por dentro – era como levar uma bofetada. O Matt era jeitoso, mas o Greg... O homem fora criado por alguém que não tinha noção dos limites. Alguém que, dispondo de ingredientes de qualidade superior, optara por dotar um só homem em vez de os distribuir

equitativamente pelo resto da população masculina. Os olhos dele, por exemplo, eram como belezas africanas, como discos de luzidio chocolate negro. O cabelo era tão negro que lançava reflexos azuis e pendia-lhe à volta do rosto como longos cachos de alcaçuz. A pele morena de um tom oliváceo moldava-se delicadamente à sua forte estrutura óssea. E aqueles lábios... aqueles lábios eram tão carnudos como gomas rosadas.

Os belos olhos negros do Greg demoraram-se um pouco mais que o necessário nos meus, antes de abrir a boquinha rosada num sorriso. Disse:

– Olá. – De forma lenta, arrastada, e deliberadamente sensual. *Palerma*, pensei eu antes de lhe atirar um olá e um sorriso azedo. *Que grande palerma*. Por mais atraente que fosse, por mais que me apetecesse lambuzar-me naqueles olhos, naqueles lábios e naquele cabelo, não havia como fugir: O Greg era um bonitão, e sabia-o; tirava partido do facto sempre que a ocasião se proporcionava. No entanto, tinha de ser simpática. A Jen morria de amores pelo Matt, apesar de só se terem conhecido há três semanas («Acho mesmo que ele é O Tal, Ambs»), por isso este homem faria parte da minha vida durante algum tempo. Teria de me dar bem com ele.

Começámos por nos encontrar ocasionalmente na companhia do Matt e da Jen. Depois, quando menos esperava, ele começou a esforçar-se (enviava-me e-mails, telefonava-me para o trabalho a fim de me convidar para o almoço, pois trabalhávamos perto um do outro, no centro da cidade), o que significava que eu não tinha outra hipótese – senão esforçar-me também, quero eu dizer.

Da primeira vez concordei com o almoço, já a prever que ele passasse a hora inteira a falar de si próprio e a apreciar o seu reflexo na superfície refletora mais à mão, o que apenas serviria para confirmar sem sombra de dúvida que não passava de um monumental palerma. A contragosto, deixei o almoço impressionada, pois o Greg possuía um tipo de inteligência e de sentido de humor que só muito raramente encontrara na minha vida, e nem uma única vez contemplara o seu reflexo na faca da manteiga.

Depois disso começámos a sair juntos com regularidade. Três anos mais tarde, Gregory «Palerma» Walterson tornara-se o meu segundo melhor amigo. Era o número dois nas minhas teclas de marcação rápida; a segunda pessoa a quem telefonava quando acontecia qualquer coisa importante; a pessoa com quem passava mais tempo a seguir à Jen. Falávamos e trocávamos e-mails todos os dias. Afinal de

contas tratava-se do Greg, o meu compincha. Continuava a ser um palerma, mas agora era um compincha que por acaso era um palerma. Nada mais. A sério, nada mais que isso, até ontem à noite.

– Hã? Hã? O que achas? – quis ele saber, virando-se para me mostrar as suas habilidades de malabarista de um ângulo melhor.

Antes que eu pudesse responder, ele calculou mal uma receção, entrou tudo em desequilíbrio e de repente vi a lâmina da faca a cair direita à mão dele. Esquivou-se uma fração de segundo antes de ser atingido e a faca caiu ao chão, seguida de perto pelo resto dos utensílios. A colher fez uma grande barulheira ao atravessar a cozinha e a cebola rebolou atrás dela. O tomate, porém, que já estava bem maduro e a pedir uma boa luta, explodiu no chão, formando um borrão pastoso de sumo, polpa e sementes no linóleo branco e vermelho.

O Greg fez uma careta à mancha de tomate e depois olhou para mim.

– *Oops* – disse ele.

– *Oops?* – retruquei eu. – Que queres tu dizer com «*Oops*»?

Ele encolheu os ombros.

– *Oops*.

– Esfregão. Água. – Apontei para o lava-loiça. – Toca a limpar.

– Lamento, ‘miga, mas já viste o meu quarto, sabes bem que eu não limpo.

Pegou na cebola, foi buscar outra faca ao armário, regressou à tábua de cortar e cortou a cabeça da cebola. Até se pôs a assobiar enquanto lhe retirava a casca.

– «Eu não limpo». Pois sim – resmunguei eu por cima do assobio desafinado. – Tens sorte em não levar com uma colher de pau, meu grande desavergonhado.

O Greg soltou uma gargalhada tão luminosa e descontraída, que há muito suspeitava que lhe vinha do fundo do coração. Ouvi-la era como sentir o sol a entrar-nos pelos ouvidos e a espalhar-se por todo o corpo. Muitas vezes as gargalhadas dele faziam-me rir. Naquele momento, porém, só consegui esboçar um pequeno sorriso.

Alguns segundos depois, com um pano-esponja humedecido na mão, baixei-me para limpar a cratera de tomate.

Isto é tão bizarro, pensei eu. É uma manhã exatamente igual a todas as

outras manhãs que ele passou cá em casa. Quem nos visse assim, ele a picar a cebola e eu a limpar, nunca desconfiaria que acabámos de...

Levantei a tampa do balde do lixo, mas hesitei antes de atirar o pano sujo lá para dentro. Do lado do Greg a cozinha ficara estranhamente silenciosa. E «silenciosa» só podia querer dizer que ele partira qualquer coisa e estava a tentar ocultar as provas. Fora esse o destino da minha caneca favorita, bem como das horrendas canecas em forma de gato que a minha mãe me oferecera. (Essa parte era um bónus, pois eu própria já tentara algumas vezes pôr fim à existência delas de forma «acidental», mas pareciam protegidas por um campo de forças.) Olhei em redor para ver o que ele andava a preparar.

Senti um frio no estômago ao dar com ele a fitar-me. A observar-me aberta e declaradamente.

Aqueles olhos de chocolate negro, até então presos em mim, alargavam-se em enormes círculos de medo. Recuperando a compostura, debateu-se com um pequeno sorriso encavacado, baixou os olhos e virou-se para continuar a picar a cebola.

Voltei-me para o balde do lixo com o coração a galopar-me no peito e o corpo inteiro em chamas. Atirei o tomate e o pano lá para dentro e deixei cair a tampa.

Foi apenas um olhar, um relance distraído, pensei eu com os meus botões. Não significou nada. Pois, e eu consigo caminhar sobre as águas.

RRRIINGGG!

Como um despertador indesejado, o telefone veio estilhaçar a paz matinal daquele sábado.

Tomara um duche, vestira o pijama e aninhara-me no sofá debaixo do meu edredão. Tinha tentado voltar para a cama depois da saída do Greg, mas fora dissuadida pelo estado do quarto. Os lençóis em desalinho, as carteiras de preservativos no chão, o cesto de vime com os preservativos usados, roupa que usara na noite anterior espalhada pelos quatro cantos da divisão. Pior: o cheiro. Dos dois. Do que tínhamos feito. Mesmo depois de ter aberto a enorme janela de guilhotina para deixar entrar o gélido ar de fevereiro, o pivete persistia, Como se se tivesse entranhado na tinta das paredes, na alcatifa e no friso do teto para nunca mais sair.

Assim sendo, tomara a decisão mais sensata: a de ignorar a desordem, sabendo que, se fosse persistente, o quarto arrumar-se-ia

sozinho como por artes mágicas. Marchara para o chuveiro mas, quando regressara, ainda estava por arrumar. Passei prontamente à fase mais grave da negação (estava confiante nos resultados). Estava a dormitar em frente à televisão quando o telefone tocou. Peguei no aparelho e resmunguei um olá.

– Olá, Ambs.

Era a Jen.

A JEN!

Abri logo os olhos e endireitei-me no sofá. *Que diabo vou eu dizer-lhe? Digo-lhe?* Eu contava tudo à Jen mas aquilo era diferente. Aquilo fora, numa palavra, uma estupidez. Em duas palavras, uma grande estupidez. Em quinze palavras: uma estupidez tão grande que apesar de se ter passado comigo ainda nem queria acreditar.

– Viva – disse eu, agora bem acordada e em pânico. Havia sempre a possibilidade de deixar escapar qualquer coisa. Ela faria uma pergunta inocente e eu teria um ataque de Tourette confessional e gritaria aos quatro ventos a terrível verdade.

– Oh, desculpa. Acordei-te? – Hesitou, obviamente para verificar a hora. – As tuas manhãs de sábado são preciosas, não são? – Só se lembrava que as minhas manhãs de sábado eram preciosas depois de eu atender o telefone.

O namorado, ou seja, o melhor amigo do Greg, jogava futebol aos sábados de manhã com ele e com outros rapazes no Woodhouse Moor, o parque mais próximo do sítio onde moravam. Embora a Jen vivesse do outro lado da cidade, em Allerton, e ele passasse imenso tempo em casa dela, o Matt fazia questão de atravessar Leeds para ir jogar com a rapaziada, por assim dizer. Assim que ele arrancava no carro, a Jen punha-se ao telefone comigo. Ficávamos na conversa até ele voltar, e depois eu regressava à cama para mais um par de horas nos braços de Morfeu. Isto se o Greg não me telefonasse a contar tintim por tintim as peripécias do jogo ou a sua última conquista amorosa. Ou, como era mais provável, ambas as coisas.

– Tudo bem – disse eu, arqueando o corpo para tentar desempenar as costas. – Já estou a pé há horas.

– A sério? – A voz dela alterou-se. – Porquê?

– Eh..., não conseguia dormir.

– Ah. Como foi ontem à noite? – perguntou ela.

Ela sabe. O Greg, que se recusara a discutir o assunto comigo, já lhes contara e ela estava a telefonar para ver quanto tempo eu aguentava sem me descoser. O palerma do Greg e a sua boca descontrolada. Primeiro

ficou para o pequeno-almoço, depois pôs-se a olhar para mim feito parvo, e agora andava a espalhar boatos. Boatos verdadeiros, diga-se de passagem. Junto dos nossos amigos. Mas boatos são boatos.

– Eh... como foi o quê? – repliquei eu, cautelosa.

– *Duh!* Tu e o Greg foram ao cinema, não foi?

– Ah, pois foi. Sim. Desculpa.

– Como foi?

– Foi fixe. Ele é fixe.

– *Duh* duas vezes! Estou a falar do filme.

– Oh, desculpa. Claro. Foi assim-assim. O Greg gostou, mas ele adora comédias baratas, por isso não é de estranhar. Na minha opinião foi medíocre.

– Oh, deixa lá. O que fizeram a seguir?

– Eh... jantámos e ele passou a noite cá em casa. – *Na minha cama. A fazer sexo. Toda a noite.*

– Ah, então era aí que ele estava! O Matt tentou telefonar-lhe para lhe dizer que não podia ir correr com ele hoje de manhã e o Greg não estava em casa e tinha o telemóvel desligado. Pensámos que tinha decidido ficar em Sheffield.

– Porque não foi o Matt correr? – perguntei eu, aproveitando a oportunidade para mudar de assunto. Quanto menos falássemos sobre o Greg, menos hipóteses havia de que eu acabasse por confessar.

A Jen baixou a voz:

– Ele vai matar-me mas eu tenho de te contar. O Matt perguntou-me que presente é que eu queria no meu aniversário e eu disse “Que venhas viver comigo”, e ele disse que sim. Vamos viver juntos.

Gritei para o auscultador:

– Ohmeudeus! Não acredito que finalmente aconteceu! Finalmente! E não acredito que demoraste seis milhões de anos a contar-me! E depois? E depois? Quero detalhes.

A Jen baixou a voz ainda mais:

– Não posso. Conto-te tudo na segunda-feira à noite, quando já for oficial. Não contes a ninguém, muito menos ao Greg, se o vires.

– Porque haveria eu de o ver? – reagi em tom defensivo. Não estava a comportar-me de forma nada suspeita, pois não?

– Vocês podem ir almoçar fora, ou qualquer coisa assim – disse ela, a medo, como se estivesse a tentar dissuadir-me de saltar do topo de um edifício. – Não costumas ir almoçar com ele?

Oh, pois é.

– Estás bem, fofa? Pareces um pouco...

– Assarapantada? É a falta de sono. Já não sou assim muito nova, sabes?

– OK. Bom, tenta dormir, então. O Matt chegou. Vamos às compras. Então vemo-nos na segunda-feira, está bem? Por volta das seis e meia no The Conservatory.

– OK, combinado. *Tchau.*

Se não estivesse tão confortável no sítio onde estava, ter-me-ia levantado para fazer uma dança da vitória pela sala assim que desliguei o telefone. Dadas as circunstâncias, limitei-me a atirar murros e pontapés para o ar com os braços e as pernas, a exclamar:

– *Yesss! Yesss! Yeeesss!*

Finalmente. O Matt assumira o grande compromisso. Uma declaração real, tangível em como considerava permanente o relacionamento entre eles. Era um passo muito importante para o Matt – estamos a falar de um homem que por vezes se mostrava reticente em respirar devido ao esforço que isso envolvia. Nunca o imaginara capaz de dar aquele passo.

Da última vez que eu e a Jen tínhamos dissecado o assunto – e devo admitir que foi muito dissecado – ela declarara:

– Quero chegar a um ponto em que me sinto à vontade para contar absolutamente tudo ao Matt, tal como te conto a ti.

Isto fez-me puxar o edredão por cima da cabeça. Em menos de vinte e quarto horas fizera duas coisas inconcebíveis: dormira com o Greg e não contara à Jen.

Só faltava doar todas as minhas poupanças ao Partido Conservador e toda a gente ficaria a saber que começara uma invasão alienígena.

Capítulo 3

o big bang

Silêncio. Tudo era silêncio.

Um silêncio, puro, perfeito. O tipo de silêncio a que invariavelmente se segue uma catástrofe. O tipo de silêncio, imagino, que existia antes do *Big Bang* que criou o nosso universo. (Ou, se acreditam em teorias criacionistas, o tipo de silêncio que se fez enquanto Deus coçava a cabeça e Se perguntava se devia fazer os oceanos azuis ou cor de pêssego.) No nosso escritório caiu um silêncio assim. Todas sustínhamos a respiração. Estávamos todas à espera do *Big Bang*.

Embora todas as cinco funcionárias do escritório o esperassem, quando aconteceu, quando a explosão se fez sentir, só quatro se sobressaltaram. Eu, a mais próxima do epicentro, não saltei da cadeira – fui apanhada de imediato na onda de choque e fiquei impossibilitada de me mexer fisicamente, ainda que quisesse fazê-lo.

– QUE QUERES TU DIZER COM ISSO DE NÃO TERES VISTO OS FILMES? O QUÊ, NENHUM? – berrava o *Big Bang*.

Era a Renée, a minha chefe. A Chefe. Era amorosa. Honesta. Sempre gostei da Renée e sempre nutri grande respeito por ela, mesmo quando gritava comigo, como agora.

Tinha acabado de lhe dizer que não fizera o «trabalho de casa» no fim de semana e, por causa disso, a reunião que ela tinha agendada para aquela tarde não correria como estava à espera. Deixara-a ficar mal e, em vez de ficar ali sentada a implodir lentamente, a ranger os dentes e a ignorar-me, ela resolvera explodir.

Em teoria, segundo constava no meu currículo, trabalhava para o Festival Internacional de Cinema de West Yorkshire (WYIFF) há quase onze anos. Desde pequena que era obcecada pelo cinema e pela televisão. Não me deixavam ir brincar lá para fora, e em adolescente não podia ir a festas, por isso vivia no mundo da televisão. Presenciei as maravilhas da vida, do amor e de tudo o resto através do aparelho ao canto da sala. Esse fascínio pelas imagens em movimento nunca me abandonou.

Durante o primeiro ano da universidade tínhamos de fazer um estágio de quatro meses numa profissão em que estivéssemos interessados. Eu pedi para trabalhar num estúdio de Hollywood, e calhou-me o WYIFF.

Durante grande parte do período de março até junho fui pau para toda a obra no WYIFF sem receber um tostão. Fazia pesquisas e tirava fotocópias para a brochura do festival, e adorava. Quase todos reclamavam por trabalhar de graça, por servirem de criados e por serem tratados como cidadãos de terceira classe. Eu cá não. Qual era o problema de ter de fazer o chá, tirar fotocópias e fazer recados, se tinha a honra de partilhar um escritório com um grupo de pessoas que percebiam imenso de cinema, uma das quais beijara um realizador americano muito famoso e outra que fora uma atriz de sucesso na adolescência? Quando o estágio acabou, continuei a «passar» pelo escritório – da mesma forma que uma pessoa «passa» por locais frequentados por alguém que lhe interessa – para dar uma mãozinha.

Em setembro, durante as duas semanas do festival, lá estava eu outra vez. Comparecia nos locais dos eventos envergando com orgulho uma *t-shirt* do WYIFF, conduzia as pessoas aos seus lugares, rasgava os bilhetes e distribuía brochuras com o meu nome. O *meu nome*. O meu destino estava selado. Vendera a alma. Jurara vassalagem ao deus do WYIFF. Basicamente, tinha entrado na minha ideia de paraíso profissional, e não queria ir-me embora. Por isso, não fui. Durante os cinco anos que se seguiram aproveitava todas as Páscoas, todos os verões, todos os festivais de cinema, todos os momentos em que não estava a trabalhar para pagar a renda de casa e para comer, para vaguear pelo escritório, a oferecer ajuda. Até que, por fim, tiveram pena de mim e pagaram-me para compilar a brochura do festival. Depois disso ofereceram-me um emprego a tempo inteiro como Assistente do Festival. Um ano depois tornei-me Assistente Sênior, e um ano depois disso passei a ser Diretora-adjunta do Festival. Isto há quatro anos.

Na verdade os títulos não significavam coisa nenhuma, pois o WYIFF só tinha três membros efetivos: a Renée, que era a Diretora do Festival; a Marta, a Administradora do Festival, e eu.

Eu. A pessoa que tinha em casa uma pilha de cassetes de vídeo que deveria ter visto a fim de expor um parecer à Renée antes da reunião com a produtora. Era do nosso pequeno escritório que se lançava o gigantesco evento de meados de setembro, cheio de estrelas, que colocava West Yorkshire no mapa dos pontos de grande interesse

artístico. Éramos nós que o organizávamos, que definíamos as temáticas, que tratávamos dos convidados e que preparávamos a programação. As grandes estreias que ocorriam durante o festival também eram organizadas por nós – incluindo o envio de convites para chamar a atenção da imprensa e a organização da estadia dos atores convidados.

Para além disso, por vezes também levávamos a cabo trabalho de consultoria. Caso vissemos uma produtora com potencial, ou se tivéssemos tempo, prestávamos aconselhamento sobre como conseguir financiamento, editar, selecionar o elenco e os argumentos. Seria essa a tarefa da Renée para aquela tarde, se eu não tivesse estragado tudo.

Mas... mas o sábado anterior fora para esquecer assim que vestira o pijama. Não suportava a ideia de ver o que provavelmente seria um filme péssimo, e o título – *Bem-vindos à Central do Vômito* – não inspirava propriamente confiança no produto. No domingo, entre a programação juvenil do *T4*, o *EastEnders* e as voltas pela cidade para dar os últimos retoques na prenda de aniversário da Jen, não tivera tempo nenhum.

Deitei à Renée o que esperava serem uns olhos enormes, cheios de arrependimento: pedindo, ou se quiserem, implorando compreensão. A Renée devolveu-me um olhar assassino que me trespassava as janelas da alma.

Normalmente parecia uma atriz adolescente que se tornara produtora, a qual por sua vez se convertera num nome importante na indústria cinematográfica da região norte de Inglaterra. Toda ela era sofisticação: cabelo negro e sedoso, olhos cuidadosamente maquilhados, pele morena, olivácea, limpa, tonificada e hidratada com os produtos mais caros, e batom de cor neutra. Só usava roupa de alta-costura, e sem um vinco, claro. Os sapatos combinavam sempre com as malas. Quando o usava, o verniz das unhas combinava com o batom.

– VOU FAZER FIGURA DE PARVA NA REUNIÃO! – vociferava ela. – NÃO ACREDITO QUE ME FIZESTE UMA COISA DESTAS!

Tal como o resto do corpo, os dedos dela eram longos e esguios. Faziam-me sempre lembrar os Chocolate Fingers da Cadbury, com pouquíssimos nós a estragar o comprimento e a forma. Quem diria que aqueles nós dos dedos podiam fazer tamanho estardalhaço ao bater na secretária enquanto pontuavam as suas palavras? Provavelmente a culpa era do recheio de bolacha.

– NÃO POSSO [pang] ACREDITAR [pang] QUE TIVESTE CORAGEM [pang]

DE FAZER [pang] UMA COISA DESTAS [pang]!

Não era preciso olhar em volta para saber que a Martha, a Administradora, não tirava os olhos do monitor e que as duas raparigas que estavam à experiência se tinham enfiado debaixo das secretárias a cavar túneis de fuga. Era o costume quando a Renée perdia as estribeiras. O que, diga-se de passagem, vinha acontecendo com bastante frequência. Normalmente, já andava um pouco mais tensa do que o normal – não era preciso muito para que perdesse a cabeça. Ultimamente, porém, até um «Bom dia» podia obter duas respostas: um «Olá» ou pôr-se a arengar, exigindo saber o que havia de tão bom naquele dia.

Eu sabia-o muito bem. E foi por isso que respondi:

– Pelo menos não dormi com o teu marido.

É típico. Quando uma situação ameaça tornar-se séria, quer no bom, quer no mau sentido, vejo-me compelida a aligeirar o ambiente com tentativas de fazer humor. *Compelida*, notem bem. Não é algo que consiga controlar. (Assim se explica de onde veio a graça do táxi.) Muitas foram as situações de conflito que consegui impedir tentando arrancar a alguém uma gargalhada, ou pelo menos um risinho abafado. Não consigo evitá-lo. Penso que tem origem na crença enraizada de que é menos provável levar uma tarefa de alguém que estou a tentar fazer rir.

Só que o que eu dissera não tinha piada nenhuma. O meu sarcasmo infeliz empurrou a Renée para lá dos limites da razão.

– *Que. Foi. Que. Tu. Disseste?* – disse ela entre dentes, chocada de mais para gritar ou bater na secretária.

– É apenas uma reunião, não a segunda vinda de Cristo – ripostei eu, e depois encolhi-me. Não valia a pena continuar a antagonizar uma mulher já meio desvairada, mas era mais forte que eu.

A pele irrepreensível da Renée cobriu-se de um tom vermelho de raiva até à raiz dos cabelos. Ignorava que um ser humano pudesse ficar daquela cor sem desmaiar.

– COMO ÉS CAPAZ DE DIZER TAL COISA? QUEM PENSAS TU QUE ÉS? – berrou ela.

– Oh, admite-o, Renée, de qualquer forma já estavas cheia de vontade de cancelar a reunião.

Estávamos presas num sem-fim humorístico: quanto mais exasperada ela ficava, mais eu tentava fazê-la rir, o que só piorava as coisas. Era um círculo vicioso.

– NÃO SEI O QUE ME DEU QUANDO DECIDI CONTRATAR-TE! – gritou ela.

– O hamster amestrado não aceitou o emprego?
– COMO TE ATREVES? HÁ DEZ ANOS QUE TE VEJO A PASSEAR PELO ESCRITÓRIO SEM FAZER NADA A NÃO SER COMER CHOCOLATE! JÁ CHEGA! ÉS UMA INÚTIL!

Dito isto, agarrou no telemóvel e no casaco e saiu do palco pela esquerda. Atirou com a porta de vidro com tanta força que pensámos que se ia escaqueirar atrás dela.

Quando a porta bateu ficámos imóveis e em silêncio.

A Renée nunca me atacara daquela forma. Nunca atacara ninguém daquela forma. *Nunca*. Sim, gritava, atirava coisas pelos ares, mas em onze anos nunca pensei que pudesse levantar a mão a alguém. Por uns momentos, no entanto, pensei que fosse esbofetear-me.

A Martha atirou um dos seus «olhares» às duas estagiárias até que elas chegaram à conclusão de que precisavam de ir à casa de banho – desesperadamente – e saíram. Também elas fecharam atrás de si a porta de vidro, que exibia uma bobina de película e as letras WYIFF, mas devagarinho.

Eu e a Martha levantámo-nos em uníssono e percorremos o escritório de teto alto, atulhado de secretárias, armários de arquivo e prateleiras para vídeos, até às janelas. O painel de vidros ocupava quase uma parede inteira e tinha peitoris tão largos que podíamos sentar-nos neles. E foi o que fizemos. De todos os escritórios do edifício do West Yorkshire Council, o nosso era o melhor. Possuía paredes brancas e altas e a alcatifa não era em bege regulamentar, mas sim azul-vivo. Até tínhamos cartazes de cinema emoldurados nas paredes. Quando se trabalhava ali a tempo inteiro podia escolher-se um cartaz. O da Renée era o do *Vertigem Azul*, o da Martha era o do *Pretty Woman: Um Sonho de Mulher*, e o meu era o do *Exterminador Implacável 2*. Ao longo dos anos os cartazes iam e vinham, mas o mergulhador, a prostituta e o ciborgue resistiam a tudo, até às explosões da Renée.

– Ela está a ficar pior – disse a Martha, virando-se ligeiramente para apreciar o panorama de Leeds daquela altura. A Martha era muito mais humana que a Renée. Tinha a mesma altura que eu, cabelo castanho pelos ombros, olhos pardacentos, pele branca e pálida – de vez em quando até tinha borbulhas. Eu gostava da Martha, mas não da mesma forma que gostava da Renée. A Renée dera-me aquele emprego – depois de muita insistência – enquanto eu ajudara a Martha a conseguir o dela. Além disso, a Renée nunca se fizera convidada em minha casa ao jantar um mês depois de começarmos a trabalhar

juntas, como a Martha fizera. E tinha a certeza de que a Renée não andava constantemente a saquear as minhas gavetas à procura de perfume, batom, tampões e outras coisas que as mulheres devem trazer consigo, como a Martha fazia.

– Eu sei – respondi eu à observação de que a Renée estava a ficar pior, mas senti-me logo constrangida. A Renée era, bem vistas as coisas, uma boa chefe. – Porque será?

– Porque é uma francesa louca – replicou a Martha e cingiu ao corpo o casaco preto de malha para sublinhar o que dizia. Na sexta-feira anterior a Renée gritara-lhe esta por não lhe ter devolvido o agrafador. Apesar de ter saído para nos ir comprar bolo «porque ambas merecíamos», apesar do hiato do fim de semana, a Martha não lhe perdoara nem esquecera. Era mais do tipo de guardar rancores. Muito em breve pagar-lhe-ia na mesma moeda.

– Não, a Renée é uma porreiraça. Deve andar preocupada com qualquer coisa – disse eu. Mesmo depois de todo aquele espetáculo permanecia ferozmente fiel à Renée. A Martha encolheu os ombros.

– Tenho a certeza de que acabaremos por descobrir não tarda nada. Vou lá fora comprar chocolate, esta manhã apetece-me um «Flake». – Hesitou, repensando a escolha. – Olha, que se lixe, vou mas é fazer como a Renée: comprar bolo e café, e já agora caviar e champanhe e chamar-lhes despesas de representação.

– Ela nunca fez nada disso! – disse eu, olhando-a.

– Isso pensas tu – declarou a Martha. – Está sempre a fazê-lo.

– Inteligente, isso – disse eu. Não me referia aos gastos abusivos da Renée. Era aquela a vingança da Martha: contar-me o segredo sujo da Renée na esperança de que eu fizesse o mesmo. Quando ela desse por isso, não poderia dizer nada, e ficaria a roer-se por dentro.

Ao aperceber-se de que eu lhe topara a estratégia, a Martha fez um grande sorriso.

– Tens razão, esta foi um bocadinho óbvia, mas hei de vingar-me. Só tenho de ser um pouco mais discreta.

Em vez de responder, contemplei a vista. O contorno dos edifícios, as cores e os matizes a perder-se na distância. Uma manta de retalhos cheia de vida. Aqui e ali, um ponto ligava as vidas entre si, umas sobrepostas, outras tocando-se indiretamente por via de outros retalhos da manta.

Espraiei a vista pelo panorama, mas sabia que se me concentrasse num determinado ponto, se deslocasse as vértebras do pescoço e sacasse os olhos das órbitas, seria capaz de ver o escritório do Greg do

sítio onde estava. Trabalhava a dez minutos de distância, no edifício do *Yorkshire Chronicle* na Wellington Street, como Diretor do Suplemento do *Sunday Chronicle*.

– Estás bem? – perguntou a Martha.

Devolvi-lhe o olhar, apercebendo-me de que tínhamos ficado um bom bocado em silêncio.

– Estou ótima. Só um pouco preocupada com a Renée, é tudo.

A Martha fez um aceno de compreensão:

– Tiveste sexo, não foi? – quis ela saber.

Tentei compor a expressão do meu rosto para não parecer:

a) culpada

b) chocada por ela ter adivinhado

c) que tinha tido sexo.

– Perdão? – repliquei.

– Tiveste sexo, por isso é que estás a agir como uma maluquinha.

– A agir como uma maluquinha?

– Sim. Viste bem como falaste com a Renée? Seja como for, está estampado no teu rosto. Há séculos que estás em regime de abstinência e agora apareces com ar de quem levou o tratamento completo. Estás radiante.

Soltei uma gargalhada. Era óbvio que a Martha andava à pesca, mas desta vez apanhara um dos grandes.

– Tenho razão, não tenho? – encorajou ela. – Tiveste sexo.

– É possível – repliquei eu.

O rosto dela iluminou-se. Saltou do peitoril. O casaco abriu-se, mostrando a blusa branca. Pôs-se a saltitar à minha frente, impaciente.

– E então, que mais? Ele passou o Teste das Quarenta e Oito Horas?

Estava a referir-se à minha teoria de que uma aventura de uma noite só o é se o tipo não telefonar antes de quarenta e oito horas passadas sobre o ato. Algumas pessoas, como a Jen, têm-me sugerido que os homens trabalham em escalas de tempo diferentes e que devia dar-lhes uma tolerância de setenta e duas horas. Lamento, mas um tipo que espera três dias depois de partilhar algo tão íntimo, bom, é porque não está interessado. Porque nenhum homem deixa passar mais de quarenta e oito horas para telefonar a uma mulher – não se gostar mesmo dela.

O Greg não passara no teste. Claro que não passara, mas a forma tórrida e contemplativa como me estudara do outro lado da cozinha veio-me à memória quando respondi:

– Não.

– Então tens receio de não voltar a vê-lo? – perguntou a Martha.
– Oh, não. Tenho a certeza de que vou voltar a vê-lo. Aliás, vou estar com ele ainda hoje, numa festa de aniversário de uma amiga.
– Então qual é o problema?
– Quem disse que havia um problema?
– Bom, não andas propriamente a dançar em cima das mesas, pois não?

– Não, não ando.
– E de qualquer das formas, Amber, contigo há sempre um problema qualquer.

– Então?
Martha revirou os olhos.
– É verdade! Não tens culpa, mas pensas de mais.
– Ouve, é só que... Não sei, é complicado.
– Por ser o namorado de uma amiga tua?
– Não.
– Por ser casado, comprometido, homossexual ou ter tudo para ser um assassino em série?

– Nada disso.
– Então, qual é o problema?
Se eu não contara a Jen, também não podia contar a Martha, pois não? Além disso, ela conhecia Greg. Até bem de mais. Quem o conhecia bem sabia que ele não era uma pessoa simpática. Se tinha bom fundo? Tinha. Bom coração? Sem dúvida. Mas ser simpático? Não era. Martha sabia disso. Ela – e, já agora, Renée – consideravam-no o diabo em figura de gente. Se eu lhe contasse, ela encomendaria um exorcismo num piscar de olhos. Uma vez, ela atendera o meu telefone e, pensando que estava a falar comigo, Greg dissera: «Então, passarinho? Vou deitar-te no meu colo e dar-te uns açoitos nesse rabo por estares atrasada.» Martha oferecera-se imediatamente para pedir a alguns dos companheiros da equipa de râguebi do namorado para lhe darem uma tarefa. Mesmo quando eu lhe dissera que ele estava a brincar, Martha garantira-me que ela não estava. Tanto Martha como Renée estavam desejosas de ter uma desculpa para lhe darem uma bela sova e esta era perfeita.

Respondi com um encolher de ombros à pergunta de Martha sobre qual era a complicação.

– Vês? Tenho dito – declarou Martha. – Pensas de mais.
Talvez ela tivesse razão; Greg estava sempre a acusar-me do mesmo, mas, se eu tivesse pensado o suficiente na sexta-feira à noite, não

estaria agora metida nesta confusão, pois não?

Sexta-feira à noite.

Sexta-feira à noite não foi, para mim, o culminar de anos de sedução, desejo e espera. Quanto a Greg, não sei, mas eu nunca o vira daquela maneira. Nunca. Claro que, agora, ninguém acreditaria em mim.

Depois de o ter considerado um «imbecil», deixara bem claro que não era o bónus ou o prémio de consolação que ele receberia por deixar a minha melhor amiga namorar o melhor amigo dele em paz. Gozava-o constantemente e recusava-me a namoriscá-lo. Fosse de que maneira fosse. Ele tentava, pois era mais forte do que ele, mas eu respondia-lhe com um revirar de olhos ou outro sinal de reprovação. A menor frase de duplo sentido era recebida com jocosa irritação. Quando comecei a sair com uma pessoa, Sean, alguns meses depois de conhecer Greg, ele percebeu: eu não estava interessada. Podíamos continuar a ser amigos. A noite de sexta-feira fora, então, apenas mais uma noite para mim.

Encontrara-me com Greg no terminal de autocarros por volta das sete da tarde. Ele fora a Sheffield naquele dia fazer uma reportagem especial para a revista. Vi-o assim que virei a esquina da New York Street para o terminal de autocarros. Ele trazia o saco a tiracolo e tinha o casaco preto pelos joelhos abotoado até acima, com a gola da camisola azul a espreitar por baixo. Tinha as mãos enfiadas nos bolsos, a ponta do nariz vermelha do frio e o bafo que exalava formava pequenas nuvens brancas que se afastavam. Era óbvio que já estava à espera há algum tempo, mas parecia não se importar.

Se o facto de Greg estar livre numa sexta-feira à noite não me fizera perceber como a noite ia acabar, talvez o que aconteceu a seguir devesse ter feito: colocou a mão na minha cintura, de modo terno e quase protetor, e puxou-me cuidadosamente para si ao aproximar-se para me dar um beijo na cara. O beijo durou mais uma fração de segundo do que o necessário, como se ele estivesse a tentar prolongar o momento. Depois, enterrou o rosto no meu cabelo negro à tigela e apertou-me com mais força ao inspirar profundamente.

– Estás... Estás a cheirar o meu cabelo? – perguntara eu. Certa vez, alguém me dissera, em tom de brincadeira, que eu cheirava mal e, desde então, era uma paranoia minha. As brincadeiras não passavam disso mesmo, até a chefe nos chamar à parte para uma conversa calma sobre higiene pessoal; eu não ia acabar assim.

Greg riu-se.

– Estava só a ver se precisavas de retocar as raízes. Se eu não te avisar, quem o fará?

De modo bem-disposto, eu dera-lhe uma palmada nas costas, abanara a cabeça e, depois, seguira à frente dele para o cinema privado no Teatro de West Yorkshire.

Após o visionamento gratuito de um filme para o trabalho (para o meu, não para o dele), bebemos uns copos, jantámos e, em seguida, demos por nós no passeio em frente ao restaurante.

– Queres ir lá a casa um bocadinho? – perguntou Greg.

Na verdade, eu queria era ir para minha casa. Não me apetecia ir a pé para casa dele, pelo Hyde Park (coisa que ele exigia sempre que fizéssemos), e, depois, ficar de conversa fiada com o outro companheiro que ele tinha além de Matt. Queria vestir o pijama, ver televisão e, depois, deitar-me. Era óbvio que não podia dizer-lhe isso, pelo que olhei para o relógio com grande aparato, descobri que não o trazia e escondi o pulso antes que ele percebesse o que eu estava a fazer.

– Para ser sincera – respondi –, já é tarde. Devia ir para casa. Eu apanho o autocarro.

Greg desviou o olhar, reflectindo a sua desilusão no ar gélido que nos rodeava.

Ah, pensei, quer falar sobre um assunto importante. Por isso está livre numa sexta-feira à noite. Por isso não quer que a noite termine.

A franqueza não era propriamente seu apanágio. Se o assunto não estivesse relacionado com sexo, trabalho ou futebol, era preciso obrigá-lo a falar. Devia ter passado a semana toda a tentar arranjar coragem para me dizer o que tinha a dizer.

– Ou então – disse eu –, podes vir tu a minha casa. Podes até dormir lá, se quiseres.

– A sério?

– Sim, claro. Também já praticamente vives no meu quarto de hóspedes. Mas amanhã de manhã, não... O AUTOCARRO! – E lá fomos nós a correr para a paragem de autocarro.

Cerca de uma hora depois, ainda estávamos sentados no chão da minha sala de estar, com música ambiente a tocar enquanto conversávamos sobre os assuntos do costume. Ele ainda não dissera nada que se parecesse minimamente com um segredo. Fiquei a saber quem ele entrevistara em Sheffield naquele dia, que a mãe comprara um conjunto novo de caçarolas, que o irmão que vivia na Austrália

talvez viesse passar o próximo Natal a casa e que ele já marcara quase tantos golos como Matt no futebol. O pijama e o edredão chamavam-me e Gregory só falava de coisas genéricas. Ficámos em silêncio. Comecei a arrancar o rótulo da minha garrafa de cerveja. Greg ficou a olhar para o seu café durante algum tempo e, depois, começou a roer a ponta da unha do polegar. Bati-lhe na mão – segundo instruções do próprio –, ele assustou-se, respondeu-me silenciosamente com um sorriso forçado de quem pedia desculpa e passou antes a mão pelo cabelo.

O cabelo. O cabelo negro azulado pelo pescoço. Aparentemente, as mulheres adoravam cabelo mais para o comprido – a quantidade de guiões ou de livros que eu lia em que o herói tinha o cabelo mais para o comprido era espantosa –, mas eu achava que ficava mal. Era como chocolate de leite com laranja. Eu adoro chocolate de leite. Também gosto de laranja. A combinação, porém, é essencialmente má. O mesmo se aplicava a homens de cabelo comprido. Eu gosto de cabelos compridos. Assim como gosto de homens. Já a combinação dos dois é terrivelmente má.

Enquanto eu pensava nisto, Greg começou a rir. Por um horrível momento, perguntei-me se ele teria adivinhado os meus pensamentos e pensado que eu lhe invejava os folículos.

– De que te ris? – interroguei.

Ele abanou a cabeça.

– De nada – respondeu, com a gargalhada silenciosa a sacudir-lhe os ombros e sorrisinhos a escaparem-lhe pelos cantos da boca fechada.

Insisti.

– Mas o que foi?

Greg soltou mais uns risinhos para dentro do café, mas, depois, afastou o olhar do líquido cremoso e encarou-me de frente ao dizer:

– Queres mesmo saber?

– Quero.

– Muito bem. – Parou, respirou fundo e prendeu o meu olhar. – Estava a pensar: «Não seria engraçado se eu beijasse a Amber?»

– Que graça tem isso? – retorqui. – Beijas-me a toda a hora... Ah... eu *cheiro mal*? É isso? Beijar-me dá-te vômitos e é engraçado porque eu não tenho noção disso? – Pousei a cerveja que estava a beber, levantei o braço e cheirei. Um toque de Hugo Woman e um leve indício de loção corporal hidratante da Dermalogica, mas, fora isso, nada.

Greg ficou com os olhos esbugalhados, como se me tivesse escapado

algo óbvio; como se não acreditasse que eu era assim tão obtusa. Quase em câmara lenta, pousou o café, inclinou-se para a frente e pressionou os lábios contra os meus, acariciando-me o rosto com os dedos ao separar os meus lábios com a língua que, depois, introduziu-a na minha boca. Há séculos que eu não sentia uns lábios apetitosos apertados contra os meus e já me esquecera de que era esta a sensação de beijar. Suave, calorosa, terna.

Por fim afastou-se e recostou-se. Silêncio. Silêncio enquanto Greg olhava fixamente para mim e eu olhava fixamente para o meu antigo amigo. O meu antigo amigo que tinha o pavor estampado no rosto.

– Agora, estás zangada comigo? – acabou por perguntar, em voz baixa.

Se estava zangada com ele? Não, estava estupefacta. A estupefação era o sentimento predominante. Mexi lentamente a cabeça de um lado para o outro.

– Queres que me vá embora? – interrogou Greg.

Abanei novamente a cabeça, desta vez mais depressa. Não. Não. Ele não podia pôr em risco três anos de amizade e, depois, virar as costas.

– Então, posso voltar a fazer o mesmo?

Inclinei-me para a frente e beijei-o. Tinha de experimentar de novo. Estava estupefacta, mas, por trás da estupefação, galopava a luxúria. E aquela coisa chamada desejo não tardou a dominar todas as emoções, todos os pensamentos. Com os braços, ele puxou-me para mais perto de si enquanto eu o beijava e, de repente, tinha a mão dentro da minha camisola, acariciando-me a pele. Era como se possuísse informação privilegiada sobre o meu corpo, como se lhe tivessem dado instruções detalhadas de preparação:

1. Destruir completamente as defesas de Amber;
2. Deitá-la no chão da sala;
3. Aumentar a temperatura quase até ao ponto de ebulição;
4. Mexer e afagar com cuidado, até ela se transformar num enorme poço de desejo;
5. Devorar a gosto.

Greg fez-me deitar no chão, levantou-me a camisola e cobriu-me o ventre de pequenos e leves beijos. Desapertou-me as calças, beijando toda a pele que eu tinha à mostra, e, quando chegou ao último botão, parou, sendo o seu rosto a imagem viva do prazer e da luxúria, uma imagem de sonho.

– Tens a certeza de que queres fazer isto? – Tinha a voz rouca de desejo.

Que raio de pergunta é essa?, perguntei para mim mesma, quando os nossos olhares se cruzaram. *É claro que não tenho a certeza!*

Esqueçamos, por momentos, a questão do sexo com um amigo. Era um passo muito importante. Eu estava há dezoito meses sem sexo e, ao fim de tanto tempo, há que ter cuidado com a pessoa que se escolhe: ir para a cama à pressa, forjar a própria morte e mudar de identidade, assim como de país, para fugir dele à vontade.

Por outro lado, dezoito meses sem sexo eram dezoito meses sem ser acariciada, adulada e desejada. Ao fim de tantos meses de alimentação saudável, de mais de um ano com o equivalente sexual à alface, à salada e ao requeijão, se nos oferecem a mais deliciosa tarte numa bandeja, a que tem a compota mais doce e fresca, as natas mais fofas e a massa mais estaladiça, o que dizemos? «Não, obrigada, estou de dieta»?

Levantei-me, pus a minha camisola e a dele debaixo do braço e estendi-lhe a outra mão.

Nunca tivera jeito para fazer dieta.

Capítulo 4

o amor no cinema

Estávamos em fevereiro.

Céu nublado, noite às seis da tarde, ar carregado de humidade. Veio uma breve rajada de vento mesmo na minha direção, fazendo voar o meu cabelo negro e curto e abrindo-me o casaco de inverno preto e comprido. *Está muito frio para ir festejar o aniversário da Jen assim vestida*, concluí ao passar a mão pelo cabelo para o assentar novamente e fechar o casaco.

Trazia vestido o equivalente a ouro de vinte e quatro quilates. Não querendo fazer má figura quando fôssemos jantar a um sítio fino, fora comprar um vestido novo. Destacara-se num brilho vermelho e cor-de-rosa no meio dos negros, azuis e cinzentos da loja. Pegara nele e experimentara-o antes de ver o preço. Quando já o tinha vestido, virei a etiqueta. Apesar de ter apanhado um susto, ele tinha de ser meu. Parecia que fora feito à minha medida: acentuava-me o decote, ajustava-se à minha cintura, assentava-me bem nas ancas e ia alargando suavemente até aos tornozelos. Caía-me lindamente. Tinha de ser meu. Ao chegar à caixa, quase perdera a coragem e a minha mão começara a tremer ao assinar por baixo do montante com três algarismos – isso *antes* da vírgula. (Não tinha por hábito gastar dinheiro assim. Ganhava um salário aceitável, mas, no fundo, era uma rapariga de promoções – era sempre a primeira zona à qual me dirigia, numa loja.)

Também dera novamente uso aos sapatos vermelhos de cunha com tiras que se entrecruzavam até aos joelhos e que me punham sempre a coxear durante uns dias, depois de os calçar. Não se usava *collants* com sapatos daqueles e, mal saí do prédio, fiquei com as pernas descobertas todas em dolorosa pele de galinha.

Já devia saber. E sabia mesmo. Era uma natural do sul de trinta anos que sentia em todo o corpo mesmo a menor descida de temperatura. Pensei que me mudara para a Sibéria quando viera estudar para Leeds, doze anos antes. No primeiro inverno que ali passara, telefonara aos meus pais a pedir-lhes que me enviassem todas as camisolas que deixara em casa, implorara-lhes que me

emprestassem dinheiro para comprar dois edredões e mais roupa de malha, e andava quase sempre de luvas. Ainda era de admirar que tivesse decidido estabelecer-me ali ou que ousasse sair de onde havia aquecimento central sem roupa interior térmica e, pelo menos, três camadas de vestuário.

Apertando bem o casaco contra o corpo trémulo, atravessei a cidade em direção ao Conservatory. As luzes dos postes de iluminação pública e dos automóveis reflectiam-se no piso molhado, assemelhando-se às bolhas dos candeeiros de lava, que dão sono; vê-las fez-me recordar a noite de sexta-feira.

No cinema, quando duas pessoas se unem, fazem amor devagar numa contraluz desfocada ao som suave do saxofone. Depois, ficam entrelaçadas, com lençóis estrategicamente colocados a tapar-lhes as partes íntimas, conversando baixinho.

Eu e Greg não. Quando chegámos ao quarto, na sexta-feira à noite, saltámos para cima um do outro como leões esfomeados aos quais haviam atirado uma carcaça de antílope, quase arrancando a roupa do corpo um do outro. Depois, consumámos o ato de uma forma intensa, assustadora e obscena. De todas as vezes que o fizemos, foi ávido e animalesco. Nada digno de filmes românticos.

Conversar, não conversámos. Depois de cada vez – que acabaram por ser cinco –, ficámos deitados ao lado um do outro, com uma respiração ofegante, fazendo questão de não nos tocarmos. Sem estarmos desejosos de nos aninharmos na segurança dos braços um do outro e murmurarmos que esperávamos há meses que aquilo acontecesse. Ficámos deitados na cama, sem falar. Eu nada disse porque a única coisa que me vinha à cabeça era: «Nunca contes a ninguém que eu fiz isto. Nunca contes a ninguém que fui assim tão estúpida.»

É que ele não se limitava a dormir com todas; era um completo e inveterado sacana que devia andar sempre com a certidão de nascimento para provar que sabia quem era o seu pai. O homem era uma máquina falante e ambulante de enganar mulheres e era por isso que Martha e Renée o odiavam. Tinham ouvido demasiadas histórias que começavam assim: «Estávamos sentados no bar e veio uma mulher ter com o Greg...» Acabavam todas da mesma forma: «Então, atirou-lhe uma bebida à cara/saiu do bar a correr, lavada em lágrimas/avisou-me de que ele nunca haveria de mudar.» (Eu não adiantava quaisquer informações sobre as proezas de Greg; elas é que mas extraíam quando ele me mandava flores de agradecimento pela

terceira semana consecutiva.) Com o passar dos anos, ao tornar-me sua amiga, tornei-me também a pessoa a quem ele fazia confidências sobre as suas conquistas, a sua parceira. Tornara-me a mulher que detetava que ele estava a atirar-se à pessoa errada e que, por causa disso, ainda levava uma tareia, afastando-o, assim, do perigo. A mulher que fingia ser sua namorada para que uma das suas vítimas não pensasse que ainda tinha hipóteses. E, evidentemente, a mulher a quem ele pedia ajuda quando precisava de quem o fosse buscar, por exemplo, à esquadra.

Numa manhã de maio, há dois anos, eu fora chamada a uma esquadra em Harehills para servir de testemunha abonatória de Greg e, mais absurdo, levar-lhe roupa. Estava na receção da esquadra há alguns minutos quando me levaram para uma sala de interrogatórios e me mandaram sentar a uma mesa, com dois agentes à minha frente.

– Menina Salpone – principiou o agente do sexo masculino.

Não o ouvi; estava com atenção ao gravador que se encontrava em cima da secretária ao meu lado. Desde que me tinham mandado entrar que não fazia outra coisa. Não o haviam ligado e, olhando rapidamente para os meus pulsos, pude confirmar que não fora algemada, mas sentia o coração disparado no peito. Não parava de tentar humedecer a boca, mas a saliva não aguentava mais de dois segundos. Nem sequer pestanejei quando me trataram por «menina». Na verdade, pouco faltava para eu, a *Menina* Amber Salpone, confessar ser a atiradora na colina verdejante no dia em que Kennedy fora assassinado.

– Menina Salpone – repetiu o agente, para chamar a minha atenção –, conhece bem o Senhor Walterson?

– Hum, bastante bem. Muito bem – respondera eu, tentando abster-me de contar os pelos que lhe saíam das narinas, pois isso levaria a um comentário da minha parte para tentar aliviar a tensão. – Conheço-o há cerca de um ano.

– Têm uma ligação amorosa? – perguntou a outra agente, tão desinteressadamente que a sua voz podia ter sido detida sob suspeita de ocultação de provas, mas não prestei atenção.

– Não. Tenho namorado, o Sean. Sean O'Hare – respondi, sentindo uma súbita necessidade de lhes contar tudo. Não prestava para ser submetida a interrogatórios cerrados. Quem queria eu enganar? Nem sequer prestava para ser ligeiramente questionada. – E o Gre... isto é, o Senhor Walterson, é solteiro – acrescentei. *Solteiríssimo*.

De repente, o ambiente da sala mudou e tornou-se mais leve. Tudo – os agentes, os móveis, até o pó – pareceu suspirar de alívio. Mais uma vez, eu estava demasiado abalada para prestar atenção. Estava ocupada a perguntar-me se deveria dar-lhes a morada de Sean para poderem confirmar a existência dele.

– O Senhor Walterson foi detido sob suspeita de invasão de domicílio e atentado ao pudor – explicou rapidamente o agente do sexo masculino.

O quê?!

– O Greg Walterson? – disse eu. – O meu Greg Walterson?

O polícia acenou com a cabeça.

– Encontraram-no nu no telhado do alpendre de uma casa daqui...

– Deixe-me adivinhar – interrompi, vendo, de repente, tudo com muita clareza. Roupa. Casa. Greg. Só podia querer dizer uma coisa: – Lá dentro, estava uma mulher cujo marido chegara a casa e que afirma nunca ter visto o Greg, isto é, o Senhor Walterson, na vida.

– Já aconteceu antes? – perguntou a polícia.

Suspirei e abanei a cabeça.

– Não, eu é que sempre esperei que acontecesse. Não a invasão de domicílio. O Greg era incapaz de invadir fosse o que fosse.

– Isso já caberá ao tribunal decidir – afirmou o polícia.

Voltou a fazer o mesmo, pensei. Meteu-me noutra das suas proezas sórdidas. Só que, agora, trata-se do tribunal. Falam em tribunal.

– O Greg, isto é, o Senhor Walterson, é um imbecil, mas não é um criminoso. – Comecei a fazer um apelo. Não podia ir a tribunal. Já bastava ter entrado numa esquadra. Entrar numa sala de interrogatórios foi horrível. Ir a tribunal daria cabo de mim. – Por favor, não o acusem. *Por favor.* Prometo-vos que não voltará a fazer o mesmo. E, bom, ele quer ir trabalhar para a América e, se tiver cadastro, irá tudo por água abaixo. Juro pela minha vida que ele é de boa índole. *Por favor.* Prometo-vos que não voltará a acontecer. Certificar-me-ei disso. E, apesar de ser jornalista, ele está sempre a falar no bom trabalho da polícia, sobretudo nas circunstâncias atuais. – Já estava a exagerar um pouco. Pronto, foi uma mentira descarada, mas ir a tribunal... – Por favor, não deixem que este disparate lhe estrague o resto da vida. *Por favor.*

Uma hora depois, estava espedada no passeio em frente à esquadra. Greg encontrava-se ao meu lado, trazendo vestida a roupa que eu lhe trouxera: uma camisola do FICWY e umas calças de fato-de-treino.

– Quanto tempo disseram que o táxi ia demorar? – perguntei-lhe.

Tivera de lhe emprestar o meu telemóvel para ele chamar um táxi, pois o dele, assim como a carteira, as chaves e, claro, a roupa estavam em casa da mulher que nunca o vira na vida.

– Pouco... Oh, Amber, estás com um ar tão cansado – afirmou ele. – Chegaste hoje de manhã de Cannes?

– Sim. Cheguei, entrei em casa e recebi uma chamada de um aspirante a criminoso desesperado que precisava de uma testemunha abonatória.

– Lamento.

– Pois – retorqui. Claro que lamentava. Lamentava *sempre*, mas não ao ponto de não voltar a fazer o mesmo.

– Obrigado por teres vindo, Amber – agradeceu Greg. – Não tinhas de o fazer... A polícia contou-me que me defendeste. Disse que eras uma boa amiga, nada que eu já não soubesse. Só te falei uma vez no meu desejo de ir trabalhar para a América e não te esqueceste. Isso é muito especial. Obrigado.

– Para que servem os amigos? – retorqui.

– Olha, pelo menos, resultou uma coisa boa de tudo isto – comentou.

– Então e qual foi? – perguntei, esperando para saber qual o novo sentido filosófico que ele dera à expressão «os amigos são para as ocasiões».

Em vez de me vir com filosofias baratas, agitou um papel mesmo à minha frente.

– A polícia deu-me o número do telemóvel dela. Vamos sair.

– O quê? – disse eu, virando-me para ele.

– Ela era bem sensual, não concordas? Então, vamos conhecer-nos um pouco melhor. Aliás, muito melhor.

– Vais mesmo encontrar-te com ela? – interroguei, sabendo já a resposta. Sabendo já que, por muito que ele se tivesse desculpado há apenas três minutos, ia fazer aquilo.

Greg acenou com a cabeça, sorrindo para o pedaço de papel que segurava como se fosse o seu passaporte para Shangri-la.

– Podes crer.

Olhei também para o pequeno retângulo branco que ele tinha na mão. Depois, olhei para Greg. E novamente para papel. No verso, o futuro era mostrado com cores esplêndidas. Lá estava eu, de novo naquela sala de interrogatórios, desta vez algemada, com a dita polícia a ameaçar deitar fora a chave, porque Greg a maltratara e fora por minha culpa que o deixara voltar à sociedade. Vi a cena passar-me à

frente dos meus olhos, e, em seguida, arranquei-lhe o papel da mão antes que ele pudesse reagir, amachei-o com as mãos e atirei-o para a sarjeta. O papel fez ricochete na borda da grelha e, depois, caiu lá para dentro. Longe da vista e fora de alcance.

– Eis o que penso dessa ideia – disse.

– Mas que... Amber! – lamuriou-se Greg, completamente escandalizado, olhando fixamente para a sarjeta. – O que é que estás a fazer?!

– O que é que estou a fazer? – redargui, falando mais alto a cada palavra. – O que é que eu estou a fazer?! Chegaste sequer a reparar que ela tinha aliança de CASADA?

Greg deteve-se, pensou no assunto e abanou a cabeça.

– NÃO –, gritei ao dirigir-me intempestivamente para o táxi, que parara à nossa frente –, CLARO QUE NÃO REPARASTE!

Era este o homem com quem eu dormira. Um homem para quem eu não devia passar de mais um ponto na sua lista de mulheres a «comer» antes dos quarenta. Contudo, isso não me impedira de o fazer.

Era esse o verdadeiro problema. Eu sabia como Greg era e fizera-o na mesma. Assustava-me que eu pudesse ser assim, que, para começar, pudesse dormir com ele e, ao fazê-lo, deixar-lhe o corpo cheio de marcas de dentadas, arranhões e unhas profundas. Só paráramos porque ficáramos sem preservativos. Ele não tinha mais e eu não tinha nenhum. Eu poderia ter continuado pela noite fora, se ele não tivesse revistado a roupa como um louco e olhado para mim com uma expressão de angústia, quando nos apercebemos de que íamos ficar por ali. Acabara-se o sexo. Acabara-se o sexo intenso e obsceno.

Eu virara-lhe as costas quando ele voltara para a cama, fechara os olhos e fizera por adormecer, não fosse decidir consumir o ato na mesma e só depois me preocupar com as consequências.

Era como se tivesse colocado uma máscara e feito aquelas coisas, como se tivesse passado a ser a Néctar, como Greg me rotulara (sim, Néctar de Âmbar; ele tinha um raciocínio muito rápido); isto porque, normalmente, era demasiado prudente para ter semelhantes comportamentos. Era a Amber Boa. A constante.

Quando éramos jovens, era sempre Eric, o meu irmão, que arranjava problemas por não se concentrar nas aulas, não fazer os deveres e sair de casa às escondidas, à noite. Eu, por meu lado, esforçava-me, tinha boas notas e a primeira festa a que fui foi quando já andava na universidade.

Na faculdade, era sempre Jen que tinha de prestar contas aos orientadores por não estudar ou por faltar às aulas; era Jen que precisava de tomar a pílula do dia seguinte; fora para ela que eu comprara mais do que um teste de gravidez. Eu tivera casos de uma noite, mas era prudente em relação a eles. Tinha namorados, mas também em relação a estes era prudente. Ia às aulas; praticava sexo seguro; nunca precisara de urinar para nenhum pauzinho.

Parei à entrada do Conservatory, onde ia encontrar-me com os outros, encostando o corpo ao gradeamento de ferro. Os meus pés queixavam-se dos sapatos: «É como andar sobre lâminas», transmitiam ao meu cérebro na língua internacional da dor. Levantei um pé e assentei-o no gradeamento atrás de mim para aliviar o suplício.

O que mais me assustava em relação a sexta-feira era o quanto eu gostara. O quanto quisera fazê-lo vezes sem conta.

Algo se libertara dentro de mim. Algo selvagem, imprevisível, desconhecido. Segundo Martha, parecia louca. Gastara uma quantia absurda num vestido, depois de ter efetivamente entrado – *sozinha* – numa daquelas lojas onde nos revistam à entrada para verem se não trazemos vestido nada que custe menos de dez libras.

Troquei os pés e assentei o esquerdo no gradeamento atrás de mim para lhe proporcionar um alívio momentâneo.

Eu estava diferente. Não sabia dizer em que aspeto, nem conseguia pensar nisso tempo suficiente para ir ao fundo da questão. Ia além de hostilizar Renée e dizimar a minha conta bancária... Era... Afastei-me do gradeamento e passei a mão fria pelo cabelo para assentar as madeixas que o vento levantara.

Não ia fazer isto. Não ia analisar tudo em demasia. Ia divertir-me.

Capítulo 5

senhor caramelo

O calor, o fumo aromático e os sons de gente a divertir-se envolveram-me, chamaram por mim, quando abri a porta do The Conservatory, uma adega no centro da cidade. Incluía um bar espaçoso, com enormes poltronas de cabedal escuro e estantes com livros verdadeiros que lhe davam um ar de jardim de inverno à moda antiga.

Localizei de imediato os meus amigos na zona do jardim de inverno, cada um na sua poltrona. Havia uma poltrona vazia para mim. Respirei fundo, fiz questão de me lembrar de que nada podia estragar a festa de aniversário da Jen, e fui ter com eles.

– A festa já pode começar, chegou a Amber – disse eu, forçando um sorriso. O meu rosto parecia ter encolhido depois de, nos últimos minutos, ter sido tantas vezes banhado em culpa. (Imagine-se o dinheiro que as mulheres não poupariam em *face lifts* – só tinham de ir para a cama com um caçador de saias e depois mentir sobre o assunto às amigas.)

Aproximei-me da Jen, que trazia um vestido de seda com um decote profundo num tom de azul que mudava conforme a luz (8 libras e 99 cêntimos numa loja perto do Mercado de Leeds – éramos as rainhas da caça às pechinchas, eu e ela) e o cabelo louro e ondulado empilhado no topo da cabeça, com uns fios a emoldurar-lhe o rosto. Dei-lhe um beijo no rosto e um grande abraço. O seu delicado perfume floral sobrepôs-se ao fumo do tabaco e invadiu-me os sentidos. Sorri por dentro, pois era um cheiro inconfundível.

– Parabéns, querida – disse eu, entregando-lhe um saco de presentes. Comprara-lhe trinta pequenas lembranças: um batom, uma sombra para os olhos, uma bolsa para telemóvel, um porta-moedas azul, e por aí em diante – uma por cada ano que ela abençoara o planeta Terra com a sua presença. – Tiveste um bom dia?

A minha amiga do peito era professora primária e estávamos na pausa a meio do período, por isso usufruíra de um dia inteiro só para si para celebrar a entrada no clube dos trintões. Olhou para o Matt com ternura.

– Tem sido fantástico.

– Espero que andes a tratar a minha amiga como ela merece – disse eu ao Matt, que tirara folga para passar o dia com ela.

– Claro – respondeu ele, e tentou sorrir. Tentou, mas desistiu quando percebeu que só conseguia mexer os cantos da boca.

No que me dizia respeito, sorrir não costumava fazer parte do repertório de expressões do Matt. Quanto mais me conhecia, menos motivos encontrava para gostar de mim e, consequentemente, menos sorria. Estas ocasiões deviam ser um tormento para ele, tendo em conta que costumávamos reunir-nos duas ou três vezes por semana desde que, há três anos, ele e a Jen tinham começado a namorar. Havia velhas quezílias entre mim e o Matt, tão velhas que não valia a pena pensar nelas agora, sobretudo quando tinha coisas mais sérias em que pensar. Nomeadamente, na pessoa sentada à esquerda dele.

Com o coração acelerado e a língua encolhida de medo no céu da boca, virei-me para o Greg.

Os nossos olhos colidiram, trocando um longo olhar de terror mal disfarçado. *Fala*, comandou o meu cérebro. *Diz olá*. Abri a boca e de lá saiu:

– Ei, *Gweggy boy*, como vai isso? – Oh, céus, estou a falar com sotaque!

– Ótimo – disse o Greg, pouco à vontade. – Tudo bem contigo?

– Tudo numa boa – respondi eu, incapaz de me livrar do sotaque *cockney*. Eu era da zona sul de Londres, não da zona oriental. Aquele sotaque não tinha nada que se instalar na minha boca.

– É bom saber – retorquiu ele.

Não queres fazer um ar ainda mais comprometido?, tentei eu dizer-lhe por telepatia. *Acho que ainda há uma pessoa em Leeds que não percebeu pela tua cara que fomos para a cama... Diz a rapariga do sotaque*.

Tirei o casaco e... nada. Ninguém mostrou um vislumbre de admiração. De nada valeram todos aqueles números no talão de compra. *Para com isso*, repreendi-me. *Hoje é o aniversário da Jen, é ela o centro das atenções, e lá estás tu a tentar roubar-lhe o palco*. Envergonhada, deslizei para a poltrona do lado oposto à do Greg enquanto a Jen e o Matt se dirigiram ao balcão do bar. Aqui a primeira rodada era sempre por conta deles. Era uma tradição, pois fora assim que ambos se conheceram: precisamente neste bar, ao balcão.

Assim que já não nos podiam ouvir o Greg disparou, praticamente a galgar a mesa de madeira:

– Já vi que não contaste à Jen. – Tinha um tom de urgência na voz.

– Sim, Greg, também tenho muito gosto em ver-te. Estou bem, obrigada por perguntares, e também tive um fim de semana fantástico – retorqui. Tudo bem, tínhamos... bom, mas isso não lhe dava o direito de ser malcriado. De se esquecer de que, antes de mais, éramos amigos, ou dava?

– O que foi? – perguntou ele de sobrolho carregado.

Aparentemente, dava.

– Não, não contei à Jen. Porquê, contaste ao Matt?

O Greg corou. Não muito, mas o suficiente. O suficiente para eu ficar a saber que tinha dado com a língua nos dentes. Provavelmente dissera ao Matt que finalmente conseguira abrir aquela noz difícil; semeara a sua semente no campo que se recusava a ser arado; e outros eufemismos de mau gosto que deixariam embaraçado até o agente imobiliário mais empedernido.

– Não cheguei a contar nada ao Matt... olha, temos de conversar.

Eu estava para lhe dizer «Não, não temos», mas a minha boca, que estava diretamente ligada às memórias de sexta-feira à noite, respondeu:

– OK, diz lá.

– Agora não. Mais logo. Quando estivermos a sair digo que nos vemos em casa, mas não podemos... oh, isso é canja. Só tens de comprar um cabo *scart* para ligar o *hi-fi* ao televisor e aí tens: som *surround*. Simples.

Mas que raio...?!, pensei eu ao mesmo tempo que o Matt depositava quatro canecas de cerveja na mesa.

– Cá está – disse ele. – Mas esperem pela outra metade. Ela traz os aperitivos.

A Jen regressou do bar trazendo uma bandeja de plástico com quatro *shots* de tequila, quatro fatias de lima e um saleiro. Ao olhar para a tequila veio-me à memória uma fala de um filme: «Ninguém sairá daqui vivo.»

– Temos uma grande novidade para vocês – anunciou a Jen.

Tínhamos passado ao Jumbo's, um restaurante chinês muito fino na Vicar Lane. Tinha mesas redondas com toalhas cor de pêssego, e no centro de cada mesa havia um jarro branco com molho de soja e um prato raso com fatias de gengibre. Ao lado dos pratos, em cima de guardanapos cor de pêssego, havia pauzinhos de porcelana com caracteres chineses azuis inscritos na base. As nossas entradas – tostas

de gambas, crepes chineses e *dim sum* – tinham acabado de chegar à mesa.

Enfiara de imediato duas tostas de gambas inteiras na boca para não poder falar. Para não deixar escapar nada que pudesse dar-lhes a entender que tinha ido para a cama com o Greg. Que tinha sido uma menina muito mal-comportada. Uma perdida. Uma verdadeira galdéria.

Enquanto a Jen discursava apercebi-me de outra coisa que me incomodara toda a noite. O Matt. Desde que nos tínhamos sentado à mesa, não parava de brincar com o pesado guardanapo de algodão e com os pauzinhos. Não chegara a desdobrar o guardanapo cor de pêssego, limitara-se a amarfanhar um dos cantos ou a pegar num pauzinho e a batucar ao de leve na mesa, como se estivesse a tocar bateria. Aquelas não eram as ações de alguém que estava satisfeito com as novidades.

O Matthew Shepherd nunca me parecera um homem nervoso, mas os seus traços angulares – as maçãs do rosto salientes, os lábios finos e o nariz aquilino – estavam mais arrepanhados que o normal. Tensos. Tinha de admitir que era um grande passo. Deixar o conforto da casa de Hyde Park que partilhava com o Greg e com outro tipo, o Rocky, desde os dezanove anos, para ir viver com a namorada em Allerton devia ser aterrador. Saber que a nossa segunda infância está a chegar ao fim assusta qualquer um. Comigo seria o mesmo. Mas eles estavam juntos há três anos, era uma coisa sólida. À prova de bala.

Vi o Matt a esfregar compulsivamente o canto do guardanapo. Os seus olhos verdes não descansavam em nada nem em ninguém por muito tempo. Era caramelo. Soubera-o assim que lhe pusera os olhos em cima pela primeira vez.

Quando éramos pequenos, eu e o meu irmão adorávamos o Jogo dos Doces. Um de nós pensava numa pessoa e o outro dizia que tipo de chocolate é que essa pessoa era. Tipo:

- Se a mãe fosse de chocolate, o que seria?
- Uma bolacha com cobertura de chocolate, pequena e redonda.

Durante os vinte anos que se seguiram, enquanto o Eric crescia, pondo de lado as brincadeiras de criança, o Jogo dos Doces crescia dentro de mim. À medida que ia descobrindo os prazeres ilícitos da doçaria, ia apurando o jogo. Pode descobrir-se tanta coisa sobre uma pessoa num primeiro encontro, numa «prova» inicial. Fale comigo durante três minutos e serei capaz de lhe dizer que tipo de chocolate é.

É por isso que o Matt era caramelo. Muito diferente do chocolate e dos prazeres sensuais que suscita. Dentro dele, bem lá no íntimo, havia um centro de caramelo, algo sem profundidade, sem camadas. Por mais que se procurasse, não se encontrava senão mais do mesmo caramelo duro, monótono e fastidioso. Admito: era feito com os melhores ingredientes – manteiga batida à mão; natas bem cremosas de vacas criadas em pasto orgânico; açúcar de cana da melhor qualidade – mas não deixava de ser caramelo. Algo que nunca muda. Eu gostava de caramelo e gostava do Matt, só que em doses muito limitadas.

Mas gostava dele. Se me ouvisse a mim própria, veria que estava a ser rezingona de mais, mas ele era tão unidimensional... Até hoje, nunca cheguei a perceber como é que o Matt e o Greg eram amigos há tanto tempo. O Greg era o Sr. Aventura, o Matt era o Sr. *Maçador*.

Eram os melhores amigos desde os nove anos, quando a família do Matt se mudara de Doncaster para Sheffield. Frequentaram as mesmas escolas e entraram na universidade em Leeds ao mesmo tempo. Como se conheceram, nenhum dos dois se lembrava.

– Os homens não dão importância às histórias dos encontros – declarara o Matt certa vez.

– A não ser que um andasse a papar a irmã ou a miúda do outro. Aí lembram-se da pancadaria – acrescentara o Greg.

Naquela época ainda não os conhecia há muito tempo. Ainda via o Greg como um palerma que se ia safando de sarilhos à conta do palminho de cara que tinha. Quanto ao Matt, pensei: *É caramelo, mas temos de nos dar bem porque a Jen está caidinha por ele.*

– Vá lá, não nos deixem neste *suspense*, qual é a novidade? – disse o Greg, interrompendo a longa pausa que se seguira à declaração da Jen.

Esta olhou para o Matt e sorriu. O Matt piscou-lhe o olho. A seguir empalideceu um pouco mais ao mesmo tempo que brincava nervosamente com um pauzinho.

– Decidimos viver juntos – disse a Jen, corada de felicidade e com os olhos azuis a brilhar.

– Fantástico! – exclamei eu. – Quando é que decidiram? Quero saber tudo. – Já me via a receber nomeações ao Óscar de Melhor Atriz pelo meu papel em «Mulher Surpreendida Pelas Notícias».

– É o meu presente de aniversário.

– Grande presente, Matt. Faz com que tudo o que comprei pareça

insignificante. Bom, lá terei de vos arranjar um presentinho criativo para a casa.

– Queríamos uma máquina de *capuccinos*, como as que vi na Habitat – disse o Matt.

– Nem penses! Levas uns copos de papel a dizer «Parabéns» e não digas que vais daqui – disse-lhe eu na brincadeira.

Faltava qualquer coisa. Faltava a voz, a opinião, os parabéns de uma pessoa.

– O que achas? – perguntou o Matt ao Greg.

Olhámos todos para ele. A mão do Greg congelou a meio da viagem entre o prato das tostas de gambas e a boca e fixou os olhos no Matt.

– E então, que achas? – repetiu este.

– Desculpa – disse o Greg, poisando a tosta no prato, – é que foi um choque... hum, um choque bom. Não, muito fixe. Estou mesmo contente por vocês.

Em vivo contraste com a minha atuação, o Greg era um péssimo ator. Seria despedido do filme «Um Homem na Multidão».

– Para quando é, hum, o grande acontecimento? – perguntou o Greg num tom de voz desligado.

– Este fim de semana. Na semana que vem vou a Paris em trabalho durante dez dias. Já acertei tudo com o Rocky. Até me disse que não precisava de pagar a renda do mês passado.

– Porreiro. Agora vamos é ter de arranjar quem arrende o teu quarto – disse o Greg no mesmo tom monocórdico.

– Arranjem uma rapariga – sugeriu o Matt. – Mesmo que tenha namorado, não lhe devem faltar amigas descomprometidas. Vai ser uma mina de quecas. – Ao dizer isto ergueu um pouco a sobrancelha esquerda.

Senti o estômago a dar uma cambalhota. O Greg olhou para mim e eu baixei os olhos para o prato. *Porque não saltas para cima da mesa e dizes «Por acaso fui para a cama com a Amber este fim de semana»?*, pensei eu. Sabia que era um momento constrangedor, mas até eu conseguira controlar o sotaque.

Ninguém disse uma palavra. Ficámos todos a olhar para os respetivos pratos ou para os aperitivos no meio da mesa enquanto o silêncio ziguezagueava por entre nós até tecer um casulo insonorizado à nossa volta que abafava o burburinho do restaurante, das conversas, da comida a ser servida, dos pratos a serem retirados das mesas.

Percebi que se aquele silêncio continuasse ver-me-ia obrigada a dizer qualquer coisa estúpida para aligeirar o ambiente. No entanto, a

única coisa estúpida que me ocorria tinha a ver comigo, com o Greg e com a minha cama.

– Vamos pedir champanhe – chilreei – para celebrar a entrada da Jen, a pessoa mais jovem do nosso quarteto, na meia-idade, e esta nova etapa do vosso relacionamento.

A Jen sorriu de orelha a orelha; o Matt empalideceu. Sovina. Não só era caramelo, como um caramelo sovina. Nunca pagava nada por iniciativa própria, se pudesse evitá-lo, o que se tornava por demais evidente pelo presente de aniversário que dera à Jen. Qual é o presente mais barato que se pode dar à pessoa com quem namoramos? Ir viver com ela. Assim, ainda somos reembolsados quando chega a hora de dividir as contas. Mas eu não pensei nisto, está bem?

– Eu e o Greg pagamos, não é? – acrescentei eu.

– Sim, claro – apressou-se o Greg a dizer. – Claro que sim

Lançou-me um olhar de pura gratidão. Seria capaz de pagar o que fosse preciso para eliminar da memória do casal a sua reação à notícia.

Uma refeição, uma garrafa de champanhe e várias cervejas depois pagámos a conta e preparámo-nos para sair do restaurante.

Pela primeira vez desde que o Matt e a Jen tinham começado a namorar jantáramos num ambiente tenso. Toda a noite fora carregada de tensão. Entre mim e o Greg. Entre o Greg e os outros dois. Só eu e o Matt é que não tínhamos problemas um com o outro, embora isso pudesse mudar se ele descobrisse que a Jen me contara a boa-nova antes que ele a contasse ao Greg.

Apesar do champanhe, apesar de termos desencantado as histórias mais hilariantes, o que nos obrigou a rir alto e bom som para provar que nos estávamos a divertir a sério, o trigésimo aniversário da Jen não foi perfeito. O Matt e o Greg digladiaram-se silenciosamente durante todo o jantar, numa espécie de duelo de olhares. A Jen não pareceu dar por nada. Ela tinha destas coisas: certos aspetos que eram óbvios para a maioria das pessoas passavam-lhe ao lado. Temi que adivinhasse de imediato o que se passara entre mim e o Greg, mas nem pestanejou. O táxi da Jen e do Matt foi o primeiro a chegar e eles foram-se embora. Assim que deixámos de os ver, o Greg pôs-se a bater com a cabeça na mesa.

– Estúpido – *bam* – estúpido – *bam* – estúpido – *bam*

– Não foi assim tão mau – disse eu, com pena dele.

Parou de bater com a cabeça na mesa e franziu-me o sobrolho.

- Tudo bem, foi mau. Foi horrendo.
- Não acredito que reagi daquela maneira – disse ele, afastando o cabelo da cara.
- Foi o choque. Toda a gente reage de forma diferente.
- É que... se ao menos eu pudesse... – parecia momentaneamente desorientado, como se tivesse perdido qualquer coisa muito importante. – Oh, esquece. Vamos lá para fora esperar pelo táxi. – Olhou-me bem nos olhos. – Podemos falar agora, se ainda quiseres.

Faz um ar descontraído, pensei eu, encolhendo os ombros.

- Tudo bem, eu sou fácil. Pelo menos é o que está escrito nas casas-de-banho dos homens.

O ar gélido da noite atingiu-me como uma bofetada na cara. A temperatura tinha baixado desde que entráramos no restaurante. Apertei o casaco e cruzei os braços para não arrefecer... e para não atirar o Greg para cima do carro mais próximo e montá-lo mesmo ali. *Eh lá! Adivinhem quem é que não devia ter bebido aquela última cerveja?*

- Querias falar de quê? – perguntei eu em tom de descaso, observando-o por detrás da franja.

- De que será? – replicou o Greg. *É assim tão difícil de entender?*, acrescentou a expressão dele.

Não respondi, fiquei simplesmente a olhar para ele. Ele aproximou-se, pegou-me no rosto com ambas as mãos e beijou-me. Era um beijo diferente daquele primeiro beijo, na sexta-feira. Apaixonado, ardente, excitante. E familiar, agora. Os meus órgãos internos liquefaziam-se a cada beijo.

- Quis fazer isto toda a noite – respirou fundo, pousando a testa na minha.

- Não quando te estavas a passar com o Matt e a Jen.

- Estás enganada, nessa altura também queria, mas digamos que ficou um pouco à margem. Quando entraste com esse vestido...

Voltou a beijar-me. Enfiou a mão por dentro do meu casaco e à volta da minha cintura e apertou-me contra si à medida que os beijos se tornavam mais intensos, mais urgentes. Passou os dedos pelo meu cabelo e cobriu-me a boca de pequenos beijos. A seguir beijou-me o rosto, o pescoço, o queixo, as pálpebras e a testa como se quisesse devorar-me. Inteirinha. Queria consumir-me com beijos.

Fechei os olhos. Era divinal. Como comer o meu chocolate favorito, senti-lo derreter na boca, espalhar-se lentamente pelas minhas papilas gustativas, deslizar pel...

- Mas não me ligaste. – Divinal ou não, não passara o Teste das

Quarenta e Oito Horas.

O Greg continuava a acariciar-me o pescoço com o nariz.

– Não tinha a certeza se querias que te ligasse – murmurou ele entre beijos. – Parecias tão fria e distante na manhã seguinte que pensei que querias esquecer o assunto.

Fria e distante? Desde quando é que dizer «És um táxi» é ser fria e distante?

– E tu, não querias esquecer o assunto? – quis eu saber.

Os beijos pararam bruscamente, a mão errante do Greg deteve o seu avanço sobre as minhas curvas e os olhos dele encontraram os meus.

– Porquê, tu querias?

– Conheço bem o teu MO – declarei eu.

– O quê? – disse ele, recuando um passo e recusando-me o calor do seu corpo.

– Conheço o teu *modus operandi*. Conheço bem os teus métodos.

– Eu sei o que significa MO, muito obrigado. O que não percebo é o que queres dizer com isso.

– O que eu quero dizer é que te conheço de ginjeira. Já vi a carnificina que deixas atrás de ti quando enfeitas uma mulher, fazes com que não pense em mais nada senão em ti, vais com ela para a cama e depois confunde-la e obriga-la a andar às voltas durante umas semanas até encontrares outra.

O rosto do Greg era uma tela em branco. Olhava-me com olhos de vidro.

– Sei que não passo de mais um troféu na já muito preenchida prateleira do Greg Walterson. Tudo bem. Só não quero que isto se transforme em algo que possa arruinar a nossa amizade ou pôr em risco o relacionamento do Matt e da Jen. – Impressionante. Conseguia esquivar-me de uma queca mais rápido que ninguém.

– Queres esquecer tudo – declarou ele num tom de voz tão apático como ao início da noite.

– Táxi? Táxi para, eh... Hyde Park e Horsforth? Greg e Amber?

Virei-me para o homem que se debruçava para fora da janela de um carro branco com um sinal de táxi no tejadilho.

– Somos nós – disse eu, e dirigi-me para a porta de trás.

O Greg ficou a olhar para o espaço onde eu estivera momentos antes. Devagar, contornou o carro pela frente, passou a porta do passageiro e enfiou-se no banco de trás. Eu tinha esperança de que se sentasse à frente – seria mais fácil ignorarmo-nos mutuamente.

O condutor dirigiu-se a noroeste para fora do centro, passando por

grandes edifícios que eu vira envelhecer ao longo dos anos. Envelhecer, degradar-se, ser demolidos e depois reconstruídos. Era uma cidade lindíssima, sobretudo à noite. À noite não se via a sujeidade; só se via o brilho das luzes, formas mal iluminadas, rostos anónimos, a arquitetura nas sombras. Como num caleidoscópio: mexe aqui, mexe acolá, sempre os mesmos elementos, mas nunca o mesmo padrão.

À medida que nos aproximávamos da primeira paragem no caminho, a casa do Greg, virei-me para ele. Percorrêramos os últimos quilómetros em silêncio. Não o silêncio agradável de sexta-feira à noite, nem o silêncio desconfortável do início da noite. Tratava-se do silêncio amuado de um homem chamado a prestar contas pelo seu comportamento numa etapa do jogo em que, por regra, as mulheres já estão completamente enfeitiçadas por ele. Até agora, nenhuma mulher que já tivesse ido para a cama com ele lhe tinha atirado à cara a sua má reputação. Aceitavam o passado dele – e depois tentavam fazê-lo mudar. É preciso dizer-se que não amuava sozinho. Eu também estava despeitada, pois não conseguia deixar de me perguntar se ele não deveria ter insistido um pouco mais. Conhecia homens capazes de caminhar sobre brasas para vislumbrar um decote, e este nem sequer se tinha dado ao trabalho de contar uma mentirinha banal sobre como eu era especial para conseguir despir-me. Estava amuada porque era óbvio que ele não estava assim tão desejoso de dormir comigo outra vez.

Tossiquei para limpar a garganta, mas ele continuava de costas viradas para mim.

– Que disseste ao Matt sobre nós? Não quero dizer nada que não deva.

A custo, lá reconheceu a minha presença, bufando enquanto erguia uma sobrancelha numa atitude de desprezo.

– Disse-lhe que tinha encontrado uma pessoa de quem gostava a sério mas pedi-lhe para não dizer nada a ninguém porque... – soltou uma gargalhada seca e depois voltou o olhar para a janela – porque não tinha a certeza de como ela se sentia em relação a nós. Ainda.

Capítulo 6

dia de folga

Hoje não vou trabalhar.

Não estou para me arrastar para fora desta cama, sair do apartamento e ir para aquele escritório.

Depois do dia de ontem, talvez fosse melhor lembrar a Renée dos motivos pelos quais me dera aquele emprego. Bastaria um dia a atender o telefone e a aturar a Martha para resolver o assunto.

A Renée optara por cancelar a reunião, que era o melhor a fazer. Regressou uma hora depois da explosão e deixou-me um pacote gigante de Maltesers em cima da secretária. Foi supersimpática comigo e até atendeu o telefone sem suspirar primeiro, que eram as suas formas de pedir desculpa. Nunca seria capaz de o dizer, mas no que tocava à Renée, as ações falavam mais alto que as palavras. Ou melhor, as ações substituíam as palavras.

Pedira desculpa à maneira dela, e o dia de hoje serviria para lhe lembrar a falta que eu fazia no escritório; e que era tudo menos inútil. *Que bicho te mordeu?*, repreendi-me. *Estarás possuída por algum demónio? Desde sábado de manhã que tens cinco pensamentos maléficos por cada pensamento normal.*

Puxei o edredão macio e volumoso sobre a cabeça para me esconder da luz que entrava pelas janelas. Não correra as cortinas azuis na noite anterior e agora a luz combinava-se com a tequila, a cerveja e o champanhe para fazer inchar os vasos sanguíneos da minha cabeça e, ao mesmo tempo, apertar-me o crânio. Tinha de beber uns cinco litros de água e voltar a adormecer dentro de dez minutos, sob pena de me sentir miserável todo o dia.

– Não tens a sensação de que alguém fez da tua cabeça uma bola de futebol? – perguntou o Greg numa voz lamentosa.

Foi sem querer, juro. Aconteceu. (Eu costumava achar que «aconteceu» era uma frase utilizada por quem era apanhado com a boca na botija e não conseguia arranjar uma desculpa melhor, mas a sério, aconteceu...). Depois do que ele dissera no táxi, e pensando que se adiássemos o assunto por mais tempo, mais difícil seria voltarmos a ser os amigos de sempre, sugerira-lhe:

– Olha, vem a minha casa e discutimos o assunto como deve ser.

Respondera com um ligeiro encolher de ombros e um ténue aceno de cabeça, uma espécie de «como queiras» não-verbal, por isso eu dissera ao condutor que seguisse diretamente para Horsforth...

Entrámos no meu apartamento e o Greg comportou-se como se estivesse ali pela primeira vez, hesitando no corredor enquanto eu acendia as luzes e ligava o rádio. Depois seguiu-me até à cozinha, mas ficou à porta como uma espécie de vampiro – incapaz de entrar numa divisão sem uma autorização expressa.

– Café? – ofereci.

– Sim, obrigado – resmungou ele do lugar onde estava, encostado à moldura da porta.

Fiz-lhe café – com leite, sem açúcar – e quando me virei para lhe entregar a caneca dei com ele mesmo atrás de mim. Sobressaltei-me um pouco porque não o ouvira a aproximar-se e a seguir estendi-lhe a enorme caneca azul. Ele pegou-lhe e colocou-a na bancada.

– Querias falar sobre o quê? – perguntou ele. Afastou-me a franja comprida do rosto, deixando os dedos junto à minha pele. Fazia-o muitas vezes, alegando querer ver os meus olhos enquanto falava com ele. Em vez de o enxotar, como costumava fazer, peguei-lhe na mão e afastei-a. Os olhos dele pareceram registar a onda de desejo que me invadira.

– Bom, nós... – comecei eu a dizer.

O Greg inclinou-se e beijou-me o pescoço.

Fiquei sem fôlego ao sentir todo o corpo a contrair-se de desejo.

– Não devíamos...

Ele fez deslizar as alças do vestido e do sutiã e beijou-me o ombro.

– A sério, não devíamos estar a fazer isto.

Ele afastou o cabelo do outro lado e encostou os lábios carnudos ao meu pescoço. O meu corpo voltou a contrair-se.

– Devíamos falar sobre...

Fez cair as alças do vestido e do sutiã desse lado e beijou-me o ombro.

– Sobre como isto pode, eh, afetar...

O Greg passou-me a língua pela clavícula e senti os joelhos a fraquejar.

– Afetar... afetar o relacionamento do Matt e da Jen.

A língua do Greg deteve-se. *Ele* deteve-se. Com um suspiro, endireitou-se.

– Para ser sincero, Amber, não quero saber como é que isto vai afetar o relacionamento do Matt e da Jen. Estou-me nas tintas para o relacionamento do Matt e da Jen, ponto final. Só quero saber de ti.

– A sério? – disse eu.

Fez um ar admirado.

– Claro. Porque estás tão surpreendida?

Consegui conter-me a tempo de não deixar escapar um «Porque és um estroina» e encolhi os ombros.

– Nestes últimos três anos passaste a ser a minha melhor amiga. Ouviste-me, deste-me conselhos, olhaste por mim nos tempos difíceis, embora eu pouco tenha feito por ti em troca. Por isso, sim, gosto de ti. Na sexta-feira à noite planeava dizer-te aquilo que sentia e deixar-te decidir o que fazer a seguir, mas depois, ali sentado, não sabia o que dizer. Há três anos que te conto tudo, mas naquele momento não encontrei as palavras certas, por isso decidi beijar-te. E isso levou a... tu sabes. Quando acordei, na manhã seguinte, e não estavas na cama, entrei em pânico. Pensei que tinha estragado tudo.

– Tens a certeza de que isso não é o álcool a falar? – perguntei eu. *O álcool e a vontade de me lebares para a cama esta noite.*

– Sim, tem um pouco a ver com o estar bêbado, mas também tem a ver com o facto de nunca ter andado onze meses atrás de uma mulher. Geralmente desisto depois de dois meses, três, se ela for mesmo especial.

– Andas há onze meses atrás de mim? Pois sim... – disse eu em tom trocista.

O Greg afastou-se um pouco, baloiçando nos calcanhares dos sapatos de camurça castanha, e cruzou os braços, com um brilho divertido no olhar.

– Se fosses outra qualquer, diria que estavas a fazer-te de desentendida, mas como és tu, sei que estás a falar a sério.

– Cuidadinho, meu menino, isso cheira-me a insulto.

– Quantas mensagens a dizer «Estou aborrecido, posso ir ter contigo?» tem uma rapariga de receber até perceber que ou gostamos dela ou andamos a persegui-la?

– Pensei que estavas a ser simpático – repliquei eu. – Somos amigos.

– OK, e então os milhões de vezes que apareci no escritório para te levar a almoçar? Ou que me fiz convidado em tua casa para jantar? Não disseste, na sexta-feira, que pouco faltava para eu viver aqui?

– Pensei que... – Não concluí a frase. Agora, parecia óbvio. Se uma amiga me descrevesse aquele comportamento, dir-lhe-ia: «Ele está

interessado em ti!» Mas é diferente quando somos nós. É diferente quando se trata de mim e do Greg.

- Quase tive de te enviar um e-mail a dizer-te que te ia beijar.
- Também não exageres... eu não sou assim – lamuriei-me.
- Eu sei, e esse é um dos muitos motivos pelos quais gosto de ti – Aproximou-se. – Amber, só para que saibas, vou beijar-te... mais ou menos... agora.

À luz da manhã, senti-me compelida a tapar-me. Sentia-me... nua. Quer dizer, eu estava nua, mas tratava-se uma nudez diferente. Durante o sexo estava *nua*, nua. Na manhã seguinte sentia-me emocionalmente despida, exposta.

O Greg já me conhecia bem, mas agora ainda me conhecia melhor. Sabia como me movimentava durante o sexo; que sons fazia quando atingia o clímax; como o meu rosto se contorcia. Agora conhecia-me de forma muito mais íntima, e eu não tinha a certeza se gostava da ideia.

- Presumo que também não vás trabalhar – disse ele.
 - Também? – repliquei eu.
 - Tirei o dia, já sabia que ia ser um dia perdido.
 - Que inteligente da tua parte.
- Isso queria dizer que pretendia ficar. Talvez o dia todo. Não é que eu quisesse que ele se fosse embora, simplesmente não tinha a certeza de querer que ficasse.
- Eu tenho de esperar pelas dez para ligar para o escritório.
 - E depois? – Espreitou as sombras por baixo do edredão com uma expectativa irritante.
 - Depois, o quê?
 - Queres que me vá embora?
 - Porquê, queres ir-te embora?
 - Podia ficar aqui todo o dia contigo, nuzinho.

Assumo que a resposta seja não, portanto.

Estava muito abafado debaixo do edredão: o cheiro a suor e os vapores do álcool criavam uma atmosfera bafienta e enjoativa. Afastei a roupa para deixar entrar ar fresco mas encolhi-me de imediato para fugir da luz. O Greg enlaçou-me por trás, acomodando-se às minhas formas, e senti uns lábios carnudos a depositar-me um beijo no ombro.

- Posso, é claro, intercalar os momentos de descanso com períodos de intenso regabofe – acrescentou ele.

Não respondi. Não é coisa a que se responda a menos que se seja

bem versado em jogos amorosos, coisa que eu não era.

– Sabes qual é a melhor cura para a ressaca? – disse ele após alguns minutos de silêncio.

– Não me digas, eu sei responder a essa... períodos de intenso regabofe?

– Certo! – disse ele.

Passou-me uma mão distraída pela barriga. O Greg. O meu amigo. Estava a passar-me a mão pela barriga. *E, oh... oh... agora está a acariciar-me. O gesto transformou-se numa carícia. Está a apertar-se contra mim. Quer sexo.*

– Estás bem? – perguntou ele, sentindo o meu corpo tenso. – Queres que pare?

– Porque haveria eu de querer que parasses? – perguntei, fingindo inocência.

– Tens a certeza?

– Hum-hum – guinchei eu.

– Deixa-me ir buscar um preservativo. – Saltou da cama e foi à cozinha, onde deixara a roupa.

Se lhe dissesse que na caixa de madeira em cima da mesinha de cabeceira havia doze preservativos que comprara no domingo, pensaria que eu esperava que aquilo voltasse a acontecer, o que não era verdade. Só queria estar preparada. Na sexta-feira não tinha preservativos em casa e os que usáramos eram dele. *Que raio estás tu a fazer?, perguntei-me a mim própria, carrancuda. Porque vais fazer sexo com o Greg... outra vez?*

Eu nunca, mas nunca, pensara nele daquela forma. Se assim não fosse, nunca teria permitido que me visse com olhos remelentos de sono, baba ao canto da boca e cabelo em pé, como permiti desde a primeira vez que ele passara a noite em minha casa. Nunca pensara nele daquela forma até ele me beijar. E mesmo então não fora por ser ele, mas porque um homem me beijara e eu estava sozinha há tanto tempo que provavelmente teria abocanhado qualquer um que tomasse a iniciativa. Agora não sabia muito bem como me sentia em relação ao Greg. Às vezes era tão indiferente à sua pujança masculina e no minuto seguinte sentia ganas de lhe arrancar a roupa e usá-lo como brinquedo sexual.

Tomemos como exemplo a noite passada, na cozinha (*na minha cozinha!*): afinal de contas ele não tencionava apenas beijar-me. Acabou por me levantar o vestido, puxar-me as cuecas para baixo e sentar-me em cima da bancada da cozinha para ficar à altura certa. E

a minha reação foi desapertar-lhe o cinto e as calças enquanto correspondia selvaticamente aos beijos dele. Fizemo-lo de uma forma frenética, assustadora, vagamente remanescente das cenas de sexo entre Michael Douglas e Glen Close em *Atração Fatal*.

Depois ficámos ali imenso tempo abraçados, a trocar beijos, a afastar o cabelo dos olhos um do outro e a rirmo-nos por ainda há menos de quinze minutos mal nos falarmos e a seguir nos termos devorado daquela forma. Depois dos risinhos, tirámos a roupa e voltámos a fazê-lo ali mesmo no chão da cozinha. Que loucura. Não conseguia perceber como me sentia em relação a tudo aquilo. Não fazia o meu género. Gostava da parte física, mas não gostava da parte em que acordava e descobria o Greg deitado ao meu lado. Porque seria? Porque não gostava dele? Devia gostar, senão não teria ido para a cama com ele. Ou seria por ele ser tão bom no que fazia? Era tudo tão complicado. Confuso. Caótico. Tudo aquilo que eu me tornara perita em evitar.

Sempre me esforçara por confinar a minha neurose ao trabalho, aos meus hábitos de televisão, ao meu íntimo. Certa vez ouvira dizer num programa de televisão que o segredo de um bom relacionamento é «esconder os fantasmas da loucura». E até era boa nisso, sabia esconder os fantasmas da loucura, não deixar perceber a pessoa neurótica, insegura e dramática que havia dentro de mim. Só que agora estava mesmo no meio de um sítio chamado Central da Neurose que fazia com que o centro de Leeds parecesse uma cidade fantasma. Sentia tantas emoções ao mesmo tempo que não conseguia seguir uma do princípio ao fim. Parecia incapaz de decifrar completamente aquilo que sentia.

Bati com o punho na testa, tentando chamar-me à razão. *Para com isto. Já.*

Foi então que o Greg voltou a aparecer. Ficou parado à entrada do quarto, pasmado a olhar para mim. Não porque eu fosse a coisa mais sexy que já vira, mas porque estava a tentar arranjar um traumatismo craniano. Parei e baixei a mão de forma tão insuspeita quanto possível. Lancei-lhe um sorriso ingénuo. Percorri-o com os olhos: a pele dourada, um peito praticamente sem pelos, uma ligeira barriga, um maciço de pelo escuro que começava mesmo abaixo do abdómen, um membro admirável. *Olhem-me para isto.* Devia rejeitá-lo porque me apetecia ter um ataque de neurose interna? Que diabo, a sensatez tem limites.

– Que achas de o Matt e a Jen irem viver juntos? – perguntou-me ele algumas horas mais tarde.

Antes disso eu tinha ido comprar leite e os jornais. Ele, por sua vez, tivera de ir comprar o pequeno-almoço porque queria uma sanduíche de bacon e a única coisa que eu tinha para lhe oferecer era o *ketchup*.

– Estou contente, claro – disse eu, virando a página do jornal e mudando de canal. – É o que eles querem. Não tarda estão a casar.

– Achas? – perguntou ele.

Aquele ligeiro descontrolo na voz fez-me parar de folhear o jornal. Concentrei-me nele. Sentado no chão, era uma ilha humana no meio de um mar de jornais.

– Porque dizes isso?

O Greg passou a mão pelo cabelo.

– Conheço o Matt desde sempre, e até agora a única coisa em que ele se empenhou por mais de três anos foi crescer em altura, e até isso acabou aos dezanove.

– Achas que o Matt é compromissosfóbico?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Diz o roto ao nu...

– Olha, sei que dou a impressão de ser – como é que se diz? – um Casanova [não, ele dá é a impressão de ser um grandessíssimo vadio, mas isso é entre mim, vocês, e o poste de iluminação do parque], mas – e pôs-se muito sério – eu já tive um relacionamento de longo prazo. Durou quase seis anos.

NOTÍCIA DE ÚLTIMA HORA! Como escapara aquela bomba à rede de coisas que eu sabia sobre ele? Supostamente era o meu melhor amigo, e agora é que me dizia aquilo. Era como se a Jen de repente me dissesse que tinha sido casada antes de entrar para a universidade. Qualquer dia destes teria de lhe arrancar pormenores.

– O Matt nunca teve um relacionamento estável que durasse tanto tempo.

– Talvez a Jen seja A Tal. – Pensei no que acabara de dizer e soltei uma gargalhada. – Que estou eu para aqui a dizer? Claro que ela é A Tal. Porque se ele a fizer sofrer, *desfaço-lhe as rótulas*.

O Greg riu-se. Depois percebeu que eu não estava a brincar e calou-se.

– Parece tudo tão repentino. Ela mal conhece o tipo.

– Três anos é repentino? Qual é realmente o teu problema, Greg?

– Nada. Talvez não esteja a conseguir ajustar-me à ideia de que o Matt já não mora lá em casa. Vivi perto de doze anos com ele.

– Vai correr tudo bem – disse eu.

Devia ser difícil para ele abrir mão da convivência com o Matt. Para mim fora mais fácil. Eu e a Jen deixáramos de viver juntas quando ela concluiu os estudos. O curso dela era de quatro anos, por isso decidi ficar a viver com ela até o concluir. A seguir foi viver com um namorado, mas a coisa acabou seis meses depois. Nesse meio tempo eu voltara para Londres, onde passei nove meses na casa dos meus pais. Quando regresssei a Leeds a Jen já tinha adquirido o apartamento em Allerton, e poucos meses mais tarde encontrei o meu em Horsforth. Com tantas reviravoltas, acabei por não sofrer nenhuma da ansiedade da separação que o Greg sentia. Provavelmente aquela nova situação até seria vantajosa para mim: vê-la-ia mais vezes porque, já que tinha o Matt em casa, não passaria com ele tempo que podia passar comigo. E o mesmo valia para o Greg e para o Matt. Expliquei-lho.

– Talvez tenhas razão – concedeu ele. – E seja como for, também sou capaz de ter encontrado alguém.

Tinhas de voltar à carga, não tinhas?, pensei eu. *Tinhas de vir e estragar tudo com a cena do sexo*. Voltei a atenção para o jornal à minha frente. Quanto mais tentava concentrar-me, mais as letras fugiam pela folha, recusando-se desesperadamente a serem lidas.

– Encontrei? – perguntou ele.

– Encontrei o quê? – Pus-me a brincar com os botões de borracha do comando. Pelo menos estes não dançavam diante dos meus olhos.

Ele tirou-me o comando e desligou o televisor, pegou no jornal que eu estava a ler e atirou-o para o lado. Quando acabou de me livrar das distrações, sentou-se à minha frente de pernas cruzadas.

– Encontrei alguém? Alguém com quem posso começar a sair e, se tudo correr bem, que possa um dia vir a ser minha namorada?

Fiz menção de responder, mas ele acrescentou:

– E não te atrevas a dizer «Não sei, encontrei?».

Fechei a boca.

– Amber, sei que tens metade dos homens de Leeds atrás de ti, ma...

– Estás a gozar com a minha cara? – interrompi.

O Greg franziu o sobrolho.

– Que fiz eu desta vez? – perguntou ele, sem perceber.

Estava a falar a sério. Julgava mesmo que eu era perseguida por hordas de homens. Ou então era o melhor ator à face da Terra (o que, no entanto, como já todos sabíamos desde a noite anterior, não era o caso).

– Nada – disse eu. – Continua.

– Vamos ter de ser crescidinhos. Temos de decidir já se isto tem pernas para andar, pois não acabámos de nos conhecer. Estamos sempre a ver-nos, e ao Matt e à Jen. Temos de resolver isto. Que se passa entre nós?

E como é que eu havia de saber?

Há dezoito meses tomara a decisão de permanecer solteira e celibatária, e até há bem pouco tempo permanecera fiel à minha decisão. Seria benéfico deixar este homem, este Greg, continuar a desviar-me do caminho do bem? Deixá-lo continuar a atrair-me para a cama (ou para o chão da cozinha) com o tipo de sexo que pensava só existir em sonhos? A tecer teias de confusão entre as minhas emoções?

– Estou a ver – disse ele perante o meu prolongado silêncio. – Citando o *Fast Show*, vou só buscar o casaco. Poupar-te ainda mais embaraços.

– Eu gosto de ti. Muito – disparei eu de repente, na ânsia de o deter, –, mas...

– Achas que sou um reles e que te ponho a andar assim que começas a confiar em mim.

Bem dito, e se tu o dizes...

– Qualquer coisa do género.

– Amber, desde que percebi o que sentia por ti não estive com mais ninguém.

Ergui uma sobrancelha incrédula. Ter-se-ia ele esquecido da pessoa com quem estava a falar? Ter-se-ia esquecido que certa vez, num bar, tive de enfrentar uma psicopata e o seu igualmente psicótico namorado, só porque ele decidira meter-se com ela em vez de ir buscar as bebidas como lhe tinham pedido?

– Essa não conta porque era doida varrida, pensava que eu ia casar com ela dois dias depois de nos conhecermos, e aprendi a lição. Assunto arrumado.

Ergui a outra, igualmente incrédula, sobrancelha.

– Só tentei com ela – protestou ele – porque achava que se calhar precisava de um relacionamento estável, mas depois vi que não, que o que eu queria era um relacionamento estável *contigo*. Foi mesmo só por isso, a sério.

Tivesse eu uma terceira sobrancelha, tê-la-ia erguido também. Contentei-me em espetar-lhe a língua por dentro da bochecha.

– OK, mas essa vez não contou. Ela andava há meses a atirar-se a mim e senti-me na obrigação. Foi uma queca piedosa.

– Precisamente! – disse eu. – Quantas quecas piedosas haverá ainda, Greg?

– Nenhuma, se estiver contigo.

– Eu acredito em ti. Acredito que dizes isso com a melhor das intenções e que não me enganarias de propósito, mas e se alguém se atirar a ti? E se tivermos uma discussão? E se te embebedares? Há muitos «ses» no que te diz respeito a ti e ao sexo. Não me metas no meio disso.

O Greg ficou cabisbaixo, acabrunhado de vergonha. Caiu entre nós um silêncio semelhante ao que nos rodeara durante o jantar da noite anterior. Por fim, vi-o sacar do bolso de trás das calças uma agenda fina de capa preta.

– E se isto ficar à tua guarda?

Nunca me passara pela cabeça que ele tivesse um livro negro.

– Podes ficar com isto até nos separarmos. Se aguentarmos, digamos, seis meses, podes queimá-la.

Poisou no meu colo a agenda com capa de cabedal e depois voltou a sentar-se, observando-me com aqueles olhos brilhantes e perspicazes, à espera da minha reação ao colocar todo o passado, presente e futuro da sua vida sexual nas minhas mãos.

O meu primeiro impulso foi folhear a agenda para ver se reconhecia algum dos nomes. O meu segundo impulso foi folheá-la para fazer uma estimativa dos nomes que continha, de quantas mulheres tinham percorrido o mesmo caminho que eu. O meu terceiro instinto foi perguntar:

– Também aqui estou?

O Greg abanou a cabeça.

– Eras especial de mais para essa agenda, mesmo antes de começar a gostar de ti.

– Por outras palavras: sabias que eu nunca iria para a cama contigo, por isso não te deste ao trabalho de pôr aqui o meu nome.

O Greg agitou os braços no ar.

– Acabei de te entregar o meu passado sexual e tu pões-te a mandar vir por não estares na agenda.

Bem visto. Virei o pequeno retângulo negro nas mãos e acariciei o cabedal macio. Estava quente e ligeiramente arqueado, moldado à curva do traseiro dele, e as páginas gastas pelo uso intensivo.

– Não acredito que tens um livro negro.

– Agora já não. Tu é que o tens.

– Não sei se quero esta responsabilidade.

– É a única maneira de te provar que estou a falar a sério. Não quero nenhuma das pessoas que estão nessa agenda, só te quero a ti.

– E os números que tens no telemóvel?

Empalideceu instantaneamente. Tornou-se óbvio que havia uma ordem hierárquica entre as pessoas com quem fora para a cama ou que queria levar para a cama. Se gostasse dela, ia para o livro negro. Se gostasse meeeeeesmo dela, ia para o telemóvel.

Estendi-lhe a agenda.

– Vamos esquecer o assunto. Podemos continuar a ser amigos.

Tremia um pouco ao devolver-lhe a liberdade sexual. E o que era aquilo? Que sentia eu a agitar-se no meu peito? Um torvelinho de emoções que não conseguia identificar. Provavelmente ciúme e mágoa. O ciúme não carecia de grandes explicações. A mágoa, porque se ele aceitasse a agenda de volta, na base da nossa amizade, a mostrar que não gostava de mim o suficiente para prescindir das suas muitas aventuras, e ele a aperceber-se de que eu era mesquinha ao ponto de não querer que ele guardasse os números de telemóvel de outras mulheres.

– OK – disse ele, mas não fez menção de recuperar a agenda. – Eu aponto todos os números relevantes numa folha de papel, enfio-a no livro negro, e recupero-os se acabarmos.

(Era impressionante a fé que ele tinha em mim. Julgaria ele que, se acabássemos, eu lhe devolveria a sua vida sexual? Qual quê! Queimava tudo.)

Não disse propriamente «apago-os já todos», mas também não disse «esquece». A bola estava novamente do meu lado. Tinha de decidir se valia a pena tentar ou não.

Era impossível pensar naquelas circunstâncias. Não tinha o ruído da televisão para me distrair nem chocolate nas mãos... a última vez que tentara trabalhar sob pressão sem aquelas ferramentas acabara por me oferecer para lhe chamar um táxi.

– Não te mexas. Eu já venho. Não saias daí nem te vás embora, deixa-te ficar aí sentado – disse-lhe eu.

Ele assentiu enquanto eu esticava as pernas que tinha dobradas debaixo do corpo. Levantei-me e saí da divisão. Na cozinha, dirigi-me diretamente ao frigorífico, abri a porta e tirei de lá a tablete gigante de chocolate que a Renée me trouxera de Copenhaga umas semanas antes. Era o chocolate de qualidade que eu reservava para quando tinha visitas, não o chocolate banal que costumava comer. Abri a embalagem de papel amarelo, grosso e encerado e fiz o mesmo à prata

dourada no interior. Cheguei a tablete ao nariz e inspirei profundamente. O aroma acre do cacau, condimentado com açúcar, leite em pó e emulsificante, invadiu-me os sentidos. *Oh sim, já me sinto melhor.* Inalei mais duas doses. A seguir torci a ponta da tablete até partir um pedaço em diagonal. Meti-o na boca e trinqueei. *Oh, oh, oh sim.* Senti todo o meu corpo a relaxar à medida que o sabor se espalhava pela minha boca. Agora já conseguia pensar. Pensar a sério.

O Greg.

O Greg e eu. E a possibilidade de tentarmos um relacionamento.

Não é que não estivesse interessada. Até estava... um bocadinho. Mas só um bocadinho. Não o suficiente para deitar tudo a perder. No entanto, se agora lhe dissesse não, ele não entenderia. Nunca mais tornaria a vê-lo, não nesse sentido. Passaria a ser como a Kristin Scott Thomas em *Quatro Casamentos e Um Funeral*, a rondar um homem que se divertia com outras mulheres enquanto eu fazia o papel de amiga e confidente.

Enfie outro pedaço na boca já atulhada de chocolate.

Era isso que eu queria? O Greg a gemer o nome de outra mulher como se fosse a coisa mais deliciosa que já tivesse provado?

A resposta tomou forma no meu espírito de forma lenta mas sem deixar margem para dúvidas: não. Nem pensar.

Ainda que não o quisesse naquele momento, ainda que pudesse não querê-lo de todo, não suportava a ideia de o ver com outra pessoa. *Além disso, não é todos os dias que o maior mulherengo do Yorkshire se oferece a mim. Exclusividade. É como se um fabricante de chocolate se oferecesse para produzir chocolate só para mim. Chocolate Amber Nectar. Só para mim... OK, para lá com isso ou ainda explodes de emoção. Voltemos ao assunto.*

O Greg. Exclusividade. Só por via das dúvidas comi mais uns quantos quadrados de chocolate.

Regressei à sala. O Greg fizera como lhe tinha pedido: não se mexera. Nem um milímetro. Era bom sinal, não era? Já estava a fazer exatamente o que lhe pedia. Não tardaria a conseguir que aceitasse as pequenas coisas e cumplicidade nas grandes – como, por exemplo, não andar por aí a dormir com todas – pois não? Regressei ao meu lugar no sofá e voltei a cruzar as pernas por baixo do corpo.

– Vá lá, então. Escreve lá os números.

Dez minutos mais tarde restavam quinze números (de um total de noventa e cinco) no telemóvel do Greg – deu-me um enorme prazer vê-lo contorcer-se ao apagá-los um a um – e eu fiquei com três folhas

de papel cheias de números e nomes de mulheres para enfiar dentro da agenda e destruir a meu bel-prazer.

– Então...? – perguntou ele.

– Então vamos levar a coisa com muita, *muita* calma, está bem?

Espalhou-se-lhe pelo rosto um grande sorriso, iluminado por aqueles olhos de azeviche.

– E não podemos contar aos outros dois até termos a certeza de que isto tem pernas para andar. Uma vez saí com um dos amigos do namorado da Jen e quando acabámos foi um pesadelo. Ia dando cabo do relacionamento da Jen, já para não falar dos problemas que causou entre nós as duas. Não quero que isto afete o que existe entre eles. Por isso tens de concordar em manter o bico fechado durante uns seis meses. Pelo menos.

– Seis meses – concordou ele, e pôs-se a gatinhar na minha direção. Ao vê-lo aproximar-se, senti os dedos do terror a apertarem-me o coração.

Capítulo 7

amigo de copos... ou melhor, de taças de champagne

– OK, quero a tua opinião sincera. O que achas de eu e o Matt irmos viver juntos? – perguntou a Jen, recostando-se no meu sofá com uma enorme taça de vinho na mão. Ela podia, pois tinha uns dias de folga durante a pausa escolar e por isso não tinha de se levantar cedo no dia seguinte para ir trabalhar.

O Greg saíra no início do episódio da noite de *Neighbours*. Pela forma como não parava de dizer que estava exausto percebi que tinha esperanças de que o convidasse a ficar. Respondera-lhe que a terça-feira à noite era a noite da Jen, enfiara-lhe nas mãos o casaco e a sacola e dissera-lhe que o veria no fim de semana.

Sete anos antes tivera a ideia peregrina de começar uma vida nova em Londres e vivi com a minha mãe e o meu padrasto durante nove meses enquanto refazia a minha vida. Foi perfeito... para me lembrar de que precisava de pelo menos trezentos quilómetros entre mim e a minha família, por isso regressei a Leeds de vez. Desde então, eu e a Jen fazemos questão de nos encontrarmos pelo menos uma vez por semana, às terças-feiras à noite, para jantar. Vamos a casa uma da outra em semanas alternadas – a anfitriã prepara o jantar e a convidada encarrega-se do vinho e da sobremesa. Quando ficamos a conversar até tarde é vulgar ficarmos a dormir em casa uma da outra.

Contudo, esta terça-feira, resolvera encomendar um prato de caril. Não fora às compras durante o fim de semana – outro efeito secundário do sexo – (esquecera-me de tudo o que o sexo implicava. Não era só uma comunhão de corpos, era não ter tempo nem energia para fazer as compras da semana; perder a vontade de trabalhar; imensas limpezas para fazer) por isso tinha os armários vazios. Já tínhamos jantado e chegara a hora da conversa séria e profunda.

– Para ser sincera, Jenna... – disse eu com um ar grave e soturno. A seguir, para verificar se ela queria mesmo a verdade, acrescentei:

– Queres mesmo a verdade, não é?

Ela fez que sim com a cabeça, mordeu o lábio, e os olhos toldaram-se-lhe de apreensão e terror: tínhamos este hábito de pedir uma à

outra uma opinião absolutamente sincera e depois morrer de medo de a ouvir.

– Nunca pensei. Nunca pensei que ele fosse capaz de dar um passo tão arrojado, não é nada o estilo dele. Já sei, já sei que passei dois anos a dizer-te que acabaria por fazê-lo, mas estava apenas a dizer-te o que querias ouvir. Lá no fundo, não acreditava. Mas aconteceu, o que é ótimo. Fantástico, até.

A Jen sacudiu o cabelo louro e ondulado, expondo um rosto belíssimo. Não a achava bonita só porque era a minha melhor amiga, mas porque o era, de facto. Tinha uma pele naturalmente uniforme. As maçãs do rosto, ligeiramente proeminentes, pediam apenas de um toque de *blush*. Tinha uns olhos de um azul tão invulgar que era impossível saber realmente de que cor eram: às vezes azul-pálido ou azul-safira, outras vezes azul topázio, e em certos dias, como hoje, da cor do céu de verão. Se algo menos perfeito havia, porém, era a forma dos seus olhos. Por mais que trabalhasse as sobrancelhas, estes pareciam sempre ligeiramente grandes de mais. Eram ovais e não se estreitavam nos cantos de forma a alcançarem a perfeição de tudo o resto. Muitas vezes desejava poder emprestar-lhe os meus, que tinham a forma de folhas de louro, com os cantos bem afilados e enormes pupilas castanhas, pois assim ficaria «aprimorada», cem por cento perfeita.

A Jen provou o vinho.

– Nem eu – respondeu ela, e encolheu as pernas, entalando-as debaixo do corpo. – Nunca pensei que ele assentasse porque é tal e qual como tu.

– *Perdão?! – repliquei. Se havia um insulto imperdoável, era aquele. Eu, ser como o Matt. Eu, igual a um quadrado de caramelo?*

– Vocês são tão parecidos que chega a ser assustador. Sempre que se menciona o futuro tornam-se esquivos. Ou se fecham em copas ou inventam uma piada qualquer sobre o assunto, tudo para evitar pensar seriamente ou sequer falar em assentar. Isso costumava deixar-me furiosa porque nunca sabia com o que podia contar no que toca a comprar casa ou a fazer reservas para uma viagem, mas quando conheci o Matt fiquei contente por seres assim. Percebi que ele não ia fugir porque embora não fizesses planos de futuro, ficaste por cá.

– Olha, sabes que mais? Vou deixar passar essa porque és muito minha amiga. Se fosses outra pessoa qualquer, punha-te na rua.

– Ah, queres exemplos? – disse ela. – O Sean.

– O Sean é assunto tabu – lembrei eu.

– Nunca conheci um homem que gostasse de uma mulher como ele gostava de ti – continuou ela como se não tivesse ouvido a nota de advertência na minha voz. – Ele idolatrava-te. A forma como olhava para ti...

– *Recuso-me* a ter esta conversa – retorqui eu, interrompendo-a.

Impassível, a Jen observou-me longamente, procurando avaliar se deveria dizer aquilo em que estava a pensar. Abriu a boca para falar.

– E se tentas continuar a falar no assunto, és recambiada para casa.

Ela encolheu os ombros e voltou a recostar-se no sofá.

– Cá para mim é porque tens uma família tão disfuncional como a minha – declarou.

– Ouve bem, senhora professora: lá porque deslindas os problemas de miúdos de cinco anos, não penses que podes analisar-me. Eu é que tenho a licenciatura em Psicologia, lembra-te?

– Não quer dizer que eu não perceba do assunto. Ou melhor, que não te conheça de ginjeira.

Conhecemo-nos no primeiro ano da faculdade. Na residência académica o meu quarto era o 29 e o dela era o 30.

Lembro-me do preciso momento em que a vi pela primeira vez, enquanto se deslocava do quarto até à cozinha: era alta, e trazia uma saia de ganga deslavada e uma discreta camisola preta de gola alta. O cabelo, puxado para trás por uma bandolete, caía-lhe em cascata pelas costas até à cintura. Tinha um rosto perfeitamente oval com maçãs do rosto que ameaçavam salientar-se ainda mais com a idade. Caminhava com as costas muito direitas – o tipo de postura que se ensina nos colégios femininos. Tudo nela apregoava sofisticação, o que logo à partida me deixou intimidada. Eu trazia calças de ganga folgadas e uma *t-shirt* de mangas compridas e tinha a típica atitude desleixada, de ombros descaídos, de uma adolescente de dezanove anos. Trazia as tranças num rabo de cavalo preso com um elástico largo. Era o oposto da Jen.

Vi-a regressar ao quarto e cheguei à conclusão de que não era como nenhum doce ou chocolate que eu já tivesse provado. Tratava-se de uma daquelas novas tabletes de chocolate em que se repara assim que se entra numa loja. Vinha numa embalagem tão requintada que tudo em volta perdia a graça. Era um chocolate ímpar. Verdadeiramente branco. Não de cor creme, como a maioria dos chocolates brancos, mas branco como a neve. Continha montes de natas, leite e açúcar refinado e quantidades mínimas de cacau. Era suave e muito rápido a

derreter, por isso tinha de ser manuseado com cuidado. Por causa desse elemento de risco, a maior parte das pessoas ignorava-o, preferindo o que lhes era familiar. Deitavam a mão às barras de Mars, Twix ou Dairy Milk porque, bem vistas as coisas, as pessoas tendem a preferir aquilo que já conhecem.

Para mim, porém, era impossível ignorar aquele chocolate invulgar e sofisticado – preferir um Mars como amigo –, pois ela era minha vizinha. Tinha de a conhecer. Quando os pais se foram embora engoli o medo e bati-lhe à porta.

– Olá, eu sou a Amber, a tua vizinha do lado – disse-lhe eu.

– Eu sou a Jen – respondeu ela, e sorriu. Aquele sorriso dissolveu os meus receios. Pode fingir-se muita coisa, mas não o calor que emanava daquele sorriso.

Uma vez que se trincasse a Jen (isto é, uma vez que, ultrapassadas as primeiras impressões, conversássemos com ela) descobria-se como era amorosa. Como o nariz dela se enrugava quando se ria. Como os seus olhos cintilavam quando estava prestes a fazer-nos uma pergunta muito pessoal. Como podia ser tontinha às vezes. No interior daquele chocolate havia champanhe a borbulhar: divertido, refrescante, uma experiência que queríamos prolongar indefinidamente.

Depois disso começámos a passar quase todo o tempo livre juntas. Ela andava a estudar para ser professora primária, com o Inglês como componente principal do curso, e eu estudava Psicologia no ramo da Publicidade e dos Meios de Comunicação. Contudo, foi aquele primeiro Natal que cimentou a nossa amizade.

Nas férias de Natal, enquanto toda a gente se entusiasmava com o regresso a casa, o reencontro com os amigos, o tempo com a família, comecei a sofrer miniataques de pânico. Ficava sentada a contemplar o vazio, a roer a unha do polegar, com o coração quase a saltar-me do peito. Os meus pais tinham-se separado quando eu tinha dez anos e andava a tentar decidir quem devia visitar durante a pausa de 27 a 30 de dezembro. Qual dos meus pais me responderia com um longo silêncio gelado ao telefone quando eu explicasse que não passaria o grande dia na sua companhia. A época do Natal era um transtorno tão grande que muitas vezes só me apetecia ignorá-la. Foi então que descobri que a Jen também sofria de *Stress* Natalício.

A mãe dela era uma ex-modelo cuja beleza começava a apagar-se com a idade, o que a transformara numa mulher amarga. Com o tempo, esse azedume foi fermentando, convertendo-se num desejo de vingança dirigido sobretudo à filha. Quando ela tinha oito anos,

dissera-lhe que o homem que via como pai não era o pai dela. Dois anos depois, porém, decidira anunciar que este era afinal o seu pai biológico. Tudo isto acabou por ser irrelevante, pois ele saiu de casa quando a Jen tinha onze anos e nunca mais tiveram notícias dele. Depois disso a mãe teve uma série de namorados, nenhum dos quais gostava da Jen. O problema não era a Jen como pessoa, mas sim a Jen como lembrete de que a mãe não era uma pessoa livre e sem compromissos. O único com quem a Jen se entendia era o homem que a mãe conheceu seis meses antes de a filha partir para a universidade. Ainda estavam juntos e a Jen gostava muito dele, provavelmente porque se mostrava muito respeitador para com as duas.

O que quero dizer com tudo isto é que eu e a Jen nos entendíamos porque sabíamos que éramos diferentes dos nossos pares. As pessoas à nossa volta não pareciam andar em bicos de pés quando estavam junto das famílias. Não corríamos para casa a cada oportunidade. Por isso, a Jenna Leigh Hartman de Reading e a Amber Salpone de Londres arrimavam-se uma à outra, como duas boias disfuncionais num mar de normalidade.

– Mas tu gostas do Matt, não gostas? – perguntou a Jen.

Agora estava deitada no espesso tapete vermelho em que, poucas horas antes, o Greg se estendera a ler os jornais. De olhos fechados e joelhos flectidos, para poder apoiar a planta dos pés no chão, equilibrava a taça de vinho no estômago liso. O cabelo parecia uma auréola dourada, assim espalhado em leque à volta da cabeça dela. A Jen fazia com que uma pose descontraída parecesse fácil. Sim, eu sei que uma posse descontraída deve ser isso mesmo, mas para mim não era nada fácil. Suponhamos que me encontrava na mesma posição que ela: invariavelmente, sentiria uma comichão ao fundo das costas que, por preguiça de me levantar para me coçar, faria com que me saracoteasse e arrastasse pelo chão como uma serpente a tentar deslocar-se por cima de um tapete felpudo. Não tardaria a derramar o vinho e, ao levantar-me à pressa para ir buscar um pano, tropeçaria nas embalagens do *takeaway*. Também acontecia muito estar deitada no sofá debaixo do edredão, a ver televisão, às apalpadelas à procura do comando, incapaz de relaxar. A Jen, pelo contrário, era tranquila em tudo o que fazia, como se estivesse a praticar ioga.

– Hum-hum – respondi eu, indicando gostar do Matt sem ter de o dizer. (Adoro o hum-hum: é tão genérico que podemos mentir sem dizer mentira nenhuma.)

Estava reclinada no sofá a apoiar a taça de vinho na barriga, mas bem agarrada a ela enquanto procurava desesperadamente pelo comando da televisão.

Eu e o Matt. Não se tratava simplesmente de não simpatizarmos um com o outro. Custava-lhe sorrir-me, e às vezes até falar comigo, porque achava que eu e a Jen éramos demasiado íntimas. Conhecera-a muito antes dele. Fazia parte de uma etapa da vida da Jen de que ele nunca poderia fazer parte, e isso incomodava-o. Às vezes até o impedia de dormir. Se começássemos as duas a rir-nos de qualquer coisa que tivéssemos feito no passado, o rosto ensombrava-se-lhe e punha-se a amuar. Zangava-se se ela me contava qualquer coisa antes de lhe contar a ele. E Deus a livrasse de estar comigo ao telefone por mais de dez minutos quando estavam juntos. O Matt e eu amávamos a mesma pessoa e ele tudo faria para garantir que ela gostasse mais dele que de mim.

– Não percebo porque não te dás tão bem com ele como com o Greg – continuou ela.

Acredita, não ias querer que eu me desse tão bem com ele como com o Greg, pensei eu.

– Somos muito diferentes – expliquei.

– Tu e o Greg também são muito diferentes! – guinchou ela. – Ele é um vadio e tu és praticamente uma freira, mas dão-se bem. Ele vem cá imensas vezes e estão sempre a encontrar-se para almoçar. Às vezes vê-te mais que eu.

A simples menção do nome dele, conversar sobre ele, fez-me sentir o pó das estrelas a dançar-me no estômago como a Lua dança sobre as águas.

– Agora que vocês vão viver juntos vou ver o Matt mais vezes. Caramba, vais mesmo viver com o Matt. Vais partilhar uma casa. Outra vez.

– Tem piada, não tem? Tu nunca viveste com nenhum tipo, e o Matt já é o meu terceiro.

– Já vivi com um tipo, sim senhor! – protestei.

– Quem?

– O Eric. É um tipo.

– Os irmãos não contam. Podias ter vivido com o...

– Manda vir o táxi antes de acabares essa frase, OK, Jenna? – interrompi.

Ela franziu os lábios e lançou uma careta ao teto.

– Achas que é para durar, isto com o Matt? – perguntou. – Vivi com

o Karl e com o Tommy e pensei que era para valer, queria mesmo que fosse para sempre, mas não foi. – Virou a cabeça para me sondar. – Achas que tomei a decisão certa?

Porque será que naquele dia toda a gente pensava que eu tinha respostas para tudo? Primeiro o Greg perguntara-me o que se passava entre nós, e agora a Jen perguntava-me se eu achava que ela tinha tomado a decisão certa. Não me surpreenderia se o Indiana Jones aparecesse por ali a qualquer momento a perguntar-me se eu sabia onde ele tinha deixado o Santo Graal.

– Precipitaste-te quando foste viver com o Karl e o Tommy. Eram os dois muito porreiros – apressei-me a acrescentar –, mas foi tudo muito à pressa. Talvez tenha sido bom o Matt ter-se mostrado tão hesitante em assentar, porque agora vocês sabem que estão preparados. Ele adora-te. – Custava-me admiti-lo, às vezes, mas quando o Matt não estava em Paris a trabalhar como Diretor de Marketing Internacional para a sua empresa, a Jen era o centro do seu mundo. Adoraria que ele fosse um sacana negligente, porque então poderia detestá-lo tanto como ele me odiava a mim. – Com o Karl e o Tommy nunca tive tanta certeza.

– Mas tu continuas a ser a número um, sabes? – disse ela. – Continuas a ser a pessoa a quem conto tudo.

– Hum-hum – foi a minha resposta. Eu também lhe contava tudo. Exceto uma coisa. Uma coisinha sem importância. Fosse como fosse, provavelmente o que havia entre mim e o Greg não era para durar. *Dou-lhe dois meses. Três, no máximo.*

«hummm, um homem ou
chocolate... vejamos a questão
desta forma: nunca terá de ficar
à espera que uma tablete de
chocolate lhe telefone.»

Capítulo 8

logo ela!

– *Quem é você?* – A voz da Renée ecoou, hostil, pelo escritório.

A Martha não pareceu dar por nada, nem sequer pestanejou. Eu sim. Afastei os olhos do monitor e estudei a chefe. As sobrancelhas profissionalmente depiladas da Renée estavam franzidas, os lábios vermelhos tensos de indignação.

– O quê? – ladrou ela ao telefone.

Fez-se uma longa pausa enquanto a pessoa do lado de lá falava.

– Porque havia eu de me lembrar de si? Por acaso salvou-me a vida ou algo assim?

A Martha disfarçou um sorriso escarninho. Era mesmo dela. Só eu é que entrava em pânico quando a Renée falava assim ao telefone, pois o mais certo era estar a falar com alguém a quem seria aconselhável tratarmos com simpatia.

– Escreve para quem?

Eu não vos disse? Empurrei a cadeira para trás com urgência, correndo o risco de deslocar umas quantas vértebras, e corri até à secretária da Renée. A três quartos de distância lancei-me para cima da secretária, desviando-me do porta-lápis e do seu precioso agrafador por uma unha negra, e carreguei no botão de *mute* do telefone.

– Dá-me o telefone – disse eu, de mão estendida.

Tempos houve em que era capaz de resvalar pela secretária e sacar-lhe o aparelho das mãos antes que ela pudesse reagir, mas no decurso do último ano ela tornara-se perita em colocá-lo fora do meu alcance em pleno voo.

Apertou o auscultador contra o peito como se fosse um filho.

– Não.

– Renée – arrulhei eu –, dá o telefone à Amber.

Ela abanou a cabeça. Não voltara a gritar desde o acesso de segunda-feira. Como eu calculara, o meu dia de folga dera-lhe que pensar. O jornalista que tivera a infeliz ideia de ligar naquele momento para pedir informações sobre o nosso festival de cinema estava a lidar com uma mulher que passara quatro dias a ferver em lume brando e que estava prestes a rebentar de raiva.

– Dá-me o telefone e eu deixo-te passar a tarde a dizer mal da brochura do novo Festival de Cinema de Londres.

Os olhos da Renée iluminaram-se ao considerar o que eu lhe oferecia: uma tarde a dissecar os mínimos defeitos da brochura e a enxovalhá-la. Enfim, a barafustar sem a minha intervenção. Não ouvia «Vá lá, Renée, não sejas assim...», enquanto deitava abaixo a concorrência. Era tentador...

– Vou comprar-te chocolate e depois preparo-te o café – acrescentei. Tentador, mas não o suficiente. Continuava agarrada ao telefone.

– E – disse eu, jogando o meu trunfo – podes criticar o *website* deles.

Palavras que a Renée ansiava ouvir. Eu nunca a deixara criticar o *website* do Festival de Londres porque o nosso não era muito melhor. Aliás, o nosso estava desesperadamente a precisar de manobras de reanimação, e eu decretara que só podíamos dizer mal das coisas que fazíamos melhor que o Festival de Cinema de Londres.

A Renée estendeu-me o telefone. Carreguei no *mute*.

– Bom dia, desculpe o tempo de espera. A Diretora do Festival teve de atender outra chamada. Em que posso ajudá-lo? Sou a Amber, a Diretora-adjunta do festival.

– Olá, Amber.

Oh não. Com mil diabos. É ela. *Logo ela!*

Reconheceria aquela voz fanhosa e afetada em qualquer lado. Devia ter deixado a chefe dizer-lhe das boas. E abrira eu mão do meu trunfo para isto. POR ELA!

Ela, a jornalista dos infernos. A doida varrida da jornalista dos infernos que tentara fazer com que me despedissem.

No ano anterior, em circunstâncias muito semelhantes, o telefone da Renée tocara e ela atendera de mau humor. Ficara boquiaberta quando a desconhecida do outro lado começara a tagarelar sobre o seu passado.

A Renée fora a Brigitte Bardot do seu tempo (mas sem o pendor fascista, felizmente) e alcançara o estrelato aos treze anos, depois de ter encarnado Lolita num filme francês independente. Tornou-se uma celebridade da noite para o dia, foi nomeada para diversos galardões, participou em vários filmes, blá, blá, blá, tinha uma carreira brilhante à sua frente... mas a Renée, sendo quem era (sempre do contra), fartou-se das luzes da ribalta e desistiu de tudo aos vinte e um anos para estudar produção cinematográfica. Trocou Paris por Londres e trabalhou em vários estúdios de cinema. Conheceu o marido, um

argumentista de Leeds, e estabeleceram-se na cidade. Foi então que arranjou emprego como coassistente do WYIFF e dois anos depois já mandava em tudo. Aparentemente, a desconhecida só telefonara para lhe refrescar a memória.

Eu ouvira o silêncio depois do «Alô, WYIFF?» e olhara a tempo de ver o rosto da Renée a contrair-se, sinal de que estava prestes a desatar aos berros. Atirei-me para cima da secretária dela – não conseguindo dessa vez, infelizmente, evitar o choque com o agrafador – e arranquei-lhe o telefone das mãos antes que perdesse o controlo da língua.

– Gostaríamos de entrevistar – continuou a mulher do outro lado da linha, e mencionou uma estrela razoavelmente bem conhecida que conseguíramos trazer ao Festival de Cinema para a estreia nacional do seu último filme – e estou certa de que ela ia adorar a oportunidade, pois somos uma revista muito popular e o Yorkshire é um mercado extremamente limitado. E também gostaríamos imenso de publicar um artigo sobre como passou de estrela adolescente a diretora de um festival de cinema de uma cidadezinha como Leeds, imagine-se só.

– Não me parece boa ideia incomodar a Diretora do Festival com tais alarvidades – disse-lhe eu. – Está a falar com Amber Salpone, a Diretora-adjunta do Festival. Sejamos sinceros: não somos obrigados a dar-lhe acesso à artista e, visto ter-se dirigido diretamente a nós, deduzo já ter tido oportunidade de descobrir o pesadelo que é o agente dela. No entanto, se concordar por escrito em fornecer ao Festival e aos Amigos do Festival uma lista de contactos e mencionar que – desbobinei um rol de estrelas – agraciaram com a sua presença o Festival em edições passadas, coloco-a na lista das entrevistas.

– Tiveram mesmo essa gente toda no Festival? – replicou ela, com uma admiração insultuosa.

– Claro, isto não é nenhum festival de bairro – e soltei uma gargalhada. Deitei um olho à Renée, que tinha cara de quem estava a mastigar uma vespa. – Dir-lhe-ei mais tarde se a Renée se encontra disponível para entrevistas.

A jornalista, de seu nome Mimi, deslocou-se a Leeds. Sabendo que nunca tinha viajado para aqueles lados fui ter com ela à estação. Olhou-me de alto a baixo com ar desapontado: eu não vestia a roupa certa, não trazia a mala certa e era uma rapariga do sul que escolhera viver no norte.

– Como é que aguenta? – perguntou-me ela enquanto a acompanhava ao hotel onde lhe reservara um quarto. Aquela voz –

nasalada, imperiosa, snobe – anda era mais irritante na vida real. A cabeleira loira fora penteada por dedos dispendiosos e a sua figura esbelta vestida por designers de renome. Nada tínhamos em comum, mas eu já lidara com gente abominável em nome do trabalho, por isso limitei-me a sorrir e a dizer-lhe:

– Quanto mais tempo aqui se vive, mais se gosta – e rezei para que o Deus do Yorkshire não me fulminasse ali mesmo por ser tão desleal.

Nessa sexta-feira à noite, durante a festa que se seguiu à estreia do filme, quando a Celebridade já tinha ido para a cama, a Mimi, sentada ao balcão do bar do hotel, atraía um séquito de admiradores composto por pessoal do filme e jornalistas com as suas facécias sobre como Leeds era uma cidade «pitoresca».

– Tem um Harvey Nics², não tem? É uma autêntica Londres em miniatura.

Se já não estivessem todos a babar-se, aqueles homens de Leeds tê-la-iam escorraçado da cidade. Entre os jornalistas encontrava-se o Greg. E adivinhem quem é que se escapuliu com ela para um dos quartos? *Vocês os dois merecem-se*, pensei eu enquanto rastejava até casa. O evento deixara-me de rastos: durante semanas trabalhara até tarde nos preparativos para o Festival. Nesse domingo à tarde, quando tudo finalmente terminou, regressei a casa depois de acompanhar a Celebridade ao aeroporto. Em vivo contraste com a Mimi, era muito terra a terra e tinha um senso de humor maravilhoso. Conhece-la fora o melhor do fim de semana, e prometeu voltar ao festival se pudesse.

Atirei-me para cima do sofá ainda de casaco vestido e fiquei absorta a olhar para a televisão. Passou cerca de uma hora antes que conseguisse recuperar as minhas faculdades físicas e mentais para começar a pensar em tirar o casaco e comer qualquer coisa. Mal levantei a cabeça do braço do sofá senti vibrar o telemóvel que tinha no bolso. Exausta, peguei no telemóvel prateado, esperando ver uma mensagem da Celebridade, que prometera avisar-me quando chegasse a Londres.

Em vez disso, o que recebi foi isto:

**Socorro. Holiday Inn. Qto 513. Tá a falar em vir p Leeds.
Socorro. G.**

Estive tentada a ignorá-lo. Andava há dois anos a tirá-lo de enrascadas e já tinha decidido não lhe fazer mais nenhum favor. Nunca mais. Apaguei a mensagem e atirei o telemóvel para cima do

sofá.

O tom condescendente da Mimi soou-me na cabeça: «Como é que aguenta?» *Ela não seria capaz de vir viver para Leeds*, pensei eu para me tranquilizar. *Claro que não. Apre! E mesmo que viesse, a coisa com o Greg não duraria muito*. Mas e se ela fosse diferente? E se fosse A Tal? Ele podia querer assumir o namoro. Eu teria de sair com os dois. *Podia até dar em casamento*. Dez minutos depois estava no comboio para Leeds.

Quando bati pela terceira vez à porta do quarto 513 a Mimi abriu a porta de repelão, mal-humorada. Encolhi-me por dentro. Trazia apenas uma toalha – que já de si não era lá muito grande – a cobri-lhe a figura esbelta. *Será que este hotel não providencia roupões, ou toalhas maiores?*, pensei eu com os meus botões.

– Oh, Amber. Olá? – disse ela, incapaz de disfarçar o desapontamento.

Abri e fechei a boca várias vezes, pasmada com o aspeto dela, com o cariz abertamente sexual da cena. Tudo cheirava a sexo. Não tinha sexo há quase um ano e agora assaltava-me de todos os lados. Não parava de abrir e fechar a boca como um peixe porque durante a viagem de quarenta minutos até ali não pensara uma única vez no que dizer. Isto não tinha nada a ver com aquela vez no bar em que enfrentara a psicopata e o igualmente psicótico namorado que queria matar o Greg. Nem como todas as outras ocasiões em que o puxei pela cintura para evitar que lhe dessem uma sova. A situação requeria uma história, credibilidade. *Palavras*.

– Está... tudo bem consigo? – perguntou ela. Lá vinha outra vez aquele tom condescendente. Estava mesmo a pedir para levar uma *tareia*. *Será que me safava?*, perguntei-me. «*Ela foi condescendente comigo, Sr. Juiz.*» *Nunca se sabe, até podia ser que resultasse*.

– Eh... sim. Eu, hum... estava cá a pensar se por acaso não viu o Greg. Greg Walteson? Vi-a a conversar com ele no bar, na sexta-feira à noite. Pensei que a Mimi tinha regressado a Londres, mas quando soube que tinha decidido ficar mais uns dias pensei que pudesse tê-lo visto. – A confusão e o desespero na minha atuação faziam com que parecesse verdade.

– Não podia ter telefonado? – disse ela. Sentia cada palavra, cada sílaba a trespassar-me. Faziam-me ranger os dentes. Punham-me os nervos em franja. *A voz dela era irritante, Sr. Juiz*.

– Por acaso passei pelo hotel... ouça, viu-o ou não? Estou muito preocupada.

– Que tem você a ver com isso? – perguntou ela.

– Ele é meu... eh, amigo – disse eu.

Os olhos dela percorreram-me de alto a baixo com uma expressão de desdém. Depois voltaram pelo mesmo caminho, ainda mais desdenhosos. *E aqueles olhares, Sr. Juiz.*

– *Amigo?*

– *Namorado* – sibilei.

Nesse momento o Greg apareceu numa zona do quarto onde eu podia vê-lo, destruindo os vestígios de ingenuidade que me restavam. Enfiara as calças pretas vincadas que vestia na sexta-feira anterior, mas não as apertara, e trazia a camisa aberta e o peito à mostra. Em todas as outras vezes que o tirara de apertos nunca o vira logo a seguir ao ato sexual. Não sei o que imaginara que ele estivesse a fazer todo o fim de semana fechado num quarto de hotel com uma beldade, mas de repente senti-me muito abalada. Fiquei muda e boquiaberta a olhar para ele.

– Amber – disse ele com a voz carregada de espanto e apreensão.

– Gregory – respondi eu.

Continuámos a olhar fixamente um para o outro. Fui assaltada por uma segunda onda de exaustão que ameaçava submergir-me. Se me sentia tão cansada, porque não estava eu em casa a dormir? Porque o Greg era um idiota chapado. Literalmente. Quando o assunto era sexo, só à chapada. Senti um assomo de raiva e a adrenalina.

– Com que então é aqui que tens estado? – gritei-lhe. – Eu, louca de preocupação, e tu aqui.

– Ele não me disse que tinha uma namorada – protestou a Mimi.

– Até aposto – rugi-lhe. Em resposta recuou, apertando-se contra a porta.

O Greg ficou colado ao chão, em silêncio.

– Porque é que te encontro sempre onde não devias estar? Com pessoas com quem não devias estar? Estou farta desta história, Gregory – ralhei eu. E estava. Aquilo era a última gota. – Estás a ouvir? Estou farta... Bom proveito! – Berrei eu à Mimi antes de virar costas e desaparecer na direção do elevador.

Vendo a salvação à vista, a sua única hipótese de escapar do hotel sem uma aliança no dedo, o Greg voltou à vida.

– Amber! Para! Espera aí! – gritou ele.

Marchei pelo longo corredor, sentindo a raiva a pulsar-me nas têmporas e no peito. Estava mesmo fartinha de todo. Alguns segundos depois ele saiu do quarto a correr, com o casaco numa mão, aos saltos

enquanto tentava enfiar os sapatos nos pés.

– Amber! Para! Desculpa! – gritou ele. – Perdoa-me!

Alancei as portas do elevador e comecei a martelar no botão. Quando o Greg me apanhou o elevador ainda não tinha chegado.

– Desculpa – disse ele.

– Esta foi a última vez – disse eu, desabrida. – A última.

– Desculpa – implorou ele. Ficou surpreso com a minha raiva, agora que sabia ser cem por cento real. Pousou-me as mãos nos braços para me acalmar. Repeli-o com um gesto tão brusco que o fez recuar.

– Por favor, desculpa – disse ele do sítio onde estava, horrorizado com a minha reação. Aquela era uma faceta minha que ele nunca vira. Poucas pessoas a tinham visto. Eu própria quase nunca a via, mas agora que fora libertada ia ser muito difícil controlá-la. Eu não queria parar de o enxovalhar. Sentia uma vontade quase incontável de desatar aos murros, de lhe acertar mesmo no meio daquela testa estúpida. De lhe dar um pontapé no meio das pernas e magoar aquilo que nos estava sempre a meter em situações daquelas.

– Tens sorte de eu não te cortar os tomates! – berrei-lhe. Colocou logo a mão sobre as partes privadas, com medo de que estivesse zangada a ponto de o fazer.

O elevador anunciou a sua chegada com um tinido. As portas metálicas deslizaram, abrindo-se, e eu entrei de rompante. Quando me virei para as portas, descobri que tínhamos assistência. Além da Mimi, que espreitava pela porta do quarto, havia vários outros hóspedes à porta dos quartos a apreciar o espetáculo. *Fantástico, agora nunca mais posso voltar a pôr aqui os pés.*

O Greg, que não sabia quando parar, estendeu a mão para me tocar. Afastei-o com um sopapo.

– Não me toques! – berrei eu. – Não voltes a tocar-me nunca mais! – E as portas do elevador fecharam-se.

Saí do hotel para a rua como um furacão. O Greg, que ainda não tinha acabado de se vestir, vinha no meu encalço.

– Estás mesmo zangada, não estás? – disse ele quando parei no passeio, a tentar decidir se devia voltar para casa de autocarro, de táxi ou de comboio.

– Como é que deste por isso? Foi a gritaria ou os empurrões? – ripostei.

– Desculpa. Não sabia a quem mais pedir ajuda. Ela falou em deixar Londres e o emprego na capital. Queria que lhe arranjasse um emprego no *Chronicle* e queria ficar em minha casa enquanto não

arranjava outro sítio para viver. Começou a falar em termos absolutos e já tinha um plano tão detalhado que entrei em pânico.

– Não teria sido melhor pesquisar o historial psiquiátrico da fulana antes de a levara para a cama?

– Ela parecia normal.

– Não duvido. O sexo é importante para as mulheres, Greg. Se levas uma mulher para a cama é natural que ela pense que foi importante para ti, que é o início de qualquer coisa. Ela até parecia simpática. Agora, deve estar sentada no quarto do hotel a perguntar-se o que terá corrido mal e provavelmente a odiar-se a si própria. E eu participei na charada. Enganaste mais uma e fizeste de mim tua cúmplice.

– Desculpa.

– Estás sempre a pedir desculpa, mas continuas a fazer o mesmo.

A minha raiva começava a diminuir agora que não tinha à minha frente uma mulher seminua de figura esbelta e corte de cabelo dispendioso que me irritava com a sua atitude paternalista assim que abria a boca. Além disso, já diz o ditado: «Quem é o mais estúpido: quem se atira ao poço ou quem vai atrás?» Quem é que fazia figura de parvo no meio de tudo isto: o homem que conseguira levar mais uma para a cama ou a celibatária que viera a correr para o livrar da enrascada?

– Espero que o sexo tenha valido todo este embaraço, Gregory.

– Por acaso nem foi nada de extraordinário – disse ele.

Fiz uns estalinhos reprovadores com a língua.

– Tu, só visto.

– Desculpa – voltou ele a dizer.

Levei-o para minha casa. Para reconquistar o meu afeto, comprou uma garrafa de vinho, fez-me o jantar e no fim lavou a loiça, sempre a fitar-me com olhinhos de carneiro mal morto. Eu teria continuado a lamentar a forma como tratáramos a Mimi, não fora a carta de nove páginas que ela escreveu à Renée a difamar-me. Dizia que eu era pouco profissional, que a tratara com desprezo desde que saíra do comboio, que ameaçara a sua integridade física e que andava a receber telefonemas anónimos, sem dúvida da minha parte. Também dizia que, se a Renée quisesse evitar um escândalo quando ela me levasse a tribunal, o melhor era despedir-me. Quando recebeu a carta, a Renée não conseguia parar de rir e não se cansava de gritar:

– E ouçam esta...

(Em retrospectiva, devia ter ficado ofendida por ela me considerar incapaz de tais comportamentos, mas naquela altura só senti alívio e

gradidão por não ser despedida. Para a Renée e para a Martha, aquela carta foi o último prego no caixão do Greg – era a coisa mais desprezível que já tinha feito e nunca mais lho perdoariam. Não, não lhes contara a história da esquadra da polícia.)

E era ela, a Mimi, que agora estava ao telefone.

– Como vai isso? – perguntou ela como se fôssemos amigas em amena cavaqueira.

– Vai bem – repliquei. – Desculpe, eh... não apanhei o seu nome. – Uma maneira fácil de dar a entender a uma pessoa que nos esquecemos completamente dela é fingir que não sabemos quem é.

– Mimi Verner.

– Certo. Para que publicação disse que trabalhava? – Só para o caso de ela pensar que tinha importância suficiente na minha vida para eu me lembrar.

– Para a *Viva*.

– Ah, pois. O que podemos fazer por si?

– Bom, eu ouvi dizer que – e mencionou o nome de uma celebridade menor que era amiga da Renée e que estaria na abertura do Festival em setembro – virá ao Festival e gostaria de poder entrevistá-la. Da última vez formámos uma equipa tão boa que tinha esperança de que pudéssemos voltar a trabalhar juntas.

Discutimos os aspetos logísticos até que, por fim, ela decidiu não vir, já que o filme da celebridade em questão não seria uma novidade assim tão grande para a revista.

– Ah, tem visto, eh, o Greg? – perguntou ela quando se tornou claro que eu me preparava para terminar a chamada.

Tal como naquela noite, senti uma raiva súbita e rancorosa, só que desta vez com ciúme à mistura. Aquela cabra tivera-o antes de mim (embora tenha de admitir que praticamente todas as mulheres o tinham tido antes de mim) e eu não gostava nada disso. E não podia esquecer-me de que ela tentara fazer com que me despedissem.

– Greg Walterson? O jornalista?

– Sim.

– Sim, vejo-o muitas vezes.

– Em contexto de trabalho? – perguntou ela, sem tentar sequer esconder o desespero na voz.

– Sim, em contexto de trabalho. E pessoalmente também – casámo-nos recentemente. Adeusinho.

Desliguei. Saltei da secretária da Renée e dei com as duas a olhar

para mim de boca aberta. Eu nunca mentia daquela forma sem ser por motivos de trabalho. E mesmo nesses casos tentava desviar o assunto em vez de mentir descaradamente.

– Ela irritou-me – expliquei.

Ambas engoliram em seco: ninguém me irritava ao ponto de eu o admitir. Nunca. Eu até podia engolir a raiva, fazer má cara ou ir dar um longo passeio para espairecer, mas nunca admitia estar irritada.

– Ela disse que Leeds era Londres em miniatura! – sibilei eu.

– A cabra! – rugiu a Martha.

– A filha-da-mãe! – acrescentou a Renée. – Devias ter-lhe dito que vocês tinham tido um bebé.

– Por acaso não concordo – disse a Martha. – Devias tê-la deixado ir para a cama com o Greg outra vez. Já é castigo que baste.

As gargalhadas delas faziam ricochete nas paredes do escritório, magoando a minha pele sensível quando me trespassavam. Regressei à minha secretária e fiquei a olhar para o ecrã sem ver o que estivera a escrever.

Espero que isto não seja um sinal. Espero que não seja o Destino a tentar dizer-me qualquer coisa, pois sabe Deus porque é que o Greg não me telefona há três dias.

² N. da T.: Harvey Nichols, grandes armazéns ao estilo do famoso Harrod's, existentes em várias cidades do Reino Unido.

Capítulo 9

a doida varrida

Quando entrei em casa atirei o monte de chaves – de casa e do escritório – juntamente com o grande porta-chaves em forma de peixe para o chão junto da porta da sala, mas depois parei, voltei atrás e apanhei-as. Enfieei a chave de casa na fechadura e tranquei a porta.

A seguir fiz algo que sabia que não devia fazer: verifiquei o atendedor de chamadas. Respondeu-me com uma luzinha vermelha contínua e silenciosa. Eu sabia que não estaria a piscar. Toda a gente que tinha o meu número de casa me telefonava para o trabalho, durante as horas de expediente, e por isso a luzinha nunca piscava, mas ainda assim senti o coração pesado. O meu corpo cedeu ao desespero. Ele não voltaria a telefonar-me. Nem agora, nem nunca.

Fui ao quarto vestir o pijama para o ritual de sexta-feira à noite. Passava as noites de sexta deitada no sofá debaixo do edredão, a comer porcarias e a ver televisão. Só que a sexta-feira anterior fora bem diferente. E à conta disso, esta seria uma longa sexta-feira. A Longa Noite de Amber Salpone³.

Puxei o *top* roxo de gola à barco por cima da cabeça. *É por causa disto que eu sou solteira*, disse eu de mim para mim enquanto desapertava o sutiã preto e o atirava para cima do monte de roupa para lavar.

A verdadeira razão. Não a que eu dava quando as outras mulheres diziam que os bons partidos já estavam todos comprometidos ou casados ou então eram gays ou uns sacanas do piorio. A razão pela qual era solteira e celibatária, a razão pela qual não tinha a certeza se queria namorar com o Greg, ou com quem quer que fosse, era o meu comportamento irracional quando começava a gostar de alguém.

Enquanto outras mulheres ficavam extasiadas, risonhas e cheias de esperança no futuro, eu transformava-me numa psicopata, a andar de um lado para o outro sem parar, a um passo de tentar perceber o meu homem abrindo-lhe a cabeça com uma serra manual. Quando um homem entrava na minha vida eu perdia toda a noção da realidade. Ficava literalmente à beira de um abismo de loucura, a um passo de me atirar para o vazio.

Durante as primeiras semanas com um novo namorado eu começava a ficar obcecada por tudo o que lhe dizia respeito, até ao mais ínfimo pormenor. Tinha de me controlar para não lhe telefonar a cada dois minutos só para dizer «olá». Se ele fosse, suponhamos, corretor da bolsa, começava a ler os jornais financeiros, embora quase nunca verificasse o balanço da minha conta bancária. Chegava ao ponto de tentar descobrir tudo o que pudesse sobre ele através da Internet.

E não me ficava por aqui. Não senhor. Se ele vivesse em Lady Wood, que fica do lado oposto de Leeds ao sítio onde vivo, eu sacava de um guia detalhado da cidade, estudava os percursos mais rápidos, as ruas adjacentes à dele, os preços das casas. Via em tudo sinais de que estávamos destinados a ficar juntos: «Uau, tirei o bilhete de autocarro às seis da tarde e nós conhecemo-nos no dia 1 de agosto de 2000, por isso estamos destinados a ficar juntos para sempre.» Isto sem contar com o tempo que passava a perguntar-me onde andaria ele, o que estaria a fazer, em que estaria a pensar... Tinha consciência do que estava a fazer, ralhava comigo própria, procurava lembrar-me das mulheres que tinham morrido para conquistarmos o direito de voto e como estava a ser patética, mas era incapaz de parar.

Por vezes a incerteza deixava-me fisicamente doente, a imaginar se não teria sido trocada por outra. O problema não era ser trocada por outra, era não saber. Não saber se, enquanto eu seguia alegremente a minha rotina quotidiana, ele não estaria deitado ao lado de outra mulher a fazer planos para o futuro. Por mais doentio que possa parecer, eu preferia saber se estava a ser enganada. Provavelmente o meu maior receio era fazerem de mim parva, ser levada a confiar em alguém e depois ser traída.

Sobrevivera a um caso amoroso e, apesar de ser agora mais madura e mais sábia, não queria voltar a viver aquelas emoções.

Nos últimos dias era assim que me sentia.

Depois de três dias sem receber sequer uma mensagem de texto do Greg, comecei a sentir vontade de vomitar de três em três minutos. Sobre tudo depois da chamada da Mimi Tresloucada. *Esperavas melhor, vindo dele?*, perguntei-me. *Esperavas mensagens e chamadas dele a repetir o quanto queria estar contigo?*

Perturbava-me verificar que era isso mesmo que eu esperava. Pensei que era diferente das outras. Ele parecera tão sincero na terça-feira. *Convincente...* Isso era o que diziam todas as mulheres que já tinham visto um vigarista a afastar-se em direção ao sol poente, levando consigo as suas poupanças de uma vida, a sua dignidade e o seu

melhor amigo.

Arrastei o edredão para a sala e atirei-o para cima do sofá. *Takeaway*. Estava na hora de encomendar qualquer coisa para comer. Cozinha tailandesa? Indiana? Pizza? Chinesa? Comida. Tinha de comer qualquer coisa. O meu estômago contorcia-se enquanto eu andava às voltas pela sala.

Estaria ele a comer, o Greg? Estaria a comer? A trabalhar? A dormir? A foder? Que estaria ele a fazer? Apertei a barriga com as palmas das mãos para tentar travar os protestos do meu estômago. Para tentar travar aquela insanidade.

O Sean, o último namorado que tive antes de decidir tornar-me celibatária, era surpreendentemente tolerante no que toca à minha insanidade. Não sabia da missa a metade – eu escondia muito bem os fantasmas da loucura – mas era ótimo em relação àquilo que eu não conseguia esconder debaixo da minha fria e elegante fachada de indiferença. (Pronto, está bem, cérebro, não teve assim tanta piada.)

Conhecera-o quando me deslocara com a Renée a uma empresa de informática que queríamos convencer a patrocinar o Festival. Os fundos para o evento provinham sobretudo da Câmara Municipal, razão pela qual o nosso escritório se situava no edifício de escritórios da Câmara, mas era necessário arranjar financiamento adicional. Apesar das aparências em contrário, a Renée sabia como levar as pessoas a separarem-se do seu dinheiro. Sabia muito bem o que dizer, o que prometer, que promessas deixar no ar.

Eu marcara a reunião e ela acompanhara-me. Enquanto nos sentávamos à longa mesa oval de reuniões, olhei sub-repticiamente em volta e os meus olhos encontraram os do Sean. E deixaram-se ficar. Não era lindo de morrer, mas tinha uma centelha. Quando olhei para ele vi faíscas. Há alturas em que vemos algo ou alguém e sabemos que há de ser nosso. Não é desejo, do tipo «tenho de o ter ou morro»; é apenas um facto. Estou certa de que se trata de algo que só acontece uma ou duas vezes na vida, mas entre nós e aquela pessoa, aquele par de sapatos ou aquele carro há um clique. Como se fossem feitos para nós. Não há como justificá-lo ou tentar incluí-lo nas despesas correntes. E foi por isso que vi faíscas quando olhei para o Sean. Ele fora feito para mim.

Tinha o cabelo loiro muito curto. Os seus olhos cor de avelã fitavam-me através de longas pestanas. Exibia um sorriso de fazer tremer os joelhos. Durante a reunião não parámos de olhar indisfarçadamente um para o outro, sorridentes como se estivéssemos

a partilhar uma piada pessoal. Mais tarde, recriminei-me por ter saído sem lhe perguntar o nome completo. E por não ter conseguido passar-lhe o número do meu telemóvel por telepatia. Afinal de contas ele fora feito para mim. Dois dias depois, numa discoteca onde fui com a Jen e o Matt, choquei com alguém e ei-lo, o Sr. Faísca. Pela primeira vez deixei os meus amigos e passei o resto da noite a conversar e aos beijos com o Sean. Concordámos que fora o Destino a juntar-nos e, depois de um táxi nos deixar nas nossas respetivas casas, continuámos a conversar ao telefone até ao nascer do sol.

Ele não fazia joguinhos. Telefonava-me. Telefonava-me quando combinara telefonar-me e mesmo quando não combinara. Às vezes saíamos, outras vezes passávamos o dia em casa, e o sexo era fantástico. Só ao terceiro mês é que ele descobriu por que razão não devia contrariar-me. Por duas vezes, achei-o frio e desligado ao telefone e fechei-me em copas. Deixei de atender as chamadas dele, não respondia aos e-mails, ignorava as mensagens de texto. Eu era assim. Quando, por qualquer razão, ou mesmo sem nenhuma razão especial, o entusiasmo da outra pessoa arrefecia, eu fugia a sete pés. Desaparecia antes que pudessem fazer o mesmo. O Sean, justiça lhe seja feita, deixara-me uma longa mensagem dizendo que gostava de mim e que não queria que terminássemos. Pedia desculpa por parecer um pouco desligado daquela vez: apenas tivera receio de que as coisas entre nós estivessem a avançar depressa demais. Não desistiria da relação sem lutar por mim, por isso podia até ignorá-lo, mas se ainda sentisse qualquer coisa por ele, seria melhor para ambos deixá-lo pedir desculpa cara a cara. Como já disse, ele era um bom homem. Se estivesse no lugar dele, teria arrastado o meu nome pela lama, e depois engendraria uma vingança terrível.

Acomodei-me no sofá com uma almofada no colo e o telemóvel prateado aninhado entre as suas pregas. Pus-me a torcer o canto da almofada azul e a olhar fixamente para o aparelho, ordenando-lhe silenciosamente que tocasse. Um comportamento perfeitamente normal para mim nos primeiros três meses de um relacionamento. O que já não era tão normal era sentir a bília a subir-me à garganta. *Qual é a dele? Para quê fazer tudo o que fez no outro dia e depois ignorar-me completamente?*

Sim, o Greg passara o livrinho negro e os números do telemóvel para as minhas mãos, mas isso não impedia outras mulheres de lhe telefonarem, convidarem-no para ir lá a casa, ou iniciarem sexo pelo telefone...

– Para! – gritei eu alto e bom som. – Para, para, para com isso.

Peguei no comando do leitor de vídeo e carreguei num botão para rebobinar a cassete e ver os programas que tinha perdido, mas não aconteceu nada. Olhei para baixo e verifiquei que estava a tentar rebobinar o vídeo com o telemóvel. Como podia eu ter confundido o telemóvel com o comando do leitor de vídeo? Atirei-o pelos ares. Deslizou do braço do cadeirão e foi cair em cima do Scooby Doo, do outro lado da sala. (Admito, tenho bonecos de peluche na cama. O meu nome é Amber Salpone e tenho bonecos de peluche. Mas são sacos para as botijas de água quente. Chamam-se Scooby e Bagpuss. E só os tenho porque costumo ter frio. Muito frio.)

– Não te atrevas a mexer-te – rosnei-lhe eu. – E Deus te livre de tocar.

Comecei a procurar o comando às apalpadelas sem tirar os olhos do ecrã.

Nada. Devia andar a passear, como era costume. Tirei a almofada do colo para poder procurar melhor.

Depois do Sean decidira evitar relacionamentos, transformar-me numa celibatária convicta, porque não precisava daquilo. Não queria passar o tempo todo obcecada por uma determinada pessoa. Tivera uma recaída em setembro, durante o Festival, quando um fotógrafo arrastara a asa para cima de mim na sala de conferências do hotel. Gostei dele e trocámos dois beijos ilícitos na sala de conferências. Convidou-me para jantar depois do Festival, mas recusei o convite. Não estava preparada para enfrentar a angústia, o andar de um lado para o outro sem parar, as náuseas, o medo – era duro para os meus tapetes.

Uma vez tomada a decisão sentira levantar-se-me um peso dos ombros, um nevoeiro a dissipar-se ante os meus olhos, um mar de preocupações a escoar-se do meu cérebro. OK, deixaria de sentir os extremos de emoção, as asperezas da interação humana de quando estava com alguém, mas isso era bom. Era libertador. Sentia-me livre da escravidão de ansiar por um relacionamento ou de, sempre que saía, me perguntar se conheceria alguém interessante. Soltaram-se os grilhões da ansiedade de encontrar alguém que me prendiam os pulsos, os tornozelos, o pescoço e o coração, e sentia-me um milhão de vezes mais leve. Até este preciso momento.

O Greg é que tomara todas as iniciativas. Seduzira-me. Convencera-me a dar-lhe uma oportunidade. E agora estava a fazer de conta que eu não existia. Antes de se ir embora na terça-feira tínhamos falado

vagamente em encontrarmos-nos no fim de semana.

– Eu ligo-te para combinarmos melhor – foram as suas últimas palavras ao dar-me um beijo de despedida. Mas não ligara. Eu podia ligar-lhe, mas porque havia ele de dizer que me ligava se não tinha intenções de o fazer?

Deitada no sofá, enfiei a mão direita por trás das almofadas, dentro da armação do sofá, em busca do comando foragido. Nada. Tentei retirar a mão mas não consegui. *Perfeito. Só me faltava mais esta.* Insisti, sentindo a pressão no pulso, mas a mão não se soltou. Levantei-me e debrucei-me sobre o braço para poder exercer mais força ao puxar. Voltei a tentar. Nicles. Nada feito. A mão não mexia nem um milímetro. Provavelmente estava a inchar.

Pronto, vou ficar aqui presa para o resto da vida. O telemóvel está do outro lado da sala, não posso pedir ajuda. Os vizinhos estão em viagem, por isso de nada me vale gritar por socorro. Vou morrer à sede, e, aaaaai, há a questão da casa de banho. Não devia ter pensado nisso, agora estou com vontade de ir. Estou mesmo apertadinha. Mas que diabo ter...

RING RING! O telefone de casa. Puxei a mão.

O telefone voltou a tocar e eu voltei a puxar a mão, desta vez com mais força. Com tanta força que a mão se soltou, tropecei por cima do sofá e aterrei no chão enquanto o telefone tocava pela terceira vez. Deitada de costas, estendi o braço, peguei no auscultador e encostei-o ao ouvido.

– Está bem, ganhaste, fui o primeiro a ceder – sussurrou o Greg.

Respirando profundamente, e a custo, disse:

– Como?

– Tenho estado à espera de uma chamada tua – sussurrou ele.

– Ah... – respondi eu.

– E então...? – perguntou ele, ainda em voz baixa.

– E então... o quê?

– Porque não me ligaste?

– Quando foste embora na terça-feira disseste que me ligavas.

– Sim, mas achei que te tinha pressionado de mais. Estava na esperança de que me ligasses para ter a certeza de que estavas mesmo interessada – explicou ele, ainda a sussurrar.

– Onde estás? – quis eu saber, perguntando-me porque estaria ele a sussurrar.

– Em casa, a ajudar o Matt a empacotar as tralhas.

– Então porque estás a sussurrar?

– Não quero que o Matt ouça. Tem andado a chatear-me para que

telefone à minha mulher-mistério porque diz que ando impossível de aturar desde a última vez que estive com ela, e eu não queria que adivinhasse que eras tu.

– Desde que não estejas a sussurrar porque tens uma mulher na tua cama...

No silêncio que se seguiu a linha crepitou com eletricidade estática.

– Foi por isso que não me telefonaste? Porque achas que voltei à mesma vida? – perguntou ele por fim.

A forma como o disse fez com que a ideia parecesse completamente disparatada.

– A quantas mulheres fizeste olhinhos nos últimos três dias? – perguntei eu, fugindo à pergunta com um golpe de mestre. – E isso inclui as mulheres que se atiraram a ti e a quem correspondeste.

O Greg hesitou. A seguir hesitou um pouco mais. Depois disso voltou a hesitar.

– Define «fazer olhinhos».

– Muito bem, já sei que és um sedutor incurável. A quantas mulheres deste a impressão de estar interessado em levá-las para a cama, ou pelo menos em beijá-las, nos últimos dias?

Outra pausa.

Senti um aperto no peito.

– Não é fácil deixar velhos hábitos, Amber – disse ele –, mas agora que estamos juntos não vou atender a nenhum desses impulsos.

– OK – respondi eu, de coração apertado. Aquilo ia ser um pesadelo. Eu, paranoica, cega de ciúmes, logo eu, tinha um caso com o homem que, nos últimos cinco anos, mantinha a Durex em funcionamento só à sua conta. Talvez o melhor fosse acabar com tudo já, antes que ele fosse para a cama com outra e eu me visse obrigada a mandar matá-lo.

– Não estou a brincar – disse ele. – Estou a levar isto muito a sério. Quero mesmo tentar. E tu, queres?

Isso, vira o bico ao prego, como se eu é que fosse incapaz de me concentrar numa só pessoa.

– Hum-hum – foi a minha resposta.

Conseguia ouvi-lo a sorrir do outro lado da linha.

– Fixe! Fixe! – guinchou ele, e depois baixou a voz. – Vemo-nos amanhã? Vou buscar-te às onze na carrinha, e depois de ajudarmos o Matt nas mudanças podemos ir à nossa vida. Achas bem?

– Sim – respondi eu.

– Então está combinado. Até amanhã, doçura. *Tchau.*

Ocorreram-me duas coisas enquanto pousava o telefone:

1. Gostava da forma casual e descontraída como o Greg me chamara «doçura». Deslizara-lhe ternamente da língua para os meus ouvidos.
2. Desde quando é que eu me comprometera a ajudar o Matt nas mudanças?

– Ah, põe essa caixa...

A Jen andava às voltas no meio do amplo *hall* da entrada, a produzir vocalizos de indecisão. Enquanto isso, os meus braços começavam a ceder ao peso.

– Ohhh... não sei – admitiu ela. – Matt? Matt!

– O que foi? – exclamou o Matt dos recessos do quarto dela.

– Onde queres que fique esta caixa? – gritou ela.

– Hum... – respondeu ele.

Eu tinha nas mãos um enorme caixote de plástico vermelho com exemplares de um jornal sensacionalista que o Matt fora acumulando ao longo do tempo. Guardava desde os doze anos as edições publicadas no dia do seu aniversário, mais as edições de efemérides como a entrada no novo milénio, o Euro 96 e 2000 e as Taças do Mundo. Além disso (estou certa de que se achava muito esperto) escondera as revistas pornográficas dentro dos jornais. Anedótico? Talvez. Sórdido? Sem dúvida. Descobrira o «plano» dele por acaso, quando um dos jornais caíra do caixote. Voltara a enfiá-lo dentro do seu esconderijo com todo o cuidado, com medo de pegar numa coisa que não sabia onde tinha estado... nem no que teria tocado. Se o Matt gostava de ler pornografia, por mim tudo bem. Se gostava de «usar» as revistas pornográficas, era lá com ele. Mas escondê-las... bem, como já disse, é sórdido. A Jen tem uma mente muito aberta e encara muito bem esse tipo de coisas. Mesmo que o Matt achasse que ela se ia importar, era só uma questão de deitar fora as revistas velhas e comprar outras. Mas provavelmente isso já era muito complicado para ele. *Isso não foi muito simpático da tua parte, pois não, Amber?*

Forcei-me a pensar noutra coisa, procurando ignorar a dor que o caixote, mais pesado do que parecia, me infligia.

Que quarteto tão estrambólico que nós formamos, pensei eu. Era suposto sermos todos muito próximos, mas o Greg andava a amuar pelos cantos, como se o mundo estivesse prestes a acabar só porque o seu melhor amigo ia mudar de casa. Dissesse eu o que dissesse, e por mais que ele fingisse estar contente por eles, estava a um passo de cometer *harakiri*.

O Matt não conhecia a namorada o suficiente para saber que ela não se importava que ele lesse pornografia, por isso contrabandeava-a para dentro de casa.

A Jen ainda não dissera ao Matt que o último namorado com quem vivera, o Tommy, lhe andava a telefonar e a pedir-lhe para se encontrar com ele, e que não lhe dissera que sim, mas também não lhe dissera que não. Seria incapaz de trair o Matt, mas adorava a atenção.

E eu, claro, escondera dela o maior segredo desde o Sean.

– Abram alas – exclamou o Greg, dando-me uma pancadinha ligeira no traseiro com os caixotes que trazia.

– Ainda não decidiram o paradeiro dos jornais, camarada, por isso vais ter de esperar – disse eu por cima do ombro, afetando o sotaque de um homem das mudanças do Sul de Londres.

– Co’ a breca – disse o Greg, imitando o mesmo sotaque sem grande sucesso. – Seria crime botá-los no chão, assim com’ assim?

– Lamento, camarada, a madame diz que não *quer* que lhe risquem o soalho novo.

– Que se lixe esta treta – disse ele. – Ó GRANDALHÃO! VEM CÁ TRATAR DAS TUAS COISAS OU EU E A NÉCTAR VAMOS À NOSSA VIDA.

O visado apareceu como que por magia. Como o Greg o conhecia bem – a ideia de ter de descarregar a carrinha sozinho impedira-o de continuar a organizar os sapatos por data de compra ou qualquer coisa obsessivo-compulsiva do género, mas igualmente importante para ele. O Matt pôs-se vermelho como um tomate quando viu o caixote que eu trazia e quase partia uma perna ao vir a correr para me aliviar do fardo.

– Viva, amigo – disse eu – essa coisa estava a dar-me cabo dos braços. Tenho a certeza de que a ti te acontece o mesmo com o que está nesse caixote.

O Matt corou ainda mais. Exercitei os dedos, procurando restabelecer a circulação.

– Acho que a Amber está a tentar dizer-te qualquer coisa – disse a Jen, deixando-lhe o rosto manchado de batom com um beijo. – Sr. Mandrião.

– ALGUÉM SE IMPORTA QUE OS MEUS BRAÇOS ESTEJAM PRESTES A CAIR? – berrou o Greg de forma tão inesperada que me fez pular de susto.

– Oh, Santo Deus – disse eu, voltando-me para ele e aliviando-o do último caixote da pilha (que quase deixei cair devido ao peso). Não imaginava que o Greg fosse tão forte. Os seus bíceps, expostos sob a *t-shirt* cinzenta, avolumavam-se sob a pele escura e sardenta. O pelo

castanho-escuro dos seus bem modelados antebraços brilhava ligeiramente ao sol inesperado daquele dia de fevereiro. Ergui os olhos para o rosto dele. Tinha alguns cachos negros colados à testa suada. *Caramba, que pedaço de homem*, pensei eu.

Sempre o soubera, mas agora era diferente. O meu corpo, o meu sangue e as minhas hormonas tinham despertado para ele. Durante os três anos em que convivêramos já o considerava atraente; depois tivemos sexo, e foi uma coisa do outro mundo. Mas só naquele preciso momento é que comecei a sentir-me atraída por ele. Independentemente do que se passava entre nós. Era atração pura e simples. Eu desejava aquele homem. Desesperadamente.

Ele observava-me a observá-lo e perguntou-me «O que foi?» com os olhos e com a cara.

Os meus lábios formaram um sorriso contido. Estava tudo bem. Diferente, mas bem.

Com o caixote a pesar-me nos braços, virei-me para o Matt e para a Jen, que estavam agarradinhos aos beijos, com o caixote da pornografia entalado no meio deles.

– Arranjem um quarto de hotel ou mudem-se para a mesma casa, mas despachem-se, porque os meus braços estão a matar-me – disse eu na brincadeira.

Lancei ao Greg um olhar que dizia «Não são fofos?», mas ele já lá não estava. Largara o caixote das cassetes de vídeo sobre o soalho novinho em folha do *hall* da entrada e ia a meio da rampa de acesso, a caminho da carrinha, a coçar a nuca com a palma da mão.

Uma «mudança» mais tarde estirámo-nos todos no enorme sofá de couro, exceto o Greg, que parecia incapaz de se esticar. Se fosse possível personificar a palavra «tenso», ele seria perfeito. Todo ele estava hirto – até os seus cachos de alcaçuz pareciam crispados. Enquanto nós nos esticávamos no sofá, ele permanecia sentado na poltrona, muito direito, preparado para sair a correr a qualquer momento.

A certa altura a Jen levantou-se do sofá, abandonou a divisão e regressou com uma garrafa de champanhe e quatro *flutes*. Passou um copo a cada um e pediu ao Matt para abrir a garrafa.

– Então – disse ela, sentando-se entre mim e o Matt depois de enchermos os copos – vamos fazer um brinde.

Erguemos os copos.

– A um novo começo para mim e para o Matt... e que vocês os dois também possam encontrar alguém especial.

– Saúde! – exclamámos todos, e provámos o champanhe (menos o Greg, que se limitara a erguer o copo).

– Sim, esperemos que vocês os dois também encontrem alguém especial – disse o Matt, lançando ao Greg um olhar de esguelha tão pouco subtil que até o vizinho de cima deve ter topado.

– Já chega, Matt, estou pelos cabelos! – disse a Jen. – Porque é que sempre que eu falo em algum dos dois conhecer alguém especial, tu te pões a olhar para o Greg? E fizeste a mesma coisa na segunda-feira.

– O quê? – replicou o Matt.

O coração saltou-me do peito e alojou-se-me na garganta.

– Eu não sou parva, Matthew. Já reparei nos olhares que lanças ao Greg. Passa-se aqui qualquer coisa, e *eu*, ou melhor – e enfiou o braço no meu – *nós* queremos saber o que é.

Eu sei o que se passa, tentou dizer a minha língua. Cerrei os dentes para a impedir de confessar tudo.

Nesse meio-tempo o Matt adotara a sua atitude de lebre-apanhada-pelos-faróis e fitava o Greg com insistência. O Greg, o único que não parecia incomodado com o ultimato da Jen, encolheu os ombros.

– Conheci uma pessoa.

– Não!! – guinchou a Jen. – Quando? Onde? Como?

– Sim!! – respondeu ele, imitando o tom de voz dela. – Há coisa de uma semana! Em Leeds! No trabalho!

– E... – insistiu a Jen.

O Greg voltou a encolher os ombros.

– Está a correr bem.

A Jen deu ao Matt um piparote nas orelhas.

– Não posso acreditar que não me tenhas contado antes.

– Ele fez-me a prometer que não dizia nada – lamuriou-se ele.

A Jen não escondia o desagrado por ter sido deixada de fora. Voltei a sentir a ânsia de me colocar à sua mercê.

– Como é ela? – perguntou ela.

O Greg respondeu com outro encolher de ombros:

– É uma mulher.

– Vá lá, Walterson! Que mais? Quero pormenores. Como é ela?

– OK. Pormenores – disse ele, com um sorriso que só podia ter sido conjurado pelo próprio Satanás. Ia contar a verdade. Ia contar a verdade e meter-me no maior sarilho de sempre desde que, aos doze anos, parti o Action Man do Eric de propósito. Se aquilo fosse um filme, eu estaria a correr pela sala em câmara lenta a gritar «NÃÃÃÃÃÃÃÕ!!! Naquele preciso momento.

– Tem um aspeto normal...

PERDÃO?! *Vais levar tantas*, disse-lhe eu por telepatia.

– Eh pá, cabelo, dois olhos, nariz, boca. E tem um corpo fenomenal, todo curvas e pele macia...

Está bem, esta parte rescinde a tarefa.

– Tem tudo: é inteligente, divertida, atenciosa, simpática, etc., etc. Não sei. Não posso descrevê-la por palavras sem diminuir o que sinto. É uma mulher completa. Ou talvez... Hipnótica.

Era de mim que ele estava a falar. De mim. Amber Salpone. *Hipnótica*. Passei mentalmente os dedos pela palavra. *Hipnótica*. Agradava-me. Gostava do toque, da essência do que ele dizia.

Tentei engolir o nó que tinha na garganta, em vão. Voltei a engolir em seco e baixei a cabeça para poder reter discretamente as lágrimas que me enchiam os olhos. Que patética que eu era. Ele só tinha dito que... pestanejei com mais força.

– O que a torna diferente de todas as outras que levaste para a cama e depois deixaste a ver navios? – perguntou a Jen, destruindo a atmosfera solene.

O Greg fez um ar magoado.

– Não sei, é diferente. Adoro tudo nela – disse ele. – Tem tudo o que eu sempre quis numa namorada e também tudo o que eu não sabia que precisava.

– Só a conheces há uma semana – zombou a Jen.

– Só comecei a sair com ela há uma semana. Os nossos caminhos já se cruzaram antes, mas só na semana passada é que consegui finalmente despertar-lhe o interesse.

A Jen virou-se para mim.

– Tu sabias disto?

– Só soube, eh... muito recentemente. Há muito, muito pouco tempo.

Não era mentira nenhuma. Só não era toda a verdade.

– Sou literalmente a última a saber – disse ela. Cruzou os braços, afundou-se no sofá e pôs-se a fazer beicinho.

– Ele não me disse que se sentia assim – protestei.

– A mim também não – secundou o Matt.

– Tens um certo jeito para trazer ao de cima o poeta que há dentro dele – acrescentei eu.

– Hummm, talvez. Mas não acredito que se sinta assim depois de uma semana.

– A questão é... – começou o Matt a dizer.

– Não se importam de não falar sobre mim como se eu não estivesse presente, e de parar de agir como se eu fosse incapaz de sentir outra coisa que não lascívia – disparou o Greg. – Gosto imenso dela, mas ainda só passou uma semana. Quero ser discreto, mas fiquem descansados: manter-vos-ei a par de quaisquer desenvolvimentos.

Pousou a *flute* no chão, ao lado dos pés. Não tocara no champanhe nem chegara o copo aos lábios – nem sequer fingia festejar.

– OK – disse ele, saltando da poltrona. – Tenho planos, por isso vou andando. Queres boleia, Amber?

– Não, a Amber janta cá – declarou a Jen.

Aquilo era uma novidade para mim.

– Perdão? – disse eu, virando-me para ela, que corou. Embora estivesse esgotado, o Matt pôs-se imediatamente de pé, a passarinhar pela sala e a reposicionar os objetos em cima da cornija da lareira com um ar muito compenetrado. A fazer de conta que não era com ele.

– Um dos nossos amigos é solteiro – disse a Jen – e é muito, muito simpático, por isso pensámos convidá-lo a vir jantar hoje cá a casa para te conhecer.

Falou como se se tratasse de uma coisa sem importância, como se eu devesse simplesmente acomodar-me aos arranjinhos que ela cozinhava. A ideia só podia ter sido dela: o Matt era o expoente máximo do gene egoísta, estava-se nas tintas para a minha vida amorosa. Não o afetava, por isso não perdia tempo a pensar no assunto.

Já a Jen... Durante o meu celibato voluntário fizera todos os possíveis para me arranjar encontros com alguns dos homens mais horrendos à face do planeta. Quem disser que a aparência não é importante está a mentir. A aparência é importante – caso contrário não passaríamos tanto tempo a aperaltar-nos, a aplicar maquilhagem e a arranjar o cabelo – o que acontece é que todos nos sentimos atraídos por coisas diferentes. Para mim, o tipo de beleza física que poderia levar ao romance encontrava-se inextrincavelmente relacionado com a personalidade de uma pessoa. Com a sua capacidade de comunicar e cativar o meu espírito, a minha imaginação e o meu sentido de humor. De conjurar uma centelha de cumplicidade. Li em qualquer lado que o amor é reconhecermo-nos no outro, e deliciarmo-nos com isso. E era isso que me irritava nos homens com quem a Jen me arranjava encontros: já me conhecia há cerca de doze anos e ainda me achava capaz de pensar sequer em beijar alguém que começa uma piada dizendo: «Havia um inglês, um irlandês e um preto...» Nenhum deles,

absolutamente nenhum, possuía qualquer tipo de potencial com que eu pudesse trabalhar. Eu tentara, juro que tentara, mas ao fim de algum tempo acabei por deixar de fingir qualquer tipo de interesse no que eles pensavam ou diziam. Os encontros às cegas disfarçados de jantares de festa que ela organizava acabavam todos comigo a apanhar uma enorme bebedeira em vez de participar na conversa e a cambalear para casa antes da sobremesa. Depois de, no último jantar, eu ter saído durante o prato principal, ela quase desistira da ideia.

Dito isto, quando ainda insistia em arranjar-me encontros, costumava pelo menos ter a preocupação de me avisar. Não me punha à mesa com um estranho em roupa carregada de suor, com o cabelo encrespado e os músculos doridos.

Senti uns vapores a abater-se sobre o meu corpo, a invadir os meus músculos doridos, a dilatar os vasos sanguíneos do meu cérebro e a acelerar o meu ritmo cardíaco.

Quem diabo é ela para decidir com quem devo sair?

Estava na hora de lhe dizer aquilo que pensava com as letras todas. A minha paciência chegara ao fim no que tocava à Jen e aos seus encontros às cegas. Gritar não fazia parte do repertório de manifestações de raiva da Amber Salpone: o Greg era a única pessoa a quem alguma vez gritara, e isso geralmente após uma operação de salvamento que me enfurecera a ponto de me apetecer chicoteá-lo. Mas nunca gritara à Jen. Estivera a ponto de o fazer numa ou noutra ocasião, claro, mas nunca chegara a tanto. Ao longo dos anos fui-me apercebendo de que, quando alguém lhe gritava, nascia nela uma determinação de aço, um brilho sanguinário nos olhos, que resultava em semanas, senão meses, de represálias implacáveis. Descobri que o sarcasmo e a resposta pronta produziam os melhores resultados. Desta vez, porém, que se lixassem o sarcasmo e a resposta pronta: agora ela ia experimentar a potência dos meus pulmões.

Abri a boca para gritar que era eu a mulher «hipnótica» do Greg; para berrar: *Mereço muito melhor que os idiotas com que te sentes obrigada a emparelhar-me!*

– Não me tinhas dito que te ias encontrar com umas pessoas na cidade? – atalhou o Greg.

– Ai sim? – disse a Jen, surpreendida.

Sim, Jen, eu tenho vida própria, ia eu a dizer.

– Sim. Então toca a andar, Néctar – interrompeu o Greg. – Eu levo-te a casa para poderes pôr-te toda jeitosa. E se não demores muito tempo, depois ainda te deixo onde quiseres.

Pegou-me na mão e puxou-me da cadeira. Depois, levou-me para fora da sala e do apartamento. Pelo caminho dei-me conta que não dissera uma só palavra depois de «Perdão?». O Greg não só poupou à Jen uma grande descompostura, como praticamente levantara a minha mão para lhes dizer adeus.

³ N. da T.: Possível referência a *The Long Night* (1947), obra de referência do *film noir* com Vincent Price. No espaço de uma noite, um homem sitiado pela polícia passa em revista a sequência de acontecimentos que o conduziram até ali.

Capítulo 10

a cláusula da honestidade

– Importas-te se passarmos em minha casa à vinda? – perguntou o Greg quando passámos por Headingley a caminho do meu apartamento. O trânsito parecia ter surgido do nada, e andávamos em para-arranca atrás de um Mini verde há uma eternidade. O silêncio na cabina da carrinha e o meu humor nefasto, resultante do encontro às cegas, não ajudavam o tempo a passar mais depressa.

– Claro, porque havias tu de ser diferente de todos os outros que pretendem mandar na minha vida? – disparei eu.

O meu novo amante inspirou bem fundo e expirou lentamente.

– Agora que o Matt se foi embora podíamos passar lá a noite – continuou ele a dizer, dando a entender que não pretendia ser arrastado para uma disputa que não tinha provocado. – O Rocky foi viajar com a namorada. Temos a casa só para nós.

OK, o Greg não tem culpa que a minha melhor amiga queira arranjar-me um namorado a todo o custo. Não é culpa dele que eu ainda não tenha dito à Jen que enfie os seus encontros às cegas num sítio que eu cá sei, pensei eu de mim para mim.

– Está bem, mas é melhor não passarmos lá a noite. O teu quarto é tóxico.

– Eu dei-lhe uma arrumadela – disse ele – só para o caso de lá ires.

O Greg vivia com o Matt e o Rocky há cerca de dez anos, desde que tinham saído da residência universitária, no segundo ano da faculdade. No fim do curso, os pais do Rocky compraram-lhe a casa, o que significava que o Rocky, os rapazes podiam decorá-la como lhes aprouvesse. O Greg pintara o quarto de branco, colocara nas paredes pósteres de mulheres seminuas, arranjava uma cama de casal e basicamente servia-se do chão para organizar os livros, a roupa, as revistas, os jornais, os sapatos, os vídeos, os DVD, os CD, etc. Já lá tinha estado algumas vezes, e enquanto ele serpenteava pelo meio do caos, eu deixava-me ficar num sítio fixo, com receio de tropeçar em alguma coisa. Uma vez explicara-me que mantinha o quarto naquele estado porque isso afastava as mulheres – nunca se sentiria obrigado a convidá-las uma segunda vez. O seu quarto era o seu palácio, o seu

castelo, o seu santuário, e ele evitava deixá-las passar lá a noite ou mesmo ter relações sexuais porque isso seria dar-lhes um pouco dele. Poderiam levantar-se da cama e passar os dedos pelas prateleiras poeirentas, ver que livros possuía e quais pareciam ter mais uso; poderiam abrir as gavetas, ver onde guardava as calças, as *t-shirts*, como enrolava as meias. O quarto do Greg era uma zona vedada a mulheres, e ele fizera o seu melhor para que assim continuasse. Por isso é que eu sugerira que era melhor não passarmos lá a noite. Estava a dar-lhe uma hipótese de me rejeitar sem ter de me rejeitar.

– Apetece-te comida do *takeaway*? – perguntou o Greg enquanto abria a fechadura de segurança da porta azul da casa. – Ou então posso preparar qualquer coisa. – Introduziu a chave na fechadura Yale.

– Tanto me faz – respondi eu.

– Porque não deixas a mala e o casaco no meu quarto enquanto eu vou buscar umas cervejas para nós?

Atirou as chaves da carrinha para cima da mesinha de madeira que havia atrás da porta e dirigiu-se à cozinha sem me dar sequer um abraço. Não pretendia ser arrastado para nenhuma disputa e, ao que parece, também não pretendia beijar-me.

Subi as escadas íngremes e estreitas, revestidas por uma medonha passadeira azul e vermelha em estampado Paisley que a mãe do Rocky escolhera e que os rapazes não se atreveram a contestar. No andar de cima virei à direita para o quarto do Greg. Quando sortearam os quartos calhara-lhe o maior. Assumi que tinham atirado uma moeda ao ar, mas como eles eram três e uma moeda só tem duas faces... bom, era melhor não pensar muito no assunto.

Ao longo dos últimos anos o Rocky convertera o sótão num quarto para si e a casa de banho passara da cave para o seu antigo quarto. A cave passou então a ser o salão de jogos dos rapazes, com mesa de bilhar, jogo de dardos, mesa de cartas e um pequeno frigorífico só para a cerveja. Outra pessoa teria arrendado o espaço, mas o Rocky, o Greg e o Matt queriam um salão de jogos. Viviam vidas tão masculinas que eu continuava a considerar o facto de conseguirem arranjar namoradas um milagre dos tempos modernos.

Abri a porta do quarto do Greg, parei à entrada, larguei a minha mochila preta, e detive-me, de queixo caído, enquanto tirava o casaco. O Greg arrumara o quarto. O chão estava limpo e desimpedido, os pósteres tinham sido retirados das paredes, e as superfícies estavam polidas. A cama estava feita com lençóis de um branco puro sobre os

quais ele espalhara pétalas de rosas vermelhas e cor-de-rosa. Por todo o quarto, sobre as estantes de livros, ao longo da cornija e em volta da janela havia luzinhas de Natal.

Parecia o cenário de um filme. Trouxe-me à memória aquele momento nas comédias românticas em que o herói conquista o coração de todas as mulheres na assistência ao converter o seu modesto lar numa gruta de duendes ou vender o seu bem mais precioso para poder ficar com a sua amada para todo o sempre. Esse tipo de cenas nunca me convencia. *Que homem perderia o seu tempo a preparar algo tão elaborado*, costumava eu pensar, *quando sabe que a vai levar para a cama à mesma?* Este, ao que parece.

– Gostas? – sussurrou o Greg, aparecendo por trás de mim e envolvendo-me num abraço. A resposta do meu corpo, a manifestação física do meu desejo por ele, não se fez esperar. Ele desenhava círculos lentos no meu abdómen e cada carícia aumentava a intensidade do desejo.

Fiz que sim com a cabeça, incapaz de falar devido ao nó que tinha na garganta. Se ele continuasse assim acabaria por sentir mais que desejo por ele. Muito mais. E isso significaria...

Tens a certeza de que queres levar isto adiante?, perguntei-me. Isto é mais um passo no caminho para o desconhecido. *Tens a certeza de que queres começar desta forma?*

Ali ficámos nós, no quarto das luzinhas mágicas, a rir e a conversar baixinho como um casal num filme – só faltava o lençol estrategicamente colocado. Eu sentia-me tranquila e satisfeita, no quentinho. Ele era como um cobertor fofo de lã que me envolvera. O meu espírito inquieto estava em paz. Não pensava em ir às compras, limpar a casa, trabalho, inscrever-me num ginásio nem em visitar a minha família... estava no aqui e agora.

O Greg fez-me uma carícia tão meiga no rosto que imaginei ser assim o toque da asa de uma borboleta, leve como um sussurro.

- Estás a dormir? – perguntou ele.
- Ainda não – murmurei.
- Queres conversar?
- Mas nós estamos a conversar – disse eu de olhos fechados.
- Estou a falar de conversar sobre... coisas.
- Como por exemplo? – balbuciei eu, sentindo o sono a invadir-me os sentidos.
- Tu sabes tudo sobre o meu passado, mas eu não sei quase nada

sobre o teu. Como, por exemplo, com quantos homens já dormiste.

– Mais de dez, menos de vinte e dois – tartamudeei a resposta-padrão.

– Nem como terminou a tua relação anterior.

– Mmmmm...

– E então? Como acabou a tua última relação? – insistiu ele.

– Hummm – disse eu, num esforço para me concentrar. – Hummm, *Jackie Brown*.

– O quê? – disse ele, atirando pétalas de rosa para o chão ao levantar-se.

Suspirei de impaciência. *Agora* estava bem acordada.

– Está bem. Então diz-me como se chamava o meu último namorado, e eu dir-te-ei como acabou a relação.

– Hum... Lembro-me que uns meses depois de a Jen e o Matt começarem a namorar deixaste de aparecer com a mesma frequência porque tinhas um namorado. E sei que ele não ia lá muito com a minha cara por sermos amigos. Mas nunca cheguei a saber quem ele era.

Não ia lá muito com a tua cara?, pensei eu. *Isso é o mesmo que dizer que o Grand Canyon não passa de uma migalha no deserto.* O Sean odiava o Greg. Não era uma questão de «não gostar» ou «levar a mal» – era ódio sanguíneo, de fazer ranger os dentes. Não sabia que era possível odiar de tal forma alguém que nem sequer conhecemos pessoalmente (à exceção do Tom Cruise, mas isso é diferente), mas o Sean era prova viva disso. Recusava-se a conhecer o Greg, nem mesmo para atribuir um rosto a tanto ódio («Porque haveria eu de querer conhecer esse palerma?») era o estribilho do costume) e ficava de mau-humor sempre que eu ia ter com ele – mesmo que fosse na companhia do Matt e da Jen.

– Pelas mensagens que deixa no atendedor dá para ver que está interessado em ti – queixava-se ele constantemente, por mais que eu lhe dissesse que não estava minimamente interessada nele.

O Greg também não me facilitava as coisas. Certa vez apanhara-me ainda a mudar de roupa em casa da Jen e vislumbrou as minhas costas nuas, e talvez parte do traseiro e da coxa, mas nada mais. Com o senso de humor que o caracteriza, ligou para o meu atendedor de chamadas e pôs-se a cantar «The Thong Song»⁴ (eu não usava fio dental, mas não devia haver canções a dizer «Deixa-me espreitar essas discretas calcinhas pretas»). Inadvertidamente, ouvira a mensagem na presença do Sean e senti o ambiente a arrefecer. Os traços suaves do rosto do

Sean endureceram. Rangia os dentes e tinha uma veia a pulsar no pescoço. Um tipo qualquer a querer ver as cuecas da namorada não era nada engraçado, sobretudo quando ele odiava de morte o tipo em questão. Apressei-me a carregar em «apagar» e eliminei todas as provas de que o Greg pudesse estar interessado na minha roupa interior.

– Se ele te toca, mato-o – disse o Sean naquele tom ameaçador que os *gangsters* d'O *Padrinho* empregavam mesmo antes de sancionar o assassinio de um parente de alguém.

– Mas tu eras meu amigo, era suposto teres mostrado alguma curiosidade – disse eu ao Greg no aqui e agora.

– Eu estava curioso, mas sentia qualquer coisa por ti, por isso não queria saber de ti com outro tipo. Era de mais para mim.

– E porque queres saber agora?

– És minha namorada, agora aguento – replicou ele. Depois acrescentou baixinho – acho eu.

– Temos mesmo de falar sobre isto agora? – perguntei eu.

– Sim. Diz-me só como acabou e não se fala mais no assunto.

Soltei um suspiro.

– Já te disse: *Jackie Brown*.

– É alguém que tu conheces?

– Não. O filme. Aquele absurdo nojento do Quentin Tarantino que dá pelo nome de *Jackie Brown* – sibilei eu. Calei-me, à espera de que os céus se abatessem sobre mim. – Uau! Disse mal de um filme do Tarantino e o mundo não acabou.

O Greg fez uma expressão desanimada.

– Mas o *Pulp Fiction*...

– Tinha uma cena de violação horrenda que era perfeitamente desnecessária – interrompi para não ter de ouvir uma tese sobre a maravilhosa pós-modernidade do filme.

Ouvira todos os elogios da obra, quer de leigos, quer de pessoas da indústria, e nenhum deles me conseguira convencer de que Tarantino ou o seu filme eram geniais. Lá porque uma coisa era pós-moderna, não queria dizer que não fosse uma porcaria.

– Toda a gente acha que lá porque se é novo e se gosta de cinema, tem de se idolatrar o Tarantino. Bem, o Sean – aquele namorado de que não querias ouvir falar porque sentias qualquer coisa por mim – achava que o Tarantino era um deus e que o *Jackie Brown* era o equivalente ao Santo Graal. E até aqui tudo bem. Toda a gente tem direito à sua opinião, mesmo que esteja errada. Mas eu tinha dito ao

Sean o que pensava, por isso, quando um belo dia ele chegou a minha casa com o filme, perdi as estribeiras e disse-lhe para não o aproximar do meu leitor de vídeo. Ele, por sua vez, passou-se, e quando acabou a diatribe contra mim eu era o Anticristo, era uma porcaria na cama e estava destinada a ficar sozinha para sempre. E foi assim que acabou a minha relação com o Sean, por causa do *Jackie Brown*.

– E não tentaram fazer as pazes?

– Depois disso nunca mais falámos.

– O quê? Nunca mais?

– Nunca mais.

– Achas que ele utilizou o filme como pretexto para romper contigo?

– Para ser sincera, prefiro não pensar muito no assunto, sobretudo por ser uma razão tão estúpida para romper com alguém.

– Então que dirias se ele te quisesse de volta?

– Acabámos há dezoito meses. Se ele me quisesse de volta, já teria dito qualquer coisa.

– Sim, mas vamos supor que ele o tivesse feito.

– Ele n...

– Eu quero saber.

Preparava-me para lhe atirar a resposta sarcástica, a que normalmente reservava para o Greg, o meu compincha, quando vi a sua expressão sob o reflexo das luzes de Natal a brilhar-lhe nos olhos. Estava preocupado. Percebi de repente que estava genuinamente assustado. Talvez tivesse medo de não conseguir competir com alguém do meu passado. Talvez temesse a ideia de o Sean poder ser O Homem Que Eu Deixara Escapar. Fosse como fosse, estava assustado. Não era uma emoção que eu associasse ao Greg no que dizia respeito às mulheres, mas ali estava ela. Estava assustado, e eu não queria piorar as coisas com sarcasmos. Além disso este era o Greg, o meu namorado, e só bestas sádicas é que brincam com as emoções dos namorados.

– Eu diria: «Volta para a *Jackie Brown*, rapazote».

O corpo dele relaxou.

– Anda cá – sussurrou ele, puxando-me para si e apertando os lábios contra a minha testa. Deu-me um beijo na boca antes de voltar a aninhar-se nas almofadas e fechar os olhos. Era tudo o que precisava de ouvir – que eu não suspirava por algo do passado.

Fiquei a ouvir a respiração dele, que ia abrandando à medida que adormecia. O seu abraço afrouxou-se ligeiramente quando finalmente sucumbiu ao sono.

Eu é que já não tinha sono. Estava bem acordada. As luzinhas de Natal ainda estavam ligadas. *Como posso sair daqui sem o acordar para as desligar antes de adormecer? Adormecer? Como se eu pudesse adormecer agora*, pensei eu. *Quem me dera que o Greg não me tivesse feito falar. Porque tinha ele de falar no Sean? Estava tudo tão perfeito, e ele tinha logo de vir falar no Sean, e obrigar-me a, bom, não digo mentir, mentir. Antes, economizar na verdade.*

O Greg seria incapaz de lidar com a verdade. Foi a pensar nele que omiti alguns pormenores sobre o Sean e eu. Eram pormenores relevantes, mas fi-lo por ele. Para o proteger. Já sei, queixo-me de mais. Mas foi melhor assim.

⁴ N. da T.: Em português, «a canção do fio dental».

«quando compra um chocolate
está a adquirir um novo
melhor amigo»

Capítulo 11

o problema de ir a Cannes

– Não vou, e pronto.

– Ai isso é que vais!

Ouvi a Martha e a Renée da outra ponta do corredor. Na verdade, assim que saí do elevador, ouvi o sotaque Yorkshire da Martha a «explicar» que esta não estava recetiva à sugestão da Renée, e o sotaque francês com um toque de Yorkshire da Renée a tentar «persuadir» a Martha a aceitá-la. Rodei sobre os calcanhares para voltar a entrar no elevador.

Infelizmente, as portas fecharam-se na minha cara.

Senti o coração a cair-me aos pés enquanto me aproximava do escritório. Não precisava de um calendário para saber que altura do ano era aquela. Começara a contenda anual sobre quem iria a Cannes.

– Não faz parte das minhas obrigações profissionais. Sou a administradora – gritou a Martha como uma adolescente a dizer aos pais que sairia com quem bem lhe apetecesse. – O meu papel é tratar da contabilidade, dirigir o escritório, dizer-te que filmes é que estão ao alcance do nosso orçamento e quanto podemos gastar na brochura. Em parte nenhuma do meu contrato está escrito que tenho de ir a Cannes.

Estão a ver?

Abrandei o passo.

– O teu contrato diz que tens de cumprir quaisquer outras tarefas de que sejas incumbida – respondeu a Renée no tom de uma mãe a dizer à filha que, enquanto vivessem sob o mesmo teto, teria de lhe obedecer.

Parei junto do escritório a seguir ao nosso para que nenhuma delas me pudesse ver. Sabe Deus o que os funcionários dos outros dois escritórios daquele andar pensavam da gritaria constante que emanava do nosso.

Eu odiava discussões, mesmo de um ângulo voyeurista. Ou melhor, *sobretudo* de um ângulo voyeurista. Faziam-me regressar à infância, ao que uma discussão significava. Não suportava ouvir vozes alteradas, trocas desnecessárias de insultos, palavras mordazes. Ficava sempre à

espera daquele insulto que levaria as coisas longe de mais, da palavra que faria com que alguém perdesse as estribeiras...

A Renée adorava discutir. Na minha opinião só contratara a Martha porque ela tinha «anda cá, se tens coragem» escrito na testa, e eu não lhe dava a luta que ela desejava. Quando a Renée desatava a berrar comigo, eu não dizia nada até ela se calar. Não dizia nada quando ela se calava. O meu plano básico de ação consistia em esperar que lhe passasse o mau humor, o que acabava por acontecer mais tarde ou mais cedo.

Já a Martha... A Martha tinha a agressividade de um galo de combate. Trabalhava no WYIFF há cerca de vinte e um meses e não passara um único mês sem que houvesse algum tipo de frente a frente entre ela e a Renée em que uma delas acirrava a outra, provocando uma guerra enorme. Quando elas começavam, era meu dever fazê-las parar. Acalmá-las, fazer o papel de amiga e confidente, assegurar-lhes que ambas tinham razão, concordar que a outra era uma cabra que merecia que lhe arrancassem o cabelo pelas raízes e distribuir chá e biscoitos. Isto eram as grandes guerras, mas havia escaramuças todas as semanas. A Martha chegara a discutir com a Renée durante o período de três meses em que estive à experiência, o que para mim era inconcebível. Começamos a trabalhar num emprego novo, em que podemos ser despedidos de um dia para o outro, e que fazemos? Insultamos o chefe a cada oportunidade, claro. Seja como for, conseguiu o emprego, por isso resultou, pelo menos para ela.

Encostei-me à parede e comecei a roer a unha do polegar.

Para ser sincera, aquela discussão não acontecia só entre elas – acontecia todos os anos desde que me envolvera na organização do Festival, há onze anos.

O Festival de Cinema de Cannes (ou simplesmente Cannes, para as pessoas do meio) parecia um evento tão glamoroso que, quando começávamos a trabalhar no WYIFF, não percebíamos o porquê de ninguém lá querer ir. Era uma oportunidade para ver de perto todos aqueles atores, argumentistas e realizadores. Às vezes até ficávamos na mesma fotografia que o Denzel Washington ou a Susan Sarandon. Era a grande vantagem de trabalhar para a indústria cinematográfica, não?

Porém, quando finalmente íamos... Bom, vejamos as coisas desta forma: no primeiro ano em que fui a Cannes, levei na mala óculos escuros e roupa de verão, um argumento e um livro para ler, mais um guia para visitar os pontos de interesse nas horas vagas...

Depressa descobri que não se tratava apenas de conferências de imprensa, estreias e passear pela Riviera, a dar-me ares de importante. Eram nove dias infernais sem dormir, a lamber botas e a receber insultos (*Festival de Cinema de West-quê?*). Tínhamos de assistir a tantas estreias quantas fosse possível, muitas delas fora de horas, e fazer conversa com pessoas que nunca tinham ouvido falar de West Yorkshire e não faziam quaisquer intenções de vir ao nosso Festival.

Ainda por cima tínhamos de apresentar relatórios pelo telefone para que no escritório pudessem atualizar a *newsletter* do Festival, que tinha três edições durante o festival de Cannes, em vez da habitual edição quinzenal. Mas isso era antes da Internet. Agora, com o *website*, tínhamos de telefonar assim que acontecesse qualquer coisa vagamente interessante, para que este pudesse ser atualizado diariamente ou mesmo de hora a hora (quem disse que a Internet nos veio facilitar a vida?)

No primeiro ano quase nem pus os olhos no quarto do hotel. Tinha de competir com o Festival de Cinema de Londres (do qual as pessoas já tinham ouvido falar) e, ao apresentar o relatório por telefone, mal conseguia formar frases.

Viera o caminho todo do aeroporto até casa a chorar de pura exaustão, uma exaustão que me tolhia os sentidos e todos os músculos do corpo. Até os vasos sanguíneos pareciam comprimidos pelo cansaço. Pior: sabia que seria incapaz de dormir, de tão cansada que estava, e só a ideia levava-me às lágrimas. O condutor do táxi perguntou-me o que eu tinha, esperando ouvir-me dizer que o meu namorado rompera comigo, mas eu respondera, entre soluços:

– Estou tão cansada!

O homem olhou para mim como quem diz: «Só isso?» e eu assenti, com um ar desamparado.

Desde que eu começara a trabalhar no Festival a tempo inteiro começáramos, informalmente, a ir à vez, e como eu tinha ido no ano anterior, informalmente era a vez da Renée – razão pela qual ela estava formalmente a tentar atirar a responsabilidade para cima da Martha.

Eu entendia as razões da Martha: aquilo não fazia parte das suas obrigações profissionais. Na realidade, não fazia parte do seu estilo de vida. Ela apreciava a sua existência pacata com o namorado, os desentendimentos com a Renée e os ralhetes que nos passava quando excedíamos o orçamento. Durante o Festival fazia horas extraordinárias e esforçava-se ao máximo, mas sempre em território

familiar. Era competente no que fazia e tinha uma rede de apoio à sua volta (outro dos meus talentos era perceber quando ela estava prestes a esmurrar alguém por este ser insolente e intervir). Não se tornara administradora para andar a lamber botas.

Quando chegara para a entrevista de emprego trazia uma camisa branca e uma saia preta travada. Tinha cabelo castanho pelos ombros, com risco ao lado, e empunhava uma mala de executivo. Soube de imediato que era chocolate com avelãs e frutos secos: um produto de confiança, que gostamos de ter sempre à mão, e que é parte integrante da nossa lista de doces favoritos. Pensávamos sempre nela quando íamos dar uma festa ou quando precisávamos de alguém com quem falar. Era desprestenciosa, como o chocolate em questão, e doce, como as passas no seu interior. No entanto, possuía avelãs em excesso, as partes duras que não esperávamos encontrar quando relaxávamos, aquelas que podiam partir-nos um dente, se não tivéssemos cuidado. Descobríamo-lo num instante, porque com a Martha não havia fingimentos.

A Martha gostava da vida que levava e nenhum ajuntamento de estrelas internacionais iria mudar isso.

Não obstante, com a Renée naquele estado, poderíamos acabar com um incidente diplomático em mãos se fosse ela a ir. Já estava a imaginar a coisa: alguém do Festival de Cinema de Londres chega primeiro à Julia Roberts e a Renée saca de um facalhão estilo *Atração Fatal* e desata a esfaquear gente de forma indiscriminada. A única alternativa era ir eu. E isso não ia acontecer.

– Ouço-vos do outro lado do corredor – disse eu, entrando no escritório num passo enérgico e assertivo que contradizia o pânico interior que me avassalava. Já estava habituada a meter-me no meio delas quando a coisa explodia, mas estava morta de medo. – O que se passa?

– O que se passa é que me recuso a ir a Cannes – disse a Martha, e cruzou os braços. Assunto encerrado.

– Fui mais vezes a Cannes que qualquer outra pessoa e estou farta – disse a Renée, e cruzou os braços. Assunto definitivamente encerrado.

Olhei de uma para a outra.

– Vou pôr a chaleira ao lume – disse eu, largando a mala e o casaco em cima da minha secretária.

Eu é que não vou, pensei eu enquanto enchia a chaleira de água. Noutras circunstâncias, sim, oferecer-me-ia para ir. Já não seria a primeira vez. Dois anos antes fora porque além da Martha tínhamos

uma assistente e andavam todas a gritar que não iam. Fiquei ali sentada a ouvi-las até já não poder mais. Já tinha ido no ano anterior a esse, mas levantei-me e disse:

– Eu vou. Não tenho nada pendente, posso ir eu.

E assim foi. Tornei a chorar no caminho do aeroporto até casa. Apanhara o mesmo táxi que da primeira vez. O taxista olhou para mim como quem dizia «Cansada?» e eu voltei a assentir, com o mesmo ar desamparado.

O Sean, com quem namorava na época, ficara muito aborrecido, pois sabia que não era a minha vez.

– Elas aproveitam-se de ti, e tu deixas – resmungou ele, e passou a noite a amuar. Como é natural, ficou contentíssimo quando, na manhã em que regressei, tive de atravessar a cidade para ir tirar o Greg da prisão.

Como já disse, noutras circunstâncias oferecer-me-ia para ir, mas este ano tinha o Greg e não queria deixá-lo. Muito menos durante uma semana inteira. Por essa altura estaríamos a cumprir três meses de namoro e eu não queria ter de o deixar.

O problema não seria sentir a falta dele – o que não deixaria de acontecer – eu... bom, não queria dar-lhe a oportunidade de encontrar outra pessoa. Passar nove dias em Cannes equivalia a deixá-lo rodeado de mulheres sensuais e seguras de si, habituadas a conseguir o que querem, durante quase onze dias. Onze dias sem passar a noite comigo nem falar comigo ao telefone até altas horas da noite. No fim, teria uma úlcera do tamanho do Nebraska e só me restariam uns tufos de cabelo depois de o ter arrancado quase todo, levada pela frustração. Basicamente, não ia acontecer.

– OK – disse eu, regressando ao escritório com um chá para a Martha e um café para a Renée. – Alguém tem de ir a Cannes – continuei, instalando uma cadeira entre a Martha e a secretária da Renée. A Martha olhava fixamente pela janela, de braços cruzados, numa atitude de teimosia. A Renée também olhava pela janela, com os braços igualmente cruzados.

– Sei que foste a que mais vezes foi, Renée, pois começaste a ir ainda antes de seres Diretora do Festival. Por isso, sim, levas-nos aí uns seis anos de avanço.

Comecei a ouvir a Martha a ranger os dentes. A louca preparava-se para me partir a boca.

– Mas também sei, Martha, que não faz parte das tuas obrigações profissionais e sei que odeias todas aquelas manobras de negociação

diplomática e teres de estabelecer contactos. Mas alguém tem de ir.

É aqui que eu normalmente digo «Portanto, vou eu». Virei-me para a Renée. O meu coração começou a martelar-me no peito. Se não fizesse aquilo como devia ser, aquele iMac seria atirado pela janela, e eu seguiria o mesmo destino.

– E se lebares o teu marido contigo, Renée?

– Não temos orçamento para isso – disse a Martha.

Vaca atrevida. Se não te pões a pau, invento já aqui uma reunião com patrocinadores e depois, desenrasca-te.

– O que eu quero dizer é, porque não levas o teu marido e fazem umas miniférias? Ele é guionista, já escreveu para a *newsletter* e para o *website* e vocês podiam dividir as projeções e os eventos. Talvez até o ajudasse a arranjar financiamento para o próximo guião. Estou certa de que o orçamento dá para um quarto duplo por nove dias. E depois, no fim, podes ir a Paris visitar a tua família, ou assim. Podes tirar três semanas de férias. Três semanas. De férias. Em França. O país onde nasceste...

Não havia computadores a voar pelos ares. Ainda.

– E podemos reservar um quarto duplo? – acabou a Renée por perguntar.

A Martha, administradora de excelência com sabor a avelãs e frutos secos, preparava-se para protestar. Via-se-lho na expressão facial. Ergui-lhe uma sobrancelha que dizia: *«Escolhe. Ou revemos o orçamento ou vais tu a Cannes.»*

– Sim, podes reservar um quarto duplo – acedeu ela.

– E tu dizes ao Josh que tem de ir às projeções? – perguntou-me a Renée. Como se já não o dominasse com punho de ferro.

– Sim – respondi –, eu falo com o Josh. Passo-lhe todas as indicações por escrito, está bem?

A atmosfera no escritório ficou tensa de expectativa. Ambas sustínhamos a respiração, à espera da decisão dela. Estava propositadamente a prolongar o momento. Era especialista em tensão dramática e não diria que sim nem que não sem primeiro nos fazer sofrer um bocado.

– Está bem, eu vou – concordou finalmente.

A Martha relaxou e eu quase deixei escapar um suspiro de alívio. Se a Renée não tivesse concordado em ir, teria havido guerra aberta no escritório, porque eu recusar-me-ia terminantemente. Até àquele momento ainda não me apercebera de que as minhas prioridades se tinham alterado. Dei-me conta de algo importante, não só relacionado

com o Greg, mas também comigo própria. Comigo e com o meu recém-encontrado estatuto de estrela.

Muitas vezes tinha a sensação de que a minha vida era como um filme. Com tantas peripécias – a esquadra da polícia, os quartos de hotel, estrelas de cinema a ligarem-me para casa e para o trabalho – dava mesmo um filme. No entanto, na versão cinematográfica da minha vida, eu não passava de uma das estrelas secundárias. A minha existência estava anexada a outras histórias, por isso, ainda que da história da minha vida se tratasse, outras pessoas desempenhavam papéis bem mais importantes e, conseqüentemente, faturavam muito mais. Primeiro vinham os meus pais e o seu casamento espetacular. Depois, o meu irmão e o seu comportamento inacreditável. Depois vinha a Jen.

Desde que a conhecesse, sempre vivera à sombra da Jen. Ela era uma autêntica estrela de cinema: loira, esguia e de tez clara. O tipo de mulher que conseguia os papéis principais e recebia cachês iguais aos de atrizes como a Jennifer Aniston e a Cameron Diaz. Já eu... bom, eu não. Ela vivia os dramas de uma protagonista de um filme. Eu não. Era demasiado ajuizada para isso.

Não me sentia inferior à Jen. Eu tinha o meu charme, o meu encanto. Sabia ser atraente e *sexy*, mas... Vejamos a coisa desta forma: como sou uma mulher atraente, se entrasse num bar e me sentasse à espera da Jen, no espaço de poucos minutos era abordada por um homem que me oferecia uma bebida, metia conversa e tentava sacar o meu número de telefone, mas assim que a Jen entrava no bar ele perdia todo o interesse em mim. Arregalava muito os olhos enquanto ela se aproximava e se sentava à mesa. Babava-se, arfava e quase me espezinhava até à morte para chegar junto dela. A Jen não dava cavaco a estes homens, e geralmente dizia-lhes para se porem a andar com um sorriso nos lábios. No entanto, quando ela estava por perto, eu tornava-me invisível. Mesmo que a história seja a nossa, é difícil não nos sentirmos como estrelas secundárias quando temos ao nosso lado a Jennifer Aniston de Leeds.

Com o Greg, tudo mudara. De repente eu era uma estrela.

Ele fazia com que me sentisse o centro das atenções. O centro do mundo.

Estava sempre a fazer perguntas e queria saber tudo, como se procurasse uma entrada para o meu coração, tentando abri-lo como se faz a uma ostra teimosa. Não lhe bastava perguntar o que eu pensava

sobre isto ou aquilo: tinha de saber o porquê; de onde vinha aquela forma de pensar; o que me fazia pensar assim. Sempre pensara da mesma forma? Também queria saber mais sobre mim, sobre os meus sentimentos, os meus sonhos. Como no outro dia. Estávamos no banho e ele estava a ensaboar-me as costas com a esponja cheia de espuma, em movimentos lentos. (Insistia em tomar banho comigo. À noite, punha um banho a correr antes de nos irmos deitar e enfiava-me na banheira à força. Cheguei a perguntar-lhe se cheirava mal e se aquela era a sua maneira de me dar a entender. Fulminou-me com os olhos e respondeu: «Só tu para pensar assim. Não, querida, é porque gosto de tomar banho contigo.»)

– Conta-me os teus sonhos – disse ele.

– Não tenho nenhum – respondi eu.

– Não me venhas com essa. Alguém que pensa tanto como tu deve ter imensos sonhos.

Perguntei-me se devia confessar-lhe a verdade. Estava sempre a dizer às pessoas que o meu sonho era ser Diretora do Festival, mandar em tudo. Era o que esperavam ouvir. Na verdade o meu sonho, o meu grande sonho, era muito diferente. Deveria contá-lo ao Greg? Agora as coisas eram diferentes. Além de amigo, era também meu namorado. Seria de supor que partilhássemos os nossos sonhos íntimos, as nossas esperanças e os nossos medos com quem nos é assim tão próximo. Pelo menos assim julgava eu. Não era dada a partilhar intimidades nem com amigos, nem com amigas. Nem a Jen sabia daquele meu sonho.

– Eu conto-te, mas aí de ti se te ris – disse eu, por fim.

– Claro que não.

– Se eu pudesse fazer o que quisesse, ou ser o que quisesse e a realidade e a questão do dinheiro não fossem entraves, adorava ser realizadora de cinema. Adorava escrever um argumento e levá-lo ao grande ecrã. Sempre quis saber qual seria a sensação de estar sentada numa sala de cinema e ver algo que escrevera e realizara.

A resposta dele foi o silêncio. *Tal como pensei, um sonho maluco e irrealista, não devia ter falado no assunto. Tê-lo contado em voz alta. A ninguém.*

– Por favor não contes a ninguém, é tudo o que te peço – apressei-me a acrescentar. – Não contes a ninguém, mas, se não conseguires evitá-lo, não faças pouco de mim.

– Como? Oh, confundiste o meu silêncio com zombaria. Não. Estava aqui a pensar por que razão, tendo tu tantos contactos, não fazes nada

por isso. Já escreveste algum argumento?

– Já, mas, oh, é um daqueles sonhos impossíveis que toda a gente tem – repliquei. Decidi mudar de assunto antes que ele decidisse fazer mais perguntas e descobrisse até onde fora para concretizar aquele sonho.

– E tu? Quais são os teus sonhos?

– Tu já sabes quais são.

– Ah, sim, queres trabalhar nos Estados Unidos. Porque não arriskas? Praticamente criaram a vaga de Diretor do Suplemento do *Sunday Chronicle* para te reterem lá. Ir para os Estados Unidos parece-me o caminho mais lógico a seguir.

– Talvez, mas neste momento tenho um enorme incentivo para ficar.

– Qual? Estás à espera de alguma promoção? Ainda não me tinhas dito.

– Não, Senhora Perspicaz, o incentivo és tu.

– Ah... pois.

– Levanta – disse ele. Pegou-me na mão, ergueu-a e passou-me a esponja pelo braço esquerdo, cobrindo-me de espuma a pele morena. Depois fez o mesmo ao outro braço. Cada toque da esponja suave, mas firme. Terno e demorado.

– Esse foi um daqueles momentos decisivos, em que me contive em nome da nossa amizade – disse ele. – Quando disseste aos bófiás que eu queria ir trabalhar para os Estados Unidos percebi como eras importante para mim, pois lembraste-te de uma coisa que eu só tinha mencionado de passagem. Quando saímos da esquadra tinhas um ar tão fofo e cansado que me apeteceu abraçar-te. Pensei: «Quero beijá-la. Quero *beijá-la*. Mas somos amigos e há limites.» Além disso, tu não serias capaz de trair aquele tipo.

– O Sean – lembrei eu.

– Sim, esse.

– Quiseste beijar-me nessa altura? – perguntei eu, incrédula. *Aquilo passara-se há dois anos.*

– Sim, claro. Há anos que te queria levar para a cama porque, bom, sou um gajo e tu és uma mulher bonita. O facto de não sentires qualquer atração por mim só tornava as coisas ainda mais interessantes. A maioria das mulheres entraria no jogo da sedução mesmo que não estivesse interessada, mas tu recusavas-te a jogar, e isso só fazia com que te desejasse ainda mais. Mas naquele dia na rua só quis beijar-te. Beijar-te e abraçar-te. Pensei estar apanhadinho por ti, mas depois, pensando melhor, cheguei à conclusão de que

provavelmente era só gratidão por me teres tirado de uma situação complicada.

– És tão romântico.

– Eu sei. Levanta.

E depois de toda aquela atenção, ainda tive direito a sexo. Do melhor.

Era impossível inventar uma vida assim tão boa. Nem mesmo para um filme. Com a vida a correr-me tão bem, porque iria eu a Cannes quando nem sequer era a minha vez?

Dei uma voltinha vitoriosa na cadeira rotativa enquanto o computador arrancava.

– Qual é o motivo de tanta felicidade? – perguntou a Martha com um ar desconfiado.

Encolhi os ombros.

– Nenhum – respondi, sorridente. – Todos.

O rosto perfeitamente maquilhado da Renée assumiu uma expressão carrancuda.

– Estás drogada? – perguntou ela.

Abanei a cabeça.

– Não.

As outras duas trocaram olhares de perplexidade.

– É que hoje está um dia maravilhoso.

A vida é maravilhosa.

Capítulo 12

crime à hora do almoço

A Jen partiu um canto da sanduíche que pedira e colocou-o na boca enquanto eu pegava na minha, de atum, e começava a trincá-la. O recheio cremoso de atum, maionese e queijo invadiu-me o palato. Um pouco de molho escorreu-me pelo canto da boca e lambi-o antes de limpar o resto com o guardanapo. A Jen, entretanto, pegou no guardanapo dela e passou-o nos cantos da sua boca livre de migalhas e molho.

Estávamos no Yate's, mesmo ao virar da esquina da estação dos comboios. Era lá que costumávamos encontrar-nos para almoçar antes de irmos às compras. O *pub* possuía mobília de madeira escura e uma atmosfera sombria, um papel de parede antiquado e alcatifas às flores. O fumo e o cheiro do tabaco eram constantes, mas eu gostava do sítio. Era confortável e relaxante. Familiar. E era onde faziam as melhores sanduíches de atum.

– E então, como vai isso? – perguntou a Jen.

Há séculos que não fazíamos aquilo. Não punha os olhos na Jen desde que o Matt se mudara para casa dela, há quatro semanas. Quatro semanas. A Jen cancelara as últimas quatro noites de terça-feira alegando ter montanhas de trabalho. Agora que o Matt desistira do futebol, já não me ligava aos sábados de manhã. Se eu lhe telefonasse, ninguém atendia – mesmo quando o Matt estava em Paris. Calculei que fosse por não ter alinhado no último encontro às cegas que ela me arranjava. Fora a primeira vez que a desafiara nesse capítulo. Perguntara-lhe se estava aborrecida comigo e jurara-me a pés juntos que não.

– Devias ter sido a advogada de defesa do Clinton – interrompi eu após cinco minutos a ouvi-la negar que estava zangada comigo. – Fazia-lhe jeito alguém tão bom como tu a negar as evidências.

Ela desviara o assunto.

Naquele sábado aguardava com expectativa uma tarde a passear pelas lojas como costumávamos fazer. Ir às compras com a Jen era uma atividade tão completa que provavelmente poderíamos lecionar um curso noturno sobre o assunto. Depois do almoço, costumávamos

ir ao BHS, do outro lado da rua. A seguir, subíamos até ao Bond Street Centre e no caminho passávamos na Virgin para comprar CD, DVD ou vídeos. Às vezes arrastava-a até à loja de fotografia ali perto para namorar as velhas câmaras de vídeo de 16 mm. Depois entrávamos no Bond Street Centre, íamos a todas as lojas de roupa e parávamos para um café e bolo. A seguir íamos a Albion Place, onde se concentravam as outras lojas de roupa, E tomávamos outra vez café com bolo antes de nos encontrarmos com o Matt e, quando eu saía com o Sean, com ele para uns copos e jantar. Durante o último ano o Greg ocupara o lugar do Sean.

Dito isto, a Jen não vestira propriamente o nosso uniforme das compras, composto por calças de ganga, camisola e sapatilhas. Trazia umas calças justas em bege e uma camisola de gola num castanho-dourado que tinha todo o aspeto de ser de caxemira. À semelhança de inúmeras celebridades que vira em Cannes, os seus óculos ao estilo Jackie O mantinham o cabelo louro afastado do rosto (era um dia frio e nebuloso de março, mas vamos ignorar esse facto). Observando-a com atenção, apercebi-me de que mais que nunca a Jen parecia uma versão da Jennifer Aniston. Também irradiava aquele brilho ultrassaudável típico da maioria das estrelas de Hollywood que vira de perto. Muitas vezes pensava que aquele aspeto saudável não podia ser natural, já que costumava andar a par com a magreza extrema, mas ali estava a Jen, a irradiar saúde: cabelo como a seda, maçãs do rosto ligeiramente coradas, olhos brilhantes. Viver com o namorado parecia estar a fazer maravilhas por ela.

– Está bem. Estás com um aspeto magnífico – disse-lhe eu.

– Sinto-me magnificamente bem. Viver com o Matt é maravilhoso. Não me lembro de me sentir tão feliz. É o melhor companheiro que já tive.

– Ohhh, estou tão feliz por ti – disse eu, com uma nota de sarcasmo na voz. Vivera comigo durante quatro anos e com ele, uns quatro minutos. E fui eu que passei todos aqueles anos a limpar o que ela sujava, porque era mais fácil que obrigá-la a fazê-lo e aturar-lhe o amuo durante uma semana – não estava a ver o Matt a apanhar-lhe as cuecas do chão da casa de banho nem a sacudir unhas cortadas do sofá.

A Jen partiu mais um pequeno pedaço da sua sanduíche e enfiou-o na boca com o indicador e o polegar. Pegou no guardanapo e voltou a passá-lo nos cantos da boca livres de migalhas. Estava a comer uma sanduíche de atum simples, sem manteiga nem maionese, em pão

integral com alface, tomate e pepino, acompanhada de um sumo de laranja. Senti-me uma lontra estúpida quando pedi a minha sanduíche de molho de atum com queijo derretido e uma cerveja.

Para cúmulo, estava a debicar a sanduíche. Sentia-me boçal a trincar a minha sanduíche e a mastigar como as pessoas normais. Baixei a sanduíche, comecei a mastigar mais devagar e, disfarçadamente, verifiquei a parte da frente da camisola. Felizmente não havia migalhas no meu *top* com um padrão de girassóis nem salpicos de queijo derretido e maionese.

– Tens visto o Greg? – perguntou ela a despropósito. Não tirava os olhos da sanduíche, o que significava que estava a observar-me às escondidas. Remexeu-se na cadeira e passou o dedo indicador pela borda do copo, descrevendo um círculo.

Seria uma pergunta armadilhada? A estratégia de não olhar diretamente para mim mas estudar os meus movimentos pelo canto do olho era uma forma clássica de me apanhar a mentir. Teria suspeitas? Embora não quiséssemos apressar as coisas, eu e o Greg estivéramos juntos praticamente todas as... OK, todas as noites nos últimos quinze dias.

– Estive com ele há uns dias – repliquei, sendo que há uns dias significava na noite anterior. E, claro, naquela manhã, em que teve de ser ele a levar-me até ao centro da cidade porque estava sempre a arrastar-me para a cama para se aproveitar de mim. – Porquê?

– Ele anda muito esquisito – disse ela, endireitando o guardanapo de modo a ficar perpendicular à beira da mesa.

– Esquisito, como? – Por acaso até o achava menos esquisito. Menos reservado, mais aberto. Agora que não tinha histórias de proezas sexuais para me contar, passava mais tempo a falar de outras coisas. Também não me tinha dado conta, até começarmos a namorar como deve ser, de como o comportamento promíscuo dele e a forma como tratava as mulheres que seduzia me irritavam. Sentia-me culpada de trair o sexo feminino por não tentar reeducá-lo, por querer salvá-lo, por simplesmente o ouvir.

– Deixou de ir lá a casa – continuou a Jen. – A última vez que o vimos foi quando o Matt se mudou para lá.

Senti o meu corpo a retesar-se involuntariamente. O dia em que o Matt fora viver com ela fora também o último em que vira a Jen, a minha melhor amiga de sempre, mas esse facto não parecia incomodá-la. Na verdade, nem sequer mencionou estar aborrecida por ter perdido as nossas noites de terça-feira.

– Talvez ande ocupado com a namorada nova – disse eu.
– É mais do que isso. Nunca nos liga, não aparece por lá, nunca fala ao telefone por muito tempo. É como se nos odiasse ou qualquer coisa do género – queixou-se ela.

– Claro que não.

– O Matt sente muito a falta dele, e eu também.

– Não te apoquentes – disse eu. Não me apercebera de que o Greg se tinha distanciado tanto deles. Seria eu uma distração, uma desculpa para evitar os outros dois? Não era descabido de todo. Ele e o Matt costumavam sair juntos, apanhar grandes bebedeiras e ter profundas conversas de homem para homem, mas tanto quanto eu sabia não se viam desde que começámos a namorar. *E se ele não passa tanto tempo comigo por não se cansar da minha companhia, mas porque precisa de um escape?*, pensei eu. A honestidade levava-me a admitir que passava tanto tempo com o Greg porque a Jen deixara de aparecer. A arrogância levava-me a não querer admitir que o Greg pudesse estar a fazer precisamente o mesmo.

Bip, bip, soou um telemóvel, interrompendo os meus pensamentos. Pegámos ambas nas malas e verificámos os telemóveis. Era eu que tinha recebido uma mensagem.

– Desculpa – disse-lhe eu. – Deixa-me só ler isto.

A mensagem era do «Peck». (Um *nickname* que eu arranjara ao Greg, que dava uns certos ares de jovem Gregory Peck quando estava sério e composto. O facto de estar sempre a cometer «pecadilhos» era outro fator.) Carreguei nas teclas apropriadas e a mensagem apareceu no ecrã. Dizia:

Quero lambe-te da cabeça aos pés. Peck bjs

Sorri ao sentir uns arrepios de desejo na pele.

– De quem é? – perguntou a Jen, esticando o pescoço por cima da mesa para espreitar o ecrã do telemóvel – provavelmente o meu sorriso libidinoso deixara bem claro que não se tratava de uma mensagem qualquer.

– Oh, um amigo – disse eu com indiferença e desloquei o telemóvel para que ela não a pudesse ler. – Importas-te se responder rapidamente? – perguntei eu, carregando na respetiva tecla.

– É uma falta de educação, estamos a almoçar.

Isto da mulher que é capaz de passar meia hora ao telefone com o namorado quando estamos as duas num bar.

Apaguei a mensagem e enfiiei o telemóvel dentro da mala.

– Que ia eu a dizer? Ah, sim, sinto falta do Greg. A forma como desapareceu é... bom, preocupa-me.

Pus-me a brincar com a minha sanduíche enquanto a ouvia a perorar sobre o Greg. *Mas afinal quem és tu?*, pensei cá comigo. *Não és aquele chocolate invulgar com recheio de champanhe. Pareces mais um daqueles bombons manhosos com recheio de café que ficam sempre para último na caixa dos sortidos.*

Em setembro passado, há coisa de cinco, seis meses, fora acordada a um sábado de manhã ao raiar da aurora pelo telefone. O Festival terminara duas semanas antes e eu aproveitava todos os momentos disponíveis para recuperar as horas de sono que perdera nas semanas anteriores. Mesmo a dormir, sabia que aquilo não eram horas para se telefonar a ninguém. Mesmo assim estiquei o braço, arrastei o auscultador para debaixo dos cobertores e resmunguei:

– Alô...

Em vez de um olá, ouvi uma respiração entrecortada do outro lado da linha, seguida de:

– Oh, céus, Ambs.

A Jen. Depois desatou a chorar.

Endireitei-me na cama, com o coração a cem à hora.

– Está tudo bem, meu amor – disse eu com meiguice. – Diz-me qual é o problema e eu ajudo-te no que puder.

Os soluços abrandaram até que finalmente titubeou:

– Gr-r-ráv-i-da.

– Estou a caminho – declarei, afastando os cobertores.

Chamei um táxi enquanto enfiava uma roupa, artigos de cosmética e a escova de dentes num *necessaire*. Puxei o cabelo para trás e prendi-o com um lenço. Verifiquei ao espelho se tinha remela nos olhos ou baba na cara. Não, miraculosamente limpa. Estava a enfiar o meu sobretudo preto quando o táxi lá fora apitou.

Pelo caminho não parava de dizer a mim própria para não entrar em pânico. Não era a primeira vez que aquilo acontecia. Quer durante os tempos da universidade, quer depois, a Jen convencera-se várias vezes de que estava grávida e afinal tudo não passara de um alarme falso. Naquele dia, porém, algo na voz dela me disse que me preparasse para o pior. Desta vez era diferente. Algo me dizia... Não, não, *vai correr tudo bem*, dizia eu para comigo.

A Jen veio atender a porta em pijama. O rosto era uma confusão de

manchas, tinha os olhos vermelhos e inchados e marcas de lágrimas secas nas maçãs do rosto. Passei-lhe um braço à volta dos ombros e levei-a até à sala.

– Tens a certeza? – perguntei, entregando-lhe uns lenços da caixa que estava em cima do aparador da sala.

– Estou atrasada. Muito atrasada. Quase dois meses.

– Fizeste algum teste? – quis eu saber.

Ela abanou a cabeça.

– Mas eu nunca tenho atrasos destes, sabes bem disso. Nunca. Pensei que era do *stress*, ou por ter saudades do Matt, que ultimamente passa tanto tempo em viagem, mas não. Continuo atrasada.

– Mas vocês tomam precauções, não tomam?

A Jen não podia tomar a pílula devido ao historial de trombozes na família, por isso ela e o Matt eram cuidadosos. Muito cuidadosos.

– Foi um descuido – disse ela entre soluços. – Entusiásmamo-nos uma vez... Ele vai matar-me. Vai dar-me com os pés e depois vai matar-me.

– Não vai nada – disse eu, mas era difícil parecer convincente porque, ao mesmo tempo que o dizia, sabia que ele era bem capaz de o fazer. O Matt era assim. – Além disso, primeiro terá de passar por mim.

A Jen apertou as palmas das mãos contra os olhos.

– Oh, Ambs, que grande trapalhada. Ele não vai querer este bebé. Quando descobrir vai ficar doido. Vai dar cabo de mim. Não quero perdê-lo. Amo-o. Não queria que isto acontecesse.

– Ter um bebé não é nenhuma tragédia – declarei, tentando racionalizar a questão. – Bem vistas as coisas, quer seja planeado, quer não, um bebé é sempre uma coisa boa. É uma vida. E a vida é uma coisa boa.

Ela ergueu a cabeça de repente e fulminou-me com os seus olhos azul-topázio.

– Tu não percebes mesmo, pois não?! – guinchou ela. Isto vai ser o nosso fim. Ele não quer filhos. Nunca quis. Fez questão de mo dizer desde o primeiro momento. Sempre me disse que não queria ter filhos.

Então que faça uma vasectomia, pensei eu de mim para comigo. *Mas tu queres filhos.*

– OK, antes de começarmos a falar em absolutos, tens de fazer um teste. Depois preocupamo-nos com a reação dele e com o que fazer a seguir. Sim, porque ele não tem de chegar a saber de nada. Faças tu o que fizeres, se quiseses terminar a gravidez eu estarei a teu lado. Para

o que der e vier.

Ela fez um aceno de cabeça, absorta.

– Porém – continuei eu em tom animado – não posso defender-te sem sabermos primeiro de quê. Por isso põe a chaleira ao lume enquanto eu vou à farmácia comprar-te um teste.

Ela voltou a acenar.

– Mas antes, é melhor tomar um banho e vestir-me.

Olhou para mim com um ar baralhado. Abri o sobretudo, revelando o pijama azul. Ela desatou a rir, o que aliviou momentaneamente a tensão.

O farmacêutico olhou-me de forma estranha quando coloquei no balcão à sua frente a minha seleção de testes de gravidez.

– Não precisa disso tudo – declarou ele.

– Não são para mim, são para uma amiga – disse eu. Depois percebi que aquilo não soara lá muito bem e acrescentei:

– Não, a sério, são para uma amiga.

– O que eu quero dizer é que – disse ele, endireitando os óculos encavalitados em cima do nariz adunco, pouco interessado em saber para quem se destinavam – os *kits* modernos são extremamente fiáveis.

– Não há nada como uma segunda opinião – repliquei eu.

– Olhe que não são baratos – acrescentou ele.

– Quando precisamos de ter a certeza, o resto não importa – disse eu.

O homem abanou a cabeça. Era óbvio que não era a primeira vez que tinha aquela conversa. Passou os artigos no *scanner* e virou-se para mim.

– Sessenta e duas libras e quarenta e cinco cêntimos, se faz favor.

Como disse?! Isto é uma prestação da casa; um par de botas até aos joelhos; duas semanas de compras para a casa. É muito dinheiro. Abri a carteira e olhei com angústia para o meu cartão Multibanco antes de lho entregar.

De regresso ao apartamento a Jen, que passara de pálida a translúcida, estava à beira de um ataque de histeria.

E se ela estiver grávida?, perguntei-me enquanto ela corria para a casa de banho para ir vomitar. *Que diabo vamos nós fazer?*

Quando saiu da casa de banho ainda tremia.

– Proponho o seguinte – disse eu, – eu faço também um teste, para termos a certeza de que os testes são fiáveis.

– Não sei o que faria sem ti – disse ela.

Catorze testes de gravidez depois, sentámo-nos a olhar para os

indicadores dos vários pauzinhos brancos, alinhados à nossa frente no linóleo marmoreado.

– Não podem estar todos errados – disse eu quando o silêncio à nossa volta estagnou e uma de nós tinha de dizer qualquer coisa.

A Jen rebentou a chorar, num pranto sonoro, com grossas lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto e a pingarem-lhe da ponta do nariz. Parecia impossível que ainda tivesse líquidos dentro de si depois de tamanha choradeira.

Quase me juntei a ela enquanto o meu ritmo cardíaco voltava ao normal. *Oh, graças a Deus*, não parava eu de pensar. *Graças a Deus*. Uma e outra vez. Depois senti-me mal. Como dissera à Jen, uma vida nova é uma coisa fantástica, mas estava aliviada por ela não estar grávida. Assim diziam todos os catorze testes. O que eu fizera revelava que também não estava grávida, mas isso não era nenhuma novidade.

– Deve ter sido. Podia jurar que estava com seis semanas de atraso.

– Tinhas dito dois meses.

– Sim, eu sei. É desde o último período, não é? É assim que se calcula, não é?

– Não, é quanto tempo passou desde a data em que era suposto teres menstruado. Pelo menos era assim que eu faria. Porque é isso que significa estar atrasado, sabes? Deve chegar num determinado dia, por isso se não chega, está *atrasado*.

– Ah – foi a resposta da Jen.

– Sendo assim, estava atrasado ou não?

– Não sei. Tenho períodos muito irregulares. Não conseguia lembrar-me do último. Mas sabia que não tinha tido mais nenhum desde que nos descuidámos.

– Suponho que é de andar sempre em sobressalto se se tem sexo sem proteção. Mas não vai voltar a acontecer, pois não? – disse eu. *Não vais voltar a fazer-me o mesmo*. A julgar pelas vezes que aquilo já acontecera, estatisticamente, no próximo susto a gravidez confirmar-se-ia.

– Nem pensar. Não aguento outra destas. Vou passar a ter mais cuidado com as datas.

– E usem contraceptivos, sempre.

– Sim, isso também. Se bem que... depois daquilo que disseste sobre uma nova vida ser uma coisa boa, eu convenci-me de que estava grávida e de que seria capaz de criar um bebé.

– Hum-hum – respondi. Nestas situações, quando a Jen dizia «eu»,

era um «eu» plural, como em «eu, a Jen, e a Amber». E aqui o eu singular, a Amber, sabia que ela teria passado nove meses em negação e depois ter-me-ia enfiado a criança nos braços para que cuidasse eu dela. Por isso é que «eu, a Jen» se sentia capaz de criar o bebé: porque «eu, a Amber» era uma extensão dela e arcaria com todo o trabalho. A ironia é que ela era uma professora primária.

– A propósito, Ambs, não ias visitar os teus pais este fim de semana?

– Sim.

No caminho para a farmácia ligara à minha mãe a dizer-lhe que só iria no dia seguinte e que regressaria a Leeds segunda-feira de manhã. Ela não tinha ficado lá muito contente, mas que podia eu fazer? A Jen precisava de mim. Éramos assim, sempre ali uma para a outra. Razão pela qual compreendia, embora não aceitasse, os ciúmes do Matt. Púnhamo-nos sempre uma à outra em primeiro lugar e ele sabia que não podia competir com isso.

Pus-me a brincar com um fio de queijo derretido enquanto pensava em como o Matt devia estar exultante naquele momento. Nas danças da vitória que não faria. Esta não era a minha Jen. Quase não a via, e mal falávamos. Estava diferente. Aquilo era exatamente o que o Matt queria. Aposto que sempre que a Jen deixava a divisão ele corria de um lado para o outro com os braços no ar, aplaudindo silenciosamente por ela estar a afastar-se cada vez mais de mim.

Outra afetação de Hollywood, para além dos óculos escuros no cabelo, se apossara da Jen: deu-me um beijo em cada face e um abraço rápido antes de dizer:

– Até à próxima, querida.

(Se alguma afetação de Hollywood se justificasse, não deveria vir da minha parte? A mulher que lidara com primadonas do cinema durante quase toda a sua vida profissional? Hã? Hã?)

– Hum-hum – repliquei eu.

A nossa tarde de compras fora cancelada porque ela e o Matt iam a Doncaster visitar uns amigos.

– Tenho de me despachar, querida, desculpa.

Porque não me avisaste antes, pelo telefone?, perguntei eu com o olhar. *Porque me arrastei eu até ao centro da cidade para uma hora de conversa absurda?*

Porque ela queria saber do Greg, respondeu uma vozinha dentro de mim.

Talvez lhe devesse ter contado tudo. Talvez devesse ter dito: *O Greg*

queria ir a Ilkley, passear na zona dos pântanos, mas eu disse-lhe que não porque vinha ter contigo. Por isso, ele pode até andar a evitar-vos, mas a mim não. Não anda a evitar-me porque é meu namorado. Sim, ouviste bem, o Greg é meu namorado.

Fiquei à porta do Yate's a vê-la afastar-se, bamboleante nos seus novos sapatos Prada (só sabia porque a Renée tinha um par exatamente igual e deixara a Martha experimentá-lo, que era o mais próximo de usar uns Prada a que eu e a Martha algum dia chegaríamos) e mais uma vez me perguntei com quem teria eu almoçado. Aquela mulher podia parecer-se com a minha melhor amiga, mas não se comportava nada como ela.

Atravessei a rua, dirigindo-me ao Bond Street Centre. Já que ali estava, faria o que viera fazer: comprar roupa. Ou melhor, fantasiar que gastava montes de dinheiro em roupa. Mas o entusiasmo desvanecera-se. Fantasiar um dia de compras não tem o mesmo sabor quando fantasiamos sozinhos. Eu queria passear por ali e conversar com a Jen, experimentar roupa que não podíamos pagar e comer bolo de chocolate com ela. Podia recrutar o Greg, mas não era a mesma coisa. Ele não era a Jen. Fazia uma boa imitação dela, no seu papel de amigo mais íntimo, mas na hora da verdade, não podia substituí-la. Uma coisa era certa: tão cedo não conseguiria levá-la para a cama. Não conseguia convencê-la a ir comigo às compras, quanto mais a dormir comigo.

A Jen era a derradeira namorada. Uma vez que se tornasse namorada de alguém, entregava-se ao papel de corpo e alma. Enquanto não tivessem uma discussão eu ficaria no banco dos suplentes. Nessa altura, voltaria a precisar de mim. Quando o Matt viajasse para Paris, voltaria a precisar de mim. Agora que vivia com aquele quadrado de caramelo as coisas só poderiam piorar. Estava a metamorfosear-se, a transformar-se na ideia que o Matt tinha de uma namorada perfeita. Nada de sapatilhas, agora só sapatos Prada. Nada de calças de estilo militar, agora só calças justas de cor bege. Nada de *t-shirts* malucas, agora só camisolas de caxemira.

Parei à entrada da Virgin e olhei para a ferida aberta por onde as pessoas entravam e saíam. Não, nem pensar em entrar. Sozinha, teria um ataque de claustrofobia. Não era tão mau estar acompanhada numa loja cheia de gente. Segui em frente pela rua acima.

Talvez fosse só dor de cotovelo por, num só mês, a Jen se ter transformado numa pessoa adulta enquanto a mim, provavelmente, teriam de remover-me cirurgicamente das minhas sapatilhas e das

minhas calças de estilo militar. Mas que diabo, a Jen tinha-me atraído. Deixara-se levar para o lado ultrafeminino pela tentação maléfica de parecer uma menina crescidinha e receber o respeito que o estatuto pedia.

Seja como for, ponderei eu enquanto marchava em direção ao Bond Street Centre, *não é só uma questão de aparência*. A Jen estava diferente. Mal tocara na sanduíche, deixara quase tudo no prato; parecia agitada, não mostrando nenhuma da sua antiga serenidade meditativa. Não ouvira uma palavra do que eu dissera. Fizera-me lembrar um pouco a mãe. Estive com ela uma ou duas vezes e era o tipo de pessoa que tinha de ser o centro das atenções. Inquieta, a remexer em tudo e a interromper qualquer conversa de que não fizesse parte. Estar com a mãe da Jen era cansativo.

Passei o Bond Street Centre e segui até Albion Place, no coração da cidade.

Não era nada fraterno da minha parte pensar assim. Que rica amiga que eu era. Se me sentia insultada quando a Jen dizia que eu era como o Matt, compará-la com a mãe era uma daquelas coisas imperdoáveis, sem remissão possível. Além disso, não era suposto gostarmos incondicionalmente dos nossos melhores amigos? Eu estava a ser péssima. Desleal. Por isso é que tinha seguido para Albion Place: havia mais pessoas por entre as quais me esconder. Podia perder-me na multidão e fingir que não estava a pensar aquelas coisas sobre a Jen.

O meu telemóvel tocou, bem lá no fundo da mala. Parei. As pessoas soltavam interjeições de desagrado e viam-se obrigadas a contornar-me enquanto eu revirava o conteúdo da mala. Finalmente encontrei-o. Prendi um caracol atrás da orelha antes de atender.

– Estás sozinha? – perguntou o Greg.

Olhei para as pessoas nas suas compras de sábado, apressadas, a atropelar-se à minha volta.

– Não propriamente.

– A Jen está contigo?

– Neste momento, não. – Não ia dizer-lhe que a minha melhor amiga me tinha deixado plantada. Era demasiado humilhante.

– Ficaste aborrecida comigo? – perguntou ele.

– Não, porquê? – respondi eu. Recomecei a caminhar, a mover-me por entre os transeuntes como num bailado complexo, em que nos circunavegávamos sem registar a presença uns dos outros.

– Não respondeste à minha mensagem. Pensei que te tinha aborrecido.

– Porque é que queres lambe-me da cabeça aos pés me havia de aborrecer? Não, estava a meio de uma conversa com a Jen.

– Ah, está bem. – Não parecia chateado. Nem convencido.

– Está tudo bem, Peck. Não estou aborrecida contigo.

– Tinha receio de que a Jen dissesse cobras e lagartos de mim porque não os tenho visto.

– Sim, ela falou nisso. Mas ninguém te obriga a estar com eles se não quiseres. Por falar nisso, ela teve de... eh... ir não sei aonde. Uma miniemergência qualquer. Ainda podemos ir a Ilkley, se quiseres.

O Greg adorava caminhadas. Nunca conheci outro ser humano que gostasse tanto de caminhar. Tinha carro, mas ia a pé para quase todo o lado. Quando dormia em casa tinha o hábito de ir a pé para o trabalho. Chegara a sugerir que começássemos a ir juntos para o trabalho a pé de Horsforth. «Podes tirar daí as ideias», respondera-lhe eu. E agora íamos passar o resto do dia a andar por aí.

– A sério? – perguntou ele.

– A sério. – *Maluquinho das caminhadas.*

– Fantástico! Não que a Jen tenha tido de ir embora. Isso é péssimo. Mas é ótimo podermos ir a Ilkley. Apanho-te junto à estação dos comboios daqui a um quarto de hora.

– Está bem – disse eu. Dei meia volta e regressei pelo mesmo caminho por onde viera. – Ah, traz-me outra camisola. Acho que vou precisar dela lá nos pântanos. Até já.

Desliguei a chamada e enfiei o telemóvel dentro da mala.

Então o Greg andava a evitar a Jen e o Matt de propósito. E ainda estava por explicar a forma estranha como se comportara no dia da mudança do Matt... Não era preciso ser um génio para perceber que se passava ali qualquer coisa.

Capítulo 13

ícones

A chávena de chá perfeita é muito forte, de cor dourada, de preferência com a saqueta de chá ainda lá dentro. Contém uma dose generosa de leite e meia colher de chá de açúcar. Foi uma chávena de chá assim que a Renée colocou entre mim e o teclado do computador.

«A Renée colocou» e «chávena de chá perfeita». Duas orações que nunca esperei encontrar na mesma frase. E lá estava ela a servir à Martha um chá fraco, com leite.

– Oh, esqueci-me dos biscoitos – disse ela –, vou dar um saltinho ali à loja.

E saiu, empunhando a sua mala preta de couro. Eu não proferira uma única palavra desde que a Renée dissera: «Quem quer uma chávena de chá antes de começarmos esta reunião?»

Respondera-lhe com um aceno de cabeça, tal como a Martha. Pensei que fosse comprar o chá. Não que alguma vez o tivesse feito. Quando a vi atravessar o escritório, saindo para o corredor, e entrar na cozinha ao virar da esquina, olhei de esguelha para a Martha – e dei com ela a olhar para mim exatamente da mesma forma. A Renée nunca nos comprava chá e nunca, em toda a história do WYIFF, *preparara* uma única chávena de chá que fosse. Se alguém me desafiasse, era capaz de apostar dinheiro em como ela não sabia onde era a pequena cozinha que havia no nosso piso. Apostaria todas as minhas poupanças, o apartamento e um ano de salários em como ela ignorava como eu gostava do meu chá. Mas ali estava ele, prova de que estava atenta quando eu pedia à Martha «Não sejas forreta com as saquetas.» de cada vez que ela se dirigia à chaleira, e quando a Martha gritava: «Nada de deixar cozer o chá!» quando era a minha vez.

Assim que a Renée saiu a Martha girou na sua cadeira azul e arrastou-a até junto de mim.

– Antes, o comportamento da Renée irritava-me; agora, tenho medo. Muito, muito medo.

– Eu também – respondi eu.

– Parece uma daquelas pessoas que vemos nos noticiários que começam por ter um ar estranho, depois fazem-se muito simpáticas e

depois atacam as ruas com armas semi-automáticas.

É sempre bom verificarmos que existe alguém com mais pendor para o drama que nós, contudo, nesta instância, tinha de concordar com a Martha: ultimamente a Renée oscilava tanto entre normal e anjo vingador que as semi-automáticas não deviam andar longe.

– Hum-hum – foi a minha resposta.

– Bom, esquece isso. Agora conta-me: como vão as coisas com o Greg?

Observei-a com um ar esfíngico. Não lhe contara nada. Não contara nada a ninguém. Estávamos juntos há seis semanas e não tinha contado a vivalma. Por muito alucinante que o sexo fosse. O que, diga-se de passagem, era. Na minha cabeça estava constantemente a gabar-me de como o sexo com ele era uma coisa do outro mundo. Não que antes não tivesse tido sexo. O Sean não fora um amante incompetente, nem a maioria dos outros, mas com o Greg era pura e simplesmente melhor. A princípio pensei que era por ele ser muito «experiente», mas depois da noite das pétalas de rosa na cama percebi que era porque me soltava com ele. Não queria saber se tinha o cabelo em pé; não tentava aplanar a barriga contraindo os abdominais. Com o Greg sentia-me completamente à vontade. Ao contrário de outros homens, que tivera de aprender a conhecer no plano sexual, emocional e mental, o Greg já levava algum avanço.

Passáramos três anos sentados no meu apartamento, na casa dele, em bares, restaurantes, autocarros, comboios, só a conversar... o que significava, como é óbvio, que tínhamos de compensar três anos de sexo em atraso no menor espaço de tempo possível. Às vezes ficávamos tão envolvidos um com o outro que nem jantávamos. No Mundo da Amber, se havia um acontecimento altamente improvável, era perder uma refeição por causa de sexo. Queria muito contar tudo aquilo a alguém. Queria. Não o tinha feito.

Como a Martha sabia, não fazia ideia. Eu não tinha nenhum diário; não enviava e-mails picantes do escritório; não deixara na secretária nada que pudesse incriminar-me.

Mantive uma expressão neutra ao dizer:

– O Greg? A que te referes?

– O tipo complicado com quem tu foste para a cama é o Greg, não é?

– Eh...

– Não vale a pena negar – disse ela. – Disseste que era complicado e o Greg é o único tipo com quem tu ainda falas que vem com

complicações. Não quiseste dizer-me quem era porque sabes que não posso com ele. Tens o aspeto radiante de alguém que goza de sexo com regularidade. Mas, pior de tudo, ultimamente uma em cada duas palavras que te saem da boca é «Greg».

Esubugalhei muito os olhos e tapei a boca com a mão.

– Sou assim tão óbvia? – disse eu por entre os dedos.

– És. Mas abençoado seja, nunca te vi tão contente.

– Mal posso acreditar que tu adivinhaste – disse eu.

A Martha sorriu e bateu com um dedo no seu nariz aquilino.

– Farejo um bom romance à distância.

– Biscoitos! Não tinha a certeza de quais é que vocês gostam por isso comprei de várias qualidades.

A Martha e eu ficámos estáticas. Teria a Renée dado em psicopata no tempo de ir à loja e regressar? Agora estava toda melosa, mas os berros e a matança podiam começar a qualquer instante.

De um saco branco de aspeto frágil começou a tirar bolachas integrais simples e com chocolate de leite, bolacha Maria, biscoitos recheados com creme de baunilha, biscoitos de passas, biscoitos de manteiga e bolinhos fofos com recheio de doce de laranja e cobertura de chocolate. Colocou as embalagens uma a uma em cima da minha secretária e a seguir foi buscar o chá dela e arrastou-se até junto de mim na cadeira.

– O que é que eu perdi? – perguntou ela, espreitando por detrás da chávena com uns olhos castanhos maquilhados na perfeição, vivos de curiosidade, e uma expressão de entusiasmo e expectativa no rosto. Naquele momento a Renée quase podia passar por uma do grupo.

– A Amber anda a dormir com o melhor amigo do namorado da melhor amiga – explicou a Martha ao mais recente membro do nosso gangue. – Tu sabes – pausa dramática – o *Greg*.

Disse o nome dele como se fosse um palavrão muito feio. Imagino que ao longo dos últimos dois anos o Greg se tenha tornado sinónimo dos piores palavrões, não só por ser muito mulherengo como pela forma reprovável como se comportava com as mulheres que seduzia.

– Fantástico! – exclamou a Renée. Pousou a chávena e bateu as palmas com o que só pode ser descrito como júbilo. Se para mim saltar uma refeição por causa de sexo era altamente improvável, ver a Renée a exprimir júbilo era mítico.

– Eu sabia que a transformação dela tinha a ver com um homem.

– Transformação? Que transformação? – perguntei eu.

– Estás outra. Primeiro foi aquilo com a estúpida da jornalista. Não,

não, começou no dia em que não tinhas visto aqueles filmes no fim de semana. Conheço-te há anos e nunca tinhas feito nada assim. Depois foi a forma como mentiste à jornalista. Mas foi a cena de Cannes que lançou luz sobre o assunto. Normalmente tentas acabar com a discussão, mas desta vez não.

Até a Renée tinha reparado.

– Bom, mas conta-me... não, conta-*nos* tudo.

Olhei de uma para a outra. Ambas me observavam com grande expectativa. Com um público assim tão interessado, não pude resistir...

O bom humor no escritório durou cerca de seis horas. Quando chegou às oito e meia e ainda estávamos reunidas a tentar encontrar a imagem certa para o Festival deste ano, sem solução à vista, já nem podíamos olhar umas para as outras. As embalagens de biscoitos estavam no centro da mesa de reuniões, em vários estados de depredação. Os bolinhos fofos com recheio de doce de laranja e cobertura de chocolate tinham sido os primeiros a desaparecer, seguidos de perto pelas bolachas integrais com chocolate de leite. Nos outros mal tínhamos tocado. Quanto mais tempo passava, no entanto, mais apetecíveis nos pareciam os biscoitos secos de passas polvilhados com açúcar.

A Martha pousara a testa na mesa e os seus caracóis castanhos espalhavam-se sobre as anotações. A Renée estava encostada para trás na cadeira a roer a base da caneta. Eu tinha os pés em cima da mesa e observava o nosso reflexo na janela escurecida.

Este ano a Renée dera-me a honra de dirigir o Festival: arranjar um tema para o evento, elaborar o programa, decidir que celebridades e realizadores convidar. Eu pensara numa variedade de temas e finalmente decidi-me por um: ícones. Ícones do cinema, do passado, do presente e do futuro. O mote oficial era «O que é feito dos grandes ícones do cinema?» Isto dar-nos-ia espaço de manobra para convidar diversos tipos de celebridades. As nossas discussões intelectuais centrar-se-iam em coisas tais como a a razão das estrelas de cinema terem deixado de ser os maiores ícones da sociedade; o que significava tornar-se um ícone; poderiam os próprios filmes tornar-se icónicos? A coisa parecia bem encaminhada para se tornar algo digno da própria Renée – caso alguma vez conseguíssemos encontrar a imagem certa para a capa da brochura.

Tínhamos pensado na Audrey em *Boneca de Luxo*, mas para além da

brochura ainda tínhamos os pôsteres, os folhetos e os cartões postais e os custos de *copyright* e reprodução seriam proibitivos, como a Martha fizera notar. O que nos obrigava a levar a cabo a nossa própria sessão fotográfica. Mas nunca conseguiríamos alguém tão único como a Audrey. Achei que devíamos ser um pouco mais arrojadas. Encher um sofá com sósias de ícones, da Audrey ao Sidney Poitier, do James Dean à Halle Berry, todos recostados a comer pipocas e a ver televisão.

– Isso não tem *glamour* nenhum – dissera a Renée, obliterando a minha ideia com cinco palavras. – Nós vendemos *glamour*. – Acrescentou as outras três para o caso de eu não ter percebido o significado das primeiras.

Nenhuma das ideias na mesa agradava a todas ao mesmo tempo. Mais uma vez contive um grito. Já devia estar no bar com a Jen, o Matt e o Greg. Era o aniversário do Matt e tínhamos combinado ir beber uns copos.

– Qual era o problema do tema da sósia da Audrey? – perguntei eu à Renée. – É uma imagem que toda a gente reconhece instantaneamente.

– Se voltas a falar no assunto, dou cabo de ti – declarou ela sem olhar para mim.

Não se fala mais no assunto.

– Gosto da ideia do sofá – resmungou a Martha da posição em que estava, com a cara encostada à mesa.

– Há duas horas detestava-la – lembrei-lhe.

– Pensei que a seguir íamos para casa – disse ela.

– Não seria suficientemente glamoroso – disse eu, parodiando a Renée. – Nós vendemos *glamour*.

A Martha ergueu um braço.

– Vês quantos dedos tenho levantados? – perguntou ela. – É o tempo em segundos em que pensei na tua resposta.

Estava a mostrar-me o dedo médio.

– Não queiram ver-me virada do avesso, vocês as duas. Depois arrependem-se – ameaçou a Renée.

Ohhh, pensei eu, que medo.

A Renée era uma trufa de chocolate com licor de *brandy*, feita com genuíno *brandy* francês. Cheia de classe por dentro e por fora. De chocolate negro, puro e macio. Amargo no exterior e coberto de cacau em pó. Uma vez que a trincássemos, porém, o recheio surpreendia-nos. Era suave, quente. Aquecia-nos a garganta, depois o esófago, e

depois o estômago. Uma vez que ficasse a conhecer-nos, esta trufa de licor de *brandy* não representava uma ameaça. O *brandy* tinha o seu quê de desafio, mas na realidade era meiga e amorosa. Uma verdadeira trufa de *brandy* nunca se esquece – o seu sabor inusitado fica-nos cravado na memória – e por mais que se tentasse, era impossível esquecer a Renée.

Naquele momento, no entanto, a Renée era chocolate verde. Não me refiro a chocolate com bolor, mas sim a chocolate O Incrível Hulk.

– Não me irrite, não queiram provar a minha ir...

– Chocolate! – exclamei eu.

A Martha levantou a cabeça, esperançada; a Renée parou de roer a caneta.

– Continua – disse esta última.

– Bom, chocolate e não só. Podíamos mostrar um ecrã de cinema com a antiga bobina da contagem decrescente no vinte e um, por ser o vigésimo primeiro Festival de Cinema. E uma mulher com um daqueles tabuleiros antigos para vender cigarros que elas costumavam trazer ao pescoço. O público podia ser os nossos ícones do cinema: a Marilyn e o Bogart, o Chaplin e a Audrey e o James Dean. E, e... podíamos ter também ícones modernos como a Halle Berry, o Exterminador Implacável, o Keanu em *Matrix* e o Will Smith em *Homens de Negro*. Para variar um pouco, podíamos pedir a um ilustrador para o fazer em vez de usarmos fotografias, e assim evitávamos a preocupação de arranjar bons sócias. Mas a mulher que está em destaque, em vez de vender cigarros e sorvetes, vende chocolates. Chocolates com o logótipo do WYIFF.

– Não, chocolates a dizer «Star Bars» – disse a Renée.

– Mas isso é um nome de marca – contrapôs a Martha.

– E um potencial patrocínio – disse a Renée.

– E por ser o vigésimo primeiro, podemos fazer da festa de encerramento um baile de gala e toda a gente pode vir vestida de ícone do cinema – continuei eu. A minha ideia começava a agradar-me cada vez mais.

– Para a noite inaugural podemos pôr raparigas vestidas como as vendedoras de cigarros de antigamente a distribuir chocolates WYIFF ou Star Bars – sugeriu a Renée.

– SIM! – gritou a Martha, fazendo-nos saltar de susto. – Adoro essa ideia. Adoro-a. Vamos trabalhar essa ideia. Por favor. Por favor! – Estava prestes a prostrar-se diante da Renée.

– Sim, vamos a isso – disse a Renée.

- Para casa? – perguntou a Martha, cautelosa.
- Para casa – confirmou a Renée.

Saí do nosso edifício com fachada de vidro para o mundo lá fora. Não estava calor, mas também não estava frio. O céu de lápis-lazúli escurecia e viam-se pouquíssimas estrelas – uma noite de primavera perfeita para ir a um bar com os amigos e com o meu amante secreto. Em passo apressado desci a Welling Street, meti pela Boar Lane, cortei à esquerda para a Briggate e subi em direção à Headrow. A meio da Briggate meti por um beco, à esquerda, onde se situava o Black Prince's Tavern.

O Black Prince's Tavern era um *pub* comprido, estreito e acolhedor. Quando éramos ambas descomprometidas a Jen e eu costumávamos frequentá-lo porque preferíamos o conforto à confusão. Uma noite divertida tinha de incluir o Black Prince. Ali sentia-me tão à vontade que tinha de lembrar-me constantemente para não tirar os sapatos, desapertar o sutiã e pôr o dedo no nariz.

– Estás sentada no lugar de uma mulher rejeitada – anunciou o Matt enquanto eu tirava o casaco. No que diz respeito a roupa, fizera um esforço proporcional ao meu apreço pelo Matt – de manhã vestira uma camisola lavada. Pescara a saia de ganga azul-marinho da pilha da roupa suja, mas, ei, trazia uma camisola lavada por baixo de um casaco preto razoavelmente limpo.

– Perdão? – respondi eu, não gostando nem um pouco do rumo da conversa.

Era o trigésimo primeiro aniversário do Matt e como já passava das nove ele já devia ter bebido a mais da conta. Ofereci-lhe um cartão de parabéns e com algum sacrifício até lhe dei um beijo na cara. À medida que o tempo passava, crescia a impressão de que eu não gostava do Matt. Não é verdade. É que havia qualquer coisa nele... era saber como teria reagido se o episódio dos testes de gravidez tivesse tido um desfecho diferente; saber como o incomodava a proximidade entre mim e a Jen. Eram mil e um detalhes inconfessados. Mas eu gostava dele. Quase sempre.

– A famosa Nina esteve aí sentada ainda não há cinco minutos.

A NINA?! O meu estômago deu uma cambalhota. *Que diabo viera ela fazer ali?*

A Nina era alguém do passado do Greg. Alguém importante. O Greg conhecera-a há pouco mais de um ano num casamento, onde ela estava com alguém que se apresentava como «seu noivo». O noivo

vigiara o Greg com olhos de águia porque este era um homem atraente e estava a falar com a namorada dele. A Nina não se atirou ao Greg. O Greg, que apreciava a companhia dela, mas que ainda estava a explorar o território, não se atirou a ela.

Quando se separaram ela pegou-lhe na mão e apertou-a vigorosamente entre as suas, entregando-lhe disfarçadamente um bilhete com o seu número de telefone e a palavra «liga-me». O Greg obedeceu – depois de comer outra convidada durante a boda. Telefonou-lhe e uns dias depois encontraram-se num bar em Cookridge, a milhas dos locais onde moravam. Conversaram. Beijaram-se. Tocaram-se. Tiraram partido das instalações do bar. Na casa de banho das senhoras, claro.

O Greg explicara-me que se tinham deixado levar por um impulso incontrolável: não tinham para onde ir e não podiam esperar, por isso apertaram-se num cubículo e fizeram-no de pé.

– Que rica peça que tu me saíste – dissera-lhe eu. A seguir tinha ido a minha casa porque Cookridge ficava a curta distância a pé de Horsforth, onde eu vivia.

– Não pude conter-me, ela era tão *nhamnham*. Tinha uma vagina tão apertadinha...

– Cala-te! Cala-te! – gritara-lhe eu antes que ele se lançasse numa descrição detalhada, como estava mortinho por fazer. Graças ao Greg, sabia muito mais sobre a anatomia de outras mulheres que sobre a minha. Atirei-lhe uma toalha.

– Vai mas é tomar banho, não te quero aqui a tresandar a sexo.

O Greg afastou-se para fazer o que lhe mandara.

– E nada de bater punhetas no chuveiro – exclamei eu quando ele fechou e trancou a porta da casa de banho. Ele soltou uma das suas gargalhadas fáceis e luminosas e não pude evitar sorrir também.

Cheguei a pensar que a Nina era A Tal para o Greg.

Ele andou com ela durante três meses. Três meses inteirinhos. Um pequeno milagre na história do Greg, que por ela chegou a quebrar a regra de não levar mulheres para o quarto dele. Nunca cheguei a conhecê-la pessoalmente, e o Matt e a Jen também não – só os ouviam a ter sexo quando ela passava lá a noite.

Era esta a mulher que tinha estado sentada no meu banco. Virei-me para o Greg.

– Apareceu aqui por acaso. Quando se vive na mesma cidade que uma ex isto acaba por acontecer mais tarde ou mais cedo – apressou-se ele a dizer.

– Mas ela não é uma ex qualquer, pois não? – disse a Jen. – É A EX.
Deu-me uma palmadinha no braço e virei-me para ela.

– Devias tê-lo visto, Amber. Parecia extasiado em presença da beleza. Ficou incapacitado. Mal podia olhar para ela. Diga-se de passagem que ela é linda. Se eu não soubesse que ele anda a sair com a tal mulher-mistério, diria que ainda tem um fraquinho pela Nina. Ela estava deslumbrante.

Sim, está bem, já percebi a ideia.

– Toda ela era curvas, e cabelo longo e olhos ardentes e ...

– Não ias buscar uma rodada, Jen? – interrompeu o Greg, fulminando-a com o olhar.

– Ah, sim. Queres uma caneca de cerveja, Amber?

Fiz que sim com a cabeça. O Matt levantou-se para «ir fazer um grande depósito ao banco de porcelana». (Não estou a inventar, o Matt dizia mesmo coisas daquele género. Estava-lhe no sangue.)

– Com que então extasiado em presença da beleza, hã? – disse-lhe eu em tom de brincadeira quando ficámos a sós. Não resultou. Soou exatamente àquilo que era: ciúmes. Convencemo-nos sempre de que já sentimos uma determinada emoção até que a experimentamos verdadeiramente. Por exemplo, quando a Mimi, a jornalista louca, telefonara para o escritório, eu ficara podre de ciúmes, certo? Pois bem: comparado com isto, aquilo fora apenas a sombra de um sentimento. Isto sim, eram ciúmes em toda a sua asfixiante e irracional glória.

– Amber, eu nem olhei para ela porque da última vez que a vi tentou atacar-me com uma faca.

As coisas entre a Nina e o Greg tinham acabado mal. Muito mal. Depois de estarem juntos durante pouco mais de três meses, a Nina convencera-se de que aquilo era um relacionamento estável. Ou pelo menos o início de um relacionamento estável. Quis dar mais um passo em frente e levá-lo a conhecer os pais... Em resposta, o Greg sugeriu que começassem a ver outras pessoas. No entanto, não escolheu um lugar público para romper com ela, nem a deixou por telefone, fax ou sms. Primeiro tinha de voltar a levá-la para a cama, não é? Aliás, resolveu tratar do assunto quando estavam os dois na cama. Deitado com os braços em volta dela, provavelmente a acariciar-lhe os cabelos, explicou-lhe que não estava a resultar para ele e que era melhor ficarem por ali, e que não voltaria a vê-la porque não queria dar-lhe falsas esperanças.

Sai uma Nina histérica e entra a melhor amiga dela. Literalmente.

Dois dias depois a melhor amiga da Nina, segundo consta uma ruiva explosiva com tendências agressivas, entrou-lhe pela casa dentro para lhe dar um valente sermão. Não lhe agradara que a Nina tivesse rompido com o noivo por causa do Greg, e agora que o Greg maltratara emocionalmente a Nina ela tencionava pagar-lhe na mesma moeda. O Greg, incapaz de reagir ao sermão como um homem normal, seduzira-a também a ela. Passaram a tarde na cama, e depois ele fez questão de deixar bem claro que aquilo não passara de uma queca para evitar um sermão e perguntou-lhe se ela não se importava de sair porque ele ia encontrar-se com uns amigos num bar e tinha de se preparar. (Sim, eu sei que ele é um grande sacana.) O Greg, louvado seja, não compreendia por que razão, quando regressou do bar naquela noite, a Nina o esperava atrás dos arbustos em frente da casa, faca de trinchar em punho, pronta a esfaqueá-lo na cabeça. Debateram-se durante muito tempo – ela, dotada da força sobrenatural de uma mulher enlouquecida, e ele incapaz de bater numa mulher, ainda que esta estivesse a tentar matá-lo – até que ele conseguiu desarmá-la e ela caiu em si.

A seguir ele foi de carro até minha casa. Alguém com mais juízo teria ido ao hospital, mas ele decidiu seguir diretamente para minha casa. Porque quando estamos abalados, a sangrar da cabeça, o que mais precisamos é do diretor-adjunto de um festival de cinema.

Abri-lhe a porta do prédio e depois a de casa e fui dar com ele agarrado ao corrimão, pálido e abalado. Ajudei-o a entrar e fi-lo sentar-se no sofá. Tinha muita experiência a fazer curativos e entrei logo em piloto automático. Com a ajuda do meu *kit* de primeiros-socorros limpei-lhe o rosto, que estava coberto de sangue fresco vermelho-vivo e manchas mais escuras de sangue coagulado mas parecia muito pior do que estava. Não se encolheu de dor quando lhe passei antisséptico nos golpes nem pareceu dar por isso quando lhe apliquei pensos nas feridas. Não parava de falar, contando-me uma e outra vez o que se tinha passado. Ofereci-lhe uma cerveja por causa do choque e sentei-me diante dele na sala a ouvi-lo repetir a história com uma voz trémula. Enquanto ele falava eu lutava contra a vontade de fugir. De correr dali para fora e só parar quando estivesse muito, muito longe dele. De dar corda aos sapatos para não voltar a ser arrastada para os dramas do Greg. Não queria fazer parte de mais um trio disfuncional. Não queria ver-me noutra situação em que tinha de limpar o sangue, oferecer um ombro amigo e mentir sobre a causa de cortes e nódoas negras. Mas não era capaz de o abandonar. Há uma

cláusula implícita nas verdadeiras amizades – «para o melhor e para o pior» – e, se tudo o mais falhasse, ao menos tínhamos isso.

Algumas cervejas depois, quando ele parou de falar, deitei-o na cama comigo. Apoiou o lado bom no meu peito e apertou-me nos braços como uma criança aperta um urso de peluche depois de um pesadelo.

– Sinceramente, as coisas que os homens não fazem para me levar para a cama – disse eu. O Greg apertou o abraço em volta da Amber de peluche. – Para a próxima, se quiseres levar-me para a cama, basta dizeres-me, está bem? Não andes por aí a tentar fazer com que te decapitem. Não é nada *sexy*.

Isto fê-lo rir. Foi apenas uma gargalhada pequena, mas fez com que o corpo dele relaxasse. Era para aligeirar situações críticas como aquela que o meu «senso de humor» tinha sido inventado.

O Greg, a Nina e eu éramos as únicas pessoas que sabiam do ataque. Ele não mo tinha pedido, mas eu guardara segredo. Sabia como aquelas coisas funcionavam. Quando somos quem limpa e trata as feridas e quem oferece consolo, o nosso papel num trio disfuncional é manter o bico fechado. Nunca tínhamos falado sobre aquela noite – nem mesmo na manhã seguinte, em que ele teve de vestir uma *t-shirt* do WYIFF porque eu estava a lavar a outra para lhe tirar o sangue – até agora.

– Fiquei passado por ela estar tão perto de mim. Por agir de forma tão normal depois de tentar esfaquear-me – disse o Greg enquanto pousava a mão na minha coxa.

Deitei um olho à cicatriz do golpe mais profundo, uma marca em V pouco abaixo da bochecha esquerda. Com o tempo alisara-se e desvanecera. Só se via se soubéssemos o que procurar.

– Quando a Jen começou a tagarelar sobre a minha mulher-mistério pensei que ela fosse atacar-me com o copo. Se ainda por cima...

Tirou a mão da minha coxa quando a cabeça loura do Matt apareceu por trás da porta das casas de banho e este começou a vir na nossa direção.

– Então, Amber – perguntou o Matt enquanto a Jen poisava na mesa a bandeja com as cervejas –, chegaste a conhecer a Nina?

– Não – disse eu, – não posso dizer que tive esse prazer.

– Devias tê-los ouvido no quarto – disse a Jen.

O Matt soltou uma gargalhada escarninha.

– Aquela gritava que se desunhava. – Fez uma voz de falsete. – Oh, Gweg, oh, Gweg, oh, Gwweeeegg.

– O Greg também não era propriamente discreto – acrescentou a Jen. Fez uma voz grossa. – Ui, Nina, ui, Nina, Nina, Nina...

OK, já chega de falar de sexo, gente.

– O sexo com a mulher-mistério é tão bom como com ela? – quis saber o Matt.

– E o que é que isso te interessa, Matthew? Não é que algum dia vás descobrir, pois não? – retrucou o Greg.

Por outras palavras: não. Isto é para eu aprender a não andar toda orgulhosa da minha vida sexual.

– Isso é um não? – perguntou a Jen com um sorrisinho sarcástico.

– Sim, Jenna, é um não. O sexo não é tão bom como com ela... é melhor. Sempre que a vejo tenho vontade de fazer amor com ela. Para me seduzir, ela só tem de entrar no sítio onde eu estiver. É o melhor sexo que alguma vez tive e, como vocês fazem questão de lembrar a toda a hora, eu já tive muito sexo. Claro que é assim tão bom porque eu a adoro. É sempre melhor com alguém que amamos muito, não é?

– Quando podemos conhecê-la? – perguntou a Jen, ignorando a pergunta dele. Eu falava jenês e, traduzido em linhas gerais, o que ela queria dizer era: «Acho que ela não passa de uma invenção tua.»

– Era incapaz de lhe fazer essa maldade. Vocês já viram a vossa conversa? Ela dava-me como os pés em menos de cinco minutos.

– O quê, nem sequer vais apresentá-la à Amber? – perguntou o Matt. O Greg abanou a cabeça.

– Não, porque ao contrário de vocês os dois, a Amber acredita em mim. Bom, está na hora da tequila. A rodada é por minha conta.

Saímos do bar quando nos arrancaram os copos das mãos e nos pediram para sair. Já na rua, atirei os braços em redor do pescoço do Matt, pespeguei-lhe um beijo na cara e disse com voz arrastada:

– Espero que tenhas tido um bom aniversário.

Não respondeu. Não estava habituado a tais manifestações de afeto da minha parte. Abracei-me à Jen.

– És a minha melhor amiga – informei-a. – Gosto muito de ti.

– Eu também gosto muuuuuito de ti – respondeu ela com a mesma voz arrastada. – Vem lá a casa na próxima semana e eu digo ao meu namorado para ir a Paris. E então teremos todo o fim de semana só para nós.

– Okkaaayyyyyy.

– E...

O Matt cortou-lhe o discurso afastando-a de mim e pôs-lhe um braço à volta dos ombros de forma protetora e o outro em redor da cintura.

Olhou-me com desagrado. Não via com bons olhos que nos comportássemos daquela forma.

A violência com que me arrancara a Jen dos braços fez-me perder o equilíbrio de tal forma que por momentos pensei que ia cair, mas depois senti nos ombros as mãos fortes do Greg a manter-me direita e imóvel. Quase fiz beicinho ao ver a forma como o Matt apertava a Jen contra si. Eu adorara aquele momento de desvario com a minha amiga do peito.

– É melhor levar a Amber a casa – declarou o Greg.

Abanei a cabeça devagar.

– Nãããã. Vai lá ter com a tua mulher-mistério. – Dei-lhe umas palmadinhas no peito. – Vai lá ter o sexo fantástico. Eu vou para casa ter com o meu vibrador. É fant...

Uma das mãos tapou-me a boca enquanto dizia:

– Vais-me agradecer de manhã.

Vi o Matt a revirar disfarçadamente os olhos. Obviamente aquilo era comigo. Palerma atrevido. Em comparação com as coisas que a Jen dizia em bares quando bebia uns copos a mais, o que eu ia dizer parecia uma rima infantil. Apeteceu-me fazer-lhe uma careta, mas não fiz porque ele olhou para mim. Por breves momentos os meus olhos castanhos-escuros ficaram presos nos seus olhos verdes como legos encaixados que tão cedo seria impossível separar.

O Matt era mais alto que eu, tinha pés e mãos maiores, era (alegadamente) homem, mas mesmo assim seria capaz de o vencer numa luta corpo a corpo. Esse era outro dos motivos pelos quais ele não gostava de mim. Eu não precisava de franzir o sobrolho, nem a ele nem a nada do que ele fazia. Ambos sabíamos que, se chegássemos a vias de facto, ele sofreria um *knockout* logo na primeira ronda. Contraíu o maxilar duas vezes antes de desviar o olhar. Estão a ver? Um fraco.

– Até à vista, meu – disse ele ao Greg. – Amber.

Conduziu a Jen pela rua abaixo, enquanto ela nos acenava por cima do ombro até entrarem para um táxi e desaparecerem na noite.

– O autocarro é para aquele lado – disse eu, apontando para a estação dos autocarros. Ou pelo menos para a área em que pensava que a estação se situava.

– Primeiro quero deixar uma coisa bem clara – disse o Greg, e voltou a arrastar-me para o beco que conduzia ao bar. Com o corpo, apertou-me contra a parede de tijolo. – Quero ter a certeza de que sabes que és – disse ele.

Hesitei. Franzi o rosto e puxei pela cabeça. Ter-me-ia escapado uma parte importante do que ele dissera? És. *Sou, o quê?*

– Que estás tu pr’aí a dizer, Peck-Peck?

– Quero que saibas que és a melhor parceira sexual que alguma vez tive. Não o disse àqueles dois só por dizer. Quero-te a todas as horas do dia.

– Eu sei – disse eu num tom ostensivo. – Eu, sim, eu, sou a queca do século. Todos me dizem o mesmo. Todos os homens do mundo dizem que eu sou a queca do século. Sou m...

Ele deu-me um beijo profundo, longo e demorado. O meu corpo relaxou contra o dele. Ele era mesmo muito bom neste tipo de coisas. Cruzei os braços atrás do pescoço dele. Era mais que bom, era fantástico. A pouco e pouco, dei-me conta de que estava a puxar-me a saia de ganga para cima.

– Que estás a fazer? Não podemos. Não aqui – disse eu, afastando-me.

Estava embriagada a ponto de dar um beijo na cara ao Matt, mas não a este ponto. De repente ele começou a beijar-me com mais ardor, com mais urgência, ainda a levantar-me a saia. Isto era indecente, muito indecente. E ilegal... E... e incrível! Eu nunca fizera nada assim. Nunca. Afinal de contas eu era a Amber, um modelo de bom comportamento. E isto era... era como ser a Linda Fiorentino em *A Última Sedução*. Era ser tão *sexy* que o meu amante não podia esperar até chegarmos a casa para me tirar a roupa. *Sê marota*, disse-me uma voz interior. *Por uma vez na vida, sê marota*. Toda a gente faz algo assim pelo menos uma vez na vida. De repente comecei a desapertar-lhe os botões das calças.

– Tens a certeza de que queres mesmo? – perguntou ele.

Fiz que sim com a cabeça, debatendo-me com as calças dele.

Ele sorriu e sacou de um preservativo. *Tenho mesmo de o ter. Tenho de fazer isto. Como pude nunca o ter feito antes?*

O Greg prendeu a embalagem verde do preservativo entre os dentes, pronto para a abrir só com uma mão. *Vá lá, vá lá*, gritava eu mentalmente, mas o meu Greg é inflexível no que toca a sexo seguro. Usava sempre preservativo, mesmo que a parceira tomasse a pílula. *Mais depressa, mais depressa*, pensava eu enquanto lhe metia as mãos por dentro das calças.

De repente caiu sobre nós uma luz ofuscante.

Alguém nos apontou uma lanterna e ouvi uma voz grave a dizer num tom autoritário:

– É melhor parar por aí, amigo.

Capítulo 14

lição de história

É por isso que temos de nos portar bem.

É por isso que eu me porto bem. Sempre. É por isso que eu sigo as regras à letra. Que não consumo drogas – nem sequer *cannabis* – nem faço batota. Quando isso acontece, o resultado é sempre o mesmo. Acaba-se sentado no banco de trás de um carro da polícia.

Este pensamento assaltava-me sempre que piscava e abria os olhos apenas para constatar que efetivamente estava sentada no banco de trás de um carro da polícia. Felizmente não me tinham algemado. Já imaginava as parangonas do WYIFFGATE, amanhã: *Escândalo! Do cinema para a rua: sexo em público elevado a 7.^a arte!*

O Greg não teria problemas. Os jornais não iam crucificar um filho da casa, pois não?

Quando o agente da polícia nos apanhara a tentar cometer várias ofensas à moral pública, o meu coração palpitara como se fosse parar ali mesmo. A estas palpitações seguiu-se uma vontade tremenda de vomitar. Só comera aqueles biscoitos durante as dez horas desde o almoço e bebera de mais. Para controlar o vômito enterrei a cara entre as dobras do casaco do Greg.

– Importam-se de me acompanhar? – disse o agente ao ver que nenhum de nós se mexia.

Quanto ao Greg não sei, mas eu importava-me, e muito. A todos os níveis. Não só porque íamos ser presos, mas também porque desconfiava que se me mexesse, por pouco que fosse, só uma intervenção divina me impediria de vomitar.

O Greg abriu a boca e o preservativo caiu para o chão sem quaisquer cerimónias. Naquele momento fiquei-lhe eternamente grata por ser tão fanático pelo sexo seguro. Se assim não fosse, estaríamos muito mais adiantados no processo de cometer um crime. Como um verdadeiro cavalheiro, endireitou-me a saia antes de se compor.

Nessa altura mexi-me. Cruzei os braços sobre o peito, baixei a cabeça e segui o Greg até à rua principal. Só havia uma coisa pior do que ser apanhada num beco em cenas de sexo, pensei eu enquanto

saíamos do dito. Era ouvir uma voz a dizer calma e educadamente:

– Sr. Walterson.

Olhei de relance pela janela. (Sim, ainda estou dentro do carro da polícia.) O Greg estava a falar com a agente da polícia que sabia o nome dele. E como sabia ela o nome dele? Por causa do dia em que ele fora preso por atentado ao pudor e invasão de propriedade, claro. Não havia mais nenhuma mulher-polícia em Leeds. Aquela era a única mulher-polícia em toda a região do Yorkshire, e por isso é que tinha de ser ela a apanhar-nos.

Assim que percebi quem ela era, a cerveja, os biscoitos e a bílis subiram-me à garganta e a minha boca encheu-se de solução salina. Inspirei profundamente pelo nariz para não lançar o vômito para cima da agente que certa vez me ouvira jurar a pés juntos que o Greg era um homem de bem. Lembrei-me das palavras que lhe dissera: *«Tomarei as devidas providências para que não volte a acontecer nunca mais.»*

Ela reconhecera-me, claro. Percebi-lho no olhar, mas limitara-se a dar ordens para que me metessem no carro. (Afirmativo, ainda estou no carro da polícia.) Depois afastara-se um pouco para falar com o Greg a sós enquanto o colega permanecia junto da viatura para o caso de eu decidir dar à sola. Não que pudesse fazê-lo – não há manípulos no interior das portas de trás dos carros da polícia.

Observei o Greg e a agente enquanto conversavam. Nenhum dos dois fazia muitos gestos com as mãos. A linguagem corporal do Greg era, como seria de esperar, contrita. Estava cabisbaixo, de olhos no chão e mãos atrás das costas. Ela apoiava uma mão na anca, enquanto a outra brincava com o bastão policial.

Disse qualquer coisa.

O Greg anuiu com ar penitente.

Ela continuou a falar, ele ergueu os olhos, sustentou-lhe o olhar por uns instantes e depois desviou a vista e respondeu-lhe qualquer coisa.

Finalmente, após o que parecera uma eternidade, aproximaram-se do carro. A agente abriu a porta.

– Pode ir. Podem ir os dois – disse ela. – Vê-se que são ambos pessoas de bem.

Cabra.

– Obrigada, Sr.^a Agente – disse eu.

Antes que pudesse impedi-lo, deixei escapar:

– Não torna a acontecer, prometo.

– Espero bem que não – respondeu ela. – Porque como costuma dizer-se, «à terceira é de vez».

Lançou-me um sorrisinho forçado e por instantes apeteceu-me esmurrá-la. Em cheio naquela carinha arrogante. Provavelmente chegava para ela. Provavelmente.

Perdeste o juízo?, perguntei-me. *Ou estarás a desenvolver o gosto por esquadras e carros da polícia?*

Enquanto descíamos a rua para chamar um táxi o Greg passou-me um braço à volta dos ombros.

– Foste para a cama com ela, não foste? – perguntei eu entre enormes goladas de água. Pousei o copo da cerveja Hoegaarden com violência e debrucei-me sobre a mesa, fustigando com o olhar o Greg, que se sentara à mesa de jantar e não tirava os olhos do tampo. Bastava-nos um uniforme da polícia e a presença de um advogado para que aquilo parecesse um interrogatório numa esquadra. Endireitei-me de imediato.

O Greg manteve-se em silêncio, pois sabia que tudo o que dissesse seria usado contra ele.

Abanei a cabeça, incrédula, e marchei pela cozinha até ao lava-loiça para voltar a encher o copo. Estava de tal forma traumatizada que até já bebia água da torneira, ignorando, sob toda aquela pressão, o ligeiro tom bege do líquido.

Encostei-me à bancada do lava-loiça a olhar para os caracóis densos, da cor do alcaçuz, que lhe escondiam o rosto. Que homem com um mínimo de orgulho próprio tinha o cabelo mais comprido que o da namorada? Mais comprido que o da maioria das mulheres que conhecia? Agora que a moda era os homens usarem o cabelo rapado ele usava-o comprido. Nem sequer tinha a decência de estar a ficar careca, o que explicaria a necessidade de se apegar a cada folículo.

– Depois de tudo. Depois de me fazeres atravessar a cidade, podre de cansada, depois de eu te lembrar que ela era casada, de destruir o papel com o número dela, de ter de ouvir das boas do Sean, *ainda* foste com ela para a cama.

O Greg levantou a cabeça num ápice. Os seus olhos de azeviche faiscavam de indignação.

– Se não o tivesse feito estaríamos agora os dois metidos em celas de detenção.

Não desviei os olhos, pouco disposta a conceder-lhe razão naquele ponto.

– E então, vais?
– Vou aonde? – perguntou ele.
– Vais encontrar-te com ela?
– Que raio estás tu p'raí a dizer?
– Não me venhas com histórias, está bem? Chega – adverti-o, com o meu sotaque londrino a dar um ar da sua graça. – Sei muito bem que não estiveste ali espedado a ouvir um sermão sobre a moral pública. Ela quer encontrar-se contigo, não quer? Só quero a verdade. Vais encontrar-te com ela? A verdade. É só o que eu quero.

O Greg abanou a cabeça.

– Não. Disse-lhe que és minha namorada.
– Ohhh, claro que disseste. Oh, céus, sou mesmo uma vaca estúpida não sou? Aqui estou eu, toda preocupada por ires *outra vez* para a cama com uma mulher para quem os sagrados laços do matrimónio são claramente tão importantes. Já devia ter calculado que só precisavas de dizer «tenho namorada» para que ela descartasse a ideia. Já agora vamos pôr essa sugestão a circular na Internet: «Mulherio, não se preocupem. Se o vosso homem estiver prestes a cair na tentação de vos trair, só tem de dizer à outra que é comprometido e o problema fica resolvido». Somos até capazes de ganhar algum prémio. Cá está um verdadeiro serviço público. Anda daí. Eu ligo o computador e tu ajudas-me a aprimorar a linguagem com as tuas competências jornalísticas.

Eu podia simplesmente ter dito: «Ela é casada. Que lhe interessa se tens namorada ou não?» Mas eu não sou assim. Se quero fazer valer um ponto de vista, levo a coisa até às últimas consequências.

– Eu disse-lhe que tinha levado um ano a convencer-te a sair comigo e que não queria arruinar tudo – disse ele baixinho.

Engoli a água de um trago.

– E ela aceitou, não? Esta mulher-polícia casada aceitou imediatamente a tua desculpa.

– Não. Sim. Não sei... Disse-me para lhe ligar caso as coisas entre nós não resultassem.

– Só que deve ter sido mais qualquer coisa do género: «Se mudares de ideias sabes onde estou. Liga-me quando quiseres.», não?

O Greg baixou os olhos para a mesa e fez que sim com a cabeça.

– Puta! – sibilei eu por cima da borda do copo, vacilando à beira do precipício da loucura, a meio caminho entre o absurdo e a realidade. Quem, no meio de tudo aquilo, seria a verdadeira puta? E quem estava eu mentalmente a mergulhar em alcatrão e a cobrir de penas?

– Qual é o teu problema? – perguntou ele num tom imperioso, pondo-se de pé. (Acho que a gota de água fora aquele meu último comentário.) Agora adotara um sotaque de Yorkshire em versão infantil – provavelmente um mecanismo de defesa contra o meu sotaque londrino da pesada. – Ages como se já não soubesses como eu era dantes. Tu, melhor que ninguém, sabes muito bem como eu era.

– Queres saber qual é o meu problema? – disse eu, elevando um pouco a voz.

– Sim – disse ele no mesmo tom.

– Queres mesmo saber qual é o meu problema? – Aumentei ainda mais o volume.

– Sim! – A voz dele igualava a minha.

Bati com o copo na mesa. Estava prestes a levar outra linha de argumentação até às últimas consequências.

– Quero poder ir a qualquer lado sem encontrar alguém com quem já dormiste. Se não me estão a telefonar para o trabalho, estão a ocupar o meu lugar ao balcão do bar. Se não estão a ocupar o meu lugar ao balcão do bar, estão a prender-me na rua. Não posso ir a metade dos bares de Haddingley porque resolveste papar membros do pessoal e para te tirar de apertos tive de fingir que era tua namorada. Não podemos ir a metade dos bares em Hyde Park porque foste para a cama com a filha de um proprietário abastado que resolveu pôr a tua cabeça a prémio. A tua, a minha, a da Jen e a do Matt. E dos bares universitários é melhor nem falar. O meu problema é que não posso dar um passo sem esbarrar com uma das tuas conquistas.

O Greg não mostrou qualquer reação enquanto as minhas palavras contaminavam o ar, consciente de que não tinha nenhum produto mágico que pudesse removê-las. Nada poderia apagar a verdade: ele era, com efeito, um vadio. E eu, pela minha parte, era uma hipócrita, porque aparentemente não tinha este problema monumental antes de começar a dormir com ele.

Ele vai deixar-me, percebi eu ao vê-lo fitar o tampo da mesa em silêncio. *Vai mandar-me dar uma volta porque levantei a voz e fiz uma cena.*

– Com a Mimi... – o outro talento do Greg, para além de ser fantástico na cama, era lembrar-se dos nomes de todas as mulheres com quem já tinha ido para a cama, o que era uma proeza e tanto – ela fez-me perceber que és uma amiga preciosa. Arriscaste o teu emprego por mim e ficaste tão furiosa comigo que fiquei a pensar se aquilo não seria ciúmes. Isso deu-me esperanças, levou-me pensar que

talvez tivesse uma hipótese contigo.

Contornou a mesa e aproximou-se de mim.

– Quando conheci a Alyson, a agente da polícia, como já te disse, percebi pela primeira vez que queria algo de especial contigo. Com ela era apenas sexo e ambos o sabíamos. E com a Nina tentei levar a coisa a sério porque quando percebi o que sentia por ti, soube que isso causaria todo o tipo de problemas. Pensei que talvez estivesse a sentir a falta da segurança de um relacionamento, por isso tentei com ela, mas quando ela me falou num compromisso entrei em pânico porque sabia que bem lá no fundo queria-te era a ti. Na noite em que ela me atacou não parava de pensar: «Tenho de ir ter com a Amber, ela vai pôr-me bom.» E assim foi. Trataste das minhas feridas e não disseste «eu bem te disse» nem «tens o que mereces» uma única vez, embora não fosse mentira nenhuma. Por isso, para ser totalmente sincero, não me arrependo dessas três porque todas elas, à sua maneira, ajudaram a juntar-nos. As outras...

Hesitou. O sotaque do Yorkshire esbateu-se um pouco quando acrescentou:

– Não há nada que eu possa fazer. Não posso alterar o passado, só posso garantir que já não faço o mesmo. E que enquanto estivermos juntos, não o farei. Não há mais nada a dizer. A não ser que lamento. E que me vou odiar a mim próprio se isso nos causar problemas.

Não tinha resposta para aquilo. A verdade é só uma: não podemos alterar o passado. Podemos reescrevê-lo como nos for mais conveniente, podemos contá-lo para que soe melhor, a que pareça melhor. De forma a sermos o herói e não um autêntico sacana. Mas não podemos alterar os acontecimentos. Se seduzimos uma pessoa com falinhas mansas, dizer-lhe que não aconteceu não vai mudar nada. Se fomos para a cama com uma pipa de gente, não há volta a dar-lhe. Fingir que somos puros como a neve não vai alterar os factos. E o futuro é outra coisa que não podemos alterar. A única coisa que podemos alterar é o aqui e agora. Por isso é que se diz tantas vezes que devemos viver no presente, porque é a única coisa que podemos controlar.

Mas isto já era teoria de mais para uma noite que começara com uma festa de aniversário.

– Esta noite nunca aconteceu, está bem? – disse-lhe eu. Era a minha forma de dizer que não queria mais discutir por causa daquele assunto.

O Greg fez uma expressão de alívio e deixou-se relaxar antes de

soltar uma das suas luminosas gargalhadas.

– Mas devias ter visto a tua cara quando estavas dentro do carro da polícia. Um verdadeiro clássico.

– Que carro da polícia? Nunca estive dentro de um carro da polícia em toda a minha vida – repliquei, já sem vestígios do sotaque londrino.

– Ah, pois é, desculpa. Nunca aconteceu.

Capítulo 15

a vadiagem acabou

Quem diria que os brinquedos sexuais vêm em tantas cores? Eu não, de certeza. A Jen comprara-me o meu vibrador cor-de-rosa fluorescente por piada quando cumpri o sexto mês de abstinência. Eu não era ingénua, mas era chocante ver filas e filas daquelas coisas nas mais variadas formas, cores e tamanhos. Uns embalados em caixas, outros em celofane, outros sem nada. Não conseguia tirar os olhos deles. E os preços... a brincadeira da Jen tinha ficado cara.

Eu estava numa *sex-shop* a olhar para brinquedos sexuais. Porquê? Porque a Martha estava a precisar de *lingerie* «casa comigo» e eu preferia olhar para os brinquedos, porque com a minha imaginação, era capaz de visualizar a Martha em qualquer conjunto a que ela deitasse a mão. Já estava a vê-la com umas cuecas com abertura entre pernas e um sutiã sem copas. Há coisas que é melhor ir para a cama sem imaginar sobre as pessoas que vemos cinco dias por semana.

Era dia de folga da Renée, por isso a Martha convencera-me a ir às compras com ela. Embora eu estivesse no comando das operações e já devesse saber no que aquilo ia dar, aproveitei logo a oportunidade, pois há séculos que já não o fazia com a Jen. Sentia falta de companhia feminina... Sentia falta da Jen.

Ela desaparecera do meu mundo. Era como ir à mercearia da esquina e descobrir que os Mars estavam esgotados. E que não estava prevista renovação do *stock*. Continuávamos a passar lá todos os dias, na esperança de que voltassem a tê-los, mas em vão. Passava-se o mesmo comigo e com a Jen. Estava sempre a ligar-lhe na esperança de termos uma conversa profunda ou nos rirmos um bocado, mas isso nunca acontecia. As conversas eram forçadas, pontuadas por «E tu, como estás?», o conservante das conversas banais. Ora aí estava algo a que eu não estava nada habituada: conversas banais com a minha melhor amiga. Em vez de procurar resolver o problema, porém, fazia tudo para o esquecer, na esperança de que se resolvesse por si mesmo. É o que acontece na maioria das vezes, não é?

– Tenho a certeza de que arranjavas *lingerie* «casa comigo» na John Lewis ou na La Senza – disse eu à Martha por cima do ombro.

– Não, isso é *lingerie* «pede-me em casamento» – respondeu ela. – E a diferença é...

– Uma cerimónia de casamento.

A Martha veio pôr-se à minha frente. Puxara o cabelo castanho para trás e para cima, num rabo de cavalo arrebitado estilo dominatrix, abusara do *eyeliner* preto e vestira um impermeável preto de plástico brilhante adequado à ocasião (sinais que deviam ter-me indicado que provavelmente não iríamos a uma loja qualquer). Naquele momento segurava numa das mãos um par de cuecas vermelhas com um decote num sítio estratégico e na outra um sutiã com cota de malha em lugar das copas.

Desviei os olhos. A Martha deslocou-se para a minha nova linha de visão. Desviei os olhos para o outro lado. Ela voltou a deslocar-se. Tive novo vislumbre das cuecas vermelhas que empunhava. Veloz como uma bala, passou-me pela cabeça uma imagem dela de pé ao fundo de uma cama, com aquilo vestido, chicote na mão e o seu homem de joelhos.

– A questão é a seguinte – explicou ela, – podes optar por comprar umas rendinhas cor-de-rosa, e é mais que certo que o tipo te pede em casamento. Mas estas belezas – espetou-mas à frente da cara e eu recuei – fá-lo-ão perceber que tem uma deusa do sexo, uma amiga, uma companhia divertida, uma mulher com quem fazer amor e alguém que pode levar a casa dos pais, tudo numa só mulher. Em resumo, quando te vir com este tipo de equipamento, ser-lhe-á muito difícil encontrar uma razão para *Não* casar contigo.

O argumento da Martha tinha uma certa lógica, embora eu não tivesse a certeza de ser assim tão simples. Nunca tinha usado nada do género.

– Estou contente por andares a papar o Greg – comentou ela, voltando novamente a atenção para as peças que tinha nas mãos.

– Não queres dizer isso um pouco mais alto? Acho que a minha melhor amiga, a quem ainda não contei, não te ouviu bem.

A Martha soltou uma gargalhada leve e despreocupada, como quem dizia «não quero saber se o facto de não lhe teres contado provocar danos irreparáveis no vosso relacionamento».

– Agora é muito mais divertido estar contigo – continuou ela no mesmo tom de voz.

– Ei, vê lá o que dizes!

– É verdade. Dantes andavas sempre carrancuda. Não, não é esse o termo, porque já na altura eras uma moca. Mas agora parece que te

veja mais descontraída. Mesmo quando andavas com aquele fulano...

– O Sean – corrigi. (Porque é que ninguém era capaz de se lembrar do nome dele? Quando namorávamos, a Renée – que esteve com ele inúmeras vezes – chamava-lhe «O Teu Namorado» como se fosse o nome dele. Tratava o homem da Martha pelo nome de batismo. Tanto uma como a outra se lembravam do nome «Greg». Mas nunca ninguém se lembrava de «Sean».)

– Sim, esse, continuavas tensa. Sim, é isso. Tensa. Andavas tensa. Inquieta. Como se estivesse sempre à espera de que rebentasse uma guerra a qualquer momento.

– Também não é para admirar, a trabalhar contigo e com a Renée.

– Eu e a Renée. Cantigas! Aquilo não é nada comparado comigo e com o Tony. Uma vez pus-lhe um olho negro. Nós somos assim.

– Já escolheste o que querias? – perguntei eu.

– Estas coisas não podem fazer-se à pressa. Se não acertar na escolha prego-lhe um susto dos diabos em vez de o convencer a casar comigo. Ou melhor, a pedir-me em casamento.

– Porque não lhe pedes tu? – perguntei eu.

– Sou uma rapariga à antiga – disse ela, abespinhada. – Ele é que tem de se declarar.

– Mas não queres esperar mais, é isso?

– Não vale a pena. Ele quer fazê-lo, só que ainda não se deu conta disso.

– Estou a ver. E se o teu plano não resultar?

– Não há «se» nem meio «se». Tem de resultar – declarou ela. – Estamos juntos há três anos. Chegou a hora de nos casarmos. Já não estou na flor da idade, sabes?

A Martha ia fazer vinte e seis anos. Eu completara trinta e um naquele outono.

– Quero ter filhos em breve, mas primeiro tenho de me casar. É a forma mais correta de fazer as coisas.

– Quem diz? – perguntei eu.

– Digo eu, claro. Porque não escolhes qualquer coisinha para surpreender o Greg? – perguntou ela por cima do ombro.

– Eh... não, obrigada. Ainda estamos nos primeiros estertores da luxúria.

A Marta voltou a aparecer à minha frente, com um brilhozinho nos olhos. Nunca tivera a oportunidade de ter uma conversa daquelas comigo. Já era um milagre ter descoberto sobre mim e o Greg, e agora ainda queria pormenores.

– Vocês fazem-no todos os dias?
– Sim – disse eu. Aquilo era para os ouvidos da Jen, mas depois dela a Martha era a coisa mais próxima de uma amiga que eu tinha.
– O quê, *Todos os dias*?
Confirmei com um aceno de cabeça.
– Uau. Eu e o Tony nunca o fizemos *todos os dias*, nem no início. E também o fazem quando tu... tu sabes.

Tentei perceber o que ela queria dizer. Tu sabes, tu sabes...

– Não, não estou a ver.

A Martha baixou a voz.

– Quando estás naqueles dias do mês.

Senti um calor repentino a invadir-me, dando-me a sensação de ter a cabeça em chamas. Estava numa *sex-shop* a trocar intimidades com uma pessoa que me era praticamente desconhecida. Desviei o olhar, voltando-o novamente para os brinquedos sexuais, incapaz de pronunciar uma palavra.

– Acertei! – sussurrou ela. – Ele não se importa?

– Eu, hum, não – gaguejei eu. – Foi ideia dele. Disse que desde que eu não me importasse... Não quero falar mais no assunto.

A Martha suspirou e concentrou-se novamente na *lingerie*.

– Há uns tempos nunca me terias contado nada disto. Sabia alguma coisa sobre ti, mas só porque perguntava e era tudo tirado a ferros. Agora que estás com o Greg és como um livro aberto – disse ela. – Quer dizer, não propriamente como um livro aberto, mas mais... na maior.

– É saudável ter reservas mentais.

– Então deves ser a pessoa mais saudável do planeta.

– Já estás a abusar!

Fez um sorrisinho travesso.

– Seja como for, quando estão a pensar ter filhos? – perguntou ela por cima do ombro.

Pensei na minha família. Espalhada pelos quatro cantos do mundo e tão complicada que casar nem sequer me passava pela cabeça. Do ponto de vista ideológico não acreditava no casamento. Logisticamente, seria o inferno na terra. Há gente que tem problemas com primos segundos em terceiro grau – eu teria de decidir qual dos meus pais convidar. Seria boa ideia juntar filhos a esta confusão? Não. A loucura parava ali. O meu irmão era diferente. Provavelmente teria filhos. Aliás, devia tê-los. E no caso dele, se fizesse asneira, não haveria problemas. Ninguém esperava do Eric que fosse 125 por cento

perfeito. Ninguém esperava dele um comportamento irrepreensível a toda a hora. *Ná*, casamento e filhos não eram para mim.

– Nunca pensei muito no assunto – respondi.

– A sério?! – disse a Martha, horrorizada. – Que idade tem o Greg?

– Fez trinta e dois em outubro. Porquê?

– Bom, suponho que vocês ainda são ambos bastante jovens... – respondeu ela. pensativa. – Mas não devem adiar muito, sabes?

– Adiar muito o quê?

A Martha regressou ao seu lugar diante de mim, desta vez empunhando umas cuecas verde-lima num material escorregadio e cobertas de tachas. O meu corpo entrou em convulsões quando imaginei o namorado dela a lamber uma das tachas. «*Tirem-me daqui!*», gritava o meu cérebro.

– Os vossos filhos vão ser amorosos – disse ela com um ar sonhador.

– É preciso que se diga que ele é um homem lindíssimo. – Lançou-me um olhar cortante. – Não que eu aprove o comportamento dele. Pode fazer-te feliz mas, até agora tem sido um grande sacana.

E nem sabes da missa a metade, pensei eu.

– Embora – continuou ela – talvez isso se devesse a não ter ainda encontrado a mulher certa. O que explicaria por que motivo ainda está mais bonito. Vi-o na WHSmith no outro dia e parecia ótimo. Está feliz. Sim, é isso, encontrou a mulher certa e deixou de se comportar como um sacana. Enfim – encolheu os ombros – ainda bem. Finalmente as mulheres do Yorkshire podem respirar de alívio.

Voltou ao expositor da *lingerie*, deixando-me ali especada a balbuciar:

– *O quê?* Onde queres tu chegar com isso?

– Estou a falar de ti, do Greg e dos filhos maravilhosos que vocês vão ter – disse ela, como se não tivesse desviado caminho por Manchester para chegar ao outro lado de Leeds.

E espera aí, que ideias são essas?!

– Falas como se já estivesse tudo decidido. Ainda agora começámos a sair. Nenhum de nós tem planos a longo prazo.

– Os homens pensam sempre a longo prazo. Começam a pensar a longo prazo desde que põem os olhos em ti. Por isso é que não te telefonam depois de uma aventura de uma noite: olharam para o futuro e não viram perspetivas de longo prazo por isso a coisa fica por ali. Claro que nunca o admitiriam. Por isso é que um homem é capaz de te dar com os pés sem motivo aparente. Uma mulher sai com um tipo porque lhe agrada, está disposta a esforçar-se e é capaz de

suportar os comportamentos mais ridículos porque está a construir um relacionamento. Já os homens... depois de conhecerem uma mulher e saírem com ela, elaboram um balanço mental.

– Um quê?

– Eu explico – voltou para junto de mim, desta vez de mãos vazias.
– Na cabeça de um homem há duas colunas, a dos «Custos» e a dos «Ganhos». Da rubrica «Custos» constam coisas como: «outras mulheres com quem já não posso ir para a cama»; «ex-namoradas a quem tenho de deixar de falar»; «tempo que é necessário perder a fazer coisas de que ela gosta»; «potencial dela para inchar»; «não se dar bem com os meus amigos»; «os meus pais não gostarem dela». Estás a ver? Do lado dos «Ganhos» há coisas como: «sexo regular»; «ter alguém a quem dizer coisas que não posso dizer aos amigos»; «o figurão que eu vou fazer ao lado dela se for gira»; «ter alguém com quem partilhar as contas»; «alguém com boas probabilidades de ter crianças bonitas»; «não ter de andar à caça». Não estou no gozo – disse ela ao ver a expressão incrédula no meu rosto.

– Ele faz este balanço mental, e uma vez calculadas todas as variáveis, digamos, por um período de cinco anos, se os ganhos forem superiores aos custos, ele arrisca. E se ao fim de três, seis meses ainda estiverem juntos, geralmente é porque ele considera que tens potencial para um relacionamento a longo prazo... ou então está só a servir-se de ti até aparecer qualquer coisa melhor. Em todo o caso, tem um plano de longo prazo.

– Bom, eu não tenho nenhum – disse eu, confiante de que o vadio do meu namorado, perdão, o ex-vadio do meu namorado, também não tinha.

– Pois, mas ele tem – insistiu ela.

– Tu não conheces o Greg – repliquei.

– Porque é que tu achas que ele anda tão contente? Olhou para o futuro e viu os filhos lindos que vocês vão ter. Escreve o que te digo, para o Greg a vadiagem acabou. Contigo é a longo prazo, querida.

A frase *«Pensei que talvez estivesse a sentir a falta da segurança de um relacionamento, mas queria-te era a ti.»* passou-me pela cabeça, dita pela voz do Greg. Senti um aperto no peito. Aqueles pensamentos aterrorizavam-me. Eu não pensava em relacionamentos de longo prazo. Não tinha necessidade de o fazer. Quando não acreditamos no casamento ou não queremos ter filhos, não há pressas. Podemos levar o tempo que quisermos a encontrar o homem certo e aproveitar para gozar a vida. Podemos escolher o caminho da abstinência porque

agimos como loucos em relacionamentos. Podemos dar-nos ao luxo de agir como loucos porque não importa. Não ouvimos o relógio do nosso corpo a fazer tiquetaque, a lembrar-nos que temos de encontrar o par certo para procriar. Não temos de pensar em assentar nem fazer planos de futuro. E ficamos aterrados quando alguém nos lembra de que a pessoa com quem estamos pode ter outras motivações e pode um dia ir-se embora porque nós não pensamos a longo prazo.

– Bom, então é melhor preparar-se para uma grande decepção – disse eu, parecendo mais corajosa do que me sentia. – Já encontraste o que querias?

– Oh, se encontrei.

Virou-se para mim a segurar um sutiã em PVC preto e umas cuecas com buracos minúsculos. Apertou o sutiã contra a zona do peito, por cima da camisola, e abanou o rabo.

– Sexy, hã? Que achas?

Imaginei a Martha deitada numa cama, o Tony dela de pé na cama a usar aquela *lingerie* e a apontar qualidades numa prancheta. De repente a imagem mudou, e era o Greg a usar a *lingerie* e a segurar na prancheta.

– Acho que te odeio – disse-lhe eu, tentando afugentar a imagem do pensamento, mas conseguindo apenas fazer com que o Greg imaginário se pusesse às voltas na minha cabeça enquanto escrevia na prancheta. – Por causa dessa *lingerie* e da tua conversa sobre balanços, talvez nunca mais tenha sexo.

Capítulo 16

bomba relógio

Uma semana sem sexo é muito tempo.

É óbvio que não é tanto tempo como dezoito meses sem sexo, mas tudo é relativo.

Levantei a tampa da sanita e esguichei um pouco de produto de limpeza por baixo do rebordo. A seguir continuei a esfregar a banheira.

É relativo porque uma semana sem sexo após oito semanas de sexo quase todas as noites é muito pior que dezoito meses de abstinência. Nestes termos, uma semana parecia sete anos. Um ano por cada dia. E nem eu, que sou eu, passara sete anos sem sexo desde a minha primeira experiência sexual, aos dezanove.

Acabei de esfregar a banheira e detive-me a avaliar o resultado. Um brinquinho. Há cinco anos privados de sexo que reluzia de tão limpa: descobrira que só a comida e as limpezas podiam amenizar o inferno que era a frustração sexual. O meu amante cumprira horas extraordinárias no jornal toda a semana – havia alguém a faltar por doença e andavam a preparar uma secção especial do suplemento, por isso, quando deixava a redação ia diretamente para casa. Se viesse a minha casa, que ficava muito mais longe do escritório, só chegaria à uma da madrugada e teria de se levantar seis horas depois. Só o veria no dia seguinte, domingo, e só teríamos esse dia para nós. Um mísero dia para ter sexo, conversar e, bem, ter sexo.

Admito com uma certa vergonha ter perdido o hábito de dormir sem ele. Sei que parece mal, que é uma lamechice, uma infantilidade, e uma hoste de outras coisas que nunca pensei serem aplicáveis a mim, mas quando não conseguia dormir, quando tinha demasiado em que pensar e não conseguia simplesmente fechar os olhos e adormecer, aconchegava-me a ele, pousava a cabeça no seu peito e ficava a escutar o ritmo regular do seu coração. Nunca o diria a ninguém, mas às vezes ele contava-me uma história de encantar. Contos que não lia desde a infância, quando tinha o hábito de me sentar na biblioteca depois das aulas para não ter de lidar com os meus pais nem com o silêncio da casa antes de eles chegarem. Tudo começara há cerca de

três semanas.

Ele reparara que eu estava inquieta, sempre a remexer-me na cama e por cima dele em busca de uma posição confortável e, em vez de me mandar para o sofá, que era o que eu teria feito no lugar dele, perguntara:

– Queres ouvir uma história?

Sem me dar conta que provavelmente estava só a brincar, respondi:

– Está bem.

– Com dragões ou sem dragões?

– Sem dragões.

– Então está bem. Era uma vez, numa terra muito, muito distante...

E contou-me a história de Rumpelstichen, fazendo as vozes das diferentes personagens e acrescentando partes suas.

É óbvio que nunca seria capaz de contar isto a ninguém. Nunca. Vira *O Exorcista*, o *The Shining* e o *Bambi* sozinha – ninguém poderia jamais saber que o meu namorado me contava histórias para adormecer.

Agachada, apoiada nos tornozelos, pus-me a olhar para o lavatório. Corria o risco de lhe fazer um buraco se voltasse a esfregá-lo – já o limpava uma vez hoje.

Levantei-me e massajei os joelhos doridos. *Vou esvaziar os armários da cozinha, decidi. Limpá-los. Isso deve levar algum tempo.*

Percorri o corredor em direção à cozinha. Usava uma camiseta branca e uns *boxers* de malha cinzenta do Greg (lavados). (Sim, não só precisava de contos de fadas para adormecer, como me tornara o tipo de mulher que usa a roupa interior do namorado. Se eu não fosse eu, odiar-me-ia.) Tinha o cabelo preto puxado para trás, afastado do rosto sem maquilhagem. Era coisa que raramente usava. A minha pele cor de mogno não era irrepreensível, mas era perfeita que bastasse para não ter de usar maquilhagem senão em ocasiões especiais, e os meus olhos não precisavam de rímel nem de *eyeliner*. Sentia-me abençoada no que toca à aparência. O casamento dos meus pais podia até ter falhado – divorciaram-se quando eu tinha dez anos – mas pelo menos tinham ficado juntos até gerar uma criança – eu – que podia prescindir de maquilhagem sem dar a impressão de ter os olhos encovados e a pele esburacada como se tivesse sido o alvo num jogo de dardos... Pronto, admito, era pura preguiça. Se colocamos lápis corretor, base e pó compacto depois temos de os tirar. Eu já tinha tão pouca paciência para remover o rímel, o *eyeliner* e o batom, que o esforço necessário para remover tudo o resto estava absolutamente fora das minhas

obrigações diárias.

BZZZZZ! A campanha da entrada do prédio fez-me saltar de susto e apertar uma mão contra o peito. A seguir agarrei-me à moldura da porta para me apoiar. Aquela campanha provocava-me sustos de morte desde o dia em que mudara para a casa, há sete anos, mas não sabia como lhe baixar o volume.

– Sim? – disse eu pelo intercomunicador preto.

– Vou lambe-te todinha – disse uma voz do outro lado. Pus-me logo em sentido.

Carreguei no botão da porta do prédio e abri a do apartamento quando a porta lá em baixo se fechou com estrondo atrás do meu visitante. A seguir corri para a sala e atirei-me para cima do sofá. Acomodei-me numa posição sedutora: com as pernas para a frente, as costas ligeiramente arqueadas, um braço poisado no encosto do sofá e o outro estendido ao correr da anca. Rodei um pouco de forma a colocar o peito em evidência e a cintura em segundo plano. Ouvi os passos dele no último degrau e humedeci os lábios, arrepanhei os lábios num beicinho... e foi então que percebi que ainda tinha calçadas as luvas amarelas de borracha que utilizava nas limpezas. Arranquei-as, atirei-as para trás do sofá e regresssei à pose inicial.

O Greg entrou e fechou a porta atrás de si. Sem se deter na entrada tirou o casaco, que largou à porta da sala e começou a desabotoar lentamente a camisa enquanto se aproximava de mim. À medida que o fazia ia revelando o seu peito quase sem pelo, musculado mas sem exageros.

– Bem-vindo ao paraíso – disse eu em voz rouca, tentando manter um ar sério.

Justiça lhe seja feita, não desatou a rir ao ouvir aquelas palavras nem ao ver-me naqueles preparos.

Em vez disso, os seus olhos da cor do alcaçuz exploraram-me com avidez enquanto saltava para cima de mim, enfiava a mão por dentro da minha camiseta e a sua boca encontrava a minha num beijo voraz. Ainda só passara uma semana e já estava cheia de saudades dele. Como poderia eu sobreviver quando estivéssemos afastados por mais tempo? Mal o veria durante as duas semanas do Festival e durante o período que o antecedia mal via o apartamento, quanto mais o resto. Provavelmente acabaria por implodir. E agora vou ignorar este salto de cinco meses no tempo e o ter assumido que nessa altura ainda estaríamos juntos.

Afastei-me dos seus beijos divinais.

– Prometeram-me um tratamento corporal completo, não beijinhos – avisei-o. – Posso processar-te por publicidade enganosa.

– Mais daqui a pouco – murmurou ele.

– Quero o que me prometeste – continuei eu, mantendo os lábios fora do alcance dele. – Vou encomendar cartazes e organizar marchas de protesto.

Ele parou de tentar beijar-me e olhou-me nos olhos, um tanto baralhado. Esquecera-se de que eu era incapaz de me manter num registo sério por muito tempo. Depois abanou a cabeça, exasperado.

– És tão tonta – disse ele e brindou-me com uma das suas gargalhadas luminosas.

– Faz-se o que se po...

Ele aproveitou a minha distração para voltar a beijar-me.

RING-RING-RING!

– Não atendas – murmurou ele quando estiquei automaticamente o braço para o telefone branco.

RING-RING, insistiu o telefone.

O Greg parou de me beijar e suspirou.

– Vá lá, já sei que estás mortinha por atender.

Peguei no auscultador.

– Ambs, sou eu.

– Olá, Jen – disse eu.

O Greg lançou a cabeça para trás em sinal de frustração e cravou os olhos no teto. Já devia estar a imaginar uma penosa hora de espera. Depois pareceu formar um plano, baixou muito a cabeça e começou a acariciar-me a parte interior da coxa com os lábios. Uma chuva de beijos delicados que me derretiam por dentro. Abafei um gemido e arqueei as costas.

– Estou no comboio a caminho da tua casa – disse a Jen.

Congelei a meio do movimento e abri os olhos.

– Já não temos uma noite só para nós há meses – explicou ela. – As noites de terça-feira acabaram. O Matt está em viagem e eu pensei: «Porque não?»

Alvorçada, sacudi a cabeça e os lábios do Greg da minha coxa.

– Já estás mesmo no comboio? – perguntei.

– Sim. Estou mesmo a chegar a Headingley.

Headingley! A próxima estação. Estaria ali em menos de dez minutos.

Olhei para o Greg, que finalmente desistira de me provocar e me lançava um olhar agastado.

– Estás no comboio? – repeti, sem tirar os olhos do rosto pétreo do Greg.

– Não ouviste o que eu disse? – respondeu a Jen, azeda. – Agora estamos a sair de Headingley. Devo chegar aí dentro de uns dez minutos.

– Dez minutos – repeti eu, como um eco.

As sobranceiras do Greg dispararam, escondendo-se sob a franja desordenada, e ele esbugalhou muito os olhos enquanto abanava a cabeça.

– Oh, mal posso esperar. Parece que já não nos vemos há anos – disse a Jen. – Não tinhas planos, pois não?

Espada. Parede. A formar uma sanduíche de Amber Salpone. Não via a Jen há quase dois meses, isto sem contar com aquele almoço fatídico e a noite do aniversário do Matt que, como toda a gente sabe, nunca aconteceu.

Depois de uma semana sem o ver sentia muito a falta do Greg, mas ao fim de tantas semanas também estava cheia de saudades da Jen. E não era o tipo de mulher que abandona as amigas assim que arranja um namorado. Não era a derradeira namorada. Os amigos em primeiro lugar. Os amigos são para sempre, os homens são até _____ (preencher conforme adequado).

– Não, não tenho planos nenhuns – disse eu, e vi uma névoa vermelha a toldar a visão do Greg. – Até daqui a um minuto.

– Até já, linda – disse a Jen.

– Até já.

Desliguei.

Silêncio.

O silêncio enchia toda a sala, abafando não só o som mas também qualquer movimento. Eu suspendia a respiração e a única parte do Greg que se mexia eram as pupilas a contrair-se.

– Não tens planos – cuspiu ele entre dentes.

– Não foi isso que eu quis dizer. O Matt está em viagem e não vejo a Jen há semanas – apressei-me a explicar. – Sozinha.

– Basta um telefonema dela e pões-me na rua.

– Não sejas assim. Sabes bem como ela se sente só quando o Matt vai a Paris. Está a precisar de companhia. Da companhia da sua melhor amiga. Que por acaso sou eu, lembrás-te?

– Eu preciso da minha namorada – retrucou ele. – Que por acaso és tu, lembrás-te? Não te vejo há sete dias e tão cedo não volto a ver-te porque tenho de ficar a trabalhar até tarde toda a semana.

– Temos o dia de amanhã inteirinho só para nós – lembrei eu.
– Não, tenho trabalho. Só temos esta noite.
– Ah. – Espreitei o relógio. O comboio chegaria à estação de Horsforth dentro de uns três minutos.

- Vamos contar-lhe – sugeriu o Greg.
- O quê?
- Quando ela chegar contamos-lhe, e depois já posso ficar.
- Tínhamos combinado seis meses...
- Seis meses, seis semanas, que diferença faz?

Abri as mãos numa prece silenciosa ao Altíssimo, pedindo-lhe paciência. Para ele, que não sabia o que descobrir daquela forma faria à Jen, era fácil dizer «vamos contar-lhe». Nós contávamos tudo uma à outra. Acho que o Greg não entendia isso. Se lhe contássemos assim, do pé para a mão, os seus olhos encher-se-iam de lágrimas e lançar-me-ia um longo olhar de pura mágoa, como se eu literalmente lhe tivesse espetado uma faca nas costas enquanto ela dizia qualquer coisa como «Estou muito feliz por vocês». Partir-me-ia o coração.

- Não podemos contar à Jen sem contar ao Matt. Ele passava-se.

O Greg inclinou-se para trás e fixou o teto. Agora era a sua vez de contar até noventa e oito milhões e rezar por paciência.

– OK. – Levantou-se do sofá de um salto, apanhou a camisa do chão e enfiou-a. Com gestos zangados, bruscos, apertou alguns dos botões nacarados, passou a ponta do cinto pela fivela e apertou-o. – OK. Liga-me quando ela se for embora e eu volto para cá.

– Eh... provavelmente vai passar cá a noite. Geralmente é o que estas noites envolvem.

Outro penoso silêncio. O Greg ficou especado, de mãos nas ancas, camisa meio desapertada, sem tirar os olhos do espesso tapete vermelho. A situação trouxe-me à memória o dia em que o resgatara do quarto de hotel; como ficara perplexa e alterada. Tal como me sentia naquele momento. *Mas que raio se passa aqui? Porque estará ele a comportar-se desta forma?*

- Alguma vez me vais colocar em primeiro lugar? – perguntou ele.
O quê?!

– A Jen fica superdeprimida quando o Matt não está cá. Ela precisa de mim.

– *Eu* preciso de ti. Mas isso parece não ter importância nenhuma. Ela telefona e tu pões-me de lado.

O meu corpo contraiu-se momentaneamente ao receber o veneno daquelas palavras. Era da minha melhor amiga que estávamos a falar.

– Ela? É da Jen que estamos a falar. A nossa amiga, sabes?

– Não. Vê lá se entendes isto: a Jen é a melhor amiga da minha namorada, e a seguir é a namorada do meu melhor amigo. Só *depois* é que é minha amiga. Há duas pessoas que vêm antes dela, nomeadamente tu, e depois o Matt.

Lembrei-me do que a Jen dissera naquele almoço sobre o Greg andar a evitá-los e da reação dele quando soube que a Jen e o Matt iam viver juntos. Aquilo só podia significar uma coisa.

– Tu e a Jen zangaram-se?

– Não – disse ele apressadamente, evitando o meu olhar.

Aquilo começava a assustar-me.

– Nem sequer consegues olhar-me nos olhos quando dizes isso. Porque é que estás a reagir assim?

Agora que lhe tinha chamado a atenção para o facto, olhou para mim. Tinha o rosto e os olhos vermelhos de fúria. Sem querer encolhi-me um pouco.

– Porque a Jen faz de ti gato e sapato e isso deixa-me furioso. Deixa-te plantada para sair com o Matt, arranja-te encontros às cegas e está sempre a gozar contigo. Se fosse um namorado, já lhe tinhas dado um pontapé no cu há muito tempo.

– Eu e a Jen sempre fomos assim. Nunca nos zangamos a sério. Entendemo-nos. Somos unha com carne.

Ele franziu os lábios e, com um suspiro de frustração, disse:

– Como queiras.

Deslocou-se até à porta da sala, pegou no casaco e vestiu-o. Exasperado, passou a mão pelo cabelo. (Aposto que era por isso que o tinha comprido, para ocasiões como esta. Felizmente não o disse em voz alta – seria justa causa para romper comigo logo ali.)

– Vou ter de ir pelo caminho mais longo para que ela não me veja. Às vezes pergunto-me se tudo isto vale a pena.

O meu coração parou. Estaria ele a dizer o que eu pensava que ele estava a dizer?

Entreolhámo-nos novamente.

– Quando era apenas teu amigo movias céus e terra para estar comigo. Talvez seja melhor voltar atrás. Pelo menos assim tenho uma hipótese de vir em primeiro lugar de vez em quando.

E com isto, foi-se. Eclipsou-se do apartamento deixando atrás de si um rasto de fúria. Sem um adeus. Sem um beijo. Fiquei a olhar para a porta, à espera. À espera de... de nada. Já ali não estava. Fechei os olhos e apoiei o queixo nos joelhos. Tinha partido de vez.

O Greg estava zangado comigo. Tão zangado que ia acabar com o namoro. Pressentia-o. Qualquer pessoa que tivesse assistido ao que se passara nos últimos dois minutos sentiria o mesmo: ele ia deixar-me. E não deixava de ter razão, eu punha a Jen em primeiro lugar. Mas tratava-se da minha melhor amiga. Era quem me ouvia quando queria desabafar sobre a minha família, quem me ajudara a ultrapassar as grandes separações na minha vida. Estava sempre ao meu lado. Estaria sempre ao meu lado. Fora por intermédio dela que conhecera o Greg. Conhecia-a há mais tempo – era ela que tinha prioridade sobre o meu tempo.

Mas o Greg vinha logo a seguir. Ele sabia-o, não sabia? Fora eu quem cuidara dele quando a Nina o atacara à navalhada. Não queria fazê-lo. Tive vontade de lhe bater com a porta na cara e de me esconder a um canto até se ir embora, mas não o fiz. Fora um dos momentos mais difíceis da minha vida. Por ele, voltara a fazer parte de um trio violento.

E depois houve aquela ocasião, há uns meses, em que me pedira para ir com ele fazer um teste de HIV. Quando fomos buscar os resultados, peguei-lhe na mão enquanto aguardávamos na sala de espera. Estava tão trémulo que segurar-lhe na mão me fazia tremer.

– Foi só uma vez, – não parava ele de dizer. – A única vez que não usei preservativo. De certeza que é positivo.

– Não podes ter a certeza disso – sussurrei-lhe eu.

– Cai tudo por terra se der positivo, Amber. A minha vida acabou.

– Não acabou nada – respondi. Pus-lhe um braço à volta dos ombros e dei-lhe um beijo na cara. – Sempre me terás a mim. Sabes que estarei sempre ao teu lado, aconteça o que acontecer.

Por dentro, no entanto, sentia-me fraquejar. Não sabia como iria reagir. Claro que não deixaria de gostar dele e estaria sempre a seu lado, mas como reagiria ao vê-lo definhar? Provavelmente definharia por simpatia. Apertava-me a mão com força quando o médico lhe disse que o resultado era negativo. Saltou da cadeira e abraçou-me com tanta força que quase me asfixiou. Pedi licença para ir à casa de banho e fiquei agarrada ao lavatório a lutar para não chorar. Também estivera a viver a angústia. Gostava tanto dele que era como se também tivesse feito o teste.

A campanha fez-me saltar de susto outra vez. A Jen entrou munida de vinho, chocolate, vídeos e uma hoste de produtos de beleza. Já não me apetecia estar com a Jen. Queria o Greg de volta. Queria dizer-lhe

como era importante para mim. Que vinha mesmo logo a seguir à Jen. Seria a segunda estrela no filme da minha vida. Não seria um ator secundário, mas sim um protagonista.

– Estás bem, querida? – perguntou a Jen a certa altura.

– Hum? – respondi eu, erguendo os olhos para ela.

– Pareces muito triste. Estás bem? Posso ajudar em alguma coisa?

– Estou ótima – respondi. Cobri-me com o edredão. A Jen esticou o braço para fora do sofá, onde estava aninhada debaixo de outro edredão, e passou-me os dedos esguios pelo cabelo negro. *Como se eu fosse um cachorrinho*. O pensamento foi tão veloz que não teve tempo de se fixar. Não queria zangar-me com a Jen por estar zangada com o Greg. Ou melhor, o Greg é que estava zangado comigo e eu tinha medo do que isso podia significar.

– Estou contente por termos feito isto – disse ela. – Tens a certeza de que estás bem?

– Tenho – respondi eu.

– Podes falar comigo, sabes? Vá lá, diz-me o que se passa contigo. – Os olhos da Jen, da cor de cristais de topázio azuis, fixaram-se nos meus olhos castanhos-escuros. Eu queria muito contar-lhe. Tinha tudo na ponta da língua. Queria contar-lhe tudo. Era uma coisa demasiado importante para esconder da Jen. Ela devia saber.

– É que... eu... – Mas se lhe contasse tudo, que estava com o Greg e que ele me virara as costas e se fora embora, teria de explicar porque estava furioso comigo: «O Greg tem ciúmes por eu te pôr em primeiro lugar», e desta forma abriria outra caixa de Pandora que não saberia como fechar. Ainda estava a braços com a questão de pôr a Jen antes do Greg. Os meus olhos afastaram-se dos dela e fixaram-se no televisor. – Não é nada, a sério. Coisas de trabalho. Tudo se vai resolver. Mas obrigada na mesma.

– OK – respondeu ela baixinho.

Lágrimas. Estava à beira das lágrimas. Tinham passado duas horas desde a minha primeira discussão com um namorado. Não me lembrava de alguma vez ter discutido com alguém. Uma discussão a valer. Talvez uma ou outra troca de galhardetes como a da noite em que estivéramos na iminência de ser presos. Ou um ou outro comentário sarcástico já a passar das marcas. Nada de muito radical. Não que tivesse dito muita coisa nesta discussão com o Greg. Também nunca discutira com o Sean, a não ser daquela vez de que falei ao Greg: a grande discussão sobre o *Jackie Brown*. E mesmo então, enquanto ele barafustava comigo, fiquei sentada a fulminá-lo com os

olhos, com a cabeça cheia de insultos e pensamentos maldosos que não cheguei a verbalizar. O Sean tentara provocar-me, fazer com que lhe respondesse na mesma moeda, mas isso era porque na realidade não estávamos a discutir ou a romper o namoro por causa do *Jackie Brown*. O JB era o sintoma, não a causa. Foi a proverbial gota de água que fez transbordar o copo, mas não era por causa do filme que ele estava tão danado. Essa fora a única vez em que quase discutíamos porque, enquanto o Sean me gritava, estive mesmo para contra-atacar, para lhe dizer que devia olhar para si mesmo antes de falar de mim na minha própria casa, no meu castelo.

Nunca tinha havido bater de portas, gritarias, trocas de palavras que não pudessem ser retiradas. Porque eu me recusava a seguir por aí. Ele podia dizer o que bem lhe apetecesse, podia gritar o quanto quisesse, e eu limitava-me a olhar para ele. O que só o deixava ainda mais enraivecido. Nunca fora de parte a parte. Até ao dia em que ele me deixou.

Não queria que o mesmo se passasse com o Greg. Não queria afugentá-lo. Não queria viver no medo, à espera do momento em que ele se fartasse e se fosse embora.

Se a Jen ali não estivesse, eu estaria a seguir a minha rotina de mulher enlouquecida por um relacionamento: a andar de um lado para o outro, a roer as unhas, entre o vômito e as lágrimas. Quanto mais pensava no assunto, mais pânico sentia. Voltara a fazer o mesmo, afugentara alguém da minha vida.

– Devíamos ter convidado o Greg – disse a Jen, passando-me um dedo pelos cabelos uma vez mais. – Ele é praticamente uma de nós. Tenho a certeza de que ele ia adorar uma sessão de maquilhagem facial.

– Aposto que sim – disse eu.

Capítulo 17

equilíbrio

– Normalmente, quando discuto com uma mulher, peço logo desculpas para podermos fazer as pazes. Mas neste caso não o vou fazer.

Estava sentado do outro lado da sala e parecia não ter reparado que apesar de serem duas da manhã eu estava vestida e completamente acordada. Andara às voltas no apartamento a roer as unhas, perguntando-me se devia telefonar-lhe, quando ele chegou. Não me ligara todo o dia nem à noite, por isso quando o vi senti um alívio supremo.

– Isto não é uma simples aventura para mim. Pensei, tive esperanças de que estivéssemos a construir qualquer coisa. Um relacionamento. És importante para mim.

Fez uma pausa, obviamente à espera de que eu interviesse com um «também és importante para mim».

Não levou nada. Se a intenção dele era vir com cantigas para cima de mim, então não mostraria qualquer emoção, muito menos afeto. Ser repreendida não funcionava assim, pelo menos não no meu universo.

Vi-lhe qualquer coisa no rosto. Talvez surpresa, talvez ansiedade. Era difícil ler o que ele sentia. Não estava habituada a que me virassem as costas e depois regressassem para me dar um ralhete. Geralmente ralhavam-me, viravam costas e depois nunca mais os via. O Sean era a exceção, pois fartara-me de o ver depois dos desentendimentos e nunca falávamos no assunto. Com ele, qualquer discussão unilateral era prontamente esquecida quando tornávamos a ver-nos. Com o Gregory o caso era outro, aparentemente.

– Temos um relacionamento recente, mas não deixa de ser um relacionamento. És minha namorada, por isso acho que tenho o direito de esperar que não ponhas outras pessoas à minha frente.

Abri a boca para dizer «Mas era a Jen», mas depois pensei melhor. A expressão dele sugeria que o melhor era não interromper – por mais válida que fosse a defesa. Uma repreensão era isto.

– Só tinhas de dizer «Estava mesmo a sair» e ela teria

compreendido. E mesmo que não compreendesse, e daí? Não podes tratar-me assim. Não me interessa se é a Jen ou o Keanu Reeves. Se estamos a fazer qualquer coisa não dizes às pessoas que não estás ocupada. Não o farias à Jen, por isso não mo faças a mim. Se não estás a perceber onde quero chegar, deixa-me pôr as coisas doutra maneira: vieste ver-me durante o Festival. Estás tão moída que mal consegues manter os olhos abertos e sabes que tens de estar a pé ao romper da aurora no dia seguinte para ir buscar um realizador de cinema ao aeroporto. Mas estás doida por me ver porque não estamos juntos há séculos. E então, dois minutos depois de chegares, recebo uma chamada do Matt a dizer-me: «Vamos sair e apanhar uma bebedeira. Não estás a fazer nada de mais, pois não?» e eu digo:«Ná, estava só aqui com uma miúda, ela pode esperar.» Que farias? Serias compreensiva? Não me parece. Davas-me um pontapé nos tomates antes de terminar a frase.

É verdade. Olhei para as mãos, que me doíam de tão apertadas que estavam no meu regaço. Era isso ou retorcê-las.

– Conheço o Matt há muito mais tempo do que tu conheces a Jen. É-me mais próximo do que o meu próprio irmão. Mesmo assim nunca te deixaria pendurada por causa dele.

Pronto, também não era preciso usar um martelo pneumático para espetar um pionés. Já percebi a mensagem.

– Amber, olha... – deslizou da cadeira e aproximou-se de mim a gatinhar. Com alguma dificuldade, soltou-me os dedos e pegou-me nas mãos. – Não quero que as coisas entre nós acabem. Só quero que nos ponhas em primeiro lugar. Há séculos que não me sinto assim. Posso ser completamente sincero contigo, por isso é que não pedi logo desculpas para podermos «fazer as pazes» na cama a seguir. Quero que o nosso relacionamento seja... – hesitou, procurando as palavras certas. – Sólido.

– Não volta a acontecer – balbuciei. Era o melhor que se podia arranjar. Provavelmente devia prostrar-me no chão diante dele e pedir-lhe misericórdia, mas isso nunca iria acontecer. Tal como não era conhecida por entrar em grandes discussões, também o não era por me colocar à mercê de ninguém. Descobrira que as duas coisas costumavam andar ligadas: quando se discute, é de esperar que uma das partes se coloque à mercê da outra. Neste caso, porém, talvez devesse preparar-me para pedinchar um pouco, visto que eu é que tinha errado. Por mais que tentasse justificá-lo, foi errado da minha parte ter dito à Jen que não tinha planos.

– Adoro-te – disse o Greg. – Mesmo quando éramos só amigos já te adorava. Quero estar sempre contigo. Esta semana adormeci todas as noites a desejar que regressar a casa significasse ver-te ao fim do dia. Já acordei de manhã a desejar poder estar sempre contigo. Não quero andar zangado contigo.

– Também não quero que andes zangado comigo.

– Deves achar-me terrível, não? Como se estivesse a tentar isolar-te dos teus amigos. Se fosse uma emergência eu não me importava. E se calhar não devia ter-me irritado daquela maneira. A Jen é minha amiga e um dos motivos pelos quais te adoro é porque pões as outras pessoas em primeiro lugar. Caramba, a quantidade de vezes que largaste tudo para vir cuidar de mim... – Fez uma careta triste e baixou a cabeça. – Desculpa.

– Estás a pedir desculpa por quê?

Levantou a cabeça. O cabelo negro com reflexos azuis obscurecia-lhe o rosto e ele afastou-o.

– Por ser um hipócrita.

– Isso já eu sabia. Mas para além disso estás a pedir desculpa por quê? – disse eu com um sorriso.

O Greg era tão adulto. Agora que dissera o que tinha a dizer, era equilibrado ao ponto de perceber que também não se comportara da melhor forma e pedia desculpa. Se me tivesse atirado aos pés dele a suplicar misericórdia, tê-lo ia feito à mesma. Se tivesse ficado calada, tê-lo ia feito à mesma. Ele era assim: equilibrado. Eu é que era teimosa como uma pedra. Quando metia na cabeça que a razão estava do meu lado era precisa uma proeza de força e sabedoria sobre-humanas para me convencer do contrário.

Se os papéis estivessem trocados, ainda estaria a olhar para ele à espera de um sacrifício de sangue que comprovasse o seu arrependimento. Não teria aberto o meu coração. Seguiria pela vida fora, a ranger os dentes e a lembrar-me do sucedido de cada vez que me aborresse com ele. O Greg era tão adulto.

Eu não.

O Greg sorriu ao ouvir o meu gracejo.

– Mas gosto muito de sair contigo, sabes? – acrescentei eu antes que me arrependesse. Já sei, não era «Adoro-te», mas era o melhor que se podia arranjar naquelas circunstâncias. Ele era um enigma para mim. Um código que não era capaz de desvendar. Era imperscrutável no sentido em que eu nunca sabia o que esperar. Nunca parecia haver grandes ganhos para ele. Sei que isto parece a teoria da folha de

balanços da Martha, mas eu já pensara no assunto antes de ela a verbalizar. Não conseguia perceber o que ele tinha a ganhar com o nosso relacionamento. Além do sexo, que ganhava ele com a situação? Fazia-me o pequeno-almoço quase todos os dias, preparava-me o chá numa caneca especial com tampa para beber no comboio para o trabalho, preparava-me banhos, mimava-me como se eu fosse Cleópatra, a Julia Roberts e a Jennifer Aniston em simultâneo. E ainda me contava histórias de encantar e queria saber tudo sobre mim.

Eu só ia para a cama com ele.

Por isso contava ouvi-lo dizer a qualquer momento que o nosso relacionamento não tinha pernas para andar, que preferia a vidinha de solteiro à vida com uma namorada. Suponho que não era por se tratar do Greg. Nunca me passara pela cabeça encontrar um homem que mais tarde ou mais cedo não quisesse «partir para outra», que ficasse comigo se tivesse alternativa. Que não encontrasse qualquer coisa em mim que o fizesse fugir a sete pés. Era mais uma razão para não pensar a longo prazo: quando alguém me deixava, o que invariavelmente acabava por acontecer, o choque não era tão grande. Era uma desilusão, mas não era nada que já não estivesse à espera.

– E agora, já estamos bem? – perguntou ele. Àquela distância pude ver-lhe os olhos raiados de sangue, os sinais de cansaço na pele. Até o cabelo parecia baço.

Assenti com um aceno de cabeça. Estávamos bem. Afastei-lhe uma madeixa de cabelo do rosto e olhei-o nos olhos. Pelo menos até à próxima vez.

– Podemos retomar o que estávamos a fazer antes que eu caia de sono? – perguntou ele.

«faça a si própria a seguinte
pergunta: seria a pessoa que
é hoje sem chocolate?»

Capítulo 18

impostora

– Vamos primeiro ao Harvey Nics – decretou a Jen.

Finalmente, *finalmente* tínhamos conseguido encontrar-nos para ir às compras. Ligara-me e suplicara-me para que me encontrasse com ela no centro da cidade para um festival de compras numa sexta-feira à tarde porque tinha uma ação de formação de manhã, e se eu podia fazer gazeta da parte da tarde para ir com ela. A Renée estava em Cannes e não seria a Martha a denunciar-me por isso lá concordei sem grande entusiasmo.

Depois daquela noite, no fim de semana anterior, em que o Greg saíra do meu apartamento furioso, fui obrigada a confrontar a verdade sobre mim e a Jen. Mudáramos. Éramos como barras de cereais: duas coisas completamente distintas, o que se tornara óbvio quando não consegui contar-lhe sobre mim e o Greg. Tive uma oportunidade para o fazer mas deixei-a passar. Eu não era do género de partilhar segredos e fazer confidências, mas a Jen era geralmente a exceção à regra. Era provavelmente a única pessoa em quem podia confiar e não o fizera. Finalmente tive de admitir para mim própria que já não éramos inseparáveis. Esta palavra, que definia a proximidade da nossa relação, dividira-se em três vocábulos distintos. Jen. E. Amber. Existíamos como entidades independentes. Jen. Amber. E ocasionalmente o «e» juntava-nos.

Aquela noite fora uma anomalia. Um momento Twix, com a sua embalagem vermelha e dourada a contrastar com o mar de barras de cereais em pacotes pirosos em que as nossas vidas se tinham transformado.

Era como comer só Twix. Como se sempre que comêssemos um chocolate, este fosse um Twix. E eis senão quando, sem motivo aparente, decidimos comer uma coisa diferente e começamos a provar marcas diferentes. Um dia provamos um Mars. No dia seguinte compramos um Crunch. Depois um pacote de Maltesers. A seguir um Kit Kat. Finalmente, decidimo-nos por uma barra de cereais com chocolate. Podemos até nem gostar particularmente de barras de cereais, mas habituamo-nos a comer sempre o mesmo, por isso,

sempre que passamos por uma loja, sempre que saímos para comprar chocolate, compramos sempre uma barra de cereais com chocolate. Até que um dia dizemos «Hoje apetece-me um Twix» quando alguém nos oferece uma barra de cereais com chocolate. Gostamos de Twix, desperta memórias agradáveis enquanto se derrete na boca, mas no dia seguinte voltamos às barras de cereais por força do hábito.

Assim é comigo e com a Jen. Naquela noite tivemos o nosso momento Twix – uma reminiscência da antiga relação – mas agora tínhamos voltado a ser barras de cereais.

Mesmo depois de ela conhecer o Matt continuámos a ser próximas, dois biscoitos de chocolate num pacote de Twix. Embora ele insinuasse que éramos íntimas de mais, acabámos por afastar-nos. Suspeitava que era por estar com o Greg, o que só podia significar que me transformara na derradeira namorada, algo que jurara que nunca iria acontecer. Tinha de fazer todos os possíveis para a ter de novo na minha vida.

– Por mim, tudo bem – concordei. Sim, tudo para a ter de novo na minha vida. Mesmo que isso me obrigasse a entrar numa loja onde nunca conseguiria comprar um vestido por oito libras e noventa e nove cêntimos.

A Jen estava mais magra.

Ela, que sempre parecera uma estrela de cinema, perdera peso que não necessitava de perder. Sempre fora esbelta, um 38 folgado. Era assim para o alto, tinha o cabelo pelos ombros, ligeiramente ondulado e curvas no peito, na barriga e nas ancas. Não que eu andasse a espiá-la. Vivêramos juntas durante os quatro anos da universidade e depois disso tínhamos passado muitas noites na casa uma da outra. Era impossível não a ter visto pelo menos em roupa de dormir. Conhecia o corpo dela – corpo esse que tinha perdido muito de si mesmo. Tinha a barriga praticamente côncava, os braços pareciam espetos, o peito dançava-lhe no sutiã.

– Perdeste peso? – perguntei-lhe.

– Sim – disse ela toda contente, dando uma voltinha para me mostrar. – Fica-me bem, não fica?

– Hum, não terás exagerado um bocadinho? – disse eu, com a voz cheia de preocupação por ela.

Ainda não tinha reparado como estava macilenta. Perdera o brilho saudável que tinha quando o Matt se mudara para casa dela. Agora parecia desbotada, quase como uma versão apagada de si própria.

Como se alguém tivesse feito uma marca d'água a partir de uma fotografia sua. Não lhe fazia nada bem estar assim tão magra. E se a forma como comera – ou melhor, como não comera – durante aquele último almoço fosse um indicador dos seus hábitos alimentares, aquela perda anómala de peso fora alcançada através de meios pouco corretos.

– Talvez devesse parar um pouco? Talvez até ganhar algum peso?

– Estará uma certa pessoa com ciúmes por ter chegado à conclusão de que não lhe faria mal nenhum perder uns quilinhos? – disse ela.

Fiquei varada. *Terá ela...? Terá ela acabado de...?* Quando a Jen se ofendia com algum comentário meu, por regra mandava-me à fava. Não me insultava. Não me chamava... Há uma grande diferença entre dizer «Vai à fava, se quiser morrer à fome o problema é meu.» e «Olha mas é para ti, ó bola de banha». E a Jen passara claramente dos limites. Nenhuma mulher chamava gorda a uma amiga. Mesmo que o pensasse, não lho diria na cara.

– O que foi que tu disseste? – perguntei eu, demasiado chocada para disfarçar.

– Nada – replicou ela alegremente –, estava só a brincar. O Matt gosta de mim assim.

(A julgar pela coleção de revistas pornográficas dele – *Grandes e Vivaças*; *Toiras Mamalhudas* e *Empório das Curvas* – devia haver ali algum mal-entendido entre eles.)

– E eu também. Já não suporto a ideia de ter reservas de gordura. É imoral, sabes? Quando há tanta gente que não tem o que comer, comer em excesso é imoral.

A Jen tinha grandes fobias no que dizia respeito à comida. Sempre que era abandonada por um homem, a desequilibrada da mãe dela começava uma dieta-relâmpago que implicava não comer de todo, por isso deixava de alimentar a Jen. Deixava de haver jantar e era uma sorte se a dieta comesse a meio da semana, porque nesse caso a Jen já teria comprado as senhas da semana para os almoços na cantina da escola. Caso contrário, teria de passar sem o almoço e ir lanchar a casa de um amigo depois das aulas. Quando começou a receber mesada gastava o dinheiro em coisas como pão e latas de feijão, que tinha de transportar sempre consigo para a escola porque se a mãe descobrisse seria o fim do mundo. Era assim a vida da Jen durante a adolescência: ou a mãe tinha um namorado que a menosprezava pelo simples facto de existir, ou a mãe estava sozinha e ela deixava de poder comer.

A Jen sabia o que era passar fome e fora-lhe incutida a paranoia de

ser gorda, por isso tinha sempre muito medo de comer. Até me conhecer, isto é. Se havia algo que nunca me faltara era comida: a minha mãe gostava de cozinhar; eu adorava cozinhar e adorava comer. Por isso nunca me preocupara com a questão do peso. Não era monstruosa, mas também não era nenhum pau de virar tripas. Às vezes vestia o 40, outras o 42, e às vezes a minha parte de cima pedia um 44, dependendo da loja. Quando nos conhecemos eu estava sempre a comer ao pé dela, fazia-a comer também; basicamente, banalizei a questão da comida. Ela continuava a ter os seus momentos, sobretudo quando alguém rompia com ela, em que lhe apetecia entrar em dieta, mas eu ensinei-a a comer mais nessas alturas. Porquê acrescentar ao sofrimento negando-se o consolo de coisas como o chocolate? Em conclusão: não andávamos constantemente preocupadas com o nosso peso. Por isso é que fiquei tão aflita quando a vi no provador: estava a fazer a si própria o que a mãe fizera a ambas. E agora estava a tentar fazer-me o mesmo a mim ao insinuar que eu estava gorda. Eu estava gorda.

Como é apanágio dos golpes mais cruéis, este fora imprevisto e atingira-me em cheio.

Mas, mas... pensei, olhando para o meu reflexo no espelho. Os quilos tinham derretido desde que começara a namorar com o Greg. Um regime diário de sexo e pequenos-almoços preparados por ele equivalia a um programa de dieta e exercício. Só sabia que tinha perdido peso porque a roupa me estava larga. Algumas peças que não usava há anos tinham voltado a servir-me. Não seria apanhada a subir à balança, em contagem decrescente para o peso ideal. Para a perfeição.

Mas se calhar devia. A Jen é a minha melhor amiga. Se ela acha que eu preciso de emagrecer, talvez tenha andado a iludir-me pensando que estou bem como estou.

Continuei a estudar o meu reflexo. O meu cabelo crescia a um ritmo alarmante. Quando começara a história com o Greg dava-me pelas maçãs do rosto e agora estava quase a chegar-me ao queixo. O meu rosto oval estava um pouco menos cheio, os contornos mais definidos, sobretudo na zona das maçãs do rosto. O meu pescoço era bem proporcionado. Esbelto, até. Continuava a ter os ombros largos porque era assim constituída, mas também ali se via definição. Os seios, a barriga, as coxas, a barriga das pernas... Eu estava bem, não estava? Era curvilínea, sobretudo devido às generosas proporções do meu peito. *Eu estou bem, não estou?* Bem proporcionada, curvilínea, roliça,

rechonchuda, gorda, esférica, obesa.

Para com isso!, gritou uma voz na minha cabeça. *Para, para, para com isso! Estás louca.*

– Sabes, acho que... – dizia a Jen enquanto eu me observava ao espelho com horror renovado.

Ter-me-ei desmazelado? Será que tudo me fica mal? Recentemente comprara uma roupa nova. Agora tinha mais três saias que não eram para o trabalho. Umas camisolas de malha de bom corte. Um par de calças pretas muito elegantes.

Será que fico horrível com elas vestidas? Será que o Greg gostaria de me ver com uns quilinhos a menos? Será que a Martha e a Renée se perguntam como tenho a audácia de aparecer em público?

– ...^acho que o Greg está apaixonado por mim – continuou ela, interrompendo a minha autoavaliação.

Rodopiei para olhar para ela.

– O quê?

– O Greg. Acho que está apaixonado por mim. Por isso é que reagiu de forma tão estranha quando soube que o Matt ia viver comigo. E por isso é que anda a evitar-nos.

Deixei escapar uma gargalhada.

– Pois, deve ser mesmo isso – escarneci. – O Greg está apaixonado por ti, a namorada do melhor amigo dele. Parece-me óbvio.

A Jen parou de admirar o seu corpinho diminuto ao espelho e olhou-me com um sorriso meio apiedado, meio condescendente. Voltou-se novamente para o espelho e sacudi o cabelo com um ar de modelo-em-frente-a-um-espelho. Passou as mãos pelo vestido para alisar uns vincos, rodando ligeiramente para apreciar o monte de ossos anteriormente conhecido como as suas ancas, agora envolto em chiffon cor-de-rosa e violeta.

– Então porque se atirou ele a mim?

Eia! Aquilo era um tremor de terra. Provavelmente um 9.9 na escala de Richter. Ou talvez fosse a terra a deslocar-se no seu eixo. Ou então os portões do inferno a abrir-se de par em par e os Quatro Cavaleiros do Apocalipse a galoparem a toda a velocidade na minha direção para gozarem com a minha cara. «Ah! Ah!» casquinavam eles, apontando-me uns dedos ossudos. «E tu convencida de que era de ti que ele gostava!»

– Oh, ainda não te tinha dito? – disse a Jen, a seguir no espelho a minha expressão contorcida pelo choque e pelo horror.

Os meus joelhos, supostamente gordos e gelatinosos, cederam. Encostei-me ao espelho mais próximo para não cair. Cruzei os braços

para disfarçar as tremuras. *Vamos lá ver se ouvi bem. Terá a minha melhor amiga acabado de me dizer que o aspirante a meu namorado se atirou a ela pelas costas do namorado, que por acaso é o seu melhor amigo? Não. Não posso dizer que essa informação vital tenha jamais sido transmitida ao meu cérebro.*

– O que aconteceu? – perguntei eu com a voz tão trémula como os joelhos.

– Oh, não passou de uma tolice sem importância – disse a Jen, tirando o vestido e deitando a mão a outra faixa de tecido com aspirações a peça de roupa. – Há uns oito, não, há nove meses, quando o Matt esteve um mês inteiro em Paris, o Greg apareceu lá em casa. Vinha devolver um CD e um vídeo meus que o Matt lhe emprestara. – Fez um sorrisinho maldoso. – Como se me fizessem falta. Bom, adiante: ele perguntou-me se não lhe oferecia uma cerveja e uma hora depois estávamos sentados no chão a ver televisão, podres de bêbados, e ele tentou beijar-me. Eu levei a coisa na brincadeira, e ele foi-se embora pouco depois.

Fui invadida por uma onda gelada. Aquilo era-me familiar. Fora exatamente assim que o Greg me seduzira. Arranjara uma desculpa qualquer para ir a minha casa... sentámo-nos no chão a conversar... o beijo... Só que a Jen não tinha sido imbecil ao ponto de ir para a cama com ele. E agora que pensava no assunto, quando me tecera todos aqueles elogios no dia da mudança do Matt, não tirara os olhos da Jen. Meu. Deus. Ele saía comigo porque queria a Jen e eu era o prémio de consolação. Não passava de um maldito prémio de consolação.

«Ah-ha!» exclamaram os Quatro Cavaleiros do Apocalipse.

Como pudera o Greg fazer-me uma coisa daquelas? A quem telefonara ele da esquadra da polícia? A quem recorrera depois de o atacarem com uma faca? Quem arriscara o emprego para o resgatar de um quarto de hotel? Quem lhe segurara na mão durante o teste de HIV?

Eu teria entendido se ele me tivesse contado o que se passara com a Jen. Pronto, está bem, nunca mais o deixaria aproximar-se de mim – não «papo» homens que já foram «papados», ou quase, pelas minhas amigas. Pior: que já foram rejeitados por elas. Mas mesmo assim teria preferido saber. Julguei que ele me contava tudo. Era o que mais gostava nele, e o que mais me repelia, também.

– Estás pronta? – perguntou a Jen.

Olhei para ela, já com o seu conjunto da Whistles.

– Hum, sim – disse eu. – Já me conheces, estou sempre pronta.

O Greg estava ali há cerca de uma hora e eu ainda não mencionara a tentativa de seduzir a Jen. Em vez disso, fui para a cozinha bater com os utensílios e resmungar «sacana» entre dentes. A seguir pus-me diante da bancada, faca de cozinha na mão, a ensaiar golpes imaginários à cabeça dele enquanto ele lia o jornal à mesa.

Sacana de baixa moral.

A certa altura olhou para cima e apanhou-me a esquartejá-lo mentalmente. Olhou para a faca, perplexo, obviamente a lembrar-se do episódio em que quase fora decapitado às mãos da Nina. Não baixei a faca – começava a perceber como ela se sentira.

– Já chega, estou farto! – exclamou ele, dobrando o jornal e levantando-se da cadeira. – Estás estranhíssima comigo desde que cheguei: a atirar com coisas, a resmungar... O que se passa? E não me digas que não se passa nada, porque ambos sabemos que alguma coisa se passa.

Quando chegara, quisera beijar-me mas eu afastara-me dizendo que tinha de começar a preparar o jantar. À sexta-feira não costumávamos jantar muito cedo porque o beijo dele à chegada acabava invariavelmente na cama. Muitas vezes atendíamos os estafetas do *takeaway* da zona de roupão, esganados de fome pós-coito. Porém, esta noite seria diferente. Prepararia o jantar sem a ajuda dele porque não iria haver sexo. Nem esta noite nem nunca mais.

Observei o homem com quem nunca mais teria sexo. NUNCA MAIS. Sacana alto e atraente. SACANA. Senti ganas de lhe atirar a faca à cabeça.

– E poisa a faca – disse ele.

De repente apercebi-me do ridículo da situação. Ele não sabia que eu sabia o que ele tinha feito. Eu não tinha consciência do medo que ele sentia do utensílio que eu tinha na mão. Soltei uma gargalhada nascida da náusea pesada como cimento que me forrava o fundo do estômago há horas. Nascida do cimento, pesada e empedernida, sumiu-se assim que me saiu da boca. Embora fosse um dos ruídos mais assustadores que já produzira, continuei a fazê-lo. A soltar gargalhadas de cimento até que o Greg, nervoso, começou também a rir, de olhos postos na faca. Estivemos assim muito tempo, tendo em conta que não havia humor na situação.

– Já agora, lembras-te daquela vez em que te atiraste à Jen? – disse eu.

O Greg engasgou-se numa gargalhada, ficou pálido e as mãos começaram a tremer-lhe. Não era mentira, então. Não tinha sido

imaginação da Jen, a esperança a que me agarrara desde que saíra do Harvey Nics cinco horas atrás. Era mesmo verdade: ele tentara fazer-se à Jen.

– Foi isso que ela te disse? – perguntou ele com um tremor na voz. Só o vira assim tão abalado uma outra vez – na noite em que quase fora decapitado.

– Nãããão, não foi ela, foi um sonho que eu tive. Eu tenho poderes parapsíquicos, não sabias?

Os olhos dele seguiam a faca.

– Aquilo não passou tudo de um mal-entendido.

– O quê, escapou-te que não é suposto fazeres-te à namorada do teu melhor amigo?

– Ela telefonou-me daquela vez que o Matt esteve fora durante um mês, pediu-me que passasse por lá para lhe devolver o CD e o vídeo que tinha pedido emprestados. Eu já tinha bebido uns copos por isso não podia conduzir e tive de apanhar um autocarro, um comboio e depois outro autocarro até à casa dela. – Falava apressadamente, como um homem a lutar pela vida, como era o caso. – Ofereceu-me uma cerveja, de que estava mesmo a precisar depois de tantas voltas para lá chegar. Fiquei um pouco a ver televisão enquanto bebia a cerveja. Às tantas deu-lhe para me acariciar, disse que estava a tentar tirar-me qualquer coisa da cara. Pensei que o melhor era ir-me embora e quando fui para lhe dar um beijo de despedida como ela me tinha pedido, tentou beijar-me na boca. Não fiz caso, ela também não e fui embora pouco tempo depois.

Fiquei imóvel, a relembrar a história. As histórias. Duas versões para o mesmo acontecimento. Duas versões da mesma noite. No essencial eram muito semelhantes. A devolução do CD e do vídeo. A cerveja. O beijo. O levar a coisa na brincadeira. Mas cada elemento de semelhança tinha em si uma diferença crucial. Quem tomara a iniciativa do encontro? Quem pediu ou ofereceu a cerveja? Quem tentou beijar quem? Quem levou a coisa na brincadeira e quem ficou frustrado devido ao falhanço dos seus avanços? Basicamente, um dos dois montara uma armadilha de sedução ao outro e falhara. Um dos dois era um verme mentiroso que decidira ignorar as fronteiras entre a amizade e o sexo. E de qual daqueles dois mais se poderia esperar aquele tipo de comportamento?

– Não foi bem isso que a Jen me contou – disse eu, sentindo a faca a escorregar-me da mão suada.

– De que estavas à espera? Ela e o Matt começaram a viver juntos

há pouquíssimo tempo.

– E tu começaste a comer a melhor amiga dela há pouquíssimo tempo.

– *O quê?! Não, comecei a namorar com a melhor amiga dela há pouquíssimo tempo, muito obrigado. Seja como for, sabes bem que sempre admiti o que fiz.*

– Estás interessado na Jen? – perguntei-lhe à queima-roupa. Eu tinha de saber.

Os olhos dele pousaram em mim.

– Olha – disse eu com um encolher de ombros. – Eu não me importaria se estivesse. É perfeitamente compreensível, ela é linda de morrer. Ainda não conheci nenhum homem que não estivesse interessado nela. Mas prefiro saber. Agora. Não daqui a uns tempos quando já estivermos juntos há algum tempo e eu entrar em casa e for dar convosco na cama e tu me disseres que era algo que tinhas de fazer porque sempre estiveste interessado nela. Isso seria o meu fim. Por isso, diz-me só. Eu não me importo. Não fico zangada. *Será aquela emoção sem nome para além da fúria. Estarei naquele plano emocional em que «furioso» é alguém que ergue uma sobranceira.*

– Acredita em mim.

Os olhos do Greg permaneceram pousados em mim com uma expressão impassível até eu terminar de falar.

– Não estou nem um pouco interessado na Jen. Nunca estive, e nunca vou estar. – Falava com uma voz grave e encolerizada. Parecia convincente, mas ele sabia sê-lo quando queria. – Ouviste bem? Ou queres que repita? Mais alto, talvez? Porque não me importo de o fazer.

– Então porque reagiste de forma tão estranha à mudança do Matt?

Inspirou fundo algumas vezes, tentando acalmar-se.

– Anda sentar-te e eu conto-te.

Não perco nada em ouvi-lo. Mas não posso deixá-lo envolver-me em mentiras. Enquanto me aproximava da mesa o Greg tirou-me a faca da mão e sentou-se ao meu lado.

– E então? – perguntei.

– Queres casar, Amber? – perguntou ele, e acrescentou logo em seguida – Não comigo. Não estou a pedir-te em casamento. Estou a perguntar-te se casar faz parte dos teus planos.

– Não – respondi. – Não acredito no casamento. Mas é possível que acabe por me casar.

– Porquê?

– Porque se quiser ficar com alguém, poderei ter de ceder. A maior parte dos relacionamentos não sobrevive à recusa de um pedido de casamento. Quererêi fazê-lo? Não. Fá-lo-ei? Provavelmente.

– E o que aconteceria depois se encontrasses alguém com quem quisesses mesmo casar? Porque haverá sempre alguém com quem vais querer casar-te.

– Mesmo que haja, e não estou a dizer que concordo, já estaria casada, por isso não haveria nada a fazer. Mas o que tem isso a ver com o Matt e a Jen e andares a evitá-los?

Duh! Assim que as palavras me saíram da boca, fez-se luz no meu espírito.

– O Matt conheceu alguém?

– Não – respondeu o Greg sem parecer dar-se conta que quase me provocara um ataque cardíaco.

– Mas então tu achas que o Matt não quer viver com a Jen e que só o fez para lhe fazer a vontade?

Hesitou. Era uma coisa que fazia muito, e eu odiava as hesitações do Greg. Não auguravam nada de bom.

– O Matt e a Jen são o Matt e a Jen. Não quero envolver-me.

O quê?, perguntei em silêncio, erguendo as mãos e abrindo-as num gesto de interrogação.

– Isso não faz sentido nenhum. – disse eu. – E não explica nada.

– Eu... – Outra pausa. Os olhos dele vasculharam os ares em busca das palavras certas num guião etéreo que só ele era capaz de ler. – O Matt não é quem a Jen julga que é. E tenho a certeza de que sabes coisas sobre a Jen de que ele nem sonha. Acho que eles se precipitaram. Nenhum dos dois sabe o que está a fazer.

– E nós sabemos?

– O nosso relacionamento é diferente. Começámos por ser amigos e não tínhamos segredos um para o outro, certo?

O Sean. O meu ex. Alto, loiro, viril. De traços fortes. Um sorriso «Vai uma rapidinha?» Não sei o que mo trouxe à ideia naquele momento.

– Sim. Nada de segredos.

– Aí tens. Há coisas que o Matt e a Jen têm de resolver antes que lhes rebentem na cara e eu não quero estar por perto quando isso acontecer. Não és tu que preferes sempre o caminho mais fácil? Bom, eu também tenho licença para conduzir por essa estrada.

Certo. Mas isso não muda o facto de que era a palavra dele contra a da Jen.

A Jen. Melhor amiga desde o primeiro ano da universidade. Relicário de quase todos os meus segredos. Vaca recém-batizada (ainda estava ressentida por causa do comentário dela).

Versus.

O Greg. Vadio. Até há cerca de um ano já tinha ido para a cama com umas cem mulheres. Beijara só Deus sabe quantas. Tentara seduzir tantas que provavelmente até Deus deixara de contar. Namorado recente.

Em quem deveria acreditar? Em quem me dizia o instinto que acreditasse?

Na verdade, talvez não devesse acreditar em nenhum dos dois. Talvez, tendo em conta que já estavam ambos embriagados, se tenham aproximado para um beijo de despedida e se tenham atrapalhado. Já me tinha acontecido. Mesmo com amigas. Beijara montes de mulheres por engano e não estava a tentar seduzir nenhuma delas, nem mesmo as bonitas.

Era isso. A Jen e o Greg não tinham nada a esconder. Fora tudo perfeitamente inocente. Tinha de ser. Eu não concebia outra explicação. Se assim não fosse, então um deles tentara seduzir o outro e eu não podia... *não queria* pensar sequer nessa possibilidade. De todo.

Capítulo 19

verdadeiro apreciador de chocolate

Comecei a fazer algo que não fazia desde que deixara de ser celibatária no sentido mais puro da palavra.

O meu amante secreto ficaria horrorizado se soubesse o que eu estava prestes a fazer, o que costumava fazer regularmente antes do nosso relacionamento: estava na senda do chocolate.

Não ia comprar chocolate. Na verdade, quando ia numa senda de chocolate como deve ser nunca comprava chocolate. Num supermercado, dirigia-me à secção dos chocolates, pegava neles, lia as listas de ingredientes, sentia-lhes a forma e tentava farejá-los através da embalagem. Basicamente agia como uma doida varrida. Estava sempre à espera de ser expulsa à força e banida para sempre do estabelecimento. Desde que me tornara parte de um casal, ainda que secreto, passara a ser demasiado respeitável para tais comportamentos. Farejar chocolate em supermercados não era o tipo de coisa que se fazia quando se tinha sexo regularmente e tudo o mais. Mas agora aqueles corredores chamavam por mim como uns sapatos de salto agulha em imitação de pele de leopardo chamavam por um fetichista de sapatos – o canto da sereia a que não se podia resistir. Mantivera-me à distância o mais que pudera. Ignorara os chamamentos, os desejos, o canto do chocolate. Fingira que o sexo bastava. No entanto, só se pode fingir até certo ponto. Eu precisava de ir ao chocolate.

Não era viciada em chocolate. Não me limitava a ter desejos de comer chocolate ou a usá-lo como anestésico quando as coisas corriam mal. Gostava de chocolate. De olhar para ele, cheirá-lo, sentir-lhe a forma e a textura, comparar pessoas com ele. A parte de o comer era um extra.

Entrei no Morrisson's envergando as minhas calças azuis-marinhas de estilo militar, uma *t-shirt* branca e uma gabardina preta. Ocultava o meu rosto depravado debaixo de um boné. Peguei num cesto de compras metálico – um bom disfarce para o efeito – e dirigi-me para a secção dos doces com o coração a palpitar de emoção. Quase corri nos últimos metros até à terra prometida. Ao virar uma esquina vi o

corredor dos doces estendendo-se diante de mim, duas linhas paralelas de pura delícia. Mal pude conter um «Huuuuuummm!» à Homer Simpson. Caminhei até ao centro do corredor e fiquei ali a olhar para todo aquele chocolate. As tabletes individuais, gigantescas. As versões miniaturais amontoadas em grande número nos seus pacotes. Os pacotes múltiplos de tabletes normais. Huuuuummm! Chocolate. Chocolate por todo o lado... Huuuuummm! Peguei num pacote múltiplo. Twix. Senti-lhes a forma através da embalagem, as nervuras onduladas do chocolate através do plástico fino. Depois virei o pacote e li os ingredientes. Primeiro em inglês. Depois em todas as outras línguas, cruzando as referências com o inglês e verificando que «Xarope de Glucose» era:

Glucosesiroop em NL
Glukosesirup em A
e Sirop de Glucose em F.

Depois de aperfeiçoar o meu vocabulário sem saber, no entanto, que língua sabia agora melhor, olhei para os dois lados para ter a certeza de que estava sozinha no corredor antes de levar o pacote ao nariz e inspirar. Profundamente. Nada. Sabia que fisicamente era impossível detetar qualquer cheiro, mas mentalmente sentia-o. Mentalmente sorvia-o com avidez. A baunilha doce, o cacau amargo, o leite em pó, o xarope de glucose. Caramelo. Açúcar. Aromas artificiais. Huuuuummm! Fechei os olhos, imaginando-o a derreter. Na língua, num tacho, à mesa de jantar. Imaginando-me a observá-lo enquanto a temperatura circundante o aquecia, erodindo-lhe a forma até este ficar reduzido a pequenos charcos de líquido na prata. Perfumando o ambiente. Baixei a cabeça e utilizei a pontinha da língua para o convencer lenta e suavemente a entrar-me na boca...

Abri os olhos de repente, com a sensação de estar a ser observada. Estava prestes a ser conduzida à saída do supermercado. Olhei disfarçadamente para a esquerda. Só havia outra pessoa no corredor, um homem, mas não estava a olhar para mim. Estava a salivar diante do chocolate como se este fosse fazer um *striptease*. Era alto, de aspeto robusto, tinha a cabeça rapada e pele castanho-escura.

Pegou numa tablete e levou-a ao nariz. Inspirou fundo e susteve a respiração. *Eu pareço assim tão estranha?*, pensei. Provavelmente. *Cá está um pensamento que me devia fazer pensar duas vezes. Não o suficiente para me impedir, claro, mas pelo menos dá que pensar.*

O olhar lúbrico do homem voltou-se lentamente e apanhou-me a espiá-lo. Desviei os olhos, desejando ser invisível. Momentos como aquele geralmente precediam as palavras «Está a olhar para onde?» e precipitavam uma visita ao hospital e/ou à esquadra da polícia.

– Eu tento não o fazer, mas é mais forte que eu – disse uma voz ao meu lado.

Sobressaltei-me um pouco antes de me virar para ele.

– Já reparei – disse eu, e desviei o olhar.

– Imagino sempre poder cheirar os ingredientes – disse ele.

Voltei a cabeça de repente para olhar para ele. Estaria a gozar comigo? Obviamente também não batia muito bem da bola, mas estaria a tentar ridicularizar-me?

– Certo – disse eu num tom neutro e reservado.

– O Mars é o que cheira melhor – disse ele.

– Não, o que cheira melhor é o Terry's Chocolate Orange – ripostei eu.

Olhou-me por um momento como que a perguntar-se se eu não estaria a tentar ridicularizá-lo.

– Também é farejadora? – perguntou ele, por fim.

Abanei a cabeça. *Não fales com o senhor desconhecido.*

– Não, nem por isso. De vez em quando. Muito raramente.

O farejador de chocolate exibiu um grande sorriso que lhe iluminou o rosto.

– Não sei se terá idade para se lembrar disto mas também já houve um Terry's Chocolate Lemon – disse ele.

– Tenho uma vaga ideia. Lembro-me que havia mais que uma variedade da gama Terry's e que a embalagem era amarela.

– Correto. Foi retirada do mercado ao fim de dois anos, em 1981.

– Isso já foi há mais de vinte e cinco anos, por isso não me leve a mal se não me lembro bem. É um pouco como o Snickers, que para mim será sempre Marathon. Daqui a uns dez anos só velhotes como eu se vão lembrar disso.

– Não! – protestou ele. – O Marathon ficou para a história. Para quem tem a cabeça no lugar será sempre Marathon. Snickers, por amor de Deus! Rima com «knickers»⁵, não dá vontade nenhuma de comer uma coisa com um nome desses, não concorda?

– Não consegui abafar uma gargalhada.

– Pois não.

– No entanto considero os Marathon um pouco doces de mais para mim.

– Não, os mais doces são os Mars.
– Mas olhe que o Milky Way é enganadoramente doce. Não estamos à espera que seja tão doce, mas é – declarou ele.
– Não como Milky Way há séculos – disse eu.
– Os Crunchies também são muito doces, sabe? Agora a questão que se coloca é: qual é o seu chocolate preferido?

– Maltesers.
– Nem sequer pensou no assunto.
– Já reflecti sobre os possíveis traumas de ser sentenciada a comer apenas um tipo de chocolate durante o resto da vida e escolhi Maltesers sem hesitar. E você?

– Eh...
– Tem de pensar? – piquei eu. – Que raio de fã de chocolate é você?
– Não, não, não me exclua já do clube de fãs. Desculpe, é que eu tenho fases. Um dia é o Galaxy, no dia seguinte é o Mars. Há alturas em que era capaz de trocar o meu testículo esquerdo por um pacote de M&M's de amendoim.

– Não chega – disse eu.
– Está bem, está bem...
Levanto a mão e começo a fazer contagem decrescente com os dedos.

– Tiquetaque, tiquetaque, tiquetaque...
– BOUNTY! – exclamou ele. – Escolho o Bounty.
– Teve sorte, o tempo estava mesmo a chegar ao fim.

O Sr. Farejador de Chocolate sorriu.
– OK, outra pergunta de vital importância – disse ele. – Lê os ingredientes antes ou depois de cheirar o chocolate?

– Antes.
– Eu também. Torna mais fácil imaginar os cheiros, não é?

O meu estômago deu uma reviravolta. Aquilo era impróprio. Ele estava a tocar-me sem me pôr um dedo em cima. Falava a mesma linguagem que eu e isso excitava-me. Estes eram os preliminares para uma prova de chocolate a dois. Ele seguraria um Malteser e eu daria pequenas dentadas no chocolate até restar apenas a esfera de malte. A seguir introduzir-me-ia a esfera entre os lábios e eu chupá-la-ia até se dissolver.

Eu oferecer-lhe-ia um Cadbury's Creme Egg e morderia o topo por ele, que mergulharia a língua lá dentro para lamber lentamente o doce recheio... Caramba, aquilo era constrangedor. Muito constrangedor. Arrisquei outra olhadela. Ele fazia mais o meu tipo que o Gregory. Era

um pouco mais velho que eu: trinta e oito, talvez quarenta. Rosto marcado pelas rugas, cabeça rapada. A pele dele era ligeiramente mais clara que a minha e tinha olhos da cor da castanha. Irradiava uma serenidade que contagiava toda a gente à sua volta. E essa serenidade era inebriante. Eu queria mais. Podia inclinar-me para a frente e encostar os lábios aos dele, só para sorver um pouco daquela serenidade dos lábios dele. Tinha aquela centelha, aquela capacidade de comunicar e cativar o meu espírito, a minha imaginação e o meu sentido de humor. Embora só o conhecesse há poucos segundos, revia-me neste homem.

Desloquei-me às prateleiras, estiquei o braço, peguei na primeira coisa que me veio à mão e levantei-a para ler o rótulo. Nem sequer conseguia ler os ingredientes porque tinha as mãos trémulas. Nunca nenhum homem tivera este efeito em mim.

– Que acha de irmos tomar um café ou qualquer coisa do género? – perguntou ele.

Assim, sem mais nem menos. Nada de esperar um ano enquanto se insinuava nos meus afetos; nada de me cortejar; nada de se lançar sobre mim com a língua de fora, raivoso e impaciente. Apenas um simples convite para um café. Havia, é claro, a possibilidade de que ele, um completo desconhecido, se insinuasse junto de mulheres em supermercados, levando-as a ir tomar café com ele para nunca mais serem vistas.

– Não, disse eu. Fosse qual fosse a sua motivação, não podia ir tomar café com ele. Se o Greg me fizesse uma destas dava cabo dele.

– Não sou nenhum tarado. Olhe, dou-lhe o meu cartão de visitas e pode telefonar a quem quiser a dizer quem eu sou. Dê-lhes os meus dados e diga-lhes que lhes vai telefonar de dez em dez minutos para saberem que está bem.

Tirou do bolso uma carteira preta de cabedal já gasta pelo uso e vasculhou-a até encontrar o que procurava. Puxou de um cartão de visitas e entregou-mo. Aceitei o pequeno retângulo de papel sem olhar para ele.

– Eu, eh, tenho saído com uma pessoa – expliquei.

– Ah sim? – disse ele, genuinamente desapontado. – Mas não é nada sério, pois não?

– Porque diz isso?

– Não traz anel de noivado nem aliança de casamento – disse ele agitando os dedos grossos com as suas unhas impecáveis. Lembrei-me das unhas roídas do Greg.

– Nem todas as mulheres casadas usam aliança – repliquei eu.
– É verdade, mas também não disse que tinha marido ou noivo. Nem namorado ou companheiro. «Tenho saído com uma pessoa» é o que diz alguém que ainda não se habituou à ideia de estar com alguém.

Bem visto.

– Ainda que não queira ir beber um café comigo, posso perguntar-lhe há quanto tempo é uma verdadeira apreciadora de chocolate? Odeio o termo chocoólico. Para mim é uma não-palavra. Prefiro verdadeiro apreciador de chocolate. E então, há quanto tempo?

– Há algum.

Ele voltou a sorrir e disse:

– Eu parei durante uns tempos, o farejar chocolate em público, mas quando vim para Leeds recomecei. Ajuda-me a manter os pés na terra. Sinto-me um pouco perdido. Não estou na minha terra e não conheço muita gente. Mas o chocolate... Onde quer que se vá neste mundo encontra-se sempre chocolate.

– O que faz obriga-o a viajar pelo mundo? – perguntei eu.

– Sou realizador – disse ele.

– Para que estúdio?

– Não trabalho para nenhum estúdio. Filmes. Sou realizador de cinema.

– Algo de que já tenha ouvido falar? – perguntei, imediatamente ciente de que estava a falar com o realizador de *Bem-vindos à Central do Vómito*.

– Provavelmente não – disse ele. Mencionou dois títulos e o meu coração disparou. Adorava aqueles filmes. Insistira que os passássemos no Festival e tínhamo-lo convidado para vir ao Festival há dois anos, mas ele estava no estrangeiro em filmagens.

– Vi-os a ambos. – Eu tinha uma memória enciclopédica para filmes e afins, mas não para outras coisas. Era incapaz, por exemplo, de recitar de memória os nomes de todas as esposas de Henrique VIII, mas se me pedissem para nomear os cinco maiores êxitos de bilheteira da Sandra Bullock ainda era capaz de acrescentar as datas das estreias internacionais. – Um era sobre um muro de uma pequena cidade que, ao longo dos anos, se convertera num espaço para ventilar discórdias entre as diferentes religiões que existiam no local; o outro era sobre uma semana numa estrada africana: quem a utilizava, de onde vinham, para onde se dirigiam.

Ele era bem conhecido nos círculos do cinema, mas parecia – se os

meus olhos não me enganavam – lisonjeado.

– Como é possível que tenha visto os meus filmes? – quis ele saber, todo animado.

E agora? Dizia-lhe a verdade e dava-lhe carta branca para infernizar a minha existência durante as semanas seguintes – durante os próximos anos, provavelmente – tentando convencer-me a mostrar todos os seus filmes no festival?

– Eu, eh, vejo muitos filmes.

– Resolvi fazer uma pausa na realização e estou a lecionar um curso de Realização de Cinema. Bom, então diga-me: há quanto tempo é fã do meu trabalho? – perguntou ele com um grande sorriso.

Simpatizava com aquele homem, era maravilhosamente desconcertante – à semelhança de Ted Bundy, o conhecido assassino em série.

– Onde é o curso? – perguntei. – E estou propositadamente a ignorar a última pergunta porque não tenho provas de que é quem diz ser e não quero gastar elogios no homem errado.

Estou a namoriscar. Estou mesmo a namoriscar. Isto não é nada normal da minha parte. Em geral. E particularmente agora que tenho namorado. Daqui a nada ponho-me aos risinhos e a afofar o cabelo. E depois, a fazer-lhe olhinhos doces. Se isso acontecer terei de ir para o meio do trânsito e certificar-me de que o autocarro 55 me passa por cima. Aliás, o melhor será pendurar um letreiro ao pescoço a dizer «É favor fazer marcha-atrás» para ter a certeza de que nunca mais faço olhinhos a ninguém.

– Dou aulas no Politécnico, em Meadwood. É um curso de três meses para iniciados. Porquê, está a pensar inscrever-se?

Acenei com a cabeça.

– Ótimo. Não posso sair consigo se for minha aluna.

Soltei uma risadinha tonta. *Oh, meu Deus, já começou. Começaram os risinhos idiotas.*

– Namorado, lembra-se? Eu tenho um – disse eu com a veemência de quem tenta lembrar-se a si própria desse facto, e não à pessoa com quem fala. Resumindo: eu não podia levar aquilo por diante. Não se tratava apenas de um jogo de sedução sem consequências, mas sim de um com potencial. Com potencial para algo mais. Talvez um caso passageiro, talvez algo mais sério. Fosse o que fosse existia em potencial, um potencial que de bom grado exploraria – caso não tivesse namorado.

– Ah, agora foi promovido a namorado. – O Sr. Farejador de Chocolate avançou um passo com os olhos fixos nos meus. Eu sentia

uma vontade louca de... de... – Vá, venha daí tomar um café. Pode falar-me desse seu namorado.

Uma vontade louca de...

– Não. – Se havia algo de que não precisava naquele momento era de complicar ainda mais a minha vida. A Amber Bem Comportada sabia-o bem. No entanto, pensando melhor, não fora a Amber Bem Comportada que decidira ter sexo num beco e que escondia da Jen o relacionamento com o Greg? Para. *Para de pensar assim*. Pousei o pacote de chocolates que tinha na mão – Tenho de ir andando. Foi um prazer conversar consigo.

– O prazer foi todo meu. Acho-a encantadora. Não me dá ao menos o seu número de telefone? – perguntou ele.

Abanei a cabeça.

– Não, pode querer usá-lo.

– «Posso», não: «vou». – Sorriu. – Tem os meus números, por isso podia ser você a telefonar-me.

– Pois podia.

Ele abanou a cabeça.

– Mesmo que não me telefone, algo me diz que vamos voltar a ver-nos.

– Porquê, vai começar a seguir-me?

Ele soltou uma gargalhada.

– Não. Estamos destinados a ficar juntos.

– Quando eles dizem esse tipo de coisas nos filmes, geralmente seguem-se perseguições, assédios, providências cautelares, rapto e/ou ser-se empurrado do topo de um edifício. Já devia sabê-lo, *Sr. Realizador*.

Ele continuou a rir.

– Suponho que não há forma de dizer que a nossa união está escrita nas estrelas sem parecer um psicopata, pois não?

– Se calhar é porque não é coisa que se diga. Adeus.

Nem sequer tirei o casaco e o boné antes de ligar o iMac e esperar que arrancasse. Liguei a Internet e introduzi o nome que estava no cartão de visitas num motor de busca. Apareceram centenas de páginas. Acedi ao primeiro site na lista. Apresentava a filmografia do realizador.

Os que eu vira constavam da lista. No entanto, não havia nenhuma fotografia. Passei os olhos pela página de resultados. Acedi a outro site. Zero fotografias. Desci mais um pouco na lista e foi então que vi

uma referência ao curso. Entrei no *site*. Lá estava ele. Uma fotografia dele ao lado do plano do curso. Era mesmo ele. Acabara de ser namoriscada por um realizador de cinema. Que realizara dois dos meus filmes preferidos. Namoriscara-me. Chamara-me «encantadora».

Olhei para o cartão de visitas que me dera e passei o polegar pelas letras em relevo.

Lembrei-me da forma como ele sorria, da forma como os seus olhos castanhos sustentaram o meu olhar. De como desatara *a rir como uma tolinha*. O homem realizava filmes, dava cursos sobre realização de cinema e farejava chocolate. Onde estivera ele durante os meus longos meses de celibato. Em que lhe teria saltado para cima como uma mulher esfomeada a quem ofereceram um bolo de creme? Oh, sim, era celibatária porque agia como uma louca em relacionamentos, mas nem mesmo eu teria dito que não a alguém tão apropriado como ele.

Era absurdamente apropriado. Se ele e o Greg estivessem numa competição, eu não teria olhado duas vezes para o Greg com o seu cabelo comprido e o seu pénis viajado. Já o Sr. Farejador de Chocolate... Não conseguia imaginá-lo a saltar da janela de um quarto nuzinho em pelo porque o marido da mulher com quem estava na cama chegara mais cedo que o previsto de uma viagem de negócios.

Bastava olhar para o Greg para se ver que representava sarilhos. Que era capaz de fazer avanços à melhor amiga da namorada. Não estou a dizer que o fez, mas o potencial estava lá, razão pela qual quisera prontamente acreditar no que a Jen me tinha dito. Razão pela qual tinha ido ao chocolate. Era algo que me incomodava. Procurei ignorá-lo quando o Greg se explicou ali, à minha frente, há uns dias. Mas não me deixava em paz. Não que estivesse sempre a pensar no assunto, ou que só pensasse nele de vez em quando... estava simplesmente lá, sempre presente. A possibilidade de o Greg ter feito avanços à Jen, reforçando a minha certeza de que ele era um enigma que eu nunca seria capaz de decifrar. Precisara de fazer algo tranquilizador, que me restituísse à normalidade. Tal como o Sr. Farejador de Chocolate, só o fazia quando me sentia perdida. Ou insegura. Ou a precisar de algo reconfortante.

Não tinha ninguém com quem falar sobre as minhas angústias relacionadas com o Greg e a Jen. Não podia desabafar com a Jen, obviamente. Muito menos com a pessoa seguinte na minha lista, porque essa pessoa era o Greg. Também não podia contar nada à terceira pessoa da lista porque o Eric, o meu irmão, não sabia o que se passava entre mim e o Greg. As únicas pessoas com quem podia

partilhar as minhas vagas incertezas eram a Martha e a Renée. E sabia bem o que pensavam dele. Se lhes chegasse ao ouvido que ele me fizera alguma, em menos de uma semana o corpo dele seria encontrado a boiar de barriga para baixo no rio Aire. Por isso é que, apesar da minha nova situação amorosa, saíra na senda do chocolate, em busca de algo que apaziguasse o meu espírito.

Entretanto, conhecera o Sr. Farejador de Chocolate. Estaria o destino a tentar dizer-me mais alguma coisa? Ele parecia-me a opção mais lógica e sensata. A minha opção se não estivesse com outra pessoa. A opção que poderia ainda escolher embora estivesse com outra pessoa. Não trairia o Greg. Acabaria tudo com ele... Fácil, não?

Voltei a olhar para o cartão.

Nunca tinha desejado tanto telefonar a um homem. Nunca. Ansiava falar com ele. Ouvi-lo falar dos seus filmes. Pedir-lhe uma opinião sobre a ideia que tinha para um argumento. O argumento de que o Greg tinha ciúmes. Não que estivesse a escrevê-lo, mas o Greg queria estar sempre comigo. *A toda a hora*. Se estivesse ao computador a tentar escrever umas ideias, ele não aguentava mais de vinte minutos, às vezes quarenta minutos, sem me afastar do computador com a promessa de sexo. Ultimamente fazíamos sexo no meu quarto de hóspedes/escritório com muita frequência. Só conseguia trabalhar se me sentasse ao lado dele no sofá com papel e lápis na mão. Aí tudo bem. Ficava feliz da vida a ver televisão ou a ler desde que me tivesse ancorada perto dele. Era como uma criança que exigia atenção constante, e o meu argumento era outra criança com a qual disputava essa atenção. Eu podia brincar com a outra criança desde que ele estivesse presente. Não imaginava o Sr. FC a fazer o mesmo. Ele entenderia a minha necessidade de me trancar durante horas para trabalhar no argumento. Embora não tivesse futuro, eu gostava de trabalhar nele. De pensar nos atores para os papéis e em como se materializaria no grande ecrã.

Ergui os olhos para o céu, para os poderes que controlavam estas coisas.

– Isto não tem graça! – gritei eu, agitando o cartão de visitas. – Não tem graça nenhuma!

5 N. da T.: Em português, «cuecas».

«não há nada mais satisfatório
do que abrir uma caixa de
bombons sabendo que se trata
de território inexplorado»

Capítulo 20

de fim de semana

– Que pensas fazer este fim de semana? – perguntou-me o Greg.

Quarta-feira à noite. Era sempre na quarta à noite que ele trazia à baila o fim de semana, embora os passasse praticamente na minha casa. Acho que gostava de pensar que ainda estávamos a levar a coisa com muita calma, que tínhamos vidas separadas.

Desta vez, no entanto, eu tinha planos para o fim de semana. E não o incluíam. Ainda não tinha arranjado coragem para lho dizer. Andava constantemente a adiar o momento porque dispensava o drama. Como quem olha para um céu escuro e nublado, sabendo que trará chuva, eu olhava para o meu taciturno namorado e via que os meus planos não iam agradar-lhe nem um pouco.

– Tenho, eh, umas coisas para, eh, fazer – disse eu, rezando para que ele não dissesse...

– Ah sim? O quê?

Tentei não parecer culpada ou levantar suspeitas ao dizer num tom esganiçado:

– Umas coisas.

Não que tivesse motivos para me sentir culpada. A meio do jogo o Greg tirou os olhos do seu Gameboy. (Eu digo «seu» mas o Gameboy pertencia-me. Ele só o adotara. Resgatara-o do seu cantinho poeirento ao lado do televisor, limpou-o e agora ia com ele para todo o lado. Dava-lhe uma ração regular de pilhas, brincava com ele e comprava-lhe jogos novos. Se ainda não o conhecesse, diria que queria ter filhos.)

– O que é? – quis ele saber.

– Nada.

– Mas posso participar nesse nada?

– Não.

– E é o fim de semana todo?

– Sim.

O Greg pousou o Gameboy ao seu lado no sofá, franziu os lábios, inclinou a cabeça para o lado e observou-me com fria desconfiança.

– Vais encontrar-te com outro? Diz-me. Prefiro saber a não saber.

– Sim, porque entre o trabalho, ver-te quase todas as noites, ir a projeções e fazer de conta que trabalho no meu argumento tive mesmo tempo para começar outro caso amoroso. Apanhaste-me, confesso. – Levanto os braços numa atitude de rendição. – Encontro-me com ele no comboio para o trabalho, onde damos uma queca (toda a gente olha para nós, mas não nos importamos porque é a única altura em que nos vemos). Depois eu saio em Horsforth e ele segue até Poppleton.

O Greg tinha o ar perdido de um homem a afogar-se num mar de ignorância. No entanto eu não podia dizer-lhe, porque iria querer envolver-se e era isso que eu queria evitar.

Por muito que gostasse de estar com o Gregory, uma parte de mim continuava a sentir-se abafada, quase sufocada. Às vezes dava por mim a perguntar-me por que motivo assumira um relacionamento sério com alguém. Aquela deixara de ser a minha vida, agora era a nossa vida. Já não podia vivê-la a meu bel-prazer. Passar o domingo na cama a ver televisão e a comer chocolate na companhia das minialmofadas que atirava ao ecrã para mostrar a minha indignação. Já não era livre de não ficar à espera que o telefone tocasse quando ele não aparecia. De não pensar duas vezes antes de falar com receio de o magoar. Eu gostava de estar com o Greg, mas será que ele tinha de fazer parte de todas as áreas da minha vida? Com o Sean isso não acontecera. Sabia ficar no seu lugar. Não andava constantemente a abrir portas na esperança de que conduzissem à minha alma. Mais uma razão para ter ido farejar chocolate uns dias atrás. Fora em busca de algo que não tivesse a ver com o Gregory «Peck» Walteson, de espaço para respirar. Queria afastar da cara a almofada que era aquele relacionamento.

Conhecer o Sr. Farejador de Chocolate também servira para me lembrar de que eu e o Greg tínhamos muito pouco em comum para além da nossa amizade. Ele não era grande apreciador de filmes, não percebia nada de chocolate, era demasiado atraente quer para o seu próprio bem, quer para o meu.

Voltou a inclinar a cabeça e olhou-me nos olhos como que a ler a minha expressão.

– Pelo menos diz-me de que se trata – disse ele.

Calei-me. Devolvi-lhe o olhar com uma expressão impassível no rosto.

Ele aguçou o olhar, procurando derrubar as minhas defesas.

Inadvertidamente acabara de se inscrever num curso rápido em

Visagismo com a Amber. No que toca a expressões de pedra, ninguém me batia. Por fim, fez um ar resignado.

– Amber, se não me contares vou entrar num frenesi de ciúmes.

Não posso dizer que sou grande fã de frenesis, de ciúmes ou de outro tipo. Não tinha outra saída senão confessar tudo.

– A minha família vem cá passar o fim de semana. Os pais vêm de Londres, o irmão de Edimburgo – balbuciei eu.

Imagine uma criança pequena a segurar um enorme gelado de dois sabores de chocolate com dupla cobertura. Por cima, xarope de morango e aparas de chocolate. Agora imagine esta criança a inclinar-se para dar a primeira lambidela. Nisto, o gelado desprende-se do seu cone de bolacha e despenha-se no solo formando um enorme borrão. Visualize a expressão da criança mesmo antes de abrir a boca para chorar, aquele semblante de pura incompreensão, de profunda injustiça e de brutal agonia. Era assim a expressão do Greg.

– É a reunião semestral da família – disse eu com a voz de uma mulher a tentar desesperadamente apanhar o gelado do chão. – Somos sempre só os quatro.

A expressão do Greg não desarmou, *implorando-me* que lhe explicasse por que lhe atirara o gelado ao chão.

– É sempre só a minha mãe, o meu padrasto, o meu irmão e... – tossiquei para eliminar a culpa da garganta – ... eu. Nem a esposa do Eric vem.

A boca do Greg reduziu-se a um traço fino, o que teoricamente deveria ser impossível para uns lábios tão carnudos. Os olhos dele sondavam a minha expressão em busca de pistas que explicassem a crueldade do meu ato.

Todas as outras mulheres com quem se relacionara morriam de vontade de o apresentar aos pais. Eu não. Logo a sua Amber.

– Quando chegam? – perguntou ele. Cada palavra era uma luta para soar normal. Um interesse cortês, nada mais. Mas estava melindrado. Disfarçava bem mas não o suficiente.

– Na sexta-feira. Vão embora no domingo à noite. Às vezes o Eric só apanha o comboio na segunda de manhã.

– Deve ser divertido.

– É. Mas normalmente dois dias é o máximo que consigo aguentar.

– A quem o dizes. Quer dizer, com os meus pais é a mesma coisa. – De repente, sorriu. Um sorriso sincero, encantador. – Anda cá – disse, abrindo os braços. Desloquei-me no sofá até ele.

Costumávamos ficar assim sentados a ver televisão ou a ler. Ele

encostado às almofadas com uma das pernas por cima do braço do sofá e eu por cima dele. Ele enfiava a mão por dentro da cintura das minhas calças e deixava-a repousar na minha barriga. Às vezes quando estava a ler e eu via televisão, mexia o polegar e eu virava-lhe a página para ele não ter de se mexer... Entre quatro paredes andávamos sempre muito agarradinhos.

– Continuas a pensar que eu sou um mulherengo, não é? – disse ele.

Como?! Inclinei a cabeça para trás contra o peito dele para poder vê-lo.

– Não. De maneira nenhuma.

Nem por isso.

Aquela coisa com a Jen não o ajudara, mas não me parecia que ele andasse à procura de sexo noutro lado.

– Porque eu já não sou assim. Sabes disso, não sabes?

Ah, já entendi.

– A minha família só se reúne assim duas vezes por ano. Às vezes o Eric e a esposa vêm cá passar o Natal, outras vezes vamos todos a Londres. Mesmo que não estejamos todos juntos na mesma altura, reunimo-nos sempre duas vezes por ano.

– Pensei que pudesses ter vergonha de mim.

– Nunca. Não sou de dizer este tipo de coisas, mas gosto muito de estar contigo. – *Quase sempre.*

– A sério?

Ainda que aquilo não fosse uma arrebatada declaração dos meus sentimentos, ele ficou extasiado. Imagino que quando estamos com alguém que não tem por hábito dizer este tipo de coisas aprendemos a dar valor a quaisquer palavras positivas.

– Claro.

Ele permitiu-se um pequeno sorriso de satisfação e depois disse, num tom enérgico:

– OK, fofa, é melhor ir andando.

– Andando? – respondi eu. – Onde vais?

– Para casa.

– *Para casa?*

– No outro dia o Rocky queixou-se de que agora quase nunca me vê e tem razão, abandonei-o.

– Mas... – comecei eu a dizer.

– Gostava de poder estar sempre aqui – atalhou ele –, mas tenho passado demasiado tempo em tua casa. É de doidos pagar renda ao Rocky estando praticamente a viver em tua casa.

Desembaraçou-se de mim, saiu da sala, regressou alguns segundos depois de casaco vestido e sacola a tiracolo, deu-me um beijo rápido e foi-se embora. Foi-se embora. Voltara a fazer o mesmo. Deixara-me para ali sozinha com hectares de espaço para respirar.

A minha educação foi normal e disfuncional em partes iguais. Tinha noção de que não era a ideal, mas pensava que toda a gente passava pelo mesmo. Só me apercebi da parte disfuncional quando entrei para a universidade. Quando lá cheguei apercebi-me de que os meus colegas viam as mães como as suas melhores amigas e os pais como heróis. Para mim os meus pais eram duas pessoas que não podiam estar mais de três minutos na mesma divisão sem começar a discutir. Era como viver numa zona de guerra, sempre à espera do próximo embate. Por isso é que o trauma familiar da Jen me tinha atraído até ela. Tínhamos saído de moldes similares. Entendíamos o que cada uma de nós estava disposta a fazer para manter alguém na sua vida. O que tínhamos de fazer para que alguém gostasse de nós.

À medida que fui crescendo e que os meus pais estabeleceram relações com outras pessoas comecei a perceber o casamento deles, a Zona de Guerra. Eram coisas de adultos. Tinha a ver com casar com alguém que não se conhece muito bem e, por isso, à medida que se cresce, que se envelhece, e que se vai conhecendo essa pessoa, descobrem-se fissuras no relacionamento. Em pouco tempo as fissuras transformam-se em crateras, as crateras em vales, e os vales em inultrapassáveis extensões de terra. Quando a relação chega a esse ponto, já só se veem os aspetos negativos se a pessoa atravessa a nossa linha de visão. Tudo o que faz nos irrita: a forma como leva a comida à boca causa-nos náuseas; a sua expressão ao ver televisão exaspera-nos; a sua voz não passa de ruído branco aos nossos ouvidos; a sua presença na nossa vida é como uma capa vermelha a acenar ao touro dos nossos sonhos falhados. Coisas de adultos.

Não sei quem começou a recriminar quem, mas os meus pais não sabiam comunicar sem que um deles levasse qualquer coisa a mal, sem que a capa vermelha se agitasse mesmo diante do touro. E a certa altura, como num passo de flamenco, num turbilhão de folhos, maquilhagem e laca, surgiu a Sr.^a H. Embora já esteja casada com o meu pai há quase vinte anos, continuo a chamar-lhe Sr.^a H. A Sr.^a H – que já vi vezes demais na minha vida – conheceu o meu pai no trabalho. Tornou-se sua confidente, a pessoa que o entendia. O telefone tocava, eu respondia, a pessoa do outro lado desligava.

Depois voltava a tocar, o meu pai atendia e ficava horas ao telefone a falar baixinho, dizendo pouco mais que «sim», «não», «claro, claro» e «em breve».

O primeiro caso extraconjugal de que soube sem entender o que era. Tinha apenas sete anos. A minha mãe era enfermeira, trabalhava três noites por semana, uma das quais ao fim de semana. Chegava a casa quando eu me preparava para sair para a escola. Eu dizia-lhe adeus e ela fazia um aceno cansado antes de cair na cama. Tentava estar acordada quando eu chegava da escola, mas às vezes o cansaço falava mais alto. Por isso, quando chegava das aulas, subia as escadas e espreitava por trás da porta do quarto dos meus pais para ver se ela estava acordada. Se não estivesse voltava a descer as escadas, comia bolachas e via televisão até ela acordar. Tudo mudou nas férias de verão antes de eu completar oito anos.

Quando cheguei a casa estava em silêncio, como sempre, mas algo estava diferente. Eu sentia-o à flor da pele, mas não entendia o que era. Deixei a mochila no chão ao pé da porta, atravessei o pequeno corredor até às escadas e subi para ver se a minha mãe estava acordada. Estava. A porta do quarto estava escancarada e vi-a a dobrar roupa e a colocá-la dentro da mala de viagem aberta em cima do cobertor da cama de casal.

Por muito que me apетecesse, não lhe perguntei o que estava a fazer. Em todo o caso, parecia-me óbvio – ia doar vestuário à caridade. Eram a sua melhor roupa, mas a minha mãe era muito generosa.

– Não tentes impedir-me, não tentes impedir-me – disse ela sem olhar para mim. – Tenho de ir. Tenho de ir.

Fiz-lhe um aceno de cabeça, embora ela não estivesse a olhar para mim, e respondi-lhe:

– Está bem, mamã.

Desci até à sala, liguei a televisão a preto e branco e fiquei a assistir a um programa qualquer. Mentalmente era precoce para a idade que tinha. Cresce-se muito depressa quando se cresce a ouvir os pais a recriminarem-se mutuamente aos berros e ao som de bofetadas. Por isso, enquanto parte de mim pensava *«Onde vai a mamã? Porque haveria eu de tentar impedi-la?»* a maior parte de mim sabia instintivamente que era por causa dos telefonemas e das discussões. Também sabia que não voltaria a vê-la. A minha mãe iria embora e não regressaria a casa.

Os programas de televisão sucediam-se e eu via-os todos. Vi tudo o

que aparecia. Algum tempo mais tarde a minha mãe apareceu na sala. Tinha uma expressão abatida e olheiras escuras por não ter dormido. Não trazia mala de viagem nem o casaco vestido.

– Que achas de comermos pan-adeiros de peixe e batatas fritas ao jantar? – disse ela, sentando-se ao meu lado. Tirou da carteira uma nota de cinco libras e deu-ma. Não tinha de dizer nada, eu sabia o que fazer – não dizer nada. Nem ao meu pai, nem a mais ninguém. Por aquela altura era muito boa nisso. Sabia guardar os segredos dentro de mim a sete chaves e ninguém jamais conseguiria arrancar-mos.

O meu pai deixou-nos dezoito meses depois e foi viver com a Sr.^a H para North London. Tive de ser dama de honor no casamento deles. Ainda prefiro não pensar nessa experiência. Tinha onze anos e tudo aquilo me irritava. Não abri a boca o dia todo. Limitava-me a sorrir quando me mandavam e o resto do tempo passei-o a um canto a fuzilar toda a gente com o olhar.

A minha mãe e o pai n.^o 2 juntaram-se cerca de dois meses depois de o meu pai ter saído de casa. Conhecera-o uns dois anos antes. Ele era o psiquiatra de serviço no hospital onde ela trabalhava. O pai n.^o 2 – o nome dele era Leonard antes de ter sido assim rebatizado – e a minha mãe costumavam encontrar-se durante as pausas no serviço na sala dos enfermeiros, onde bebiam chá e conversavam sobre coisas que duas pessoas que ainda não sabem que estão destinadas a ficar juntas conversam.

No dia em que dei com ela a fazer a mala, era com ele que ia ter, segundo me disse o meu irmão Eric – filho do Leonard – anos mais tarde. Já desconfiava do meu pai e da Sr.^a H mas nesse dia confirmara o caso por meio de amigos comuns.

O Leonard, que por essa altura já se tinha apaixonado por ela, dissera-lhe:

– Vem ter comigo, casa-te comigo. Eu cuido de ti.

A minha mãe, que se apaixonara por ele sem se dar conta, viu-se tentada, por uma vez na vida, a colocar-se em primeiro lugar. A não pensar em ninguém e ser feliz. Eu cheguei a casa e arruinei-lhe os planos. O Eric nunca mo disse, mas eu sabia. A minha mãe metera-se a caminho na autoestrada da felicidade e do amor e eu fui a operação *stop* que a trouxe de volta à realidade. Teve de escolher e decidiu ficar.

O Leonard, que fora abandonado pela esposa um ano depois de ter o Eric (esposa essa que falecera antes do planeado regresso a casa), vivia com a irmã (que era quem tomava conta do Eric) e veio viver connosco alguns meses depois do início do namoro.

A minha mãe usava o anel que ele lhe oferecera na mão esquerda, mas recusou-se a casar com ele.

– Não sou mulher para casar segunda vez – explicou ela quando o Eric lhe perguntou porquê. – Os votos têm de significar alguma coisa.

O Eric tinha com os nossos pais o tipo de relação que lhe permitia perguntar aquele tipo de coisas, e por isso sabia tanto sobre a sua história.

A minha mãe ficou horrorizada quando, duas semanas depois de terem vindo viver connosco, comecei a chamar ao Leonard «pai n.º 2».

– Não penses que tens de lhe chamar isso para me fazeres feliz – disse ela certo dia em que o Leonard levava o Eric ao futebol. Não percebia que lhe chamava «pai n.º 2», não para a fazer feliz, mas porque ela era feliz. Nunca a ouvira cantar, o que agora fazia sempre enquanto cozinhava ou arrumava a casa. Punha discos a tocar – Queen, the Everly Brothers, Culture Club – e às vezes até dançava com o Leonard. E o melhor de tudo é que agora tinha um irmão a tempo inteiro a quem podia dar ordens. Com quem podia conversar quando ela e o Leonard tinham conversas de adultos. Ele dera-me um irmão, porque não haveria eu de lhe chamar pai? O Eric acabou por chamar «mãe» à minha mãe porque nunca conhecera outra.

E o Greg queria conhecê-los. Saía despeitado, num acesso de mau-humor, porque não percebera que não era nada pessoal.

Conhecer a família não fazia parte da lista de atividades em que namorados ou amigos participavam. A Jen conhecera-os, mas só há dezoito meses. Ao fim de doze anos de amizade, só lhe permitira conhecê-los recentemente. Até os mantivera separados na cerimónia de entrega dos diplomas. A minha família era só minha e não queria partilhá-la com ninguém. Era hiperprotetora, não queria que as pessoas fizessem comentários, juízos de valor, nem que dissessem que não éramos uma família a sério porque não tinha havido casamento.

A Jen percebia a minha necessidade de manter a família separada de tudo o resto. Aproveitava todas as oportunidades para me arrastar com ela para casa, para, servir de armadura, de zona-tampão entre ela e a mãe, mas nunca exigira que a levasse comigo nos meus fins de semana em família. Nunca ninguém tentara insinuar-se na minha vida desta forma. Ninguém se dera ao trabalho.

Mas o Greg era diferente. Apesar de me sufocar, também me deixava respirar. Se é que isto faz algum sentido. Sentia-me sufocada por alguém com quem me sentia totalmente à vontade. Está bem,

talvez isso seja exagerar um pouco. Por alguém com quem me sentia quase totalmente à vontade. Em todo o caso, por mais contraditórios e entaramelados que fossem os meus pensamentos, ele era diferente. Tinha de o deixar conhecer a minha família. Se não o fizesse, ele deixava-me. Cortava o mal pela raiz e virava costas. O meu mundo pareceu parar por instantes. *Ele deixava-me.* Eu não podia permitir que isso acontecesse, não se houvesse forma de o impedir. Só tinha de o deixar conhecer a minha família.

Acho que vou vomitar.

Capítulo 21

a lei do mais forte

– A marota da minha irmãzinha tem andado a ter sexo – foram as primeiras palavras do Eric quando deslizei para o banco ao seu lado.

Nada de «Olá» nem «Como vais?», como é costume entre gente civilizada. Ele estava no Yates, a uma mesa ao fundo do bar. Era sempre lá que nos encontrávamos quando ele me vinha visitar. Tirava uma tarde, vinha no comboio e esperava por mim no Yates com uma caneca de cerveja para se distrair. Oferecera-lhe as chaves do meu apartamento, mas ele preferia esperar no bar. Dizia que era uma pausa na viagem.

À distância, o Eric parecia um durão, como um torrão de amendoim endurecido pelo tempo que temos receio de trincar por medo das consequências. Mas só parecia um torrão de amendoim por causa da sua aparência ariana: barbeado, de cabelo louro-escuro, olhos azuis-marinhos e traços angulosos. Era esguio, media cerca de um metro e noventa e quando vinha a Leeds vestia como sempre: fato de corte imaculado, geralmente preto ou antracite, camisa branca, botões de punho de prata que o avô lhe deixara e gravata vermelha com um nó frouxo. O Eric era psicólogo ocupacional de uma grande companhia em Edimburgo, mas vestia-se como um homem de negócios.

Parecia um torrão de amendoim, mas quando se ficava a conhecê-lo, quando se provava o meu irmão falando com ele, descobria-se que era totalmente diferente. Era mais chocolate branco com pepitas de café.

Sim, eu sei que parece repelente, chocolate branco com pepitas de café, mas bastava prová-lo uma vez. Uma dentada deixava-nos agradavelmente surpreendidos. Primeiro sentíamos uma vaga inicial de sabor que nos subia à cabeça, atingindo-nos mesmo por trás das têmporas e deixando-nos aturdidos e afoguesados porque o Eric dizia sempre qualquer coisa escandalosa. Tão escandalosa que ficávamos sem saber se era a sério ou a brincar. Depois do choque inicial sentíamos uma ligação emocional, uma vontade de lhe contar tudo sobre nós e tudo o que nos passava pela cabeça, tudo ao mesmo tempo. E ele de bom grado nos escutaria. No entanto, como as pepitas

de café no chocolate branco, o Eric tinha um lado agreste surpreendente. Nunca fazia fretes, por isso, quando não gostava de alguém, não gostava e pronto. Não falava com a pessoa. De todo. O meu irmão dava a impressão de ser um imbecil e um convencido, mas era uma pessoa com um coração enorme. Mas eu sou suspeita: afinal ele é meu irmão.

Fosse ele de que chocolate fosse, era muito insolente.

– Porque dizes isso? – digo eu, tirando o casaco de ganga e revelando o meu *top* florido e calças pretas de estilo militar.

– Tens-te olhado ao espelho ultimamente? Não só tens andado a ter sexo, como tens andado a ter sexo do bom, regularmente. Aliás, eu diria que estás a apaixonar-te.

– Vou lavar-te essa boca imunda com sabão e água – respondi.

Dos lábios aflorou-lhe um sorriso que se espalhou por todo o rosto e lhe colocou uma centelha nos olhos.

– É pior do que eu pensava – disse ele. – Já estás apaixonada.

– Isso não tem graça nenhuma – disse eu e agitei o *whisky single malt* que o Eric pedira para mim. Sem gelo, sem misturas. Puro. O Eric oferecia-me sempre um *whisky* quando nos víamos. Nunca explicou porquê, e eu nunca perguntei.

– Bota abaixo – disse ele, erguendo o *whisky* dele. Chocámos os copos. Eu esvaziei o meu. – A ti e ao Greg.

Já na garganta, o líquido dourado e transparente não reagiu bem à minha tosse de surpresa. No entanto não se demoveu, seguindo o seu caminho e parando apenas para me atingir o fundo da garganta com um coice maior que o habitual. O resultado foi uma série de pequenos espirros entrecortados para o ar.

– Como... – comecei eu a dizer entre um espirro e outro.

– Como é que eu sabia? – completou ele. – O ano passado, quando vim antes da mãe e do pai chegarem, ele ligou-te. Estiveste ao telefone uns, sei lá, uns três minutos e não paraste de rir o tempo todo. Pensei: «Um dia vai perceber que está destinada a ficar com ele». Chama-lhe intuição masculina. Era evidente que o tipo gostava de ti. Não se esforçaria tanto para te fazer rir se não fosse esse o caso. Só posso concluir que o teu ar radiante se deve a ele... Conta-me tudo. Quero os pormenores todos.

A voz do Eric modificara-se durante o seu tempo na Escócia. Às vezes parecia um londrino, outras vezes um escocês. Quase sempre uma mistura das duas coisas.

Contei-lhe a versão não adulterada. A versão que nunca me

lembrara de contar à Martha e à Renée. A versão que teria contado à Jen se não lhe andasse a esconder coisas.

– Que diz a Jen a tudo isto? – perguntou o Eric depois de ouvir a minha saga.

Envergonhada, cravei os olhos no copo ao responder:

– Ainda não lhe contei.

– Ótimo.

O Eric não gostava da Jen. Era desnecessário admiti-lo a mim própria. Começou por ser o Eric de sempre quando a conhecera porque ouvira falar tanto dela ao longo dos anos. Contudo, quando partira para a Escócia, nem sequer olhava para ela a menos que ela lhe dirigisse a palavra. Nessas ocasiões tirava os olhos da tinta que estava a secar na parede e encarava-a. Raramente, muito raramente, lá lhe dizia qualquer coisa, mas normalmente limitava-se a esperar que ela acabasse de falar e a seguir encolhia os ombros, fazia um aceno ou abanava a cabeça. A Jen nunca me perguntou por que razão o Eric não gostava dela – provavelmente nem se tinha dado conta, como na noite do seu aniversário em que não percebeu que eu tivera sexo com o Greg. Não se apercebia de certas coisas mesmo que desfilassem à sua frente a agitar uma bandeira. Nunca perguntei ao Eric porque não gostava dela. Mas tinha reparado. Simplesmente não queria uma resposta sincera, que sem dúvida ele me daria. Às vezes é preferível que nos mintam.

– O que eu não percebo é como tu, a Martha e até a Renée se aperceberam de que havia qualquer coisa entre mim e o Greg, quando a Jen e o Matt, os nossos amigos mais chegados, parecem não ter dado por nada.

O Eric beberricou um pouco de cerveja.

– Lembras-te daquele episódio das Novas Aventuras do Super-homem em que aparecia o Tempus, o vilão que conhecia a identidade secreta do Super-homem, e em que entrava o H. G. Wells? E lembras-te de quando o Tempus disse à Lois algo como «O que ninguém consegue perceber é como alguém pode ser estúpido a uma escala tão galáctica», porque durante anos ela não descobrira que o Clark era o Super-homem?

Estranhamente, lembrava-me.

– Achas que o Matt e a Jen são estúpidos à escala galáctica?

– Não. Como H. G. Wells lhe fez notar, a Lois «não queria ver a verdade», ou algo parecido. As pessoas são ótimas a ignorar coisas óbvias. Trata-se de um mecanismo de defesa contra coisas que afetam

as suas vidas. Passa-se o mesmo com o Matt e a Jen. Bom, pelo menos com a Jen. O Matt provavelmente não deu por ela porque é gajo. Mas a Jen... Se ela quisesse saber que tu e o Greg estão apaixonados, sabê-lo-ia.

– Ná. Se a Jen soubesse já mo tinha dito. Ela é assim.

– Pode não saber de forma consciente, mas o inconsciente já é outra história.

– Humm... – respondi eu. – Nós, os psicólogos, gostamos muito de remeter a explicação de muitos fenómenos para o pensamento inconsciente, pois ninguém consegue provar o contrário.

O Eric fez Aquela Coisa Com Os Olhos em que tinha a cabeça baixa porque, digamos, estava a olhar para a cerveja e, quando dizíamos qualquer coisa com a qual ele não concordava, sem mexer a cabeça *um milímetro*, pestanejava e a seguir estava a olhar para nós. Na fração de segundo que levava a pestanejar redirecionava o olhar e de repente estava a olhar para nós. Era um trejeito porreiro mas enervante. Sobressaltava-me sempre, como se fisicamente ele me tivesse encostado a um canto.

– A Jen voltou a marcar-te encontros às cegas?

– Não desde que o Matt foi viver para casa dela.

– A certa altura não chegou a fazê-lo uma média de uma ou duas vezes por semana?

– Sim.

– E parou?

– Sim.

– Em três meses, nada?

– Sim.

– Aposto que ultimamente tem andado um pouco às avessas contigo. Que te deixa de fora das coisas, te ignora e não te telefona com tanta frequência, basicamente tratando-te como quando namoravas com aquele outro tipo. Estou enganado?

Nem o Eric, que travara conhecimento com o Sean e se lembrava de quase todos os meus namorados desde o primeiro ano da universidade, era capaz de se lembrar do nome dele.

– Referes-te ao Sean?

– Sim, esse. Tenho ou não razão?

– Sim...

– Ela sabe. Inconscientemente, mas sabe. E só está à espera que lho digas para poder... – Calou-se. – Bom, já falámos de mais sobre ti, vamos falar sobre mim.

Se Aquela Coisa Com os Olhos era enervante, a sua capacidade para começar uma frase e deixá-la em suspenso, fazendo-se mesmo assim entender, era assustadora. E irritante. E não valia a pena questioná-lo para tentar saber se tínhamos entendido bem o que ele queria dizer porque ele alegava:

– Esqueci-me do que ia a dizer.

– Não penses que reparei nisso de meteres «tu e o Greg estão apaixonados» no meio da conversa. Gosto do Greg como amigo, nada mais.

– Pois, pois. Vou conhecê-lo este fim de semana?

Ha! Estou cheia de sorte se voltar a vê-lo, quanto mais tu. Não falávamos e não nos víamos desde quarta-feira à noite, em que ele saíra intempestivamente do meu apartamento. Normalmente falávamos um com o outro pelo menos duas vezes por dia, mas tal não acontecera e eu não ficara tão ansiosa como de costume. Não sabia porquê. Talvez porque ele já o fizera antes e acabara por voltar. Ou talvez porque me distraíra do assunto com as limpezas. Ou talvez ainda porque aquela era a minha oportunidade para ligar ao Sr. Farejador de Chocolate. Não lhe ligara, mas era a minha oportunidade para o fazer.

– Pensei que íamos falar sobre ti – disse eu.

– O que há para dizer? A esposa está bem. O trabalho, podia ser melhor. O chalé está a cair aos bocados.

O relacionamento do Eric com a esposa, a Arriane, era a antítese do relacionamento entre os meus pais biológicos. Quando ia visitá-los encontrava-me com o Eric na empresa onde trabalhava, íamos de carro para o chalé onde viviam, que ficava a uma hora do centro de Edimburgo, e ela tinha direito a uma receção mais calorosa que eu. Corriam para os braços um do outro como se não se vissem há meses, beijavam-se apaixonadamente, conversavam animadamente entre risinhos. *Risinhos*. Certa vez perguntei ao Eric se eram sempre assim. Ele encolheu os ombros e respondeu «Sim, claro» como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Aberrações, pensei eu, e perguntei sobre as discussões.

– E então, tu e a Arriane já conseguiram ter uma discussão decente? – perguntei na brincadeira. Sempre que lho perguntava ele dizia-me que nunca discutiam: *«Nós concordamos em tudo.»*

O Eric olhou-me longamente, como que a avaliar se eu estaria à altura de ouvir o que tinha a dizer-me.

– Achas que eu daria um bom pai? – perguntou ele.

– Sim, claro. O que tem isso a ver com... – Oh não. Por isso é que me olhara daquela forma. Estava a tentar perceber se seria capaz de processar aquela informação. O Eric era muito cuidadoso comigo no que tocava a falar sobre discussões e o fim de relações. Quando ele e a Arriane se tinham separado, há anos e anos, telefonara-me para me dar a notícia e para me garantir que continuavam amigos, que ela não desapareceria definitivamente da vida dele. Se era para se separarem agora escusava de ter tido tanto trabalho. Senti uma pontada de enjoo na boca do estômago. Não queria mesmo nada que o Eric e a Arriane se separassem. Nem que discutissem. Era bizarro não discutirem, mas dava para aguentar. Lidava melhor com a ausência de discussões que com berrarias.

O Eric continuou a bebericar a cerveja.

– Agora, só discutimos. Pela primeira vez em doze anos. Nem quando nos separámos chegámos a discutir. Foi uma decisão mútua porque queríamos ver outras pessoas. E agora... agora... oh, que se lixe. Não quero saber.

O meu ritmo cardíaco acelerou ao detetar o tom de desespero daquele desabafo. Não, por favor. Não queria que se despedaçassem um ao outro. Adorava a Arriane. Era como a irmã que nunca tive. A Jen e eu éramos chegadas, mas por escolha própria. A Arriane entrara na minha vida pela mão de alguém da minha família, tal como uma irmã, e eu morria de amores por ela. Ela e o Eric tinham-se conhecido em Edimburgo, no primeiro dia da universidade, e tinham sido amigos durante anos. Quando concluíram os estudos foram viver juntos para um chalé na periferia de Edimburgo, a terra da Arriane. Tinham-se separado uma vez há seis anos e começado a sair com outras pessoas, mas um ano depois retomaram o namoro. Durante esse ano a Arriane continuara a telefonar-me e a escrever-me como sempre fizera. Casaram menos de seis meses depois de voltarem a juntar-se.

Não queria ver duas pessoas que me eram tão próximas a passar pelo mesmo ritual dos meus pais: aquela batalha em que tudo servia para atingir o adversário e que só terminava quando um deles estava tão ferido que já não tinha forças para lutar.

– Mas tu tinhas-me dito que estava tudo bem – lamentei-me.

– E está. Vai ficar.

– Qual é o problema, Ez? Porque não queres ter filhos?

O Eric deixou-se descair no assento e levantou a caneca de cerveja para ocultar o rosto.

– Não faço a mínima.

– Não engulo essa. Diz-me.

Ele ignorou-me e pôs-se a observar o bar.

– Se não me disseses, digo à frente da mãe que não lhe queres dar netos. Deus sabe que já desistiu do sonho de me casar, quanto mais de lhe dar netos, por isso...

– Está bem, eu digo-te. Mas não podes dizer a ninguém: nem à mãe, nem ao pai, nem à Arri. A ninguém.

– Juro – respondi.

Ele bebeu mais um trago da cerveja clara até restarem apenas vestígios do líquido pálido e ilhas de espuma branca por todo o copo. Para quem gostava tanto de *whisky* puro, também não torcia o nariz à cerveja.

– Está bem. – O meu irmão mais velho inspirou fundo. – Vai soar muito mal, mas eu não quero ser casado com a mãe de ninguém. Não quero acabar por ser supérfluo à nossa vida. Todos os dias falo com homens para quem é praticamente impossível voltar a casa depois de um dia de trabalho porque se sentem postos à parte da vida que as esposas têm com os bebés. Andam exaustos, deprimidos e não têm ninguém com quem falar. Não quero isso para mim. A Arri é a minha melhor amiga. Um bebé vai dar cabo de tudo.

– E depois ainda há a questão de a tua mãe ter saído de casa para começar uma vida nova um ano depois de teres nascido e morrer antes de concretizar os planos de voltar para casa.

O rosto dele assumiu uma expressão de desagrado.

– Neste preciso momento a minha *mãe* vem a caminho de Leeds com o meu pai – disparou ele, desafiando-me a contra-argumentar.

– Sabes bem o que eu quero dizer – disse eu com meiguice.

– Não, não sei.

O Eric recusava-se a reconhecer a mãe biológica. O pai n.º 2 tentara falar com ele sobre o assunto, mas ele dizia sempre que não queria saber. Eu sabia alguma coisa sobre ela, do pouco que o pai n.º 2 me contara, mas o Eric decidira ignorar a sua existência, o que incluía toda a família do lado materno. Ao longo dos anos tinham tentado entrar em contacto com ele e às vezes ele até lhes falava, mas deixava bem claro que o fazia pelo pai n.º 2, não porque quisesse conhecê-los. Era um comportamento muito pouco típico dele, mas eu não queria perturbá-lo mencionando o assunto. Não queria aliená-lo. Toquei-lhe no braço.

– Ez, o teu relacionamento com a Arri vai mudar, claro que vai. Mas vocês adaptam-se. Todos nós nos adaptamos às circunstâncias, sejam

elas boas ou más. Como eu e o Greg. Nunca pensei ter nada com ele, nem com alguém como ele, mas eis-me a sair com ele. Aliás, só a sair não, a namorar com ele.

Penso eu.

Enquanto me ouvia o Eric contemplava o vazio. Não se mexeu nem reagiu.

– Vê como cuidas tão bem de mim. Estás a privar pelo menos uma criança de todo esse amor e sensatez e desse coração enorme que personificas. Darias um pai ótimo. Não deixes que coisas que podem nem sequer acontecer te impeçam de te transformares na pessoa fantástica que podes vir a ser.

Ficámos em silêncio durante algum tempo.

– Nunca tinha pensado no assunto desse ponto de vista – respondeu ele, por fim. Olhou-me de alto a baixo com assombro. – Embora deva dizer que devias seguir mais os teus próprios conselhos. OK, a próxima rodada pago eu. Depois é melhor irmos para tua casa para tomar banho e mudar de roupa antes que a mãe chegue e nos dê a versão longa do sermão do fumo passivo.

Levantou-se e dirigiu-se ao bar.

Vi-o a namoriscar com a empregada. Não chegava aos pés da Arriane mas para o Eric, tal como para o Greg, travar amizade ou namoriscar com a maior parte das pessoas que conhecia era uma necessidade. Podia acabar por antipatizar com elas, mas a intenção inicial era dar-se bem com todos...

Quando nos conhecemos, num dia de verão em que caía lá fora uma chuva copiosa, faltavam dez dias para o Eric completar dez anos. Faltavam três meses e dez dias para eu fazer dez anos. A mãe e o pai n.º 2 tinham começado a «ver-se» há duas semanas e eu já estivera com ele duas vezes. Para mim era um branco assim para o alto, mais ou menos loiro e com um sorriso permanente nos lábios.

O Eric tinha a mesma altura que eu, mas era rechonchudo na cara e no corpo e o pai n.º 2, de forma assaz cruel, vestira-o de verde com riscas horizontais brancas que o faziam parecer ainda mais circular, e com calças azuis de vinco e sapatos pretos de verniz.

Eu trazia um vestido de algodão em xadrez branco e vermelho com mangas tufadas, meias pretas e, à semelhança dele, sapatos pretos de verniz.

O Eric Hampton, de nove anos e onze meses, estendeu-me um saco branco de papel que tinha na mão direita e, em vez do «Olá, Amber»

ensaiado com o pai, perguntou-me, como se tivesse praticado a fala para uma peça da escola:

– Queres um cubo de Cola?

Olhei para a minha mãe em busca de orientação. Teria autorização para aceitar a guloseima que ele me oferecia? A minha mãe, que trazia o cabelo preso num carrapito, sorriu e fez um aceno de cabeça. Eu servi-me de um cubo vermelho-alaranjado coberto de açúcar refinado.

– Queres vir jogar Ludo? – perguntei eu na mesma voz ensaiada de peça de teatro.

O Eric olhou para o pai em busca de orientação, tal como eu fizera com a minha mãe. O pai n.º 2 também sorriu e acenou e nós afastámo-nos a correr para ir brincar. Ele tornou-se o meu melhor amigo dos fins de semana e mais tarde meu irmão, quando vieram para nossa casa.

A rapariga ao balcão corou ao ouvir um galanteio do Eric. Deslizei a minha mala para cima do colo e tirei o telemóvel. *Seguir os meus próprios conselhos*, pensei eu. *Seguir os meus próprios conselhos*.

– *Sunday Chronicle*, em que posso ser-lhe útil? – disse a voz que atendeu a chamada.

– Sou eu – disse eu.

– Olá – respondeu o Greg com gelo na voz.

– Que fazes esta noite? – perguntei-lhe.

– Isto e aquilo.

– Ah. Queria saber se gostarias de vir jantar a minha casa.

Ele nada disse.

– Bom, só vou a casa deixar umas coisas e mudar de roupa. Hoje vamos jantar fora. Amanhã vamos todos às compras, almoçamos na cidade e no fim do dia jantamos em minha casa. Ao domingo geralmente levantamo-nos tarde, andamos por casa de pijama, tomamos um pequeno-almoço tardio e depois eles vão-se todos embora.

O Greg continuava mudo.

– Não tens que passar o fim de semana todo connosco. A minha mãe passa-se de pijama e sem sutiã, mas podes sair connosco hoje à noite e logo vês se consegues aguentar um fim de semana inteiro com a minha família.

O silêncio persistia. *Não era aquilo que ele queria? Uma parte de mim, uma parte da minha família. Aquele não-sei-quê mítico que poucas pessoas usufruíam? Porque me estaria ele a dar o tratamento silencioso?*

- Greg?
- Tens a certeza?
- Se não tivesse a certeza não perguntava – menti. Mas era uma mentirinha pequenina.
- Passo em tua casa por volta das sete e meia?
- Perfeito. Vemo-nos mais tarde, querido.
- Até logo, feitosa.

Enquanto o Eric dispunha as bebidas na mesa apercebi-me de que sem querer lhe tinha chamado «querido». E era, suponho eu. Era o meu querido. Especial. Estava prestes a ir onde homem nenhum jamais fora.

– Não respondeste à minha pergunta. Vou conhecer o Greg este fim de semana?

– Ya.

Que remédio.

Capítulo 22

conselhos paternais

Eu e a minha mãe temos um relacionamento estranho. «Reservado» é uma forma de o descrever.

Gosto sempre muito de estar com ela, as nossas «reuniões» são geralmente um fartote de risos e os Natais, as férias, o tempo que passamos juntas é bom, mas muitas vezes pergunto-me como seria se o pai n.º 2 e o Eric não estivessem connosco.

Eu já a conhecia antes de os conhecer a eles, e ela já me conhecia antes de os conhecer a eles; quando ela andava perpetuamente infeliz e eu sempre com medo. Conhecia a minha mãe do tempo em que ela passava mais tempo a gritar que a dormir. Quando me ignorava durante dias a fio por não ter comido tudo ao jantar. Quando rasgou o meu livro favorito porque lhe lançara um olhar insolente. Conhecia a minha mãe do tempo em que tudo o que fazia estava cheio de ressentimento e amargura.

O Eric parecia um torrão de amendoim. A minha mãe *era* um torrão de amendoim, mas quem olhasse para a sua pequena figura roliça e os seus caracóis negros diria que era um torrão de chocolate. Parecia macia, a minha mãe, mas era dura como pregos. A maior parte das pessoas descreveria as suas mães como suaves e delicadas, doces e reconfortantes por dentro e por fora como torrões de chocolate, mas eu não.

A minha mãe endurecera durante o tempo vivido com o meu pai, o pai n.º 1. Era difícil conhecê-la, aproximarmo-nos dela. Nunca a vira chorar, nem uma única vez. Para ela era muito fácil zangar-se, ser independente, mas muito difícil mostrar alegria. Tudo de bom que eu fazia era-me tirado e transformado em algo que ela fizera por mim. Como quando terminei o curso com distinções de segunda classe, divisão superior. O pai n.º 1 ficara desapontado por eu não ter recebido distinções de primeira classe. A minha mãe dissera-me que tinha passado vinte e quatro horas *non-stop* a rezar para que eu me saísse bem. Aos olhos do meu pai eu podia ter feito melhor. Aos olhos da minha mãe não passara os devidos meses a marrar nos livros. E no dia da entrega dos diplomas... o meu pai, num raro momento de

desvario, dissera-me estar muito orgulhoso de mim. Antes que tais palavras pudessem penetrar o escudo que construía para sobreviver aos dias em que os meus pais se encontravam no mesmo raio de cinco quilómetros, a minha mãe disparara:

– Devias ter-lhe dito isso há anos, agora é tarde de mais!

Por isso, às vezes, demorava um pouco a relaxar quando via a minha mãe, não só por me lembrar dela quando era infeliz, mas sobretudo por me lembrar do rancor que lhe tinha quando ela era infeliz. Culpa, talvez. Passava tanto tempo sozinha, com medo que alguma coisa que fizesse ou dissesse pudesse dar origem a uma discussão entre os meus pais que se tornara difícil, já para não dizer praticamente impossível, encará-los quando falava com eles. Sim, agora que era adulta percebia aquilo por que eles tinham passado, mas isso não evitava que, nas primeiras horas que passava com eles, voltasse a sentir-me como aquela criança que se sentava na divisão dos fundos enquanto eles discutiam na sala, aos gritos, a partir tudo, e por aí em diante.

Eu amava a minha mãe e o meu pai, mas era preciso tempo para nos ambientarmos.

– De quem é isto? – perguntou a minha mãe segurando um par de *boxers* cinzentos com a ponta dos dedos. Ela e o pai n.º 2 tinham chegado pouco antes e ela decidira ir mudar de roupa – o que na língua dela significava inspecionar o apartamento – e voltara trinta segundos depois com os calções na mão.

Senti o calor e a própria vida a esvaírem-se do meu corpo ao ver a peça de roupa interior do Greg. Quando entrara no frenesi de limpezas que antecedia uma visita da minha mãe tencionara recolher tudo o que era do Greg numa caixa e enfiá-la debaixo do divã do escritório onde o Eric dormiria (ele não vasculharia as minhas coisas). Tencionava, mas esquecera-me por completo. E porque me esquecera? Porque o Greg andava a mudar-se para minha casa à socapa.

Conheci mulheres que o faziam. A Martha, por exemplo, começara por deixar artigos de higiene na casa de banho do seu Tony, seguidos de roupa interior, camisolas e pijamas. O Tony só se dera conta de que ela passara um mês inteiro no apartamento dele quando encontrou uma caixa de tampões na casa de banho. Pensava que só as mulheres agiam de forma tão sorrateira até começar a namorar com o Greg. Ele chamara a si a tarefa semanal de tratar da roupa, não por um desejo altruísta de me facilitar a vida, mas porque metade do que ia para a máquina era roupa dele. Há séculos que deixara de transportar

consigo mudas de roupa. Na casa de banho aparecera uma escova de dentes sobresselente, diferente do tipo de escova de viagem que eu costumava trazer comigo na mala quando namorava com o Sean. Não, o Greg era uma peça fixa, encaixada no meu suporte de escovas de dentes como se o seu lugar fosse ali. Também aparecera *aftershave* na prateleira da casa de banho, bem como um conjunto de barbear. Há muito que ele deixara de se levantar mais cedo para ir a casa tomar banho e mudar de roupa. Quando namorava com o Sean, o que durara mais de um ano, era muitas vezes vista por gente que me conhecia a apanhar o autocarro para casa dele com metade do meu guarda-roupa e o conteúdo da minha prateleira da casa de banho num *necessaire*, ficasse o tempo que ficasse. Nunca deixara sequer um brinco na casa dele. Nem na do Greg.

O Greg fora tão furtivo e tão bem-sucedido a mudar-se para minha casa que eu nem reparara que as coisas dele não deviam ali estar. Se até as cuecas dele me esquecera de esconder, o mesmo devia ter acontecido com outras coisas. Senti-me a fraquejar. O vibrador. Deixara o vibrador cor-de-rosa fluorescente na gaveta de cima da mesa de cabeceira. Há uns dias o Greg andara a perseguir-me pela casa com aquilo e depois eu enfiara-o distraidamente na gaveta. E, oh, não, havia preservativos na caixa de madeira em cima da mesa de cabeceira. *Os preservativos.*

Enquanto todos estes pensamentos galopavam dentro da minha cabeça fez-se silêncio na sala. O pai n.º 2 estacou enquanto levava um copo de cerveja à boca. O Eric, imóvel a poucos metros de mim, também olhava aparvalhado para as cuecas. Até a televisão suspendera a respiração. Os poros da minha testa abriram-se e comecei a suar. Caramba, eu tinha trinta anos. Decerto a minha mãe não julgava que eu ainda era virgem. Por outro lado, conhecendo os meus três pais como conhecia, provavelmente estavam convencidos de que eu seria virgem até ao dia do meu casamento e que o meu noivo seria o meu primeiro e único namorado.

A minha mãe tinha nas mãos as cuecas do meu namorado. Poderiam as coisas piorar ainda mais?

BZZZZ! A campainha da porta explodiu no silêncio e eu e o pai n.º 2 pulámos de susto.

O Eric, o homem mais calmo à face da terra, declarou:

– Acho que estás prestes a conhecer o dono dessas cuecas, mãe.

Passei por ela e pelo artigo em questão e atravessei o corredor até ao intercomunicador. Peguei no aparelho e resmunguei qualquer coisa

ininteligível.

– Sou eu – disse o Greg.

Demasiado horrorizada para falar, voltei a resmungar qualquer coisa, carreguei no botão com o símbolo da chave e abri a porta do apartamento para lhe falar ao ouvido, para o avisar de que os meus pais sabiam que dormíamos juntos e que devia abster-se de fazer comentários que dessem a ideia de que ele andava a aproveitar-se de mim e não havia nada que eles pudessem fazer para o impedir. A voz morreu-me na garganta quando o vi.

QUE RAIO ESTÁ ELE A FAZER?

Como se já não tivesse tido choques suficientes nos últimos três minutos, o Greg aparecia-me com um fato de três peças: colete, calças e casaco. Tudo cinza-escuro, a combinar com uma camisa branca e uma gravata azul-marinha. Lavara o cabelo e prendera-o num rabo de cavalo. (Bem podia trazer o casaco por cima do ombro e as mangas arregaçadas porque para mim rabos de cavalo em homens eram sinónimo de «revivalista imbecil dos anos oitenta».)

O meu já acelerado coração começou a bater quatro vezes mais rápido que o normal. Ele ia conhecer os meus pais, não a minha gestora bancária. E mesmo ela, reservada e profissional como era, não esperaria vê-lo naqueles atavios.

– Achas que estou bem? – sussurrou ele ao chegar à porta.

Fiz que sim com a cabeça, muda. E assustada. *Santo Deus, não o deixes começar a falar com um sotaque afetado ou qualquer coisa do género.*

Conduzi-o à sala. Quando entrámos o pai n.º 2 levantou-se. A minha mãe e o Eric já estavam de pé, mas felizmente ela já não estava a exhibir a roupa interior do Greg. Olharam todos para a porta, cheios de expectativa, quando o Greg entrou na sala atrás de mim.

Podia imaginar o quadro visto pelos olhos do Greg: uma mulher de metro e meio com uma permanente de cabelo negro, de rosto simpático, saia azul às pregas, blusa branca e um enorme casaco de malha bege. À esquerda da mulher, um caucasiano cerca de quinze centímetros mais alto. Traz uns óculos que não escondem a face enrugada e a queixada dupla. O pouco cabelo que lhe resta é branco. Enverga calças vincadas e uma camisa branca com o colarinho aberto que revela o pelo do peito. À direita da mulher, muito mais alto que o casal mais velho, um tipo de aspeto ariano de calças azuis de estilo militar e uma *t-shirt* branca.

– Apresento-vos o Greg... – A voz sumiu-se-me. *Merda, nem sequer*

pensei em como havia de lhe chamar. – O meu... – *O que me era ele? Meu namorado? Obviamente. Mas só lhe chamara isso em voz alta na conversa com o Sr. Farejador de Chocolate. E ninguém que pudesse ser vagamente descrito como meu namorado jamais conhecera os meus pais. Era muita novidade junta.* – O meu... eh... na... mrdo. Greg, estes são a minha mãe, o pai n.º 2 e o Eric, o meu irmão.

– Muito prazer em conhecê-lo – disse a minha mãe, apertando a mão que o Greg lhe estendia.

– O prazer é todo meu – respondeu ele, já em modo Casanova – o sacana até lhe beijou a mão.

– Olá, Greg – disse o pai n.º 2. – Por acaso não lhe deram esse nome por causa do Gregory Peck?

– Sim, senhor. A minha mãe adorava o filme *Roman Holiday*.

SENHOR?!

– Tudo bem, amigo? – disse o Eric, apertando-lhe a mão calorosamente.

O Greg relaxou visivelmente.

– Olá – disse ele com um sorriso.

– Por tua causa vou ter de mudar de roupa – disse o Eric. – Não é uma boa forma de começar as coisas, sabes, fazer com que o irmão da namorada faça má figura.

– Perdão? – disse o Greg.

– Olha-me para ti. De fato. Agora vou ter de ir vestir o meu. Se não o fizer a minha mãe vai passar a noite a dizer como estás elegante. Não é, mãe?

A minha mãe lançou-lhe um olhar que dizia *Deixa de ser tonto*.

O Greg encolheu os ombros.

– Desculpa.

– Deixa-me dar-te uma pequena sugestão. Deves sempre tentar impressionar o irmão, e não os velhos. Os irmãos têm mais influência junto delas.

A minha mãe ergueu-lhe uma sobrancelha que dizia *Cala-te e vai lá mudar de roupa*.

– Estás a ver? – Lançou um sorriso galhofeiro ao Greg e dirigiu-se ao escritório/quarto de hóspedes.

A macacada do Eric era uma tentativa de pôr toda a gente à vontade. O incidente das cuecas não fora lá muito positivo para a imagem do Greg, por isso o Eric fizera com que a minha mãe se descontraísse o suficiente para lhe lançar dois dos seus olhares mundialmente famosos. A minha mãe e o pai n.º 2 também foram

mudar de roupa, deixando-me a sós com o Greg.

– Até correu bem, não correu? – sussurrou ele, nervoso.

– Suponho que sim, se não contarmos com as cuecas e os preservativos.

– Adeus a todos, foi um prazer conhecer-vos. Até breve – disse o Greg, pegando no casaco e na gravata. Eu também me levantei para o ir levar à porta.

O pai n.º 2 riu-se.

– Até breve? Sim, rapaz, acho que amanhã é «até breve».

– Não sei porque vai ele para casa, como se não dormisse cá. Até parece que a mãe já não lhe encontrou as cuecas – disse o Eric com um sorriso zombeteiro.

O pai n.º 2 quase cuspiu a cerveja enquanto o Eric se desfazia em gargalhadas. A minha mãe tinha os vestígios de um sorriso à volta dos olhos (dois pequenos cálices de licor tinham-na soltado). Eu dei o braço ao Greg. Era a única pessoa que não tinha bebido porque nos levava de carro para o restaurante. Parecia baralhado.

– Até amanhã, rapaz – disse o pai n.º 2.

– Até amanhã, amigo – disse o Eric, atirando-lhe uma lata de cerveja. – Bebe isto quando chegares a casa.

O Greg apanhou-a com uma mão.

– Boa noite, Gregory – disse a minha mãe. – Até amanhã.

Eu e o Greg dirigimo-nos à porta e enquanto a fechava atrás de nós o pai n.º 2 exclamou da sala:

– E não tragas o carro amanhã, rapaz, nós pagamos-te o táxi até casa. Tens de beber uns copos connosco.

– Sim, e nada de vires de fato – acrescentou o Eric.

– Adeusiiiiinho – cantarolou a minha mãe.

O ar puro envolveu-nos no seu cobertor de oxigénio e nitrogénio e todos os outros elementos que compõem a atmosfera quando saímos do edifício e nos dirigimos ao seu Ford Escort vermelho.

O Greg abriu as portas, atirou o casaco para cima do banco do passageiro e abraçou-me imediatamente, apertando-me contra si. Eu era uma galáxia de emoções, mas naquele momento o sol da minha galáxia era o alívio. O Greg não mostrara qualquer estranheza em relação à minha família. Não o apanhara a espreitá-los sorrateiramente nem se comportara como se tivesse dificuldade em percebê-los. Viera, vira e aceitara. E ainda tivera a decência de ter medo de que não gostassem dele. Era tudo o que eu queria, que ele

percebesse que a minha família era como uma caixa de bombons: todos diferentes, mas todos essencialmente feitos da mesma massa. Éramos um conjunto.

O Greg era um amor. Estava sempre a esquecer-me disso. Estava sempre à espera que se transformasse no Darth Vader quando ele era tão claramente o Han Solo. Não precisava de ser tão desconfiada. E não lamentava ter encurtado a distância entre nós. Quase dera em maluca, preocupando-me por antecipação, mas estava feito e ele não fugira, nem eu tivera vontade de fugir. Ele era especial.

– E então, meu grande maluquinho de fato, achas que aguentas um fim de semana com a minha família? Voltas amanhã?

– Queres que volte? – perguntou ele.

– Em apenas três horas é como se já fizesses parte da família: O Eric gosta de ti; o pai n.º 2 acha-te superdivertido e a minha mãe ficou toda impressionada com o fato e com o «sim, senhor». Mas mais importante que tudo isso, vou sentir a tua falta.

– A sério?

Estava surpreendido. Mas não tão surpreendido como eu. Todas as coisas simpáticas em que estava a pensar me tinham saído disparadas da boca.

Encostei os meus lábios aos dele. Se continuasse a falar corria o risco de dizer alguma estupidez. O Greg afastou-se alguns segundos depois.

– É melhor pararmos por aqui – murmurou ele perto dos meus lábios. – Depois de três dias sem nos vermos, um simples beijo pode transformar-se numa grande complicação.

– Está bem, mete-te no carro antes que eu te arraste lá para cima. E no domingo à noite nada de televisão nem de jantar, só sexo – disse eu. Enfie a cabeça pela janela do carro enquanto ele fechava a porta atrás de si. – Os pais dela também ficaram a adorar-te após seis segundos?

– Ela, quem?

– A dos seis anos. Os pais dela também gostaram logo de ti?

O Greg ficou hirto e pareceu perder toda a cor. Ah, cá estava ela, a estupidez anunciada, cortesia da Senhorita Amber Salpone.

Talvez se eu recuar e me afastar do carro ele não repare que eu desenterrei o que é claramente uma memória dolorosa.

– Queres mesmo que te fale nela?

Nem por isso. Muito menos com a tua tendência para me contares cada detalhe das tuas tropelias no passado. Muito menos quando ainda não

sabes que fui tão seletiva no que te contei sobre o meu.

– Se quiseres – disse eu num tom neutro. *Por favor diz que não, por favor diz que não.*

O Greg debruçou-se para abrir a porta do passageiro.

– É melhor sentares-te.

Maravilha.

Entrei no carro, fechei a porta, virei-me no assento, encolhi os joelhos e cobri as pernas com o casaco dele, prendendo-o debaixo do queixo. Tinha o cheiro dele. O seu cheiro suave mas masculino. Lembrava-me as vezes que adormecera a escutar o bater do seu coração. O Greg virou-se ligeiramente para poder olhar para mim enquanto falava. *Não digas nada sarcástico nem «espirituoso», mesmo que pareça que a conversa está prestes a ficar pesada. Não tens permissão para ser a Salpone Sarcástica*, pensei eu com os meus botões.

– A Kristy e eu dormíamos juntos de vez em quando durante a universidade, mas no último ano começámos a namorar a sério. Ela era a minha alma gémea. Sei que parece estranho ouvir um tipo dizer isto, mas era assim que eu me sentia. Bom, durante o quarto ano de namoro falávamos em viajar. No quinto ano falávamos em separarmos. No sexto ano ela engravidou.

OK, coração, podes recomeçar a bater. Até aqui, nada de novo. O Greg tem um filho. Suponho que ninguém que levasse a vida que ele levava podia deixar de ter pelo menos um filho. Não, coração, não estou a brincar, podes recomeçar a bater. Por favor... Obrigada.

– Fiquei tão contente quando ela mo disse. Apoiei um joelho no chão e pedi-lhe que casasse comigo. Ela disse que sim. Era tudo tão bom, tão perfeito. Ali estava eu, prestes a casar com a minha alma gémea e a ter um filho com ela... A Kristy começou a ter aquelas distrações de grávida, a deixar coisas espalhadas por aí, cartas espalhadas por aí. Nessa altura já vivia praticamente no apartamento dela. Eu sei que não a devia ter lido... – Calou-se.

O Greg, que tinha a chave do apartamento porque estava praticamente a viver com ela, estava sozinho. Aborrecido, impaciente, morto para que a noiva grávida voltasse para casa para tomar conta dela. A carta estava na mesa de cabeceira. Não fora sua intenção lê-la, mas vira o seu nome na folha de papel azul. Tal como quando ouvimos o nosso nome numa sala cheia de gente, o seu nome e a palavra «bebé» chamaram-lhe a atenção. Aquilo era estranho porque tinham combinado esperar três meses para partilhar a boa nova.

Acho que não debes dizer ao Greg que o bebé não é dele, dizia a carta.

Nunca se sabe, até pode ser. Espera até estarem casados.

– E queres saber o que fiz? – perguntou-me ele.

Abanei a cabeça. Não queria saber. Nem por isso. Não suportaria estar com um tipo que batera numa mulher grávida. Ou numa mulher, ponto final. Já assistira a muitas cenas do género na minha vida.

– Fingi que aquilo não estava a acontecer. Fiz o jantar, como de costume, e sentei-me à espera dela. Não sei como consegui, mas abstrai-me completamente daquilo. Mas a Kristy soube. Podia estar fora da minha cabeça, mas estava patente na minha cara. Quando foi ao quarto viu que tinha deixado a carta em cima da mesa e adivinhou o que se passara. Foi então que fiquei a saber tudo. Durante aquele ano de inferno entre nós aproximara-se de outro tipo. Apaixonara-se por ele, mas deixar-me era como abandonar o melhor amigo por isso ficara. Ficara por piedade. Estava convencida de que o bebé não era meu porque nunca usara contraceção com o outro. Tínhamos falado sobre filhos por isso deixara de tomar a pílula e continuámos a usar preservativos até decidirmos ter um filho. Por isso o bebé não podia ser meu. Ela sabia-o, queria um filho dele e não meu. Naquela noite a verdade veio toda ao de cima. Fiquei a saber o que ela sentia, como desejava a separação.

O Greg parou de falar e esfregou os olhos.

– E sabes o que fiz a seguir?

– Começaste a dormir com todas?

– Não. Nãããão senhor. Implorei-lhe. Implorei-lhe de joelhos que não me deixasse. Perdi todo o orgulho próprio. Estava-me nas tintas para o orgulho próprio. Chorei, implorei e parti tudo. Ela perdeu o pouco respeito que ainda tinha por mim e pediu-me que deixasse o apartamento. E não parou por aí. Andei meses atrás dela. Não a deixava em paz, não parava de lhe telefonar, de lhe escrever, de lhe aparecer à porta. Então, um belo dia de manhã decidi que estava farto. Parei. Deixei-a em paz. Nunca mais lhe liguei nenhuma. E assim começou a minha vida de *serial lover*.

Mordi a língua para não lhe perguntar qual era melhor, Cornflakes ou Weetabix, durante a sua vida de *cereal lover*. E a seguir mordi ainda com mais força. Eu sentia por ele. Por isso é que estava a ponto de estragar tudo com os meus comentários sarcásticos. Era o meu mecanismo natural de defesa quando as conversas ameaçavam tornar-se demasiado sérias.

– Não podia... – começou ele a dizer – não podia correr o risco de passar outra vez por uma situação daquelas. Em relacionamentos sem

compromisso podemos ter intimidade e calor humano, proximidade, sem correremos o risco de nos magoarmos como a Kristy me magoara. Sempre precisei dessa intimidade, por isso obtinha-a sem ter de voltar a sentir a mesma dor e a mesma humilhação. Foram cinco anos disto até chegar a ti.

– Voltaste a vê-la? – perguntei eu num tom de voz sensato e maduro.

O Greg soltou uma gargalhada seca.

– Quando decidi que já não estava interessado, veio-me com a conversa de que queria que voltássemos a ficar juntos. Estive tentado a fazê-lo, muito tentado mesmo, mas decidi que não. Agonizei durante semanas. Até voltei a ir para a cama com ela. Tinha feito um aborto. Afinal de contas o seu homem de sonho não queria assumir a criança. Depois de discutirmos muito o assunto disse-lhe que não. Poucas semanas depois foi viver para Dublin.

– Ah – disse eu. *Teria sido uma queca assim tão má que tivera de deixar o país?*, pensei eu, e odiei-me instantaneamente.

– E em resposta à tua pergunta inicial: não, os pais dela não me adoravam. Nem sequer gostavam de mim. Levaram seis anos a aceitar o relacionamento da filha com um rapaz que, na opinião deles, não a merecia, e justamente quando começavam a habituar-se à ideia, separámo-nos. Mas a tua família é porreira, muito porreira. Achas mesmo que gostam de mim?

– O que há para não gostar? – *Para além desse cabelo ridículo.*

Ficámos em silêncio. De repente o carro parecia pequeno de mais para todo aquele desabafo. Aquela confissão de peito aberto devia ter tido lugar num ambiente mais amplo. E provavelmente o Greg, que não tinha pendor para revelações tão profundas, sentia-se exposto, emocionalmente vulnerável. Agora sabia como ele se sentiria se eu fizesse o mesmo.

– Bom, é melhor subir, senão ainda pensam que estamos a fazê-lo aqui no carro – de mais a mais, o Eric já o deve ter sugerido.

– Pois.

– Pois.

– OK, boa noite.

– Boa noite.

– Até amanhã.

– Até amanhã.

Doloroso. Como se fosse o nosso primeiro encontro e não soubéssemos se devíamos beijar-nos ou não. Para ser sincera, não

sabia se devíamos beijar-nos ou não. Aquelas revelações tinham alterado o próprio tecido do nosso relacionamento.

– Vais beijar-me ou não? – Eu pensara-o, ele dissera-o. – Não és obrigada. Só...

– Greg.

– Sim?

– Cala-te e beija-me.

Já em casa, verifiquei que já tinham ido todos para a cama. A minha mãe deixara um edredão e duas almofadas no sofá. As luzes dos candeeiros de mesa ainda estavam ligadas, bem como o televisor. Deixei-me cair pesadamente no sofá, pousando um braço na pilha de roupa de cama.

Sem aviso prévio, a tristeza apoderou-se de mim. A história do Greg deixara-me tão triste que os cantos da minha boca descaíram. Tristeza por tudo o que ele tinha passado. Tristeza pelo que tinha sofrido. Tristeza porque já estivera apaixonado.

Capítulo 23

linda menina

– Prova este – disse-me a minha mãe entregando-me uma resma de vestidos. Já andávamos às compras há algumas horas e ela passara boa parte da manhã a apontar para vestidos sofisticados, blusinhas mimosas e saias elegantes. A minha mãe tinha pesadelos com as minhas calças de estilo militar e as minhas camisolas de algodão e ainda não percebera que eu já tinha todas as blusas que alguma vez usaria – nenhuma.

Embora nas últimas horas a minha mãe tivesse chamado a si a missão de me reinventar e, pela primeira vez em seis meses, estivesse junto da minha família, não conseguia parar de reavaliar o meu namorado.

Greg Walterson

Eu pensava que o meu namorado era um patife porque tinha tudo para o ser: uma aparência elegante; um charme fácil e discreto; perseverança. O Greg era aquilo que a maioria dos homens seria se possuísse apenas dois dos predicados acima mencionados, quanto mais todos. Pelo menos era o que eu pensava. Não havia desculpa para o comportamento dele – nunca há desculpa para o mau comportamento –, mas pelo menos agora eu sabia que havia uma razão. Não justificava as suas ações, mas explicava-as. E eu não conseguia tirar os olhos dele. Quando ele se ria com o Eric, tentava impressionar o pai n.º 2 ou lisonjeava a minha mãe eu dava por mim a espreitá-lo. Perguntando-me quem seria. Que outros factos horripilantes haveria para descobrir sobre ele.

Mas porque estaria eu tão inquieta, tão desastuinada por aquela revelação? Era uma coisa boa, não era? Descobrir que o Greg «desavergonhado» Walterson era alguém com coração, com camadas, uma caixa de bombons sortidos em vez de um torrão de chocolate em pó endurecido, era motivo de celebração. Antes sempre hesitara em classificá-lo. Tinha olhos de chocolate negro, mas estava sempre a mudar. Ao longo dos três anos desde que o conhecera já fora praticamente todo o tipo de doce jamais confeccionado. Começou por

ser um daqueles chocolates vistosos de aspeto delicioso, mas que, quando os trincávamos, se alojavam naquele dente com o nervo exposto e nos causavam um tipo de dor da qual nunca se recupera completamente. Antes de ter ido para a cama com ele já se transformara numa daquelas tabletes que eu comprava quando não encontrava do meu chocolate favorito. A segunda opção na minha lista.

Vê-lo agora como um chocolate quebradiço, que sob pressão se desfazia em pó, só podia ser positivo. Mostrava-me que tinha capacidade para amar. Que tinha um coração que podia partir-se. Um coração que alguém partira. Sabia o que era sofrer, o que significava que eu não seria a mulher com quem testaria as suas emoções.

Nunca antes me sentira incomodada quando os meus namorados já tinham experimentado aquela coisa mítica a que chamamos «amor» antes de mim. O que levantava uma questão: porque me sentia eu tão melindrada? Porque haveria de sentir o que quer que fosse? A resposta estava bem à vista. Olhava-me cada vez que eu passava perto de uma superfície refletora. Era uma daquelas respostas que eu me recusava a aceitar.

Se eu aceitasse o porquê de estar tão angustiada – virada do avesso, desorientada – então teria de admitir que não era tão pura de pensamento e de ação como gostava de pensar. Teria de admitir que, apesar das evidências em contrário, tinha um ego do tamanho da última colheita de cacau do Gana. Não queria pensar em mim dessa forma. Era como imaginarmos os nossos pais a ter sexo: sabemos que acontece, mas se não pensarmos no assunto, não nos perturba. Eu não queria ser uma egocêntrica contrariada porque alguém gostara de alguém antes de gostar de mim.

Enquanto eu me debatia com o meu ego e reavaliava o Greg a minha mãe esvaziava os expositores dos vestidos.

– São muito caros para mim – disse eu, tirando-lhe o fardo das mãos e quase cedendo sob o peso. – Não posso comprar nenhum.

– Fica por nossa conta – disse ela. – Vai lá experimentá-los.

Virei-me na direção dos provadores.

– Não te esqueças de vir mostrar-nos como te ficam – disse o pai n.º 2.

– Porque não me chamam rato-do-deserto à frente do Greg e arrumam o assunto de uma vez por todas – resmunguei eu.

Já no provador examinei os vestidos. Todos variações do mesmo tema: a minha mãe a tentar convencer-me a vestir-me de forma mais

feminina. Era uma luta contra trinta anos de roupa unissexo. Além do mais os vestidos e eu éramos incompatíveis porque boa parte deles é feita para silhuetas de pera – peito reduzido, ancas largas – e eu, com o meu peito volumoso e ancas assim para o estreito era mais uma pera invertida. Apesar do que a Jen dissera eu perdera peso. Não o suficiente para reduzir o peito, mas tinha a barriga mais lisa, quase plana, as ancas mais esguias... *Para, para, para com isso. Para de pensar no teu peso*, ordenei a mim mesma.

Detestava preocupar-me com o meu peso, afligir-me com os centímetros a mais. Desde que a Jen fizera aqueles comentários, embora eu soubesse que estava errada, estava constantemente a pensar no assunto. Pensava sempre duas vezes antes de comer fosse o que fosse. Começara a ler o valor calórico de todos os produtos que normalmente comprava no supermercado. (O Greg subia pelas paredes porque isso acrescentava meia hora ao tempo que passávamos nas compras. Adquirira o hábito de me sacar as embalagens das mãos e atirá-las para dentro do carrinho das compras com a expressão de um homem que não admitia réplicas.)

Talvez eu seja gorda, pensava eu muitas vezes de manhã quando me vestia. Talvez o meu peso fosse imoral. Se a minha melhor amiga, a mulher que amava e em quem confiava, pensava que eu era gorda, talvez devesse reconsiderar o meu aspeto físico. Os amigos são quem geralmente nos diz estas coisas. Como se já não tivesse motivos suficientes para andar neurótica, à lista juntavam-se agora o meu «estatuto de bola de banha» e «o Greg já se ter apaixonado antes».

Passei os olhos pelos vestidos nas suas cruzetas cromadas até encontrar o menos ofensivo e com maiores probabilidades de me servir, num tecido brilhante azul-pálido, de mangas compridas e decote redondo. Vesti-o. As pregas abraçavam suavemente as minhas curvas e acariciavam-me a pele.

Olhei-me ao espelho e rodei ligeiramente. Não estava nada mal. Para dizer a verdade até estava bastante apresentável. Sentia-me bem dentro dele. Por breves instantes senti-me como uma princesa.

Espreitei por trás da cortina para ver se não havia ninguém no corredor e percorri apressadamente a curta distância até à entrada dos provadores. Num comportamento típico dos homens, o pai n.º 2 e o Greg ficaram de queixo caído quando me viram. As lágrimas afloraram os olhos da minha mãe. O Eric fez um sorriso trocista.

Caramba, mas afinal o que é que se passa?

– Fica-me assim tão mal? – perguntei eu.

Estariam horrorizados com as curvas que o vestido revelava? Apertei os braços à volta da cintura para as esconder.

– Endireita-te – ordenou a minha mãe, afastando-me os braços da cintura e ajustando a posição dos ombros do vestido enquanto pestanejava para reter as lágrimas até não passarem de uma memória.

– Estás um encanto – disse o pai n.º 2, também com uma lágrima ao canto do olho.

– A minha irmã é uma rapariga – disse o Eric com o mesmo sorriso trocista.

O Greg apertava a minha mochila preta de cabedal no colo como se a sua vida dependesse disso. Estava ligeiramente corado. Reconheceria aquele rubor em qualquer lado. Apertei os lábios para abafar o riso: ele tinha uma ereção. Com a minha mãe a poucos metros dali. Quando viu que eu percebera o que se passava ficou vermelho até produzir luz própria.

– Não sei porque insistem em comprar-me isto – disse eu aos meus pais. – Até parece que tenho onde o usar.

Sim, sentia-me bem naquele vestido, mas isso não queria dizer que o usasse – sobretudo quando fora a minha mãe a escolhê-lo.

– Bom, da próxima vez que o Gregory te levar a um sítio elegante – disse a minha mãe, lançando-lhe um olhar incisivo – já terás o que vestir.

O que ela queria dizer era: «Posso não poder impedir o Gregory de se aproveitar de ti, mas é melhor que te trate como uma senhora.»

Sob o escrutínio da minha mãe, o Greg ficou da cor da beterraba. Se continuasse a corar acabaria por perder os sentidos.

O Eric riu-se, obviamente muito divertido com tudo aquilo.

– Não sei de que te ris, rapaz – disse o pai n.º 2. – A seguir vamos comprar-te um fato.

Ah!, pensei eu enquanto lhe deitava a língua de fora.

O Eric deu mais luta do que eu.

Embora soubesse que estava condenado à derrota desde o momento em que o pai mencionara o assunto, lutou até ao último fôlego. Quando os nossos pais se uniam numa causa comum não havia «ses» nem «mas». Se nos perguntassem: «Não preferes peixe. É melhor para ti.» não estavam a pedir a nossa opinião, estavam a fazer uma afirmação. Estavam a dizer-nos que de facto preferiríamos peixe, visto que era tão saudável e tudo o mais. E até podíamos estar a salivar por aquela costeleta do lombo suculenta, assada lentamente nos seus

próprios sucos e carregadinha de molho de mostarda, mas claro que preferíamos a posta de bacalhau cozido.

Eu era adepta do caminho mais fácil em quase tudo, mas particularmente com os meus pais. Os três (a Sr.^a H, a mulher do pai n.º 1, não contava). Para o Eric o caminho mais fácil seria experimentar o fato azul-marinho com a camisa creme e a gravata azul e dar o assunto por encerrado. Mas não. O Eric resolveu contra-atacar. Se tinha mesmo de ser, que fosse em preto. Se não pudesse ser em preto, então *tweed* castanho. Ou então um verde bizarríssimo. E por aí em diante. Saímos da loja com o fato azul-marinho, a gravata azul e a camisa creme.

A caminho de casa o Eric resolveu amuar. A certa altura disse-lhe que o meu vestido ficara por sessenta libras, enquanto o fato dele, embora fosse pronto-a-vestir, custara trezentas libras, o que representava cinco vezes mais amor pecuniário para ele, mas ele não me via a queixar-me.

– Vai dar uma curva, rato-do-deserto – fora a sua resposta. Esgravatara a minha mala à procura do telemóvel e afastara-se pela plataforma da estação dos comboios para ligar à Arriane. Se havia alguém capaz de entender a sua indignação por ser obrigado a possuir um fato azul, era a Arriane. *Bom*, pensei eu enquanto o via digitar o número, *pelo menos aquilo serve para ele lhe telefonar*.

Eu não insistira no assunto, mas não telefonava à mulher desde que chegara. Não tinha telemóvel – «isso é coisa do diabo» – e quando lhe lembrava que devia telefonar-lhe para lhe dizer que tinha chegado bem, dizia-me que o faria mais tarde. E não o tinha feito. Antes de os nossos pais chegarem perguntara-lhe se tinham discutido antes de ele vir embora e ele encolhera os ombros e começara a fazer-me perguntas sobre o Greg. Foi uma manobra de diversão bem-sucedida porque eu não queria aborrecê-lo.

Enquanto o resto do grupo se instalou no comboio à espera da partida ele andava de cá para lá na Plataforma 1. A sua expressão contristada abrandava a cada minuto. O rosto dele ganhou vida enquanto o maxilar relaxava e a ruga formada pelo cenho franzido desaparecia. Até então não me tinha apercebido de como parecia irritado e exausto desde que chegara. Desejei que houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer para minorar o sofrimento dele. Não suportava vê-lo naquele estado quer emocional, quer físico. O que o magoava, magoava-me também, profundamente. Ele era como um irmão gémeo. O Greg deslocou-se no assento ao meu lado, encostando

a perna dele à minha enquanto eu observava o meu irmão na plataforma.

De repente senti uma comoção estranha a subir-me pelo pescoço e a espalhar-se por todo o meu corpo de forma tentacular. O Eric não estava a falar com a Arriane. A forma como sorria – com uma expressão de entusiasmo e vivo interesse – disse-me que não era com a esposa que falava. As coisas estavam pior do que eu pensava: o meu irmão estava a ter um caso.

– É sério, isto com o Gregory? – perguntou-me a minha mãe enquanto picava cebola para o jantar. Ia preparar um guisado ganês, seguido de pudim de sêmola. Os homens tinham-se oferecido para ir comprar sêmola e arroz (havia dois quilos de arroz no armário, mas a minha mãe decidira que não chegava, porque nunca se sabe, não é? Jesus podia aparecer ali a qualquer momento com os seus cinco mil seguidores alegando que aqueles cinco pães e dois peixes não enchiam a barriga a ninguém). O «voluntariado» dos homens permitia-lhes, como é óbvio, meter-se na garrafeira da esquina. À conta disso o Greg seria submetido a duas horas de tratamento gélido – como se atrevia ele a fazer de mim a mulherzinha que fica em casa enquanto ele vai beber com os amigos; o pai n.º 2 receberia uma descompostura de todo o tamanho durante o percurso na M1, no dia seguinte; e o Eric? Beeeem, o Eric tinha um fato azul-marinho, uma camisa creme e uma gravata azul.

Seria sério, aquilo com o Greg? Boa pergunta. Uma que eu ainda não tinha respondido a mim própria, quanto mais à minha mãe. A minha mãe. Eu não falava sobre os meus namorados com a minha mãe. Não falávamos sobre nada remotamente semelhante. Era de péssimo mau gosto. E em todo o caso nós não éramos assim. O Eric sempre falara com os nossos pais sobre as namoradas e afins, eu não. Recusava-me.

Tinha uma relação muito diferente com eles. Havia uma distância maior entre nós. Tenho a certeza de que a minha mãe assumiria a posição fetal e berraria até não poder mais se eu tentasse arrastá-la para os meandros da minha vida amorosa. Já o Eric contava-lhes porque sim. Estava-se nas tintas para a reação deles. Queria partilhar a sua vida com eles, e era o que fazia. Embora, provavelmente, não lhes tivesse dito nada sobre o caso que tinha. (Eu decidira, seguindo uma tradição já bem estabelecida, ignorar o que ele andava a fazer. Ainda estava a tentar assimilar o choque de descobrir que o meu amado

irmão era um sacana.)

Então porque estaria a minha mãe a interrogar-me?

– Namoramos há pouco tempo – disse eu.

A faca deteve-se enquanto lascava rosados peitos de frango. O horror e a aversão estavam plasmados no rosto da minha mãe.

Oh.

Ah.

Agora não só ficara a saber que eu me aviltara através do ato sexual, como o fizera no âmbito de um relacionamento recente. Acabara de dizer à minha mãe que era uma mulher fácil.

– A sério? – perguntou ela num tom controlado, e recomeçou a lascar o frango.

– Mas já nos conhecemos há três anos – disse eu, pedalando para trás com todas as minhas forças. – Lembras-te da Jen? O Greg é o melhor amigo do namorado dela. Conhecemo-nos há três anos.

– Não me digas.

– Sim.

Pus-me a mexer o guisado que fervia no fogão. Ela encontrara as cuecas. Provavelmente também dera com os preservativos e com o vibrador. Sabia que eu tinha ido para a cama com o Greg em tempo recorde. Bem podia rematar a coisa revelando-lhe as nossas posições preferidas.

– Que futuro vês ao lado dele? – perguntou ela.

Não estava disposta a deixar morrer o assunto.

– Ainda não pensei nisso – respondi.

– Achas que as intenções dele são sérias?

Pus-me a pensar no assunto, até concluir que não queria pensar no assunto. Já o apresentara à família. Que mais queria ela de um relacionamento com três meses?

– Que queres dizer com isso? – perguntei.

– Achas que o Gregory faz tenções de estar contigo durante muito tempo?

– Sim, penso que sim.

– Amber, porque quereria o Gregory ficar com uma mulher que... – Hesitou, debatendo-se com as palavras. – Que toma liberdades consigo própria?

Que toma liberdades consigo própria?!, pensei eu, fuzilando com o olhar os tomates que se desfaziam no guisado. *Porque não dizes antes «uma puta», porque é isso que tu pensas, não é?*

– Provavelmente pensa que és assim com todos os homens –

continuou ela.

– O quê, que também durmo com eles? – disse eu num atípico momento de audácia verbal.

– Sim.

A minha mãe parecia embaraçada, mas eu sentia o corpo a arder de indignação.

– Tiveste a mesma conversa com o Eric quando ele começou a namorar com a Arriane? – perguntei eu.

A minha mãe fazia sempre o mesmo. Estava sempre a querer impor-me padrões de comportamento que não esperava do Eric. Eu adorava o meu irmão, mas às vezes tinha inveja do que ele tinha. A liberdade para se portar mal. Enquanto crescia fora sempre tão estouvado, tão mauzinho, e nunca lhe acontecia nada. Mas se eu tentasse alguma... Vamos pôr a questão desta forma: quando o meu pai biológico vivia em Inglaterra (foi viver para o Gana há três anos) fui visitá-lo (e à Sr.^a H) durante aqueles meses que passei em Londres. Tinha ido a um bar com um grupo de colegas do trabalho temporário e bebera um pouco de mais da conta. Não muito, só o suficiente para ficar megaconversadora. Considerando que mesmo nos melhores momentos era uma luta conversar com o meu pai e que só falava com a Sr.^a H quando tinha mesmo de ser, imaginem a deleite deles quando eu me transformei na Senhorita Fala-Barato. Pensei ter tido a melhor noite de sempre com eles. Eles não pensavam o mesmo. O meu pai escreveu uma longa carta à minha mãe culpando-a por me ter transformado numa delinquente juvenil. Eu tinha vinte e quatro anos.

Durante os mesmos nove meses o pai n.^o 2 chamou-me de lado quando passei três dias seguidos na casa de uma amiga e disse que ele e a minha mãe não queriam que eu me portasse mal – por outras palavras, que tivesse sexo. E eu nem sequer tinha sexo na altura, e já vivera cinco anos longe de casa. *Tinha vinte e quatro anos*. Vinte e quatro anos, mas entre os dezasseis e os dezoito anos o meu irmão saltava regularmente da janela do quarto para ir ter sexo com a namorada de vinte e nove anos. Foi um inferno quando eles descobriram, claro, tinha ele dezassete anos. Foram os piores dias desde que o Eric e o Leonard tinham vindo viver connosco, mas os gritos, as ameaças e os longos silêncios não travaram o Eric, que lhes disse que não podiam impedi-lo. Já eu, aos vinte e quatro anos, não podia ir com uns amigos a um bar nem dormir em casa de uma amiga sem que isso constituísse um crime. Sofria pressões de todos os lados para me comportar como devia ser.

– O Eric é diferente – disse a minha mãe.
– Porquê? – quis eu saber.
– Estas coisas são diferentes para os homens. Nenhum homem respeita uma mulher quando pensa que ela é assim com todos os homens. Achas que o teu pai tinha casado comigo se achasse que eu era assim com todos os homens?

Quase deixei cair a colher de pau. O quê?! Estaria eu a ouvir bem? A minha mãe, que vivia com um homem com quem não era casada, estava a glorificar o casamento com o meu pai? O meu pai, o homem que casou com outra depois de andar a enganá-la, de discutir com ela e de lhe bater?

Além disso, se um homem não nos respeita depois de dormirmos com ele é porque já não nos respeitava antes, não? O sexo não mudava nada. Era importante, distinguia uns relacionamentos dos outros, mas se o tipo se pusesse na alheta depois do sexo era porque já não tencionava ficar antes dele. (A menos que fôssemos um desastre muito, muito grande na cama.) E já agora, também não era importante as mulheres respeitarem os homens? Teria o pai do Greg a preocupação de o puxar de lado para lhe dizer «Filho, é melhor parares de saltar de cama em cama, pois nenhuma mulher te respeitará se continuares nessa vida»? Não me parece. O problema era as mulheres continuarem a aceitar aqueles absurdos. Se as mulheres não olhassem com desdém para outras mulheres que têm sexo com quem bem lhes apetece em vez de «fazer amor no contexto de um relacionamento», não estaríamos a ter aquela conversa. Todos aqueles argumentos lutavam para me sair da boca.

– Hoje em dia as coisas são diferentes – disse eu. Se havia uma declaração clara e firme de como eu me sentia, do que pensava, dos princípios do credo pelo qual vivia a minha vida, era aquela.

Não.

Comecei a tremer por dentro. A adrenalina corria-me nas veias, aumentando o meu ritmo cardíaco e dificultando-me a respiração.

Por isso é que eu era adepta do caminho mais fácil. Por isso é que não discutia com ninguém. Mesmo que quisesse, não seria capaz. Tornava-me fisicamente incapaz de o fazer. Comigo o instinto de lutar ou fugir não funcionava. Produzia demasiada adrenalina, por isso, em vez de discutir ou virar costas, conseguia apenas falar de uma forma espasmódica, aflitiva. Começara quando era muito pequena, quando vi o que as discussões faziam às pessoas. Aprendi que, quando se respondia, levava-se um murro na cara. Um pontapé na barriga.

Chamavam-nos nomes. Por isso é que dava sempre o braço a torcer à Jen, nunca discutia com o Sean, entrava em pânico quando ouvia a Renée e a Martha a discutirem. E também era por isso que sabia que com o Greg era diferente: estivera a ponto de discutir com ele mais do que uma vez. E era o meu instinto que me levava a reagir com humor em alturas de *stress* – uma tentativa de apaziguar os ânimos através do riso.

Naquele momento só consegui dizer à minha mãe «Hoje em dia as coisas são diferentes».

– Não é bem assim – disse ela. – Ainda hoje, Amber, as pessoas me olham de lado quando descobrem que vivo com o Leonard, mas que os nossos sobrenomes são diferentes. A irmã dele ainda hoje não fala connosco porque não somos casados. Não tens de passar pelo mesmo. Não podes ter uma relação duradoura com o Gregory se continuares a comportar-te dessa maneira. Se não te deres ao respeito.

– O Greg não pensa assim – disse eu.

– Ouve.

A minha mãe bateu com a faca com tanta força na bancada que eu saltei de susto por dentro. Ela era incapaz de me bater. Nunca bateria em ninguém. Isso é verdade para a maioria das pessoas, mas as pessoas podem magoar-nos sem nos baterem, razão pela qual eu morria de medo das reações das outras pessoas. Mesmo que não nos batam, mesmo que não nos deem uma bofetada, um murro ou um pontapé, podem negar-nos o seu amor. Podem banir-nos das suas vidas. Por isso é que eu dava sempre o braço a torcer à Jen, mesmo que ela não estivesse a ser razoável, não podia arriscar-me a que me abandonasse. Não seria capaz de fazer nada que fizesse com que ela passasse a ser uma coisa do meu passado.

– Sou muito mais velha que tu, sei muito bem do que estou a falar – disse a minha mãe.

Concentrei-me em mexer o guisado. Suspendia a respiração, na esperança de que a minha mãe desistisse do assunto. Caso contrário, apesar do meu medo, apesar da possibilidade de que deixasse de gostar de mim, teria de lhe dizer que se calasse. Que por mais que ela esperasse de mim, não ia romper com o Greg. Ele estava ali para ficar.

A chave entrou na porta da frente, interrompendo a nossa potencial discussão.

Instantes depois, os homens entraram na cozinha, trazendo consigo uma sugestão de álcool, tabaco e ligeireza. O Eric trazia o arroz e a sêmola. O Greg trazia uma garrafa de vinho tinto numa mão e uma de

vinho branco na outra. O pai n.º 2 foi ter com a minha mãe e espreitou-lhe por cima do ombro para ver o que estava a fazer. Ela olhou-o de soslaio, pouco impressionada. Não era um dos seus olhares de marca. Franziu os lábios e semicerrou os olhos, mas não estava realmente zangada com ele. A sua ausência permitira-lhe dizer-me o que pensava. De qualquer forma, amava-o. Raramente se zangava com ele por muito tempo. E nunca discutiam. Eu estava sempre à espera das discussões, mas nunca aconteciam. Suponho que era porque o pai n.º 2 é como chocolate de leite de alta qualidade: é muito fácil darmos-nos com ele. O tipo de chocolate ao qual permanecemos fiéis uma vida inteira: de um paladar simples e discreto que nos leva a procurá-lo ao longo do tempo. Podemos até ter vontade de experimentar outros sabores, mas voltamos sempre àquele chocolate doce e macio que conhecemos e amamos.

O pai n.º 1 também é assim. Agora. Dantes era como uma daquelas tabletes de chocolate com pedaços que explodem quando menos se espera. Tínhamos sempre muito cuidado porque nunca sabíamos quando um daqueles pedaços explodiria mesmo na nossa cara. Agora, mais velho e menos zangado, suponho eu, também é como chocolate de leite de alta qualidade.

– Divertiram-se na garrafeira? – disse a mãe ao pai n.º 2.

– Não sejas assim, Eden – disse ele. – Tínhamos de dar uma palavrinha ao Greg para ter a certeza de que trata a nossa preciosa Amber como deve ser, não é, Eric?

– Sim, pai – balbuciou o Eric com a voz entaramelada. – É nosso dever como homens da família.

Ataquei um pedaço de tomate do guisado. Lá estavam eles a fazer a mesma coisa. A agir como se eu tivesse de ser protegida do sexo. Fora dito em tom de brincadeira, mas a intenção era a mesma.

O Greg, parecendo sentir a tensão e a raiva que emanavam de mim, veio ter comigo. Pôs a cabeça à frente da minha e entreolhámo-nos.

Perguntava silenciosamente se eu estava bem. Fiz um pequeno sorriso. Sorri, mas por dentro perguntava-me se poderia ter um relacionamento duradouro com o Gregory.

Poderei ter um relacionamento duradouro com alguém se é assim que a minha família me trata?

«a verdadeira força interior
reside em ser capaz de comer
uma tablete de chocolate inteira
sem sentir o peso da culpa»

Capítulo 24

desembucha

Tensas.

Tinham passado quinze dias desde a visita dos meus pais e as coisas entre nós andavam tensas. Muito tensas.

O Greg conhecera a minha família. Na minha cabeça éramos praticamente noivos, agora. O que não é bom quando não se acredita no casamento. Quando falava com um membro da família, perguntavam-me por ele. Perguntavam pelo meu homem. Passara a ser a minha OM, a minha Outra Metade, e eu ainda nem sequer sabia se podia ter uma relação duradoura com um homem.

Não tinha a certeza se o Greg estava apenas a reagir ao meu comportamento, ao meu ligeiro afastamento, ou se, agora que me contara tudo o que se passara com a Kristy, se sentia mais próximo de mim, mas ele também mudara. Apreensivo. O que o tornava ultracarente. Era um choque descobrir que alguém que costumava ser um sacana frio e calculista pudesse metamorfosear-se em alguém que contaminava cada momento com a sua presença asfixiante. Todos os dias me enviava longos e-mails sobre coisa nenhuma embora fosse ver-me dentro de poucas horas. Tinha de saber onde eu estava a cada segundo do dia, mesmo que estivesse sentada ao pé dele e me levantasse para ir à casa de banho. (Cheguei a pensar em perguntar-lhe se tinha medo que saltasse pela janela da casa de banho.)

Fora ao ponto de me perguntar se preferia o Tom Cruise com o cabelo curto ou comprido (desconfiei que estava a perguntar-me se queria que cortasse o cabelo) e eu respondera:

– Preferia-o quando a ex-mulher lhe metia a cabeça dentro aos pontapés.

– Amber, isso nunca aconteceu – assegurou-me ele.

– Ah – respondi – bom, uma rapariga pode sonhar.

(Sim, aquela podia ter sido a minha oportunidade de me livrar daquela ridícula cabeleira, mas ele tinha mesmo de me fazer perguntas sobre a única celebridade que eu detestava?)

Tensão. Nervos. Pressão. A pressão acumulara-se até àquele momento. Podia cortar-se à faca e pôr-se a assar na brasa, pois o Greg

esticara os meus nervos até ao limite e agora estava a fazer equilíbrio em cima deles.

Tínhamo-nos levantado da cama às oito horas – a um *Sábado* – para ir ver apartamentos. Às duas da tarde já tínhamos visto uns, sei lá, seis *triliões* de apartamentos e nenhum servia. Por exemplo, o último que tínhamos ido ver: um T1 no segundo andar de um moderno edifício de habitação, com todas as comodidades, 105 libras por semana mais as contas. Era mais pequeno que o meu, mas o Greg vivia num quarto, por isso uma cozinha/sala, um quarto, uma casa de banho e espaços de arrumação eram mais que suficientes para ele. Mas ele pronunciara a imortal sentença «Não consigo imaginar-me a viver aqui». Como fizera a manhã inteira, e recusou-o.

Por essa altura eu já perdera a vontade de viver, quanto mais a vontade de procurar um apartamento. Além disso eu nem sequer precisava de um apartamento. Já tinha um, onde me sentia muito bem. Quando o vira pela primeira vez também não me imaginara a viver ali, mas era a dois passos da estação de Horsforth, perto de um bar que frequentava quando era estudante e conhecia a zona porque a minha ex-universidade ficava ao fundo da rua. Independentemente do facto de me imaginar a viver ali ou não, aceitei-o. Depois, descobri que já podia imaginar-me a viver ali porque era ali que vivia.

Já devíamos ter calcorreado toda a zona de Headingley e não estávamos mais perto de encontrar a casa onde o Greg se imaginava a viver. Os meus pés doíam-me apesar de estar de sapatinhas.

O Greg abriu o jornal que nos servia de guia.

– Ainda há um ou dois para ver – disse ele, esperançado.

Empoleirei-me no muro caiado ao lado do Skyrack, um *pub* na Otley Road. Ele sentou-se ao meu lado.

– Seria mais fácil se estivesse a procurar com outra pessoa. Assim já podíamos comprar. Seria um esforço conjunto.

– Tu, comprar uma casa? A seguir vais querer casar-te, não? – disse eu com ar de troça.

Ao ouvir o meu comentário o Greg assumiu uma expressão destrachada.

– Claro que quero casar. Tu não? – disse ele.

– Já não tivemos esta conversa? – repliquei eu de mau-humor.

Odiava andar à procura de casa tanto como odiava fazer mudanças. Não levava aquilo tão a mal como levei a mal ajudar o Matt nas mudanças porque o Matt nunca me proporcionara um orgasmo múltiplo – e felizmente nunca o faria.

O Greg não disse nada durante alguns segundos.

– Talvez devesse mesmo comprar casa.

Estava a pensar em voz alta. Por amor de Deus! Porque hesitava tanto? Aquele homem, o que estava sentado a meu lado, dirigia um departamento no maior jornal semanal do Yorkshire e não conseguia decidir-se onde viver quando já tinha onde viver.

A psicóloga em mim sabia que havia qualquer coisa por trás de tudo aquilo. De cada vez que via um apartamento e o rejeitava, sob cada camada de indecisão e agora por trás da decisão de comprar escondia-se um homem assustado. Provavelmente era o medo da responsabilidade. Deixar a sua casa de estudante representaria deixar para trás o estilo de vida de estudante. Embora ele já o tivesse feito sem se dar conta. A parte de mim que odiava andar à procura de casa tinha ganas de lhe dizer que se controlasse e tomasse uma decisão.

– Diz-me lá outra vez porque decidiste mudar de casa?

O Greg agitou o jornal.

– Bom... – tossicou para limpar a garganta. – Não quero continuar a viver na casa do Rocky. Já sou crescidinho, preciso de arranjar um lugar para mim. É como se, agora que tenho namorada, tivesse olhado para outras áreas da minha vida e verificasse que deixavam algo a desejar. Basicamente estou a viver como um estudante profissional. E – olhou-me através das suas longas pestanas – agora que tenho namorada, quero poder recebê-la em minha casa sempre que quiser sem receio de que alguém descubra.

Claro, deita-me as culpas.

– Se te sentes pressionado a mudar de casa, provavelmente não devias fazê-lo. Sobretudo se tens vantagens em ficar onde estás e não estás cem por cento seguro de que queres mudar de casa.

– Estou. Mas seria mais fácil se alguém quisesse vir viver comigo, partilhar a responsabilidade de encontrar uma casa, mobilá-la, decorá-la, esse tipo de coisas.

– Imagino que sim, mas eu fi-lo sozinha. E correu tudo muito bem. Aliás, acho que até é mais fácil quando estamos por nossa conta. Evitam-se as discussões sobre a escolha da cor da tinta, que paredes deitar abaixo, que tipo de piso escolher, etc., etc., etc., – respondi eu.

– Então não estás a pensar em viver com ninguém tão cedo – declarou ele.

Agitei as mãos para cima e para baixo, frustrada. A psicóloga em mim tinha feito o melhor que sabia, agora a mulher que não gostava de andar à procura de casa estava aos comandos.

– Não sei, nunca pensei nisso. Porque estamos a falar de mim? Andamos à procura de uma casa para ti.

– E nunca te passou pela cabeça vires viver comigo? – disse ele.

Fiz um sorriso trocista, olhei-o de esguelha e engoli o sorriso antes que se transformasse numa gargalhada. O rosto dele assumira a versão mais madura da expressão que tinha quando me beijara pela primeira vez há tantos anos atrás. Não, anos não. Há três meses. O que queria dizer que ele queria que eu fosse viver com ele três meses depois de começarmos a namorar. *Ná*. Que tolice. Não podia estar a falar a sério. Os meus olhos encontraram os dele. *Podia?* Depois lembrei-me, que o Greg era o exemplo acabado de um vadio com coração. Claro que estava a falar a sério. Tão sério que usava aquele seu coração numa braçadeira. Tatuara-o ao nível do bíceps quando me beijara. Voltara a fazê-lo quando me perguntara se tinha a certeza que queria dormir com ele. E agora voltava a fazê-lo com isto de...

– Assustei-te, não foi? – disse ele.

– Não, estou só surpreendida – disse eu. *Se é que surpreendida significa absolutamente aterrorizada.*

– Já ando a sugerir-to há dias. Ou melhor, há semanas. E claro, hoje durante quase todo o dia.

– Ai sim? – perguntei. *Agora é que estava surpreendida.*

– Tinha-me esquecido de como eras perspicaz. Quantas vezes te disse «Quero estar sempre contigo»? Ou, vê lá se te lembras «Esta semana adormeci todas as noites a desejar que regressar a casa significasse ver-te ao fim do dia»? E que tal «É de doidos pagar renda ao Rocky estando praticamente a viver em tua casa»? E és capaz de te lembrar do que te disse há uns cinco minutos: «seria mais fácil se alguém quisesse vir viver comigo, partilhar a responsabilidade de encontrar uma casa, mobilá-la, decorá-la, esse tipo de coisas». Alguma destas frases te parece familiar?

– Sim, está bem, já percebi. Mas não estou habituada a que as pessoas, quer dizer, tu, sejas tão subtil. Estou à espera que digas o que pensas.

– Foi o que acabei de fazer.

– Só namoramos há três meses.

– Três meses, três semanas e um dia, mas que importa isso?

O Greg *contava* o tempo que estávamos juntos. Queria uma coisa que a Jen levara três anos a conseguir do Matt. E tudo bem, agora éramos mais velhos, mas ainda assim três meses são *três meses*. Ninguém sabia de nós. Nem sequer ainda tínhamos dito «amo-te» um

ao outro.

– Tu não gostas de mim tanto como eu gosto de ti, pois não? – comentou ele.

Porque estava ele a dizer aquilo? Onde estivera ele nos últimos três meses? Não era ele que estava na minha cama quando eu adormecia no seu peito a ouvir uma história sua? Não era ele que me contava histórias para adormecer? Seria isto que a minha mãe tentara dizer-me? Que embora hoje em dia as coisas sejam diferentes, se eu dormisse com o Greg ele deixaria de confiar em mim? Que precisava de gestos mais grandiosos para lhe provarem que era especial?

– Porque dizes isso? – perguntei eu.

– Oh, não sei, talvez tenha a ver com o facto de não estares propriamente a dar saltos de alegria. Nem sequer gostas da ideia, pois não? A maioria das mulheres com quem estive ficariam esfuziantes se lhes pedisse para viver comigo. Mas tu não. Até parece que te pedi para correr pela Briggate6 nua em pelo.

– Greg, isto é de loucos... – Descoroçoado e de rosto abatido, baixou os olhos para o chão. – Não me refiro a nós, gosto do que nós temos – acrescentei de imediato – adoro o que nós temos. Mas ainda me estou a adaptar à ideia de ter namorado.

– O teu namorado é um amigo teu. Conheces-me há anos. Passei mais tempo no teu apartamento que muitos casais passam juntos, fazemos praticamente tudo juntos, já vivemos praticamente juntos, mas... nunca falamos sobre o futuro.

– O futuro? – repeti eu como num eco.

– O futuro. O longo prazo. Passaram três meses e ainda não falámos de contraceção a longo prazo, por exemplo. Como começares a tomar a pílula.

– Não posso tomar a pílula, provoca-me dificuldades respiratórias.

– Estás a ver? Eu não sabia disso. – O Greg atropelava as palavras, nervoso. – Como podia eu saber? Nunca me dizes esse tipo de coisas. Não é de admirar que continue a pensar que ainda andamos só a sair, a ver no que isto vai dar, em vez de termos um relacionamento sério, de construirmos qualquer coisa juntos. Tu, por exemplo, nunca me pediste para conhecer a minha família.

– Tenho de pedir? – repliquei eu. – Tu não me pediste nada.

– Mas queria. Já sabia que ias reagir assim. Ficas sempre passada quando se fala no futuro.

– Não me tinha dado conta que conversávamos sobre o futuro. – *Acabaste de dizer que não. Decide-te.* – Nem de que fico passada.

– OK, eu dou-te um exemplo: sabes porque espero sempre pela quarta-feira para te perguntar o que vamos fazer no fim de semana?

Abanei a cabeça.

– Uma vez, quando ainda éramos só amigos, perguntei-te se querias ir comigo a uma exposição em Londres com umas duas semanas de antecedência e tu reagiste como uma demente. Não me dirigiste a palavra durante uma semana e depois não foste à exposição. Depois disso a coisa repetiu-se mais algumas vezes, até que percebi que quarta-feira era o mais cedo que podia falar sobre o fim de semana sem que tu te passasses.

Obviamente, esquecera-se de que mais tarde me contara que me tinha convidado para ir à exposição em Londres com ele porque planeava seduzir-me e transformar-me numa escrava sexual que satisfizesse todas as suas doentias fantasias sexuais. Pronto, está bem, não falou na parte da escrava sexual, mas estava implícita na forma como o disse. *Provavelmente não devia refugiar-me no humor num momento destes. Devia concentrar-me no que o meu namorado está a tentar dizer-me.*

Passou a mão pelos espessos caracóis negros com uma expressão de frustração no rosto.

– Quero um compromisso.

Talvez o melhor seja não me concentrar no que o meu namorado está a tentar dizer-me. Não se continua a dizer-me coisas assim. Caramba. Como é que isto aconteceu? Era suposto passarmos o dia a passear por Headingley, a riscar apartamentos e casas da nossa lista. Depois iríamos comprar comida, regressaríamos a casa e teríamos sexo. Talvez um cinema mais tarde.

Em vez disso, estávamos a ter A Conversa. Não era justo. Com qualquer outro tipo, se eu trouxesse o assunto à baila ao fim de três meses, estaria fora de campo mais depressa que uma bola de rãguebi no Torneio das Cinco Nações. Teria muita sorte se ele se desse ao trabalho de me dizer «esperas demais de mim». O mais provável era deixar de responder às minhas chamadas, às minhas mensagens de texto e aos meus e-mails. Então porque não fazia eu como os homens e lhe dizia que esperava demais de mim? Porque não lhe dizia que não lhe podia dar o que ele queria porque não estava em mim fazê-lo? Que já lhe dera muito mais que a qualquer outra pessoa no planeta e que a coisa ficava por ali? Porque não lhe dizia eu tudo isto?

Porque... porque não.

O Greg fitava-me. Eu fitava o Greg. O tempo passava.

– Vamos dar uma vista de olhos ao apartamento em School View. Parece muito simpático pela descrição – acabou ele por dizer, baixando os olhos para o jornal. – É como tudo, não é?

Pôs-se de pé e encaminhou-se para a estação de comboios de Burley Park. Observei-lhe as sapatilhas, as pernas firmes vestidas de ganga, o casaco de cabedal que lhe cobria as costas e o longo cabelo que lhe acariciava o colarinho ao andar.

Não havia portas, mas isso não o impedira de virar costas e sair.

6 N. da T.: A principal avenida comercial do centro de Leeds.

Capítulo 25

subindo na vida

– Olá, meninas, desculpem o atraso – disse a Renée ao entrar no escritório carregada de sacos de compras.

Desde quando é que nós ou quem quer que seja merece o nome de «meninas» no universo da Renée? foi o meu primeiro pensamento. *Porque está ela a pedir desculpa se é a chefe?* foi o meu segundo pensamento.

A Renée era tolerante no que dizia respeito a horários, sobretudo porque quando o Festival começava raramente chegávamos ao trabalho depois das seis da manhã e raramente saíamos antes da uma da madrugada. Estávamos nas vésperas do Festival, por isso, em todo o caso, o nosso horário já estava a alargar-se: eu estava à secretária às nove, e nunca saía muito antes das oito.

Durante duas semanas o Festival assenhoreava-se das nossas vidas da mesma forma que se assenhoreava de todas as salas de cinema e algumas das galerias de Leeds. Desde a abertura, numa sexta à noite, com a estreia de um sucesso de bilheteira, até ao fecho, duas sextas-feiras mais tarde, com a projeção de um filme igualmente importante e um baile de gala.

À medida que se aproximava, iam aparecendo voluntários para ajudar, o que significava que na próxima semana o escritório, que na maior parte do tempo era o pior pesadelo de um agorafóbico, se transformava num inferno claustrofóbico, mesmo para pessoas que não receavam as multidões e os espaços confinados. Os telefones tocariam sem parar, haveria gente a correr de um lado para o outro, pacotes a chegarem e a serem enviados, disputas sobre quem era responsável por que sessão, alguém a chorar. E isto era antes de as coisas começarem a correr mal.

Era nesse momento que a Renée entrava no seu elemento. Tornava-se a pessoa mais calma, mais centrada do planeta. Nada a perturbava. Nem mesmo daquela vez que uma bobina ficara retida em Espanha no dia anterior ao previsto para a sua projeção no Showcase Cinema perto do centro da cidade. Não conseguíamos arranjar outra cópia em lado nenhum no Reino Unido e quando recebemos a chamada a dizer

que só poderia chegar na semana seguinte eu, a Assistente do Festival, soube que aquilo seria a última gota. O Diretor-adjunto do Festival, um homem histérico que percebia mais de filmes que a mulher com quem trabalhava há dois anos, começou a entrar em colapso quando recebeu a chamada e ficou sentado a fitar o vazio, à beira das lágrimas. Teria sido melhor para ele ter desatado aos berros ou a dizer mal da mãe de alguém, mas não, ficou ali com um ar de quem estava prestes a chorar. Quando a Renée o viu, disse na sua voz mais calma – e, portanto, mais assustadora:

– Se tornares a dizer-me não é possível arranjar uma cópia deste filme, dou cabo de ti.

Ele olhou para ela com lágrimas nos olhos.

– Mas...

– Dou cabo de ti – insistiu ela.

Eu resolvera intervir. A Renée soltava faíscas de energia violenta e o Terry tinha ar de quem não sabia o que fazer em relação a isso.

– Bom, o Terry teve uma ideia – disse eu, sabendo que apesar do meu medo de provocar confusão, de intervir num conflito, não podia deixá-la desmembrar o Terry. – Eu, eh, tenho o meu passaporte comigo. Se me comprares um bilhete para Espanha, posso ir lá de avião e trazer a bobina. Só chegaria amanhã, mas ainda viria a tempo.

– Porque é que tens o teu passaporte contigo? – perguntou a Renée com um ar ameaçador.

– Porque sim? – repliquei.

Não gostava de dizer que durante os Festivais andava com o meu passaporte para o caso de conhecer um ator bonito que me quisesse levar para Paris, Monte Carlo ou Las Vegas num estalar de dedos. Ainda não tinha acontecido, mas eu não perdera a esperança.

– E tu ias? – perguntou a Renée.

– Sim. Não tenho nada planeado para os próximos dois dias.

– O Terry vai pagar-te o bilhete, *visto que foi ideia dele*, e depois podes ir. Nós pagamos-te as despesas, claro.

Eu fui a Espanha, consegui a bobina e fui uma heroína durante dois minutos. Fora excitante e assustador porque podia ter ficado retida em qualquer lado e era a coisa mais perigosa que alguma vez fizera. Logo a seguir ao Festival o Terry tirou algum tempo para passar com a família, que consistia num hamster de estimação, veio um novo Diretor-adjunto do Festival que só aguentou um ano e eu fui promovida a Assistente Sénior do Festival.

Mas a Renée tinha razão sobre estar atrasada: já eram quase onze e

meia. Os sacos que trazia entrechocaram-se quando ela os pousou em cima da mesa de reuniões.

– Que não se repita – disse eu.

A Renée riu-se da minha graça, mas nem sequer se deu ao trabalho de tirar a gabardina branca de plástico ao dirigir-se a um dos arquivadores que forravam a parede. Abriu a gaveta de baixo e tirou de lá três das doze flutes de champanhe que guardávamos para as emergências. (Uma emergência de champanhe era, por exemplo, a Halle Berry vir à cidade e passar pelo escritório. Pareceríamos umas amadoras se apenas pudéssemos oferecer-lhe vinho quente em canecas com manchas de chá. Tudo bem, como a coisa do passaporte, não passava de uma fantasia, mas era a minha fantasia e eu amava-a. Ou melhor, vivia-a.)

A Renée pousou os copos na mesa de reuniões, abriu os sacos e tirou de lá uma garrafa de champanhe.

– Como sabem, tenho tirado umas folgas ultimamente e tenho tido umas reuniões com os mandachuvas – começou ela a dizer, enquanto os seus dedos ultraesguios desembulhavam o champanhe.

– Sim – respondemos eu e a Martha.

– Bom, minhas queridas, tenho duas notícias.

Fez saltar a rolha da garrafa com um pequeno estalido, deixando escapar pequenos fios de vapor antes de encher os copos com o líquido pálido.

– OK – disse ela entregando um copo a cada uma e pegando no dela.

– A primeira é que – disse com um grande sorriso – estou grávida.

Fiquei de queixo caído. Nunca pensara na Renée senão como «A Chefe» e «Aquele A Quem Devemos Obedecer». Não como mãe.

– Isso é espantoso! – gritei eu.

– Fantástico! – guinchou a Martha.

– Por isso é que eu tenho estado tão impossível de aturar nos últimos meses. Primeiro, andávamos a tentar e não conseguíamos. Pensei que nunca engravidaria e isso deixava-me louca, por isso é que andava tão irritadiça. E então, quando finalmente aconteceu, não podia dizer-vos por causa da coisa dos três meses. E durante esse tempo andei um bocado passada por causa das hormonas. – A Renée acenou com descaso. – Portanto, estou oficialmente a pedir desculpas pela forma como me comportei, sobretudo pelo «incidente do agrafador», Martha, e por ter dito «Não sei o que me deu quando decidi contratar-te», Amber. Foram as minhas hormonas e lamento muito. Quero que sejam as duas madrinhas – continuou ela. – Vocês

merecem. Para além do meu marido, foi a vocês as duas que fiz passar por mais encarnações do inferno.

– Nós? Não tens amigos a sério? – disse a Martha.

– Não é engraçado? Tempos houve em que arrancaria os olhos à Martha por um comentário destes, mas agora – a Renée encolheu os ombros. – Não importa. – Sorriu. – Acho que não tenho amigos que me sejam mais próximos que vocês as duas. Mesmo que tivesse, continuaria a querer que fossem vocês as madrinhas do meu filho. Dos meus filhos. Quando tiver mais vocês serão madrinhas deles todos.

– Estou tão contente por ti. E honrada que nos queiras para madrinhas – disse eu, tentando compensar o mau feitio da Martha. – Para quando é?

– Finais de outubro.

O meu coração bateu descompassado. Era apenas seis semanas depois do Festival.

– O que nos traz à segunda notícia. Foi estabelecido que a Amber ocupará o meu lugar na minha ausência.

Espirrei champanhe pelo nariz e pela boca.

– Estás a brincar, certo?

– Não. Só vou de licença de maternidade depois do Festival, mas posso entrar em trabalho de parto mais cedo, por isso tens de estar preparada. Disse-lhes que fazias isto com uma perna às costas. Não que tivessem dúvidas, só não sabiam quem havia de te substituir. Por isso a Martha vai ficar com as pastas de Administradora e Assistente Sênior do Festival.

A Martha espirrou ainda mais champanhe.

– Vamos contratar um administrador temporário, supervisionado pela Martha, e um Assistente do Festival temporário. A Amber, enquanto Diretora Interina do Festival, supervisionará toda a gente.

– Tens muita piada, Renée, sei perfeitamente que eles vão meter alguém cá dentro para supervisionar as coisas – disse eu com uma gargalhada.

– Não, não vão – disse a Renée.

– Não sejas tão modesta, Amber, és muito boa nisto. Conseguiste tantos patrocínios ao longo dos anos, que mesmo quando parecia que algumas empresas não estavam interessadas, arranjavas maneira de lhes sacar dinheiro. És ótima a calendarizar eventos, tens uma imaginação fabulosa. És fantástica. Vocês são ambas fantásticas. – A Renée ergueu o copo. – Vamos fazer um brinde. Brindemos ao meu bebé e às vossas promoções. A nós.

A Martha olhou para mim. Eu olhei para a Martha.

– A nós – exclamámos em coro.

– Continuo a recusar-me a ir a Cannes – acrescentou a Martha antes de beber o seu champanhe.

Fui promovida. Eu tinha sido promovida. Nunca pensei que aquilo acontecesse. Para mim já era um milagre ter sido promovida ao inflacionado cargo de Diretora Adjunta do Festival. (Tal como a minha mãe, o meu pai e o pai n.º 2. Tinham ficado tão gratos à Renée por me ter dado um emprego, e depois um título sonante, que às vezes me perguntava se não lhe tinham pago para o fazer.) Não planeara a minha carreira. Como dissera ao Greg, os meus sonhos e as minhas ambições eram tão impossíveis que nunca pensei seriamente em concretizá-los. Nunca pensei no que «vinha a seguir». O que «vinha a seguir» seria provavelmente uma promoção a Diretora do Festival, mas isso significava que a Renée não estria connosco e não gostava de pensar nisso. Apesar de toda a sua histeria e beleza, eu gostava dela. Adorava-a, para dizer a verdade. Adorava-a como a trufa de chocolate com licor de *brandy* que ela era. Era uma constante na minha vida.

Uma vez tinham-me oferecido um emprego como Assistente Sênior do Festival de Cinema de Londres, o que representaria um aumento de salário, trabalhar com mais gente, socializar com celebridades de outra categoria e ter muito mais visibilidade, mas eu recusara porque não suportei o olhar da Renée quando lhe fui dizer que me ia embora. Naturalmente, quando a Renée me irritava, o que acontecia com frequência, desejava ter aceite o emprego.

E agora fora promovida. E a Renée não estaria ausente por muito tempo. Era a solução perfeita. CO' A BRECA! FUI PROMOVIDA!

– Certo, acabem de beber, hoje o almoço é por minha conta – disse a Renée.

– Onde vamos? – perguntou a Martha, engolindo o champanhe de um trago.

– Ao Granary Wharf? – respondeu a Renée.

– Acho bem, está à minha altura... *Agora que fui promovida!* – guinchou a Martha. Pegou na mala e informou-nos – Vou alindar-me – desaparecendo no interior da casa de banho.

O telemóvel da Renée tocou e ela atendeu e pôs-se a falar em francês.

Deslizei até à minha secretária e peguei no telefone para espalhar a boa-nova. Carreguei no 2 e depois parei. *A quem devo ligar?*, perguntei-me. À Jen, a minha melhor amiga? Ou ao Greg, o meu

namorado? Se ainda namorasse com o Sean, não teria dúvidas em ligar à Jen. Ela estava em primeiro lugar. Mas eu não estava com o Sean, estava com o Greg Walterson.

E, como o Senhor Walterson fizera notar, eu estava sempre a pôr a Jen em primeiro lugar. Desde há três semanas, quando me pedira para ir viver com ele, apercebera-me melhor da forma como ele via o meu envolvimento na nossa relação. Durante o resto desse sábado ele estivera muito quieto, não a amuar, mas tristonho. Conversámos e tudo o mais, mas quando ele pensava que eu não o estava a ver punha-se a fitar o vazio, o retrato vivo da angústia. Nunca mais falara no assunto, mas estava sempre ali entre nós, à espreita.

Desde então, soube que embora eu estivesse feliz numa relação mal definida como a nossa, essa indefinição levava-o a pensar que eu não gostava tanto dele como de facto gostava. As minhas ações não falavam mais alto que as minhas palavras e, se descobrisse que voltara a pô-lo em segundo lugar, vê-lo ia com mais uma prova de que não era altamente importante na minha vida.

A Jen. Dada a forma como se comportava ultimamente, provavelmente perguntar-me-ia se tinha estofo para o trabalho. Mas, tal como não pedi a demissão por causa do olhar da Renée, não podia dizer ao Greg primeiro porque se a Jen descobrisse sentir-se-ia traída, e isso seria insuportável. A bem dizer, temia o dia em que ela descobrisse sobre mim e o Greg porque isso faria com que sofresse e se sentisse traída. Eu conhecia a Jen, sabia bem como se sentiria. Era melhor não piorar as coisas com mais isto.

Fui invadida por uma onda de raiva incontida, que quase extinguiu a chama de entusiasmo que ardia dentro de mim. Estava a ser um dia fantástico – um dos melhores dias da minha vida, e aqueles dois, a minha amiga e o meu namorado, estavam a estragar tudo. Não me deixavam gozar o momento. Em vez disso, não conseguia decidir-me a quem dar primeiro as notícias. Com os meus pais era a mesma coisa. A quem devia telefonar primeiro? Quem ficaria aborrecido por saber as minhas notas, que conseguira um emprego, que tencionava instalar-me em Leeds, em segundo lugar.

Já há muito tempo que sabia que nunca me casaria. Não com uma família destas. Não poderia pensar em casar-me sem a presença do pai n.º 2, o homem que me criara dos dez aos dezoito anos, que me telefonava todos os fins de semana mesmo que a minha mãe se esquecesse. Tinha-me custado muito não os ter a ele e ao Eric na cerimónia da entrega dos diplomas porque o pai n.º 1 estava lá. Eles

viram em vídeo, mas não era a mesma coisa. Por isso, embora não acreditasse no casamento, nunca poderia fazê-lo porque parte da minha família não estaria comigo.

Era isto que a Jen e o Greg me estavam a fazer. Trinta anos e ainda, *ainda* dividida entre duas pessoas. Eu não gostava do Matt e o Matt não gostava de mim. Mas nunca torturei a Jen por colocá-lo em primeiro lugar. Tentei gostar dele. Não fiz o que a Jen e o Greg estavam a fazer.

Carreguei no botão para cancelar a chamada e telefonei à única pessoa que ficaria feliz por mim e não se ofenderia quando lhes telefonasse. O Eric. Liguei ao Eric e decidi contar à Jen e ao Greg, ou ao Greg e à Jen (a ordem é indiferente) quando os visse mais logo no bar. Assim, ninguém se sentiria posto de parte. Os meus pais eram um problema para mais tarde.

Capítulo 26

cuidado com o ex

A atmosfera da tarde envolveu-me quando deixei o edifício. Estava uma tarde perfeita para me encontrar com os meus amigos no bar.

Eu, a mulher recém-promovida.

Sentia um pequeno arrepio de excitação sempre que pensava nisso. Promovida. Temporariamente, mas promovida. Fiz-me ao caminho numa névoa de champanhe e boa comida. A pausa para o almoço durara quatro horas e isso envolvera mais champanhe para mim e para a Martha. No entanto, o trabalho da parte da tarde deixara-me um pouco mais sóbria. Tínhamos recebido as provas para a capa da brochura e, não sei como, a tipografia conseguira fazer asneira. As datas, o número da edição e o nome estavam todos errados – com que então WLIFF... Quando a designer gráfica a enviara estava perfeita, mas, não se sabe bem como, entre deixar o computador dela e nos chegar às mãos, algo correra terrivelmente mal.

Atravessei a cidade. As pessoas estavam na rua a desfrutar a luz da tarde e a temperatura amena. Eu sentia-me parte de todas elas. Embora não as conhecesse pessoalmente nem fizesse parte dos seus círculos, das suas famílias ou das suas vidas, senti-me invadida por um sentimento de pertença. A atmosfera estava tão amena e agradável que parecia unir-nos. Provavelmente sorria às pessoas quando passava por elas, o que explicaria os olhares de estranheza. Ou era por causa do meu sorriso ou porque tinha gelado na cara. Dirigia-me à Black Prince's Tavern. Conseguíramos evitar esse estabelecimento em particular desde a nossa infeliz aventura, mas naquela noite não. Eu insistira com o Greg para que convencesse o Matt e a Jen a encontrarem-nos noutro lado, mas o Greg dissera que era o bar favorito do Matt e, por isso, se queria convencê-los, teria de lhes contar o que tinha acontecido. (Uma desculpa muito esfarrapada tendo em conta que estava a falar com o homem que, com falinhas mansas, levava mais mulheres para a cama em Leeds do que conseguia lembrar-me, mas deixei passar.) Fiz um sorriso sardónico ao atravessar o beco na direção do bar. Assim à distância tinha piada – tentar ter sexo com o meu namorado em público e ser apanhada pela polícia.

Mas na altura não tivera graça nenhuma, e nunca me atreveria a partilhar a piada com mais ninguém. Abri a porta do bar e avistei o cabelo louro do Matt e o cabelo comprido e negro do Greg à mesma mesa redonda e raquítica que ocupávamos sempre. Olhei para o balcão para ver se a Jen estava a pedir bebidas, mas não havia sinais dela entre os clientes que se apertavam ao longo do balcão a tentar chamar a atenção do *barman*.

– Em conclusão, vou comprar num sítio qualquer – dizia o Greg quando me aproximei da mesa. – Acho eu.

– És uma miúda às direitas – disse o Matt, olhando-me de alto a baixo, do cabelo preto pelo queixo até à ponta das sapatinhas.

– Eu sou o quê? – respondi eu, tirando o casaco e perguntando-me o que motivara tais elogios do Matt. É de admirar que não se tivesse engasgado nas palavras.

– És a única rapariga que eu conheço capaz de convencer este a assentar arraiais – explicou o Matt.

– Eu fiz o quê?! – disse eu. *OK. Calma. Não entres em pânico. O Greg não lhe contaria sobre nós.* Contaria?

Virei-me para o Greg, esperando não ter o terror estampado na cara.

– Estava a dizer-lhe que vieste comigo procurar um apartamento na outra semana e que, entretanto, me tinhas posto na cabeça a ideia de comprar casa.

Claro que não tinha contado ao Matt, o Matt não estava a vomitar, pois não?

– Cá está – disse a Jen, pousando uma bandeja na mesa.

Virei-me para lhe sorrir e o sorriso congelou-me no rosto. Eu não estava a olhar para a Jen. Estava a olhar para uma criatura com a voz dela, mas que nada tinha a ver com a Jen. Não só tinha perdido peso e começado a usar roupa de alta-costura – continuava sem saber como podia ela comprá-la com um salário de professora e um namorado tão sovina – como tinha mutilado o cabelo. Os seus caracóis sensuais, louros e sedosos que costumavam pender-lhe até aos ombros tinha sido decepado até às maçãs do rosto, alisados à força por um secador e enrolados para dentro.

O cabelo mais curto salientava a perda de peso que se agravara desde a última vez que a vira. A sua pele agarrava-se às maçãs do rosto com unhas e dentes, com medo de deslizar pelo resto do corpo. Há pessoas naturalmente magras, de ossos estreitos e baixa estatura, e não lhes fica mal. A Jen não era uma dessas pessoas. Era naturalmente esguia, não magra como um cabide. De uma magreza doentia. Com a

ajuda do novo batom rosa-escuro, que lhe ficava muito mal e uns olhos muito carregados de maquilhagem, transformara-se numa versão muito mais velha de si própria. Quase como uma fotografia envelhecida por computador. Começava a dar ares à mãe dela. Não só à mãe dela... o seu novo aspeto fazia-me lembrar outra pessoa, talvez a mãe *sexy* de um adolescente. O tipo de mãe que outras mães olhavam com desprezo e inveja nas reuniões de pais porque fazia andar à roda as cabeças dos seus filhos.

– Oh, olá Ambs, como vai isso? – disse ela sorridente. O rosto dela parecia pequeno de mais para um sorriso daqueles.

– Muito bem. E contigo? – a minha voz estava tensa, quase inaudível.

Ninguém diria que estava a falar com a minha melhor amiga. Não a reconhecia e não era capaz de lhe falar normalmente.

A nossa amizade era cada vez mais ténue. Etérea. Já nem sequer éramos como duas barras de Twix separadas para consumo. Éramos como um Dairy Milk e um Caramel. Dois chocolates feitos pelas mesmas pessoas, mas tão diferentes que não se podia agrupá-los em nenhuma categoria. Contínhamos aproximadamente 50% de açúcar, 25% a 30% de sólidos de leite e 20% a 25% de sólidos de cacau, mas havia algo intrinsecamente diferente. Derretíamos a temperaturas diferentes, possuíamos texturas diferentes, sabores distintos. Éramos diferentes. Agora, nada nos unia para além da nossa origem.

– Eu estou na maior – respondeu ela, colocando meia caneca de cerveja à minha frente.

Que raio vem a ser isto? O meu lado sensível e melindroso gritava-me enquanto os meus olhos abarcavam o limitado conteúdo do recipiente. Tínhamos há muito estabelecido que as mulheres que bebiam meias-doses bem podiam prescindir do seu direito ao voto. Cheirava-me àqueles tempos em que uma mulher não podia pedir uma cerveja num *pub*, ou quando os *barmen* serviam às mulheres uma caneca em dois copos – o que chegara a acontecer-nos uma ou duas vezes durante a universidade. De mau humor peguei na minha *metade* e olhei para a Jen. Ela estava a beber o que parecia ser um *gin and tonic*. Tive vontade de lhe dizer *Não me atires as culpas se começares a chorar para dentro do copo*. Também estabelecêramos que as mulheres que bebiam g&t estavam a pedir para passar o resto da noite a chorar porque um tipo qualquer as deixara quando tinham catorze anos. *C’um caraças*, pensei eu enquanto beberricava a minha minicerveja. *Não faço ideia de quem é esta mulher*.

– Adivinhem quem vi no outro dia? – disse a Jen cerca de uma hora depois.

– O Hitler – disse o Matt.

– Xena, a *Princesa Guerreira* – sugeri eu.

– A Halle Berry – contribuiu o Greg.

A Jen revirou os olhos e suspirou de irritação. Quando ela dizia aquilo fazíamos sempre o mesmo, o que a irritava sempre. Nada que nos impedisse de repetir a graça.

– O Sean – disse ela. Foi saudada por três caras impassíveis. – O Sean! – repetiu, como se dando mais ênfase à palavra pudesse ajudar. Voltou a suspirar e a revirar os olhos. – O Sean, o ex da Amber.

– Ahhh! – dissemos os três em coro, compreendendo finalmente. A seguir reagimos da seguinte forma:

O Matt (o Sr. Gene Egoísta) perdeu o interesse e pôs-se a fitar o fundo da caneca.

O Greg (o Sr. Namorado de Fresco) ficou superinteressado e pôs-se a fitar a sua caneca.

Eu, que não via o Sean desde que nos tínhamos separado, senti todo o meu ser a abandonar o meu corpo e perguntei-me se a Jen não estaria prestes a deitar por terra o meu relacionamento com o Greg contando-lhes o verdadeiro motivo da nossa separação.

– Como está ele? – disse eu, procurando mostrar pouco interesse. Pouco interesse, mas não desinteresse total, para que o Greg não pensasse que eu estava a fingir.

– Porreiro. Fantástico. Muito sexy, para dizer a verdade.

Isto estimulou o interesse do Matt, já que lhe dizia respeito.

– Ai sim? – disse ele.

– Não te passes – disse-lhe a Jen para o acalmar. – Ele não faz o meu género.

O Matt olhou para o outro lado da mesa, para o Greg, que não se mexia desde que tínhamos percebido que não fora o Sean Connery que a Jen vira.

– Estás bem, amigo? – perguntou o Matt.

O Greg ergueu os olhos, reparou que estávamos todos a olhar para ele e sorriu.

– Ya.

– Como eu ia a dizer – continuou a Jen – agora o Sean vive a poucas ruas da nossa casa.

Que bom, não só tinha de ter cuidado com assaltantes e violadores em Alwoodley, agora também tinha de evitar o ex.

– Claro que ele perguntou por ti, Amber.
– Não me digas – disse eu.
– Oh, vá lá, rapariga, mostra algum entusiasmo, este homem foi o amor da tua vida. – *Obrigadinha, Jen.* – Perguntou-me se tinhas namorado, por isso menti. Disse-lhe que namoravas com um amigo do Matt. Não queria que ele pensasse que és uma solteirona infeliz.

Senti o sangue a subir-me à cabeça.
– Não sou nenhuma solteirona infeliz. E seja como for estou-me nas tintas para o que ele pensa.

A Jen fez um beicinho.
– Bom, mas ele não pensa isso de ti graças a mim. Ainda me pareceu muito interessado em ti. Os olhos brilhavam-lhe quando falava sobre ti. Depois começou a dizer-me que ainda não compreendia porque tinhas desistido de casar com ele.

O Matt espirrou uma boa quantidade de cerveja para cima da mesa. O Greg ficou paralisado.

– Estiveste para casar? – disse o Matt, esfregando a boca com a manga para limpar a cerveja que tinha desperdiçado.

Não disse nada, pois não conseguia mexer-me. Nem respirar. Nem acreditar que estávamos a ter aquela conversa. Não era conversa para se ter em privado, quanto mais no estúpido do bar.

– Sim, não sabias? – disse a Jen.
– Não! – disse o Matt. – E tu, sabias? – perguntou ele ao Greg.
Lenta e deliberadamente o Greg abanou a cabeça.
– Nenhum de vocês sabia? – perguntou a Jen, incrédula.
– Não, Jen, nenhum deles sabia – disse eu entre dentes. – Talvez porque eu te tenha dito: «Não contes a ninguém».

A Jen arregalou os olhos e a boca dela formou um silencioso «oh» de compreensão.

– A que distância ficaste do altar? Chegaram a escolher as alianças? O vestido? – Por estranho que pareça, aquelas perguntas vinham do Matt.

– Ela tinha o anel de noivado, marcámos um dia para ver vestidos, mas depois ela e o Sean romperam e ela nunca me explicou porquê. – Aquela resposta vinha da Jen.

– Temos mesmo de falar disto? – disse eu em tom monocórdico.
– Sim! – disse o Matt. De repente, e de forma completamente inexplicável, ficou todo entusiasmado. – É como se, de repente, a Amber tivesse camadas ocultas.

Olha quem fala.

– Eu sabia que tu não eras tão anticompromissos como querias fazer parecer, e agora tenho a prova.

– Gastaste o teu tempo a perguntar-te o que eu pensava dos compromissos? – perguntei eu, surpresa por ele não deixar de pensar em mim assim que eu me afastava.

– Sim, claro. Eu e o Peck às vezes até falamos sobre isso. Estivemos todos muito perto, menos tu. Mas agora já sei que também estiveste.

– Não estive nada.

– Mas tu disseste-lhe que sim e isso basta.

– Eu *não* lhe disse que sim. Nem sequer lhe disse que ia pensar no assunto. Já que tanto insistes em saber, ele teve de me abrir a mão à força para lá pôr a caixa do anel porque eu fiquei tão chocada que não conseguia mexer-me nem falar. Nunca usei o anel. Estava tão passada que nem disse nada a ninguém e a linguaruda da minha amiga também não devia ter dito a ninguém.

Enquanto eu falava, os sentimentos do Greg tornavam-se palpáveis. Para não dizer pior, não estava nada contente. Para ser mais realista, em vez de sangue, corriam-lhe nas veias a fúria e o ciúme. Desta vez é que ele ia deixar-me.

– E então, para que tipo de vestido de noiva é que estavas mais inclinada: o suspiro ou a *pavlova*? – perguntou o Matt.

A Jen fez um sorriso de troça.

– Pareces saber muito sobre casamentos, Matt. Não tens nada para nos dizer? – perguntei eu. – Ou será que a Jen tem mais notícias para nós? Mais segredos que queiram partilhar com o grupo? Vá lá, não sejam tímidos.

Como um só, fecharam-se em copas. O Matt levantou-se.

– Certo, é a minha vez de pagar a rodada – disse ele. Devia sentir-se culpado para estar disposto a usar a carteira.

– Para mim não, amigo – disse o Greg, pondo-se de pé. – Tenho de ir falar com uma mulher por causa de um cão.

– A tua mulher mistério, não é? – disse a Jen.

O Greg encolheu os ombros e ergueu as sobrancelhas.

– Para dizer a verdade, ela já não é a minha mulher mistério, é minha namorada.

– As coisas devem estar a correr bem – comentou o Matt.

– Sim, e sabes que mais? – disse o Greg. – Ela é totalmente honesta comigo. Uma relação não vale nada se não é baseada na honestidade. *Tchau*. – E foi-se embora.

Deixou-nos ali os três sentados, mas eu *sabia* que ele me tinha

deixado. OUTRA VEZ.

Capítulo 27

à espera

Nunca pensei que o Greg descobrisse sobre mim e o Sean. Por isso é que tinha omitido o pequeno detalhe do pedido de casamento.

E nunca teria descoberto se a Jen não se tivesse comportado como um torrão de farinha de alfarroba. Nem sequer era chocolate a sério, mas esse medonho substituto que ninguém conseguia fingir que era bom o suficiente para ser comparado ao chocolate.

Fizera-lhe jurar segredo. Prometera-me que nunca falaríamos sobre o assunto, nem entre nós, nem com outras pessoas. E agora vejam o que acontecera. Só eu, o Sean e a Jen é que devíamos saber. Eu nunca dera com a língua nos dentes sobre a sua ameaça de gravidez à frente do Matt e do Greg porque sabia que era o tipo de coisa que não se partilhava. Ou que se trouxesse à baila num bar. A Jen era uma estranha para mim. A velha Jen nunca faria nada de semelhante. Nunca. A nova Jen não se coibia de me chamar gorda e de divulgar os meus segredos no bar.

Mais tarde ou mais cedo teria de lidar com aquele assunto. Não bastava dizer que a Jen era uma estranha, um torrão de farinha de alfarroba, alguém de quem eu não gostava particularmente. A coisa não se resolveria por si própria. Teria de tentar perceber porque mudara a nossa amizade. Talvez até pedir-lhe explicações. Senti um arrepio frio na espinha. Pedir-lhe explicações? Gritar-lhe? Sentia-me mais confiante, quase enfrentara a minha mãe, mas a Jen? Nem pensar. Mas algo tinha de ser feito.

Contudo, a Jen não era o problema mais urgente na minha vida, e sim o Greg.

Virei para a minha rua. Brownberry Walk, a minha rua. A minha casa. Onde o Greg me esperava para acabar tudo comigo.

A alguns metros do fim da rua vi-o sentado no muro exterior do prédio. Devia estar ali há pelo menos meia hora porque fora o tempo que eu ficara no bar depois de ele ter saído.

Quando parei em frente dele estava a bater com os calcanhares contra os tijolos. Não disse nada, limitou-se a olhar para mim e depois voltou a baixar a cabeça.

– Acho que é melhor subires – disse eu baixinho. Tossiquei para limpar a garganta e repeti a frase.

Encontrei as chaves e, com as mãos trémulas, abri a porta do apartamento. Tinha medo. Medo do Greg. Do que ele sentia. Devia estar furioso. Talvez o suficiente para me deixar.

Ele entrou no apartamento, foi direto ao sofá e sentou-se.

– Chá? – perguntei eu do corredor.

– Obrigado – disse ele sem tirar os olhos do televisor.

Enchi a chaleira e liguei-a.

Estava zangado. Tão zangado que não conseguia nem olhar para mim. E eu era uma cobarde, era uma cobardolas sem emenda quando o assunto era ele deixar-me. Ser abandonada por quem quer que fosse. Mas neste momento o meu problema era a partida eminente de uma pessoa em concreto. Debrucei-me sobre a bancada e fitei a minha caneca do cartoonista Larry Garson. No seu interior havia uma saqueta de chá. *As coisas podiam ser piores, pensei eu, eu podia ser uma saqueta de chá, tranquila na minha vidinha, alegremente alheia ao facto de que estava prestes a ser afogada em água a ferver.*

Não era justo. Era tão mau como dizerem-me que era alérgica a chocolate. Que a substância que eu adorava acima de todas as outras me mataria da próxima vez que a pusesse na boca. Esse pensamento gelou-me. Sem Greg, sem chocolate. Dez minutos depois dessa medonha constatação, estariam a raspar o meu corpo da autoestrada.

A água da chaleira já fervia, soltando vapor.

– Desculpa – disse eu à saqueta de chá antes de a mergulhar na água. O nosso destino seria o mesmo, mas a saqueta de chá serviria um propósito mais elevado: matar a sede a alguém. Quando o meu relacionamento chegasse ao fim não haveria qualquer propósito elevado.

Coloquei uma colher de açúcar no chá do Greg. Peguei na caneca, parei e meti lá dentro outra colher de açúcar. É bom para o choque.

– Aqui tens – disse eu, e passei-lhe a caneca.

Ele fez um gesto de agradecimento, pegou na caneca, mas, tirando isso, ignorou a minha presença.

– Desculpa, não tenho bolachas.

Ele respondeu com um ligeiro aceno.

A minha cabeça latejava, cada ténpora tinha uma dor diferente. Sentia os olhos pesados, a gravidade parecia querer puxar-me ainda mais para baixo à medida que ficava mais sóbria. O medo acordara a minha mente, mas o meu corpo não conseguia acompanhá-la.

Sentei-me ao lado dele no sofá.

Que devia eu fazer? Deixá-lo começar? Ou começar a explicar porque não lhe tinha dito? Não era tão fácil como parecia porque, por mais que tentasse, não conseguia lembrar-me da razão por que me parecera uma boa ideia não lhe contar.

Esta espera, era tal e qual como quando era pequena. Esperava que algo desse origem a ira dos meus pais. Esperava que um deles dissesse qualquer coisa ligeiramente ofensiva ao outro, dando início aos gritos, à destruição e ao silêncio sádico. As discussões nunca eram tão más como esperava que acontecessem, porque pelo menos eram tangíveis, algo a temer. Enquanto esperava conseguia imaginar cenários muito piores que as discussões concretas. E não podia relaxar, porque sabia que assim que o fizesse ouvir-se-ia a primeira palavra zangada e tudo começaria. Esperar era horrendo.

O Greg bebia o seu chá.

Um gole.

Um gole. Pausa.

Um gole.

Um gole. Pausa.

Pausa. Um gole.

Um gole. Um gole.

Estará ele deliberadamente a torturar-me? A tentar levar-me à loucura? Dar-lhe-á prazer fazer-me esperar pelo meu castigo?

Levantou-se do sofá e virou-se para mim.

– Então, a Amber esteve quase para casar, mas esqueceu-se de me contar – acusou ele.

Eu olhei para ele.

– Até é compreensível. É muito fácil esquecermo-nos dos nossos planos para casar, não é?

– Não foi nada disso – protestei eu baixinho.

– Ai não? Então como foi?

Abri a boca, fiz alguns gestos numa tentativa genuína de explicar, mas descobri que não tinha voz. Não conseguia formar palavras. Finalmente encolhi os ombros, derrotada.

– NÃO ME LIXES! – gritou ele e atirou a caneca que voou pela sala, espalhando o seu conteúdo pelos ares até embater contra a parede e explodir em cacos.

Tenho oito anos. Estou sentada na sala dos fundos, com o lápis pressionado contra a página do meu livro de exercícios enquanto escrevo a

tabuada dos doze. O lápis cava sulcos cinzentos-escuros na página, e estou muito concentrada. Mesmo muito. Tanto que consigo ouvir qualquer coisa a bater na parede da sala e a partir-se em mil cacos que terei de varrer mais tarde. Não ouço vozes. Não ouço punhos a bater na carne, gritos abafados. Só ouço doze vezes quatro...

Olho para o Greg, de olhos esbugalhados e respiração suspensa, músculos rígidos, à espera do que vem a seguir. Mais cacos. Móvel derrubada. Um murro na cara. Um pontapé na barriga. Prendendo-me ao chão enquanto me desfazia a cara... Ele estacou. Surpreendido por qualquer coisa.

– Não te vou magoar – disse ele.

Eu fiz um aceno de cabeça.

Ele avançou um passo, eu encolhi-me.

– Não, a sério, Amber, eu não te vou magoar. – Parecia confuso, preocupado, provavelmente inúmeras outras coisas, confuso, preocupado e provavelmente muito mais ainda. – Estou furioso, mas não te vou magoar.

Fiz novo aceno de cabeça.

Ele recuou e encostou-se ao braço da poltrona.

– Nunca te faria mal. Não dessa forma. Mas fiquei tão furo. Porque não me contaste sobre o Sean? Ias casar-te com ele? Foi por isso que não me contaste? Porque ainda gostas dele e queres estar com ele?

Abanei a cabeça, ainda a olhar para ele, à espera. À espera que me esmurrasse. Nunca pensei que isto acontecesse com ele. Mas ali estávamos nós.

– Desculpa – dizia ele. – Desculpa. Odeio sentir-me como um pascalho. Estiveste noiva e não me contaste. Nem enquanto fomos amigos, nem quando nos tornámos namorados. E agora a Jen começa a tagarelar sobre o assunto como se fosse do conhecimento comum. Comprometeste-te a passar a tua vida com alguém e não me contaste.

– Eu não fiquei noiva – disse eu. Olhei para os meus pés. Respirava com dificuldade. – Quando ele me pediu, pensei no assunto. Pensei mesmo no assunto. Eu amava o Sean. Dávamo-nos bem, ele era amável, generoso, divertido, atraente, o sexo era bom. E eu sabia que apesar de não acreditar no casamento não podia simplesmente dizer-lhe que não, porque muito poucos relacionamentos sobrevivem à recusa de um pedido de casamento e eu não queria que as coisas entre nós acabassem assim sem mais nem menos. Mas voltava sempre à mesma pergunta. Podia dizer que sim a um homem que gostava do

Jackie Brown? Sei que parece uma tolice, mas poderia eu passar a vida com um homem capaz de ficar ali a ouvir toda aquela linguagem racista e a seguir ter o desprazo de me dizer que não devia ser tão sensível? Quando ele nunca tivera de lidar com o problema? Para ele era um recurso de estilo que o Tarantino usa nos filmes, não algo com que tenha o direito de me sentir ofendida.

A cada palavra a minha voz ganhava corpo. Certezas. Até olhei para ele.

– E se o homem com quem penso passar o resto da minha vida não consegue ver isso, bom, então não somos feitos um para o outro. Era uma divergência subjacente que eu era incapaz de assimilar. Por isso, aí tens, separámo-nos por causa do *Jackie Brown*, tal como eu te tinha dito.

– Porque não me disseste tudo isto logo de início? – perguntou o Greg.

– Tive medo que reagisses mal se te contasse que ponderara casar-me com alguém. – Cabisbaixa, apontei a cabeça à parede manchada de chá.

O Greg corou.

– Já percebi. Estou a tentar não ser o Sr. Ciumento, mas é muito difícil. Estou sempre com medo que um dia penses: «o que ganho com isto?» e te vás embora. Isso assusta-me. Ficaste tão estranha desde que conheci a tua família, ligeiramente distante. Estou sempre a perguntar-me se não estás só a arrastar a coisa até acabares comigo. Isso aconteceu com a Kristy, sabes? Andava às avessas comigo, distante, evitava-me. Por vezes passávamos a noite juntos sem trocar uma palavra. Tenho medo que esteja a acontecer o mesmo contigo. Acordo todos os dias a pensar se não será aquele o dia em que me dizes que está tudo acabado entre nós. Tenho invadido o teu espaço pessoal, eu sei. Mas não consigo evitá-lo. Quanto mais te afastas, mais insistente fico, o que só te afasta ainda mais. Odeio-me... nunca me comportei assim antes. Nunca pensei ser assim. Mas não posso deixar de pensar que se continuar a mostrar-te o que significas para mim, não te vais embora. Aquilo há bocado... oh, desculpa. Estou tão arrependido.

– Eu sei – disse eu num sussurro. Provavelmente estava. Mas o problema não era esse, pois não? Eu não podia conviver com um homem que de um momento para o outro pudesse explodir daquela forma. Estaria sempre à espera que voltasse a acontecer. E eu odiava a espera.

– Às vezes sou mesmo um palerma. Não queria assustar-te. Mas isso não é desculpa. Não torna a acontecer. Nunca mais volto a fazer-te o mesmo.

Isso é o que todos dizem. Os homens violentos nunca fazem de propósito, pois não? Nunca é premeditado. Mas se acontece uma vez, volta a acontecer, e depois começam a bater-nos regularmente por cada pequeno deslize – imaginado ou real – e a dizer «desculpa, foi sem intenção, não volta a acontecer».

– Bom, é melhor começar a limpar – disse ele baixinho.

«Desculpa, foi sem intenção.» Quantas vezes já não ouvi isto?

– Sabes que nunca seria capaz de te bater nem nada do género, não sabes? – perguntou o Greg a meio da noite. Deitáramo-nos algumas horas antes e já que nenhum de nós estava na disposição para o contacto físico, eu vestira o meu pijama e ele umas calças de *jogging*.

Observara-o a limpar a sala e, como sempre, deixara o local impecável. Encontrara todos os cacos da caneca e deitara-os ao lixo. Até encontrou champô para alcatifas – *eu tenho champô para alcatifas?* pensei eu – para limpar a mancha de chá.

Depois disso, dissera-lhe que estava cansada e que ia para a cama. Fiquei surpreendida quando me perguntou se podia ficar.

– Eu percebo se quiseses dormir sozinha.

Esperava que me virasse as costas como de costume.

– Faz como quiseses – respondera eu.

Ele ficara cabisbaixo. Preparei-me para o pior. *Será a resposta errada? Iria partir mais alguma coisa? Bater-me?*

– Se calhar é melhor ir para casa, então. – Era uma pergunta, não uma declaração de intenções.

Esfreguei a cara com as mãos.

– Se quiseses ficar, fica. Se quiseses ir embora, vai. É contigo. Vou para a cama. Boa noite.

Ele decidira ficar. E ficámos deitados num poço de silêncio durante o que pareceu uma eternidade, até à pergunta dele sobre se eu sabia que nunca me faria mal.

O peito apertou-se em antecipação de uma discussão, senti o estômago a arder. Naquele dia fora promovida. Fora promovida e pensara que o dia não podia melhorar. Tinha razão. Não podia, só piorou.

– Seria incapaz de te bater ou de te tocar com um dedo. Posso zangar-me e partir coisas, mas nunca te faria mal.

- Então não o faça – sussurrei eu com o peito apertado.
- Não faça o quê?
- Não partas coisas. Não gosto. Assusta-me.
- Está bem. Prometo. Não volto a partir nada. Só o fiz três vezes na vida. Quando a Kristy me deixou. Uma outra vez que estava tão furioso comigo próprio que ou partia alguma coisa ou atirava com o carro contra uma parede. E há bocado. Não volto a fazê-lo.
- OK – disse eu.
- Acredita em mim, por favor.
- Prometes? – disse eu.
- Prometo. – O Greg deslocou-se na cama e abraçou-me.
- Que se passou contigo? – perguntou ele algum tempo depois.
- A que te referes?
- Bateram-te quando eras pequena, numa relação violenta, ou qualquer coisa do género?
- Não sei do que estás a falar – repliquei eu abruptamente. Não queria falar sobre o assunto. Nem agora. Nem nunca.
- Quando explodi, há bocado, ficaste aterrorizada. Isso fez-me parar. Já mostraste ser muito corajosa, como daquela vez que enfrentaste aquela mulher no bar com o namorado me queria bater, e já ouvi a Jen dizer como podes ser assustadora. Vês filmes violentos, mas há bocado estavas tão assustada, tão aterrorizada, e depois entraste num daqueles teus transes. Que se passou contigo?
- Até o Rambo estaria assustado. A minha caneca favorita não sobreviveu, pois não? – disse eu em tom de brincadeira.
- Podes confiar em mim – assegurou-me ele –, contar-me o que quer que seja.
- Os meus pais. Não o pai n.º 2, mas a minha mãe e o meu pai. Fartavam-se de discutir. E às vezes o meu pai passava dos limites. E eu limpava os cacos. Eu... essas coisas assustam-me. Não sei o que pode acontecer, nem como pode acabar. Eu... não consigo lidar com... fico... nunca digas a ninguém, está bem? Por favor.
- Está bem.
- Não, a sério, por favor – disse eu, apertando-lhe o braço, perscrutando-lhe o rosto para ver se entendera. Ele tinha de perceber como era importante não contar a ninguém. – Nunca contei a ninguém. Nem à Jen. Nem o Eric sabe. Por isso, por favor, não digas nada a ninguém. Nunca.
- Está descansada – disse ele com doçura.

Afastou-me o cabelo da cara. Olhou-me nos olhos, para dentro da alma. A expressão dele nunca parecera tão sincera e aberta como naquele momento.

– Obrigado por confiares em mim. Juro, pela minha vida, não contar a ninguém.

O meu herói. Ele era o herói no filme da minha vida. O Greg Walterson era o herói. O meu herói. Ficaria comigo para sempre. Como sabia eu? Porque nunca dissera aquilo a ninguém. Nem à Jen, nem sequer ao Eric. Acontecera antes de ele ter nascido – renascido como meu irmão. O Greg fizera-me quebrar o silêncio. Não fora intencional. Abrira a boca para lhe dizer que sabia que podia confiar nele e dera por mim a contar-lhe tudo. As palavras saíam a custo, mas tinham sido ditas.

E ele não me achava anormal. Esta parte dos fantasmas da loucura, a parte que escondera dele – a parte que escondera de toda a gente – fora libertada e ele não fugira. Podia virar-me as costas mais vezes do que eu gostaria, mas regressava sempre. Resolvíamos sempre as coisas.

Não tinha de continuar a esconder certas coisas com medo de que ele descobrisse algo que o fizesse deixar-me. Não tinha de continuar a editar-me a mim e à minha história. Aquele segredo, aquela parte da minha vida, tinha sido um grande fardo. Estava sempre a restringir-me, a esconder enormes partes de mim própria, sabendo que ninguém entenderia a razão de não confiar nas pessoas. De não acreditar em homens fiéis, incapazes de me magoar física e emocionalmente. Sabia que tinha de ter sempre um comportamento irrepreensível, caso contrário, as pessoas deixariam de gostar de mim. Não pensava no futuro porque estava dominada pelo passado. Temia-o. O medo do passado impedia-me de pensar no futuro. Sempre presente, apertando-me o peito, infetando os meus pensamentos, tinha finalmente sido aligeirado. Partilhado. Contara ao Greg. Tão simples e tão complicado. Fácil, mas difícil. Agora ele conhecia-me por completo. Podia dizer-lhe tudo. Estava livre.

– Não quero mais segredos e meias verdades, Greg. Acho que devíamos fazer um acordo para que não houvesse mais segredos entre nós, exceto prendas de aniversário e coisas assim. Conte-te o meu maior segredo. Não é algo de que queira voltar a falar nunca mais, mas a partir de agora vamos ser totalmente honestos.

Em resposta, o Greg fez uma das suas pausas de má memória. Uma daquelas pausas em que estava prestes a dizer qualquer coisa que eu não queria ouvir.

– Nada de segredos, certo? – repetiu ele.

– Certo.

– Tenho de te contar uma coisa.

C'os diabos.

– Força.

Era muito bonito pedir honestidade total, o pior era o resto.

– Tenho andado para te dizer isto há séculos, mas nunca me parecia o momento certo.

Mas quererei eu que ele seja totalmente honesto comigo? O que podia ser pior do que o que eu já sabia?

– Tinha medo da tua reação, do que nos faria.

Ter tirado fotos de mim nua enquanto dormia para publicar na Internet? Bestialismo?

– É o seguinte...

O que podia ser pior do que o que eu já sabia? Nunca pensara no assunto. Talvez devesse tê-lo feito antes da minha declaração de honestidade.

Ele hesitou, respirou fundo.

– Eu... bom... eu amo-te.

– Oh, graças a Deus – murmurei eu.

– Graças a Deus?

– Estavas tão sério... Pensei que me ias dizer que tinhas tido sexo com uma vaca ou qualquer coisa do género.

O Greg riu-se.

– Sexo com vacas à parte, amo-te.

– Obrigada.

– Não tens de quê – disse ele com uma gargalhada. – Não tens de quê.

«o amor? não passa de
chocolate sem as calorias»

Capítulo 28

a revelação

Hoje à noite vamos contar à Jen e ao Matt. Este pensamento chilreava-me na cabeça como o canto de tordos esvoaçantes. (É para verem o meu estado de espírito. Tordos, que tolice.) Esta noite o nosso segredo seria revelado.

Ao fim de sete meses ainda estávamos juntos. Tinham passado apenas sete meses, mas às vezes, mesmo após uns meros sete meses, sabemos. E eu sabia. Nem mesmo depois de um ano com o Sean eu me sentira assim. Não era só desejo físico. Já tínhamos passado essa fase há muito tempo. Continuávamos a ter sexo quase sempre que nos víamos, mas agora era mais que isso. Não usávamos o sexo como principal via de comunicação, também conversávamos. Parecia fácil, natural, agora que o Greg me conhecia por dentro e por fora. Sabia algo que nem o meu irmão sabia. Eu dera-lhe uma parte de mim que mais ninguém tinha. O meu trio disfuncional transformara-se num quarteto disfuncional e já não me sentia tão sozinha. O fardo aligeirara-se. Falávamos de quase tudo. Além disso, agora que ele sabia que eu confiava nele a cem por cento, que tinha uma parte de mim que só outras duas pessoas conheciam, deixara de ser tão carente. Relaxou, aceitou o facto de que eu não iria deixá-lo e até voltou a deitar o olho a outras mulheres de vez em quando. Provavelmente até namoriscava com uma ou outra. Não quando eu estava por perto, claro, mas voltara a ser o Greg que eu conhecia e por quem me tinha apaixonado, por isso eu não me importava... Pronto, está bem, importava-me, mas preferia isso à insegurança que ele começara a demonstrar. Era um mal menor, por assim dizer.

Só faltava dar mais um passo, contar tudo ao Matt e à Jen, para tudo ser perfeito. Por isso, íamos contar-lhes esta noite. A última noite do Festival.

Até agora o Festival correra muito bem, salvo alguns contratempos menores. Além disso, a Martha e a Renée ainda só tinham tido duas discussões – um milagre do Festival – e eu pedira à Martha para ir comprar chocolate antes de a coisa se agravar. Hoje, era a noite do baile de gala, onde os melhores filmes receberiam prémios e eu podia

vestir-me como o ícone do cinema à minha escolha. Olhei de relance para o meu vestido pendurado atrás da porta do armário do meu quarto de hotel, ainda no seu saco.

Na primeira e na última noites do Festival, eu, a Martha e a Renée reservávamos sempre quartos no hotel onde os convidados e o gabinete de imprensa ficavam instalados. Como sempre, na última quinzena passei a viver praticamente no gabinete de imprensa devido ao meu dever de atender às necessidades dos realizadores, produtores e argumentistas que vinham ao Festival.

Este ano optámos por um hotel diferente. Normalmente era no Holiday Inn, mas este ano eu conseguira um acordo especial com o Queen's Hotel, que possuía um enorme salão de baile que seria perfeito para a noite de gala.

O salão de baile estava espantoso quando o deixara na noite anterior. O palco, onde os cineastas viriam receber os seus galardões das mãos de outros distintos convidados, já estava montado. Estrelas prateadas pendiam do teto e grandes cartazes ao estilo Andy Warhol com imagens de vários ícones do cinema adornavam as paredes. Os empregados e as empregadas estariam vestidos como os funcionários das salas de cinema que conduziam as pessoas aos lugares, com caixas penduradas ao pescoço em vez de bandejas.

Hoje, eu, a Martha e a Renée tínhamos folga de tarde para termos tempo para nos prepararmos para a noite. Eu ia aproveitar a tarde para dormir e depois ir arranjar o cabelo. A Martha também iria ao cabeleireiro. O ícone de cinema que escolhera era a Marilyn em *O Pecado Mora ao Lado*, e ela queria fazê-lo como deve ser. Não se limitaria a alugar o vestido, também ia cortar e oxigenar o cabelo. Um sacrifício demasiado grande pelo trabalho, mas fora impossível demovê-la.

A Renée, que aparentemente passara de beldade grácil para super grávida da noite para o dia, ia como Mia Farrow em *A Semente do Diabo*. Tentei explicar-lhe que aquilo era um desvario. Estava sempre a dizer-lhe:

– Estás mesmo a pedir sarilhos, – mas ela queria usar um vestidinho dos anos sessenta. – A mulher foi fecundada pelo diabo – lembrei-lhe. Mas ela recusou-se a ouvir. A única pessoa normal era eu.

Voltei a olhar para o meu vestido. Ia fantasiada de Holly Golightly de *Boneca de Luxo*. Encontrara o vestido preto perfeito que me dava até aos tornozelos e que favorecia todas as minhas formas. Não tinha a mesma racha que o da Holly, mas em tudo o resto era muito parecido.

Também arranjava joias com diamantes falsos – colar, brincos, pulseira e gancho – luvas compridas, sapatos pretos de salto alto e uma comprida cigarrilha. Quando tivesse o cabelo arranjado seria a estrela do espetáculo.

Era tradição o Matt e a Jen virem à festa de encerramento do Festival e reservarem um quarto no nosso hotel por uma noite. O Greg que, como de costume, recebera um convite por ser membro da imprensa, ficava muitas vezes no meu quarto (o Sean nunca vinha ao Festival, mesmo que eu lhe arranjasse bilhetes à borla; simplesmente não lhe interessava) a menos que arranjasse companhia – e nesse caso geralmente reservava um quarto para impressionar a dita companhia. Porém, esta noite, depois dos discursos e da entrega dos prémios, eu e o Greg sentaríamos a Jen e o Matt confortavelmente e explicar-lhes-íamos o que sentíamos um pelo outro. E no dia seguinte, estaria de férias. Nós estaríamos de férias.

Férias. Dez dias. Com o Greg. Ele organizara tudo e falara com a Renée para que eu não tivesse de supervisionar a desmontagem do palco e da decoração no dia seguinte e reservara-nos uma viagem de sonho de nove dias. A derradeira senda do chocolate. Passaríamos por Lille, pela Bélgica e pela Suíça. Disse-me que iríamos ao México e ao Gana noutro ano. Só me falara da viagem há dois dias, quarta-feira, porque não queria que me passasse. Como ele me conhecia bem. Era mesmo o namorado perfeito.

Parei enquanto desfazia a mala, com o coração a bater descompassado. Deixei-me cair na cama, agarrada ao estojo de maquilhagem. O meu namorado perfeito.

Pensei que sabia o que queria de um relacionamento até começar a namorar com o Greg. Ele era profundo. Realmente profundo. Não era apenas um chocolate, mas uma caixa de bombons sortidos. Embora já o soubesse continuava a surpreender-me.

Agora podia dormir. Antes do Greg, eu dormia, mas agora dormia como um bebé. Raramente acordava às quatro da madrugada e me punha a pensar, a afligir-me e a revolver certas coisas na minha cabeça. O revolver é que era destrutivo. Deveria ter casado com o Sean, ignorado a questão do *Jackie Brown* e o facto de não acreditar no casamento? Deveria ser mais simpática para a Sr.^a H porque, afinal de contas, o meu pai gosta mesmo dela? Deveria ter aceitado aquele emprego no Festival de Cinema de Londres? E por aí fora. Mas não com o Greg. Se por acaso acordasse durante a noite virava-me para o outro lado e voltava a adormecer.

Não se tratava simplesmente de ter namorado, era o Greg ser quem era. Era saber que todos os bombons do seu sortido faziam dele o meu Malteser. O meu chocolate favorito. O Greg era o meu Malteser e eu não tinha de prescindir dele. O meu espírito podia descansar. Ficar em paz.

Estendi-me na cama e abri os braços. Não fazia ideia de que amar era isto. Era quase tão bom como chocolate. Atrever-me-ia a dizê-lo? Melhor que chocolate... Não, nem tanto. Nada é melhor que chocolate. Mas esta coisa do amor era 99% tão boa como chocolate. Aliás, 99,99%.

– Como podem ver, estou de esperanças – disse a Renée.

Estava a fazer o discurso de encerramento do festival. Estava radiante e espetacular no seu minivestido branco e cor de laranja de saia rodada ao estilo dos anos sessenta que lhe acentuava a barriga. Enfiara todo o cabelo por baixo de uma peruca loira com corte à duende de forma a encarnar completamente a personagem.

– Apesar dos rumores em contrário, isto não é a semente do diabo – acrescentou ela. As cerca de trezentas pessoas no salão de baile riram-se à socapa. – Durante a licença de maternidade serei substituída no cargo de Diretora do Festival. Felizmente, tenho uma substituta à altura. Muitos de vocês privaram com ela, negociaram com ela a vossa vinda ao Festival ou levaram raspanetes seus. Falo, como é óbvio, da nossa Diretora-Adjunta do Festival, Amber Salpone.

Fiquei hirta. Ela não me dissera que ia anunciar aquilo. A maior parte das pessoas não daria importância ao assunto. Iriam em licença de maternidade, rezando para que os substitutos não se aguentassem à bronca para que toda a gente se lembrasse de como eram fantásticas.

– Vem daí, Amber – chamou.

Eu avancei, mas com dificuldade – o meu vestido Holly Golightly era muito travado, o que não facilitava o caminhar.

– É esta a mulher que terão de lisonjear, adular e agradar a todo o custo – disse a Renée, esticando os braços como se eu fosse o prémio de um concurso televisivo.

Exibi um grande sorriso. *O que faço com as mãos? Para onde devo olhar? Não estou habituada a isto. Não sei bem se gosto deste protagonismo. Apesar ter sonhado tanto com isto, não gosto de ser o centro de tantas atenções.*

Olhei para a multidão, para o mar de Marilyns, Bogarts, Hollys, Chaplins, Halles, Denzels e, estranhamente, uma princesa Leia. A

primeira pessoa em quem reparei foi o Sr. Farejador de Chocolate, vestido de Will Smith em *Homens de Negro*. Fora voluntário no Festival e tivéramos um momento constrangedor quando se apercebeu de quem eu era e porque motivo conhecia os seus filmes.

– Agora percebo porque vê tantos filmes – dissera ele.

Era atraente, sim, mas não tivera o mesmo efeito em mim que da última vez. Agora não me sentia perdida como me sentira quando o conhecera por isso desta vez fora um pouco mais reservada, o que não o impedira de tentar namoriscar-me durante uma das projeções. Pousara a mão no meu braço quando me perguntara se não queria ir beber um copo com ele depois do filme. Aproximou-se muito de mim e fiquei surpreendida com a suavidade da sua pele e o poder hipnótico dos seus olhos cor de avelã. No entanto, desta vez não entrara em pânico. Só tinha olhos para o Greg. O homem era bonito, mas não era o Greg.

– Não – respondi eu.

– Vá lá, só um.

Abanei a cabeça e, em resposta, ele exibiu um sorriso beatífico e ia dizer qualquer coisa quando, de repente, se imobilizou.

– O seu namorado por acaso não é um tipo branco de cabelo negro, comprido, com ar de ser capaz de despachar uns quantos numa luta? – sussurrou ele.

– Suponho que sim – repliquei eu, ligeiramente baralhada.

– Interessante. Certo, então vou remover a minha mão da sua pessoa e guardar o convite para outra ocasião.

Virara-me para trás e dera com o Greg a lançar ares malevolentes ao Sr. FC enquanto este se afastava. Isso não o impediu que nos ríssemos os dois um bocado e que ele estivesse contente por mim. Devolvi-lhe o sorriso e afastei-me das luzes do palco.

A Renée terminou o discurso e a seguir foi a entrega dos prémios. Para mim, depois dos discursos, era altura de socializar. Tinha de falar com várias pessoas e combinar reuniões para quando a Renée partisse em licença. Alguns convidados precisavam que lhes mimasse o ego porque não tinham recebido o prémio que julgavam merecer. Outros ainda queriam continuar a conversar quando as luzes baixaram, entrou a música e as pessoas começaram a dançar no nosso salão de baile encantado cheio de ícones do cinema.

Quando escapei ao último convidado fiquei à beira do palco a vasculhar o salão em busca de um mafioso de *O Padrinho*, da Bridget Fonda em *Jovem Procura Companhia* e do James Bond. Por outras

palavras, o Greg, a Jen e o Matt. O Greg foi a primeira pessoa que vi. Trazia um fato preto, camisa preta e gravata preta. Estava sozinho, encostado a um pilar, a fitar o vazio. Adoraria ter-lhe tirado uma fotografia naquele momento. Cabelo tombado sobre o rosto numa postura displicente, quase como se fosse ele a suportar o pilar. Estava espantoso de negro. Resolvi incluir o instante no meu argumento. Um homem encostado a um pilar, com um ar pensativo. E cheio de tesão.

Quando me aproximei dele endireitou-se, abrindo um sorriso. Passei-lhe os braços à volta do pescoço.

– Ei, isto é contacto físico em público – avisou ele, fazendo aquele truque em que os seus olhos de chocolate negro se fixavam nos meus, mas ao mesmo tempo abraçavam todo o meu rosto.

Encolhi os ombros.

– Não quero saber. És o meu homem e não me importo quem sabe – disse eu.

O Greg soltou uma gargalhada luminosa.

– A Jen e o Matt foram ao quarto deles buscar qualquer coisa. Cá por mim foram para a cama... mas, ei, estiveste muito bem, muito bem mesmo.

– Claro – respondi descaradamente – o que esperavas?

– Estás aborrecida – disse ele, e plantou uma mão em cada uma das minhas nádegas.

– Não. Estou só feliz – *E cheia de adrenalina por ter conseguido dirigir o meu primeiro Festival.*

– E linda – replicou ele.

– Bom, quanto a isso eu não quis dizer nada – disse eu em tom de brincadeira.

Recebi nova dose de sol no rosto. Afastei-lhe o cabelo do rosto para poder fitar os seus olhos de chocolate negro.

– Tenho andado a pensar na questão de vivermos juntos – comecei eu a dizer.

A expressão dele congelou. O coração batia-lhe tão depressa no peito que podia ouvi-lo contra o meu.

Talvez fosse melhor não ter dito nada. Nas últimas semanas pensara constantemente em dar aquele passo. Sempre que ia para a cama sem o ver ou falar com ele, pensava que, se desse o próximo passo, o poderia ter sempre ali comigo.

– E ia dizer que, se quisesse, gostava de tentar, mas pelo teu ar talvez fosse melhor não ter falado no assunto.

– Tinha medo de que reagisses como uma louca.

– Eu não reagi como uma louca.
– Reagiste, sim senhor. Nunca vi uma mulher ficar tão passada em tão pouco tempo. Porque pensas que nunca mais falei no assunto?
– E então? Que te parece vivermos juntos?
– Hummm – disse o Greg, franzindo os lábios, pensativo.
– Entendo perfeitamente se tiveres mudado de ideias – acrescentei. Sabendo muito bem que não era verdade. *Porque não haveria ele de querer viver comigo? Porque...*

O Greg baixou a cabeça, afastando um pouco os lábios dos meus.
– Claro que quero viver contigo. Estou louco por ti, não estou?
Fechei os olhos numa névoa inebriada de felicidade enquanto o Greg me beijava. E como beijava. Sabia como derreter o pedaço de chocolate que eu era. Correspondi ao beijo, lembrando-me da última vez que estivéramos assim.

Foi na noite anterior ao arranque do Festival. Saíra do trabalho já depois da meia-noite e apanhara um táxi até à casa dele porque não o via praticamente há um mês. No degrau da entrada chamei-o e disse-lhe que lhe tinha enviado um pequeno presente por ter sido tão compreensivo durante todo aquele tempo de preparação para o Festival em que não pudéramos estar um com o outro. Ele descera as escadas a correr, abrira a porta e dera-me o maior impulso ao ego que jamais receberia quando o seu rosto se transformou no retrato vivo da mais pura alegria. Puxara-me para dentro de casa, mas ainda consegui fechar a porta com um pé antes que conseguisse tirar-me a roupa toda, devorando-me com beijos, e arrastar-me para o chão, onde esvaziou a minha mala à procura de um preservativo. Fizemo-lo ali mesmo no corredor da entrada. O orgasmo dele fora explosivo.

– Estou a ver que ficaste contente por me ver – dissera eu quando recuperámos o fôlego. Ele lançara-me um sorriso indulgente e abanara um pouco a cabeça ao lembrar-se de que eu não conseguia manter-me séria por muito tempo.

– Fica comigo – disse ele, muito solene. Ia explicar-lhe que não podia, que tinha de ir para casa dormir antes do grande dia, mas ele dissera:

– Fica, peço-te. – E eu ficara.

Isto fora há duas semanas. Dezasseis dias. Dezasseis anos sem sexo para nós. Agora estávamos a recuperar o tempo perdido, com beijos divinos que só poderiam terminar connosco a fugir à socapa para o quarto.

Nada mais existia, nada mais importava, quando nos beijávamos.

Nada, exceto a voz que me gritou ao ouvido:

– QUE RAIO SE PASSA AQUI?!

Capítulo 29

amigo ou amante?

O Greg e eu afastámo-nos de um salto, como duas pessoas que não deviam beijar-se apanhadas com as bocas coladas uma à outra. Olhámos para a Jen e para o Matt com a vergonha estampada no rosto.

Eles fuzilavam-nos com o olhar. Altamente descontentes. Atónitos? Descoroados? Furiosos? Sim, sim e sim. Contentes, não.

Desviei os olhos ao sentir gargalhadas a quererem escapar-se-me pelos cantos da boca e o riso a sacudir-me os ombros. Para piorar as coisas, o Greg também desatou a rir o que, como é óbvio, não me ajudou nada. Bastou um olhar à nossa assistência. O cenho franzido do Matt e os olhos esbugalhados da Jen fizeram-me rebentar a rir. Encostei-me ao Greg e rimo-nos como se se tratasse da melhor piada de sempre. E era: depois de sete meses a andar às escondidas, somos apanhados três minutos antes de deixarmos tudo em pratos limpos. Finalmente conseguimos recompor-nos. O Greg passou-me um braço à volta da cintura e eu abracei-o.

– Caso ainda não tenham adivinhado, estamos juntos – disse ele.

O Matt e a Jen continuaram a olhar para nós com as mesmas expressões embasbacadas no rosto. O Greg olhou-me nos olhos, perguntando-me em silêncio se podia contar-lhes tudo.

Eu fiz que sim com a cabeça.

– E vamos viver juntos.

– FANTÁSTICO! – gritou o Matt de tal forma que mesmo com a música pulámos de susto. Veio a correr na nossa direção. – Sempre achei que vocês tinham sido feitos um para o outro! – guinchou ele. – Fazem um par tão perfeito, e agora vão assentar. É espantoso!

Demasiado exuberante para um quadrado de caramelo do Yorkshire que não gostava de mim, mas talvez afinal de contas não fosse tão fastidioso como eu pensara que era. Talvez até fosse um tipo às direitas. Eu até gostava de caramelo.

Enquanto o Matt caía sobre nós, quase me asfixiando com o braço em redor do meu pescoço – parti do princípio que não era de propósito – a Jen permaneceu imóvel. Ficou na obscuridade, como

que paralisada. Imobilizada pelo horror. Tudo nela – o rosto, o corpo, os olhos, sobretudo os olhos – transmitia horror. Por fim saiu do transe e juntou-se ao abraço de grupo.

Um pouco mais tarde os homens fizeram o que seria de esperar e foram ao bar buscar umas bebidas. Eu fiz o que seria de esperar e disse-lhes que as podiam pôr na minha conta.

A Jen, que viera vestida como a Bridget Fonda em *Jovem Procura Companheira*, com um vestidinho colante que exibia todas as suas diminutas formas, ficou ao meu lado, junto ao pilar. Quando o Matt e o Greg já não nos podiam ouvir, virou-se para mim.

– Porque não me contaste sobre ti e o Greg? – perguntou ela, com os seus grandes olhos encovados no rosto cravados em mim com uma expressão feroz. Eram apenas azuis, não uma das variações que costumava ver, apenas azuis. Sempre pensara que, quando desenterrasse o meu segredo, a Jen ficasse magoada. Não zangada. E horrorizada. E assustada.

– Eu queria – expliquei. – Queria muito, mas... hum... lembras-te de quando, durante o curso, comecei a andar com um dos amigos do Connor e o deixei poucas semanas depois por ser *uma seca*?

Ela respondeu com um breve aceno de cabeça, de lábios apertados que o novo batom cor-de-rosa não favorecia.

– Lembras-te dos problemas que isso causou entre ti e o Connor e como estavas sempre a pedir-me que desse outra oportunidade ao amigo dele? E os problemas que causou entre nós? Quase deixámos de nos falar por causa daquilo. Não queria que voltasse a acontecer-nos. Para ser sincera, não esperava que a coisa corresse tão bem com o Greg. Pensei que fosse acabar em poucas semanas e ninguém precisava de saber.

– Mas vais viver com ele, deve estar a correr bem – sibilou ela, viperina.

– Íamos contar-vos esta noite, mas houve o anúncio e tive de falar com montes de gente e... Nunca senti isto por ninguém. Nunca. Nem pelo Sean, nem por ninguém. Ele é a minha alma gémea. Não que alguma vez tenha acreditado em tais coisas. Mas ele é. Eu... eu... Oh, fica feliz por mim, Jen. *Por favor*.

Estava a implorar-lhe. A implorar-lhe porque queria que parasse com tudo aquilo. Queria a minha Jen de volta. Não a que me chamava gorda e me pagava meias-canecas de cerveja, mas aquela com quem partilhara os últimos doze anos da minha vida. A quem chamava

amiga.

A Jen fez um grande sorriso e abraçou-me com os seus bracinhos finos como espetos.

– Claro que estou feliz por ti, amorzinho. Estou muito feliz por ti.

Ao abraçá-la, senti-lhe todos os ossos do corpo. Senti-me invadida por uma onda de vergonha. Eu deixara aquilo acontecer. Deixara-a cair naquele abismo porque não fora uma amiga como deve ser, por me ter deixado envolver completamente pelo Greg. Enquanto eu me apaixonava e me tornava mais segura de mim, a Jen transformara-se numa sombra do que fora. *Bom, decidi, apertando-a mais junto do peito, tenho de recuperar a velha Jen. E em primeiro lugar é preciso pôr-lhe carne nestes ossos.*

Fui a correr à casa de banho, num passo de corrida feminino que não era mais que uma marcha apressada devido às minhas limitações do vestido e porque estava a tentar apertar as pernas ao andar.

Provavelmente estava a bambolear-me toda ao atravessar a pista de dança, mantendo-me junto aos pilares que rodeavam o espaço até alcançar as pesadas portas de carvalho. Saí para o espesso e macio tapete do corredor e bamboleei-me até às casas de banho revestidas de mármore. Pairava no ar o cheiro intenso de *pot pourri* e perfumes caros. A empregada da casa de banho estava sentada numa cadeira dourada com estofos de veludo vermelho. Era um sítio tão fino que tecnicamente podia considerar-se um *boudoir*. Se não estivesse tão apertada, perguntar-me-ia se não seria fino demais para se urinar lá dentro.

Emergi da casa de banho muito mais composta. Uma ou duas pessoas detiveram-me para me darem os parabéns pelo sucesso do Festival e pela promoção. Sorri-lhes e agradei. Agora era uma pessoa importante. Admito que as luzes da ribalta não me tinham agradado quando tivera de ir ao palco, mas nos bastidores era importante. Era uma estrela dos bastidores. Agora que a Jen e o Matt já sabiam, a minha noite estava completa. O Greg e eu podíamos dar as mãos ou, como fizéramos, ele podia passar-me os braços à volta da cintura, beijar-me o pescoço e sussurrar-me «amo-te» ao ouvido enquanto conversávamos com os outros dois... Sim, éramos um casal repelente. Aquilo tinha de acabar. Mas não naquela noite. Aquela noite era a noite da grande revelação, por isso tínhamos permissão para ser um casal repelente. O Matt ficara incrivelmente contente com a notícia. Não parava de pensar nos meses anteriores e de dizer coisas como:

– Então quando falavas no melhor sexo de sempre, era a Amber?

E o Greg acenava, todo vaidoso.

Regressei ao salão de baile, escolhendo o meu caminho por entre o fumo e as feromonas libertadas pelos corpos que se mexiam ao som de «Careless Whisper» enquanto me dirigia àquele que passara a ser o nosso pilar. Mantinha-me junto aos pilares para não ser arrastada pela massa de corpos colantes. Tempos houve em que pensava as piores coisas de gente assim, mas agora percebia. Eu fazia parte de um casal assim. Era uma daquelas pessoas que se beijavam e se roçavam ao som de George Michael e...

– Era da Amber que estavas a falar daquela vez no meu apartamento? – disse a Jen por cima da música.

– Sim – respondeu o Greg.

– Então gostas dela? – perguntou a Jen.

– Vamos viver juntos, o que achas?

– *Eu* acho que me comeste e depois seduziste a minha amiga porque te disse que tinha sido um erro.

A Terra tremeu no seu eixo, levando-me consigo. «*Acho que me comeste.*»

Fiquei imóvel mas não parava de ouvir o mesmo: «*Acho que me comeste.*» Uma e outra vez. «*Acho que me comeste.*» As palavras rebentavam-me nos ouvidos, por baixo da pele, e explodiam como fogos de artifício no meu sangue.

«*Acho que me comeste.*» Comecei a sentir o pontapé no peito. Na barriga. Nas entranhas.

– Não, Jenna, *eu* é que te disse que tinha sido um erro. E concordámos nunca mais falar sobre o assunto.

Como ácido, o champanhe subiu-me à garganta.

Senti movimento ao meu lado. Virei a cabeça para ver o que era. O Matt. Tão elegante no seu *smoking* preto, camisa branca e laço preto. Trazia quatro taças de champanhe. E a seguir já não. Escorregaram-lhe por entre os dedos, caindo em câmara-lenta até explodirem no chão e nos salpicarem os pés com champanhe.

A música parou por uma fração de segundo, uma fração de silêncio que agigantou a explosão das *flutes* de champanhe. O Greg e a Jen viraram-se na direção do barulho, tal como, imagino, metade da sala.

O Greg e a Jen. A imagem de ambos nus, cobertos de suor, movendo-se em sincronia atravessou-me o pensamento. Ele a mover-se dentro dela. A sussurrar o nome dela e a dizer-lhe que a amava.

O Greg e a Jen.

A Jen e o Greg.

Tapei a boca para não deixar sair o champanhe e girei nos calcanhares. Tinha de sair dali. Só me apetecia fugir. Correr dali para fora, mas o vestido impedia-me os movimentos e só conseguia fazer aquele estúpido andar bamboleante.

Ouvi-o a chamar por mim por cima da música. Ouvi-o como se estivesse muito longe e eu estivesse ligeiramente surda. Ou seria muda? Levantei a saia do vestido até aos joelhos. Assim podia andar mais depressa. As minhas pernas carregaram-me para fora do salão de baile, pelo corredor, na direção das portas do elevador que se fechavam. Lancei-me pela abertura e as portas voltaram a abrir-se.

O Greg escancarou uma das pesadas portas de carvalho do salão de baile e veio a correr na direção dos elevadores. As portas tinham recommçado a fechar-se, mas, àquela velocidade, ainda conseguiria entrar. Entraria para o elevador, começaria a falar comigo, a tentar explicar-se. A tentar explicar o inexplicável.

Fechem-se!, pensei eu, Fechem-se! Fechem-se!

O Greg alcançou os elevadores quando já só restava uma frecha entre as portas. Era suficiente, contudo. Era o suficiente para ver a sua expressão. Implorando. Suplicando.

Para, dizia o olhar dele. Para e deixa-me explicar.

Capítulo 30

segredos e mentiras

Não conseguia enfiar o cartão na fechadura da porta.

Tentava segurá-lo com firmeza nas mãos enluvadas, mas estas tremiam-me e ele estava sempre a escorregar-me. Recusava-se a encaixar-se no retângulo e a deixar-me entrar. *Calma, calma*. Respirei fundo, duas vezes. Tentei sossegar a mão e começar outra vez. CLIQUE, fez o cartão ao encaixar na ranhura.

Rodei o manípulo e entrei a correr.

Mudo de sapatos ou vou vomitar primeiro?

Era uma decisão importante. Devia mudar de sapatos ou tentar livrar-me daquela asfixiante esfera de bílis que se alojara entre a garganta e o peito?

Tinha de me livrar da bílis. Mas os sapatos. Os sapatos. Olhei para os sapatos pretos de salto alto. Não era o tipo de calçado que costumava usar. Era mais adepta de sapatilhas. Detestava aqueles sapatos. Eram horrendos. Estúpidos. Inúteis. Livrei-me do direito com uma sacudidela do pé. Descreveu um arco amplo e desapareceu debaixo da cama. Fiz o mesmo ao esquerdo, que também voou em arco, mas foi aterrar ao pé da porta da casa de banho. *Sapatos idiotas. Não sabem que só foram feitos para as estrelas do espetáculo? Não para pessoas como eu.*

Levantei a aba do vestido, pus-me de joelhos e peguei nas sapatilhas que tinha debaixo da cama. Estavam desgastadas, sujas e velhas. Mas eram minhas. Adorava-as. Ninguém podia tirar-mas. Tinha de as calçar primeiro. Sentei-me na cama, enfiei-as e apertei os atacadores. Assim sentia-me melhor. Era eu.

Agora faz a mala! Põe-te daqui para fora!, gritou-me o meu cérebro como se estivesse a ver-me num filme de terror, sentado na beirinha da cadeira a gritar «Corre, grande idiota! Corre na direção oposta!», enquanto o resto do meu corpo se preparava para ir investigar uns uivos lancinantes no telhado empunhando apenas uma sandália Manolo Blahnik de contrabando como forma de proteção. E com as sapatilhas. «Faz a mala e pira-te daí!»

Sentei-me na beira da enorme cama a olhar fixamente para a porta.

Incapaz de me mexer. À espera. À espera que o monstro aparecesse.

A porta escancarou-se de rompante e o monstro apareceu à entrada do quarto.

Eu olhei para o monstro.

O monstro olhou para mim.

Quem és tu?, pensei eu. Não era o meu herói.

Não podia ser. Os heróis não faziam coisas assim. Os heróis não deixavam para trás pistas óbvias que demonstravam que afinal eram eles os vilões da história. De cada vez que pensava no caso, apareciam mais pistas. Pistas e vestígios que me explicavam:

1. Porque reagira tão mal quando a Jen e o Matt decidiram viver juntos.
2. Porque pensava que estavam a precipitar-se embora já namorassem há três anos.
3. Ter saído do apartamento quando estavam a beijar-se, no dia da mudança.
4. Estar a olhar para a Jen enquanto descrevia a sua mulher de sonho (e eu que pensava que era eu... pois sim!)
5. Evitar o Matt e a Jen – não suportava ver a mulher que amava com outro.
6. Os ciúmes por eu colocar a Jen em primeiro lugar. Não porque me queria, mas porque queria ser amado por algo que lhe pertencesse a ela.
7. Querer contar-lhe sobre nós ao fim de apenas seis semanas para lhe provocar ciúmes.

Estava tudo ali à minha frente. Todas aquelas pistas. E eu não dera por nada. Depois de uma vida inteira de histórias de detetives de Agatha Christie e Sherlock Holmes e outros, depois de tantos anos a dizer «Foi ele.», «Foi ela.» (até adivinhara que tinha sido a esposa a meio de *Presumível Inocente*), tinham-me passado todas ao lado. Não sabia nada sobre coisa nenhuma.

Agora até podia gostar de mim. Provavelmente até se conseguira convencer de que podia amar-me. Sempre tratara com gentileza e afeto a mulher que o salvara, mas era a Jen que ele *desejava*. Era ela a protagonista de vida dele. Eu não passava da estagiária. Nem sequer era uma atriz secundária. Era a estagiária, a pessoa a quem ele recorria quando a protagonista não estava disponível. Eu amava-o. Ele queria a Jen.

– Pensei que tinhas ido embora, mas ainda bem que ainda cá estás – disse o monstro.

Eu não disse nada, limitei-me a olhar para ele.

– O que ouviste? – perguntou ele, a resfolgar por, imagino, ter subido as escadas a correr.

BANG! BANG – BANG – BANG! As pancadas na porta sobressaltaram-me. Olhei para a porta mas o Greg ignorou o barulho e continuou a falar.

– O que ouviste? – voltou ele a perguntar.

O reboliço continuava cada vez mais alto e insistente. Dentro de pouco abririam a porta à martelada. Nem o Greg conseguia fazer-se ouvir acima do barulho, por isso deu meia volta, marchou até à porta e rodou o manípulo. A porta voltou a escancarar-se, e de repente o quarto encheu-se de vozes alteradas, todas a gritar ao mesmo tempo para serem ouvidas acima das outras. Também havia murros e empurrões. O Matt a esmurrar e a empurrar o Greg. Porém, gritava mais que empurrava, porque o Greg seria capaz de dar cabo dele com as mãos atadas atrás das costas, ao pé-coxinho, e com uma gripe do caixão à cova. O Matt podia estar indignado, mas não era parvo nenhum.

Lentamente, fui-me apercebendo do que diziam. O Matt estava a chamar ao Greg todos os nomes ofensivos que conhecia, e que eram muitos. O Greg estava a pedir-lhe desculpa e que se acalmasse e, ao mesmo tempo, a Jen gritava-lhes que parassem com aquilo.

Eu fiquei ali sentada, sentindo-me distante de todo aquele enredo como se estivesse a vê-lo no ecrã. É o que acontece quando vemos muitos filmes.

O Greg recuou vários passos até ao meio da divisão e disse:

– Vamos mas é acalmar-nos.

A voz dele era tão calma e imponente que surtiu um efeito espantoso: o Matt deixou instantaneamente de agir como se fosse desfazê-lo, afastou-se para o outro extremo do quarto e atirou-se para cima de uma das poltronas. A Jen foi até à janela e empoleirou-se no largo parapeito. O Greg ficou onde estava, de braços cruzados a olhar para mim. Eu fitava um ponto no espaço. Estava tão nervosa que a qualquer momento contaria uma daquelas piadas que começam assim: «sabes qual é o cúmulo de...»

Não fazia ideia de que o Greg era capaz de fazer com a voz. Pensando melhor não fazia ideia de que era capaz de montar a Jen, mas aí têm: ele era um rico sortido de bombons com novas variedades

que eu ia descobrindo a cada dia.

O Matt fitava o Greg com um ar ameaçador. Abriu a boca. Voltou a fechá-la. A seguir voltou a abri-la. Continuou a sua imitação de um peixe por mais algum tempo e por fim, disse:

– Então, durante todo aquele tempo que andaste a tentar desencorajar-me de ficar com a Jen, andavas a papá-la?

– Andavas a tentar desencorajá-lo de ficar comigo? – disse a Jen, agastada. – *Sacana.*

– Eu não andava a papar a Jen – disse o Greg, a olhar para mim por qualquer razão que eu desconhecia. – Amber, juro-te, não andava. Só aconteceu uma vez.

Apeteceu-me dizer-lhe *uma vez é quanto basta*, mas as minhas cordas vocais estavam paralisadas.

– UMA VEZ É QUANTO BASTA! – berrou o Matt. – CABRÃO FILHO DA MÃE!

Não é preciso recorrer a esse tipo de linguagem, quis eu dizer, mas, mais uma vez, as palavras não me saíam. *Além disso, se ele não fosse um cabrão filho da mãe, não estaríamos a passar por todo este drama, pois não? Estávamos ali porque ele não conseguia mantê-lo dentro das calças.*

– ANDASTE TODO ESTE TEMPO ATRÁS DA JEN. QUERÍA-LA PARA TI E POR ISSO É QUE TENTASTE DESENCORAJAR-ME.

O Greg investiu sobre o Matt. Ficou subitamente tão furioso que todo o seu corpo tremia com raiva incontida. Em vez de gritar, contudo, controlou as suas palavras.

– Sabes bem que isso não é verdade – disse ele com ar ameaçador. – Sabes *muito bem* a que me refiro.

Ainda bem que o Matt sabia. Ainda bem que o Greg sabia. E ainda bem que provavelmente a Jen também sabia. Porque eu não fazia a mínima ideia. Para ser sincera, ainda estava a tentar digerir a parte do «*comeste-me e depois seduziste a minha amiga*».

– E a que te referes exatamente? – perguntou a Jen, exasperada.

Em vez de responder à Jen, o Greg fixou os seus olhos de chocolate negro no rosto melindrado e furioso do Matt até encontrar os seus olhos cor de esmeralda. Debatia-se entre dar com a língua nos dentes e deixar cair o assunto, e aceitar que lhe chamassem «cabrão filho da mãe».

Trocaram um olhar cúmplice. Vi-o mesmo no meu estado alterado. Fosse o que fosse, devia ser uma coisa escabrosa.

A raiva do Matt esmoreceu até se evaporar. Desaparecer completamente no éter. Num minuto era dominado por instintos

assassinos, no minuto seguinte estava a dizer num tom de voz neutro:

– É melhor falarmos nisto mais tarde, quando estivermos todos mais calmos.

– Tens razão – concordou a Jen. – É melhor acalmarmo-nos.

Que raio foi isto? Que se passa aqui? Porquê a súbita atmosfera de conspiração? Porque raio já não há ninguém zangado?

– Não, vamos lá pôr tudo em pratos limpos. – Eu. As palavras eram minhas. A minha voz regressara.

– Vamos esperar até estarmos todos calmos – insistiu a Jen.

– Então tu sabes o que se passa entre o Matt e o Greg? – perguntei-lhe eu.

– O que se passa entre eles? – replicou ela.

– Não viste aquele olhar que trocaram? Estão a esconder mais qualquer coisa. Algo em grande.

A Jen soltou uma gargalhada oca.

– Não, só não querem estragar a sua amizade por causa de um par de raparigas. Acho que devíamos deixar passar algum tempo, acalmarmos, e só depois discutir este assunto.

– Acalma-te tu – disse eu. – *Eu* estou calma. Eu sou a personificação da calma. Tenho calma para dar e vender. Estás a ver esta cara? Calma. E se ninguém me disser imediatamente o que se passa faço-vos sentir na pele a minha calma.

– Nada – disse o Matt.

Virei-me para o Greg.

– Greg?

Ele ficou mudo. Não sabia que partido tomar. O do amigo de vinte e dois anos ou o da namorada de sete meses. Noutras circunstâncias dar-me-ia um gostinho especial vê-lo desesperado por ter de escolher entre duas pessoas que amava: «Lembras-te de quando me infernizaste o juízo por colocar a Jen em primeiro lugar? Agora já sabes como é», ter-lhe-ia dito.

Dada a situação, o dilema do Greg não me dava qualquer prazer. Na verdade, estava prestes a reforçar a ameaça:

– Greg, se queremos salvar alguma coisa, diz-me o que se passa.

– NÃO TE ATREVAS! – explodiu o Matt. – DEVES-ME UMA. FOSTE PARA A CAMA COM A MINHA NAMORADA E DEVES-ME UMA.

O olhar do Greg saltava entre mim e o Matt. Apercebeu-se de que só havia uma solução.

– Conta-lhes – disse ele.

Obrigar o Matt a confessar.

- VAI-TE FODER!
- Conta-lhes.
- NÃO!
- Se não contares, conto eu.
- CONTAR O QUÊ? – eu outra vez. Recuperara a voz e gritava a plenos pulmões.

O Matt respirou fundo e olhou para os sapatos de verniz preto. A seguir, muito baixinho, declarou:

- Tenho uma esposa na França.

Capítulo 31

verdade

Imaginava-me tão torturada e a precisar tanto de pensar que me via a passar a noite de mãos nos bolsos, cabisbaixa, a vaguear pelas ruas sombrias da metrópole palpitante, como faz o herói de um filme quando, sem motivo aparente, o tempo está escuro e chuvoso e até a vila mais deserta se transforma numa cidade cheia de gente. Tudo ao som de um melancólico solo de saxofone. Dez minutos depois de sair do quarto dei por mim sentada nos jardins do hotel. Mas estava de mãos nos bolsos, cabisbaixa, e se me esforçasse o suficiente seria até capaz de ouvir o saxofone.

Tudo o que acontecera nas últimas horas se baralhava na minha cabeça. Tudo. Nada daquilo fazia sentido. Sempre que tentava lembrar-me de algo, analisar qualquer coisa, dissecá-la, compreendê-la e digeri-la, o resto vinha logo atrás. Tudo enredado com um tresloucado novelo de aletria cozida. Precisava de tempo para o desenredar.

OK, Amber, concentra-te. Concentra-te, concentra-te, concentra-te.

O Matt.

Nunca me tinha enganado tanto a respeito de ninguém. Pensei que ele era um quadrado de caramelo: de sabor rico, suave e sempre igual. Contudo, era um sacana de duas caras que levava uma vida dupla. O jeito dele, o seu monótono exterior, escondia um íntimo de caos e falsidade. A sovinice dele, a forma como empalidecia quando era chamado a pôr a mão no bolso, resultava de ter de financiar duas vidas.

O Matt completara uma licenciatura em Francês, o que o levava a Paris por um ano, durante o qual travara conhecimento com a Françoise. O caso deles fizera maravilhas pelo seu francês. (O Matt não o disse, mas eu acrescentei-o porque provavelmente era verdade.) Quando, findo esse ano, regressara a Inglaterra, mantivera-se em contacto com a Françoise. No fim do curso voltou a Paris, onde arranjou um emprego. Certa noite, depois de uns copos a mais, pedira-a em casamento. Casaram dois meses depois. O Greg era a única

peessoa que sabia. Fora o padrinho, claro, e como o Matt tinha a fobia dos compromissos – como o Greg tentara dizer-me certa vez – entrara em pânico. Fê-lo jurar segredo: ninguém em Inglaterra poderia jamais saber, principalmente os pais do Matt. Convencera-o dizendo que eram muito racistas e tinham um odiozinho de estimação pelos franceses. Como é bom de ver, os seus pobres pais, cujo único crime, tanto quanto me era dado ver, era terem posto no mundo aquela criatura a quem chamavam filho, era assunto tabu junto da Françoise. O Matt construíra duas vidas e fora muito bem sucedido a mantê-las separadas. Tinha dois telemóveis, um dos quais a Jen pensava ser de trabalho, por isso, quando recebia chamadas e se punha a falar francês ela não desconfiava de nada. Dissera à Françoise que estava a tomar conta da casa de um amigo e por isso deixara de estar contactável na casa do Rocky. Quando estava em França, telefonava à Jen do trabalho.

– Depois de um ano de felicidade, ofereceram-me uma transferência de seis meses para Leeds. Estavam a montar cá uma empresa e precisavam de ingleses. Ter vivido tantos anos em Leeds fez de mim a escolha ideal. Por essa altura a lua de mel já tinha terminado para mim e para a Françoise, andávamos às avessas há nove meses, por isso um afastamento de seis meses parecia a solução ideal. Regressei a Leeds, arrendei o meu antigo quarto ao Rocky e sempre que voltava a ver a Françoise as coisas não podiam correr melhor. Algum tempo longe um do outro era tudo o que a nossa relação precisava. Quando os seis meses passaram a doze decidimos aproveitar. Tinha de me deslocar a Paris com frequência – isto foi antes das vídeo-conferências e dos e-mails, por isso a minha relação com a Françoise estava segura.

Passava a mão pelo cabelo curto, sem tirar os olhos do tapete.

– Foi então que me ofereceram um cargo permanente em Leeds. Era um sonho tornado realidade, mas a Françoise não queria deixar a França. Era lá que tinha toda a sua vida. Discutimos muito o assunto. Eu tinha vivido com ela lá, porque não podia ela vir viver comigo? Talvez até a tivesse apresentado aos meus pais. Não queria deixar passar aquela oportunidade de trabalho, por isso tivemos de nos habituar a viver separados. E então conheci a Jen.

Oh, claro, pensei eu, aqui vem o absurdo que desculpará tudo o que fez.

– Ela era diferente das outras.

Pois é, Matt, esqueceste-te de dizer que andaste a trair a tua mulher com um monte de raparigas diferentes enquanto estavas em Leeds, não foi?

Estava implícito, mas aqui está a confirmação.

– Comecei a apaixonar-me pela Jen e, enquanto isso, a Françoise tentara convencer-me a voltar a trabalhar em Paris a tempo inteiro e a termos um bebé... Voltei a entrar em pânico. Deixei de ir tantas vezes a Paris, só falava com ela no trabalho. Disse-lhe que queria concentrar-me na minha carreira. Se quisesse estar comigo teria de vir para Inglaterra. Disse-lhe muitas vezes que não queria falar com ela a menos que tentasse viver cá. Ela disse que não, por isso comecei a ficar mais tempo por cá. Mas não podia separar-me da Françoise nem da Jen... Deixei as coisas como estavam, ignorando o facto de que a Françoise queria ter um bebé e dizendo-lhe que teria de vir ter comigo se quisesse que tentássemos ter um filho, pois sabia que nunca o faria. Quando a Jen me pediu para ir viver com ela aceitei sem pensar muito no assunto. Por isso é que aquela coisa – fez um aceno na direção do Greg – se passou quando eu e a Jen vos demos a notícia. Sempre gostara muito da Françoise. Mas isso era porque se calhar também a tinha levado para a cama, não é, amigo?

Olhei para o Greg. *Claro que levou. Nunca deve ter conhecido uma mulher que não tenha levado para a cama.*

– Não, não a levei para a cama – cuspiu ele. – Mas oportunidades não faltaram durante todo aquele tempo que passava com ela, a mentir por tua causa, como sabes. Como daquela vez que tive de largar tudo e ir a Paris porque tinhas desaparecido e ela andava desvairada à tua procura. Podia ter aproveitado a ocasião, enquanto andava atarefado a esconder-lhe que tinhas ido a Los Angeles com a Jen. Ou daquela vez que a Françoise apareceu em Leeds de surpresa e tu e a Jen tinham ido passar a semana a Praga. Mas o que fiz foi guardar o teu segredo e tomar conta dela e, quando vi a melhor amiga da Jen na cidade, não mencionei que a mulher a meu lado era tua mulher.

Eu conhecera-a? O Matt e a Jen tinham ido a Praga no fim de ano anterior. Dei tratos ao juízo. Por volta dessa altura encontrara o Greg várias vezes no centro. O dia em que o vi quando eles estavam em viagem... As memórias vieram em catadupa. O Greg parecia tão nervoso quando o vira em Albion Place, à porta da WHSmith. Na altura não percebera a razão de tanto nervosismo. Apresentara-me a contragosto a mulher que o acompanhava, mas eu tinha péssima memória para nomes. Era melhor a lembrar-me de rostos...

Senti um arrepio gelado na espinha. Era pequena. Tinha o rosto anguloso, de tão magro. Usava o cabelo loiro muito curto, enrolado

para dentro mesmo acima das maçãs do rosto. Trazia roupa chiques de alta-costura. Sapatos Prada, batom rosa-escuro. Era ela quem a nova Jen me fazia lembrar – Françoise, a esposa do Matt.

– Transformaste a Jen na tua esposa – disse eu ao Matt, atónita. – Por isso é que ela perdeu tanto peso e cortou o seu lindo cabelo loiro, e usa aquele batom ridículo. Querias ter em Leeds uma versão da Françoise.

– Que disparate estás tu p’raí a dizer? – perguntou a Jen num acesso de riso.

– Eu conheci a Françoise quando ela veio à cidade com o Greg. E o Matt transformou-te numa cópia dela. Tinhas razão quando dizias que ele te preferia tão magra que os ossos da bacia te perfuravam a roupa e o teu cabelo tão curto que parecias ter cinquenta anos, porque é assim que ela é.

A Jen olhou para o Greg. Ele desviou o olhar. Ela virou-se para o Matt.

– Matt?

O Matt não respondeu.

– Disseste-me que ficaria mais bonita com cabelo curto, mais magra. E afinal só querias que me parecesse com a *tua mulher*? PATIFE!

Atirou-se a ele, tentou arranhar-lhe os olhos e a cara e dar-lhe pontapés. Ele ergueu as mãos para se proteger. O Greg e eu ficámos imóveis e vê-los lutar até que o Matt conseguiu agarrar-lhe os pulsos, levantar-se e atirá-la para cima da cama. Ela rebolou, mesmo ao meu lado e a seguir olhou para ele com ar ameaçador.

– Pelo menos eu não fui para a cama com a Amber, pois não, *amorzinho*? – gritou-lhe o Matt.

– Como se tivesses alguma hipótese – disse eu.

– Queres comparar uma vida dupla, as tuas mentiras e manipulações com um erro numa noite de bebedeira? ÉS inacreditável – gritou-lhe ela.

– ELE É INACREDITÁVEL? – gritei eu de repente, virando-me contra ela. Não sabia que ia gritar até me ter saído da boca. – E tu? O Matt sempre foi um parvalhão. Soube-o assim que lhe pus a vista em cima. Pensava que era por ser um chato, mas não, era por ser o irmão Neandertal do idiota da aldeia. Mas tu, Jen. Pensei que eras minha amiga. E só me tens feito sentir mal e tratado com desprezo. Hoje foi a gota de água.

– Estás a pôr-me as culpas? – perguntou ela, colérica.

– Sim. Era de mais para ti, não era? – rosnei-lhe eu. – Viste como eu

e o Greg éramos felizes e não conseguiste suportar. Gostas de me ter às tuas ordens. A celibatária da Amberzinha a quem podes marcar encontros às cegas com gente medonha, e que tinha de te aturar quando o teu relacionamento está tremido ou quando o teu namorado estava em viagem – junto da esposa, sabe-se agora.

– O Greg também dormiu comigo. Não o obriguei a nada – disse ela.

– Sim, e porquê trazer o assunto à baila quando havia boas hipóteses de que eu vos ouvisse? Eu digo-te porquê: porque percebeste que era possível que ele gostasse de mim, por isso tinhas de o lembrar que eras a mais bonita, a mais sexy, a que o teve primeiro. A que ele desejava realmente.

– Mas ele não presta para ti – disse ela com lágrimas na voz. – Não presta mesmo.

– O que tu queres dizer é que eu não presto para ele. Não conseguias suportar a ideia de que a simplória e a gorda da Amber pudesse dormir com o jeitosão do Greg e ficar com ele. Enquanto tu, a Jen, sexy e feminina, só tinhas direito a uma queca.

A Jen esfregava os olhos carregados de rímel.

– Isso não é justo, Amber.

– JUSTO?! – gritei. – JUSTO? E o que me está a acontecer é justo? – Calei-me, ofegante, com lágrimas nos olhos. Diabos me levem se ia chorar à frente daquela gente. Levantei-me, dirigi-me ao armário e tirei de lá o meu casaco. – Metes-me nojo. Vocês metem-me nojo – disse eu. – E fazem-me sentir nojo de mim própria.

Enfie as mãos nos bolsos e senti-o: o presente extraespecial que comprara ao Greg. Tirara-o do esconderijo na noite anterior para lho oferecer depois de lhe pedir para vir viver comigo. Tirei-o do bolso e fiz uma careta amarga.

– Acho que isto te pertence – disse eu, e lancei-lhe a agenda de cabedal preto aos pés.

Ele olhou para ela e depois, aterrado, para mim.

Em silêncio, saí.

Abri a porta sem me preocupar muito com o ruído porque sabia que o Greg já se fora embora há muito. O meu coração bateu descompassado quando avistei a silhueta dele sentada numa cadeira meio virada para a janela, com os pés na parede. Havia uma fila de garrafinhas do minibar no parapeito da janela. *Oh, sim, claro, agora decide deixar de me virar as costas. Agora decide ficar e tentar resolver as coisas. Ou então estava só à espera que voltasse. Não vale a pena virarmos*

as costas a alguém que não está lá para ver.

Fiquei parada à porta. Devia fazer a mala e ir para casa? Ou fazer a mala e ir para outro quarto?

Senti nova onda de exaustão. Dormir. Precisava de dormir. Há duas semanas que não tinha uma boa noite de sono. Até há mais, se contasse o período de preparação para o Festival. Só queria dormir.

– Tinha esperança de que voltasses esta noite – disse o Greg com voz rouca, entrecortada. Moveu-se e o luar iluminou-lhe os olhos inchados e húmidos.

Senti um aperto no coração. Queria abraçá-lo, embalá-lo. Mas depois lembrei-me que ele fizera por merecer aquilo. Quem semeia ventos, colhe tempestades.

E eu também fizera por merecer. Eu sabia muito bem como ele era. Sabia que nunca conhecera uma mulher que não tivesse tentado levar para a cama. Que esperava eu? Claro que ele fizera o impensável e dormira com a única pessoa no mundo com quem eu não queria, ou melhor, não podia admitir, que ele dormisse.

– Não vim para conversar – disse-lhe. Estou exausta. Só quero dormir.

Ele respondeu com um aceno de cabeça. Passou as mãos pelo cabelo. No colo tinha o telemóvel e a pequena agenda preta. Enquanto eu andara lá fora, estivera a preparar as quecas para a semana seguinte. Ainda bem para ele. É sempre melhor retomar a vida de sempre o mais depressa possível.

Tirei uma *t-shirt* e umas calças de *jogging* da mala, que vomitara a minha roupa para todos os lados. Como só tinha tido dois dias para fazer a mala, fizera-a um tanto à pressa. «Eu compro-te roupa em França» respondera ele quando lhe dissera que não tinha tido tempo para lavar roupa antes das férias. Nunca pensei ouvir aquilo de um ho... *Não, para com isso. Isso acabou. É passado.*

Fui para a casa de banho e desfiz-me da minha fantasia de Holly Golightly: Tirei todos os ganchos do cabelo e retirei a maquilhagem do rosto. Peça a peça, desmantelei a minha *persona* de estrela de cinema até a ver aparecer ao espelho. A velha Amber. A Amber pré-baile, pré-Greg. A boa e velha Amber.

Quando saí da casa de banho o Greg estava deitado à beirinha da cama. A roupa dele estava em cima da cadeira impecavelmente dobrada, pelos vistos naquela noite não planeava virar-me as costas.

Enfie-me entre a frescura dos lençóis brancos, com cuidado para não ir muito para o meio da cama, e virei-me de costas para ele.

Estávamos separados por um oceano de silêncio.

– Foi antes de ti – disse o Greg do seu lado da cama. – Assim que acabou, arrependi-me.

– Não o devias ter feito – respondi.

– Eu sei, e tenho-me sentido um farrapo desde então.

– NÃO. O. DEVIAS. TER. FEITO.

A respiração do Greg estava ofegante. Senti pequenas vibrações a propagarem-se pela cama.

Estava a chorar. Apeteceu-me chegar-me a ele, pôr os braços à sua volta, saber amá-lo melhor. Mas não podia. Já não era problema meu.

«era capaz de experimentar a
psicanálise se o chocolate não
fosse mais rápido e mais doce»

Capítulo 32

a foragida

A semana passou a correr, refutando todas as teorias sobre a relatividade do tempo quando estamos a divertir-nos.

Quando saíra do hotel não sabia para onde iria. Tinha uma semana de férias, uma mala cheia de roupa, mas não era capaz de enfrentar o meu apartamento. Pedira ao Greg para ir viver comigo e passara lá tanto tempo com ele nos últimos sete meses que não suportava a ideia de lá voltar. Mas não tinha mais para onde ir. Acabara por fazer um telefonema histérico ao Eric a perguntar-lhe o que devia fazer. Embora estivesse a passar pelo seu inferno pessoal, o Eric dissera-me para apanhar um comboio até Edimburgo e que estaria à minha espera.

Nunca passara uma semana inteira, ou melhor, nove dias, com o Eric e a Arriane. Fossem outras as circunstâncias e ter-nos-íamos divertido a valer. A menos que se soubesse, ninguém diria que havia problemas entre eles: não andavam sempre a saltar para os braços um do outro, mas também não pareciam zangados. Nem andavam aos berros. Nem se mostravam friamente educados um com o outro. Comportavam-se de forma normal um com o outro, tal como se comportavam comigo.

Como psicólogos que eram, deixaram-me dormir o dia inteiro no primeiro dia. No segundo dia tive autorização para andar a amuar pelos cantos, a contemplar o vazio à beira das lágrimas. Ao terceiro dia fui arrastada da cama às oito da manhã e foi-me dito que tinha de trabalhar para pagar a minha estadia: trazer para dentro carvão e lenha – só não me obrigaram a rachá-la – cozinhar, aspirar e limpar a casa. E ajudou. Não tinha tempo para pensar no Greg e na Jen. Na Jen e no Matt. No Matt e na Françoise. No Matt e no Greg, tanto quanto sabia. Esses pensamentos estavam reservados para o silêncio da noite. Para aqueles momentos entre o sono e a consciência, em que não podia correr atrás das minhas memórias brandindo um pau de vassoura. Quase todas as tardes, para me ajudar a dormir como se faz a uma criança hiperativa, o Eric levava-me em grandes caminhadas pelo campo. Por montes e vales. A Arriane acompanhara-nos uma vez, decidira que éramos uns choninhas duns ingleses que andavam

devargar de mais e não tornara a vir connosco.

No último dia despedi-me da Arriane ao nascer do Sol porque tinha de apanhar o primeiro comboio para Leeds e o Eric levou-me à estação.

– Vou ter saudades de ter em casa uma empregada doméstica à borla – disse ele enquanto me preparava para embarcar. – A nossa casa nunca esteve tão limpa. Nem mesmo quando a mãe nos vem visitar.

– Vocês não fazem aquilo todos os dias?

– Claro que não, temos mais que fazer. E temos um homem-a-dias, mas tirou duas semanas de férias. Chegaste no momento certo.

– Enganada pelo meu próprio irmão. Não haverá fim para tanta traição?

– Foi para teu bem. Evitou que tivesses tanto tempo para pensar. E todos nós sabemos que tu pensas de mais. – Deve ter detetado alguma coisa na minha expressão porque acrescentou – Ele costumava dizer-te o mesmo, não era?

– Dantes. Quando éramos só amigos.

– Amigos que se tornaram amantes. Provavelmente o tipo de relacionamento mais complicado que há. Quando começam, já sabem demasiado um sobre o outro. E isso pode ser perigoso. Vá lá, rato-do-deserto, tens de ir para o comboio.

Quando passei a porta disse-me:

– Lembra-te do que te disse.

Isto fora o que o meu irmão, com aspeto de torrão de amendoim, mas com um coração de caramelo, me dissera.

No último dos nossos passeios de fim de tarde parámos numa colina e sentámo-nos lado a lado na erva orvalhada (leia-se, encharcada). Ao longe só se viam as luzes das casas das aldeias lá em baixo. Pareciam reflexos das estrelas. Os céus espelhados da Terra. Um paraíso terrestre.

O silêncio cercou-nos, tão denso que me senti sufocada. Tive uma vontade repentina de começar a dizer palavras ao acaso só para enfraquecer o seu domínio sobre nós.

– Não acredito que o Greg dormiu com aquela galdéria – disse o Eric de repente. Ele e a Arriane não mencionaram o assunto desde que eu contara ao Eric o que se tinha passado. E agora ele vinha-me com aquela.

– A Jen não é galdéria nenhuma – repliquei eu, quase por instinto.

O Eric abanou a cabeça com tristeza e suspirou.

– Como já suspeitava, estás disposta a perdoar-lhe tudo, mas já condenaste o Greg ao inferno.

– E é de admirar? Ele é homem e fez o que os homens fazem, tudo por uma queca, seja com quem for. Ou quem poderão fazer sofrer. – Virei-me para ele. – Até tu tiveste um caso.

Ele semicerrou os olhos e observou-me com desconfiança.

– Porque dizes isso?

– Oh, vá lá, Ez, é comigo que estás a falar. O meu pai fê-lo, conheci outros homens que o fizeram. Dantes costumava pensar que tinha um radar para estas coisas. Até ao Greg. E conheço-te muito bem. Pela forma como te comportaste quando estiveste lá em minha casa era óbvio. Então, quanto tempo durou? Quanto tempo andaste a enganar a Arriane? Quanto tempo fizeste à mulher que é praticamente minha irmã o que o meu pai fez à minha mãe? Ou será que ainda andas a enganá-la?

O Eric abanou a cabeça.

– Não aconteceu nada. Nem sequer cheguei a beijá-la. Quando cheguei a Leeds estava tentado a ir para além do namorico. Mas então disseste-me aquilo do bar e não conseguia pensar noutra coisa... Além disso, se o fizesse, seria o fim do meu relacionamento com a Arriane. Nunca mais seria a mesma coisa. E se ela alguma vez descobrisse nunca me perdoaria nem me aceitaria de volta. Felizmente lembrei-me disso. Foi um namorico estúpido que terminou antes de começar... em todo o caso, não estamos a falar de mim. Estamos a falar de teres condenado o Greg e desculpado a Jen.

– E eu respondi à tua pergunta.

– Hum-hum. Queres saber porque é que eu não gosto dela?

Nem por isso, pensei eu. Mas se lhe dissesse que não, o Eric nunca mo diria, por mais que lhe pedisse. Mesmo que não estivesse curiosa, ou ficava a sabê-lo agora ou nunca o saberia. Aprendera-o da pior maneira.

– Porquê – perguntei eu, afetando indiferença.

– Porque quando a conheci, aquela vez no bar, passados dez minutos já me tinha posto a mão em cima da coxa.

O quê? Fiquei petrificada pelo choque, com os músculos paralisados de horror.

– E a coisa não ficou por aí. Não parava de me tocar, embora eu estivesse sempre a afastá-la. Quando foste ao balcão começou a desfiar um chorrilho de imundices sobre nós. Lembrei-a de que era casado e

ela disse que seria o nosso segredo.

O quê?!

– Não teria sido tão mau se eu achasse que ela gostava realmente de mim, mas não era o caso. Claramente, não era o caso. Quanto a mim, o que ela queria era prejudicar o meu relacionamento contigo. Sabia que se a tivesse deixado levar-me para a cama acabarias por descobrir.

– Porquê? Porque faria ela tal coisa? Ela é minha amiga.

Assim, visto de fora, as minhas palavras pareciam patéticas. Mas eu estava do lado de dentro, e era o melhor que podia fazer.

– A Jen tem uma obsessão pouco saudável por ti. E tu és incapaz de ver como ela realmente é. Além disso, pela forma estranha como se comportava com a mãe e o pai, acho que tem uns assuntos familiares por resolver... Mas o que estou a tentar dizer-te é que a Jen não é a amiga perfeita que tu imaginas. Não devias partir do princípio que foi ela que foi seduzida e que merece compreensão instantânea. E não partas do princípio de que o Greg foi quem a seduziu. Não assumas nada sem antes falares com eles.

Anuí com um aceno distraído. Já não o ouvia. Estava a passar em revista o fim de semana em que a Jen conhecera a minha família. Tinha-se mostrado tensa na presença da minha mãe e do pai n.º 2, mas como eu ficava sempre tensa quando conhecia os pais de alguém, não dera importância ao assunto. Nunca me passaria pela cabeça que ela pudesse tentar atirar-se ao Eric. Ao meu próprio irmão. Não era de admirar que nunca me tivesse perguntado porque não gostava dela. Sabia muito bem porquê. Será que alguma vez chegara a conhecer a Jen?

– Que vais fazer quando voltares a Leeds, amanhã? Como pensas resolver as coisas? – perguntou o Eric.

Inspirei fundo. O ar ali era tão fresco e puro que quase me queimava por dentro. Ainda não pensara no assunto como devia ser. Entre o trabalho de escrava e lembrar-me do que acontecera, ainda não pensara no futuro. Além disso, não era propriamente conhecida por planear o futuro, pois não? Encolhi os ombros.

– Diz-me a verdade – disse ele –, amavas o Greg?

Nunca ninguém me perguntara aquilo diretamente. Nem mesmo o Greg. Embora eu não tivesse dúvidas sobre o que sentia, admiti-lo em voz alta era outra história.

– Pensei que ele me amasse – disse eu –, mas afinal só queria estar comigo para fazer ciúmes à Jen.

– Pois – disse ele num tom compassivo. – Que chatice, não é? O

Greg vestiu um fato para conhecer a tua mãe; não reagiu quando o apresentaste como o teu «namorado»; bebeu *whisky* para me agradar a mim e ao pai embora deteste, beber *whisky*, tudo porque queria a Jen. E quando fomos comprar arroz e parámos na garrafeira, disse ao pai que as intenções dele em relação a ti eram inteiramente honradas e que estava irremediavelmente apaixonado por ti...

Virei a cabeça para o encarar. Ele fez um aceno de cabeça.

– Sim, ouviste bem. Palavras dele. Foi um dos momentos mais divertidos da minha vida porque o pai ficou completamente embaçado, sem saber o que dizer. Mas claro, o Greg fez isso tudo para fazer ciúmes à Jen. Ah, e também acho que queria viver contigo ao fim de três meses de namoro porque estava louco pela Jen.

Esfreguei os olhos. Ardiam-me.

– Sei que ele queria viver contigo porque quando o pai foi ao bar, o Greg perguntou-me o que pensava sobre ele ir viver contigo. Não estava a pedir a minha opinião, e sim a pedir-me permissão para o fazer. Fiquei passado, mas do mesmo modo que dissera ao pai que as intenções dele em relação a ti eram as melhores, tudo o que ele queria era que o aceitássemos. Mas não, deves ter razão, ele fez tudo aquilo porque estava louco pela Jen.

Não éramos do mesmo sangue, mas no que dizia respeito a levar as coisas às últimas consequências para fazer valer um ponto de vista éramos irmãos gémeos. Qualquer outra pessoa ter-se-ia limitado a dizer: «Não sejas tonta, claro que ele te amava».

Não conseguia ver com as lágrimas a picar-me os olhos.

– Eras feliz com o Greg, não eras? – disse ele com meiguice. – Nunca te tinha visto tão feliz. Tão descontraída. Eras feliz com ele, não eras?

Encolhi os ombros.

– Porque não tentas conversar com ele? Descobrir porque o fez?

– Mas ele não o devia ter feito – disse eu.

– Eu sei disso, tu sabes disso. Ele sabe disso. Até a mulher que mora ao fundo da vossa rua sabe disso, mas ele não pode alterar o passado. Não pode não ter dormido com a Jen, mas pode explicá-lo.

Limpei uma lágrima com a palma da mão.

– O Greg cometeu um erro muito estúpido, mas não podes deixar de o amar assim sem mais nem menos. Não és assim tão fria, tão...

Não conseguia continuar a ouvi-lo. O sangue afluía-me ao cérebro, sentia a cabeça a inchar. As lágrimas caíam-me copiosamente pelo rosto e debrucei-me para a frente, por cima dos joelhos, cobrindo a cara com as mãos. A chorar desalmadamente. A soluçar sem parar.

Como não éramos uma família particularmente dada a abraços, o Eric ficou sentado ao pé de mim e deixou-me chorar.

– Graças a Deus – disse o Eric, entregando-me um *whisky* duplo puro e deixando-se cair no sofá ao meu lado.

– Graças a Deus? – repliquei eu. Ainda tremia devido à minha épica crise de choro. Não chorava assim há anos. Soltara uma lágrima aqui e ali (quando, por exemplo, percebi que estava tudo terminado entre mim e o Sean), mas não me fora abaixo como na colina.

– A Arriane e eu fizemos uma aposta sobre o tempo que levarias a chorar. Eu apostei três dias, a Arri duas semanas.

– Ainda bem que a minha vida vos diverte tanto.

– Eu e a Arri não paramos de rir até às lágrimas desde que chegaste porque o teu sofrimento é de gritos. E no inverno saímos à rua para gozar com os sem-abrigo. – O meu irmão era um palerma muito cínico. – O que eu quis dizer é Graças a Deus por finalmente teres chorado. Tive medo de te teres tornado tão boa a fugir de situações intensas que passasses por tudo isto sem verter uma única lágrima.

– Eu não costumo chorar – lembrei-lhe.

– Isso não é motivo de orgulho. Chorar quando estamos a sofrer liberta a dor, seja ela emocional, seja física. A Arriane apostou duas semanas porque disse que passavas tanto do teu tempo a adaptar a tua vida à vida dos outros que não sabias como mostrar ao mundo que estavas a sofrer. Sobreviveste ao casamento dos teus pais, facilitaste a vida à tua mãe chamando «pai n.º 2» ao pai quase desde o início. És capaz de fazer tudo para evitar conflitos, mesmo que para isso tenhas de esconder a tua dor.

– A vida é muito curta para desperdiçar em batalhas sem sentido – expliquei eu.

O Eric sorriu.

– Não é tão curta assim. Sobretudo quando há batalhas a que não podemos fugir. Coisas que dão luta, como o teu relacionamento com o Greg.

– Mas ele dormiu com ela. Se havia no mundo alguém com quem eu não queria que ele dormisse, era com ela. *Logo ela!*

Logo ela! A Jen perfeita, linda, a Miss Estrela do Espetáculo, aos calcanhares de quem nunca poderei chegar. Que é capaz de convencer quem quer que seja a fazer o que quer que seja. De convencer quem quer que seja a dormir com ela. Até o Sean costumava olhar para aqueles caracóis louros e aqueles olhos cor de topázio como se nunca tivesse visto

nada mais belo. Todos a desejavam. Todos a amavam.

– Consigo imaginá-los. – Toquei na testa com os dedos. – Consigo ver os corpos deles, as caras, ouvir os sons que produzem. Não consigo evitá-lo. Estragaste a minha teoria sobre ele pretender usar-me para fazer ciúmes à Jen, mas não podes garantir-me que nunca nos comparou. Que nunca pensou nela quando estava comigo. – *Que não sentia uma ponta de desapontamento ao descobrir que não estava a fazer amor com a Jen, mas sim a comer a Amber.*

– Não, não posso. Mas ele pode. Ele pode explicar.

– Não há nada a explicar. Ele fez amor com a namorada do melhor amigo – *a minha melhor amiga* – e depois mentiu-me quando descobri.

O Eric fazia rolar o seu copo de *whisky* entre as mãos e fitava o interior. Das duas, uma: ou estava a tentar ferver o *whisky* com o poder do seu olhar ou estava embrenhado nos seus pensamentos. Apetecia-me repousar a minha cabeça latejante no braço do sofá e dormir.

De repente o Eric soltou um suspiro longo e frustrado.

– És tão perfeita que me admiro sempre que não tenhas uma auréola – disse ele. – Costumava chamar-te Santa Amber Salpone.

– Porque estás a virar-te contra mim? – perguntei, parecendo tão frágil como me sentia.

– Porque crescer contigo foi um inferno. Eras *sempre* tão boazinha, que ao pé de ti eu fazia sempre má figura, embora eu não me portasse assim tão mal.

– Saltar pela janela do quarto aos dezasseis anos para ir dormir com uma mulher de vinte e nove anos não é portar-se mal?

– Não quando relativizas a coisa: não andava a assaltar velhinhas nem nas drogas. Não era pior que ninguém da minha idade, exceto tu. Durante aquilo que se tornou a minha descompostura semanal, o pai estava sempre a fazer de ti um exemplo de como uma criança devia ser.

– E agora, quinze anos depois, decides queixar-te?

– Não... quer dizer, sim. Mas seria de pensar que já tivesses percebido que às vezes é bom portarmo-nos mal. É bom zangarmo-nos. É natural. Quando o pai me disse que íamos viver convosco, fiquei furo. Tive a maior crise de mau feitio de todos os tempos, gritei e esperneeiei. Não é que não vos amasse às duas, só não queria que a minha vida mudasse. Fiz a vida negra ao pai durante meses – mesmo já na vossa casa. Mas tu... tu recebeste-nos de braços abertos e adaptaste-te a nós sem olhar ao que isso faria à tua vida. Começaste

logo a chamar-lhe pai n.º 2 para nos facilitares a vida e nunca fizeste nenhuma asneira.

O Eric não sabia o que acontecia quando nos portávamos mal. Quando não fazíamos exatamente o que esperavam de nós.

– Era isso que eu queria dizer com aquilo de seres mais descontraída junto do Greg. Foi a primeira vez que te vi em que não estavas tensa, a tentar resolver tudo. Nunca te vi tão relaxada, nem quando estavas com o outro tipo.

– O *Sean*. O nome dele é *Sean* – sibilei.

– Sim, esse. Com o Greg foi a primeira vez que não tentaste adaptar a tua vida à dos outros. Estavas radiante. Serena. Não só porque o amavas e ele te amava, mas porque finalmente tinhas encontrado o teu porto seguro. Tinha esperança de que agora finalmente pudesses parar.

– Parar... parar de fazer o quê? – perguntei eu, cansada. Ouvir alguém a desconstruir-nos era fatigante. Cada pedaço que ele demonstrava e atirava ao chão tinha de ser limpo e devolvido à minha personalidade. Não tinha forças para tanto. O Eric respondeu:

– Sabes que filme é que sempre me fizeste lembrar?

Parar de fazer o quê?, perguntei silenciosamente enquanto abanava a cabeça.

– Bem, não é bem um filme, é mais uma fala de um filme, o *Heat – Cidade Sob Pressão*. O Robert de Niro (acho que é o Robert de Niro), ou talvez seja a personagem do Al Pacino... não, não, é o Robert de Niro... – Calou-se quando viu o meu ar de tédio. – Bom, não importa. Aquela fala em que o *Robert de Niro* diz qualquer coisa como: «Não tenhas nada na vida a que não possas virar as costas em trinta segundos, se vires a polícia ao virar da esquina.»

– Onde queres chegar? – repliquei eu.

– Acho que é bastante óbvio onde quero chegar.

– Eu estou envolvida em imensas coisas a que não posso virar costas. Eu... comprei um apartamento! E tenho um emprego. E...

Acabou-se-me o combustível. Agora que pensava no assunto não tinha assim tantas coisas a que não pudesse virar as costas em trinta segundos. Mas não acontece o mesmo com toda a gente?

– Seja como for, se me lembro, a única vez que ele se envolveu em qualquer coisa a que não podia virar as costas, mataram-no. Devia ter seguido o seu próprio conselho.

– Voltaste a fazer o mesmo. Mas agora é mais «não te envolvas numa conversa que não possas evitar em cinco segundos com uma

piada».

– Eric, eu tenho laços. Não podia virar as costas à vida que tenho em trinta dias, quanto mais em trinta segundos. Sou capaz de criar raízes.

– Porque viraste as costas a um relacionamento que te fazia tão feliz em cinco minutos, então? Se é que foi em cinco minutos, sendo tu perita em fugas.

– Eu? Não sou nada.

– És, sim senhor. Por isso é que eu dizia, Amber, que tinha esperanças de que, agora que descobriste o teu porto seguro, pudesses parar de fugir. Mas não. Ao mínimo sinal de perigo, dás à sola, como sempre fizeste, para fugir a tudo o que ameace tornar-se intenso.

– Há anos que trabalho para o Festival e isso é intenso – retruquei.

– Sim, é intenso, mas impede-te de seguires o apelo do teu coração. Trabalhas para o Festival porque não é aquilo que realmente gostarias de fazer.

– Eu adoro o que faço.

– Não duvido. Mas o que tu queres é ser realizadora. Sempre soube que era isso que querias ser. Quando éramos pequenos costumavas obrigar-me e a toda a gente a que conseguias deitar a mão a representar cenas de *Monkey*, *The Water Margin* e *The Pretenders*. Era uma seca brincar contigo porque estavas sempre a empurrar-nos diálogos para decorar. Era a única altura em que eras mandona. Ninguém podia discutir contigo quando estavas em modo televisivo. Queres ser realizadora, mas não te permites dar o salto de fé que é necessário dar por medo de falhar, de não ser a melhor.

Passou-me pela cabeça o argumento em que andava vagamente a trabalhar.

– Foges de tudo o que é importante na tua vida porque é mais fácil que ir à luta, sentir e sofrer.

– Não sei a que te referes – murmurei eu.

– Não me venhas com essa. No teu apartamento onde vives há, sei lá, uns sete anos, ainda tens coisas por desempacotar. Sempre que lá vou pergunto-me se alguma vez te livrarás das caixas. Mas continuam lá. À espera de que decidas largar tudo e seguir em frente.

– O que tem isso a ver com o resto?

– Tudo. Mostra que és uma foragida, que tens medo de criar raízes, por mais feliz que te sintas. Voltaste a fazer o mesmo com o Greg. Fugiste dele porquê? Porque ele dormiu com alguém *antes* de ti? Sim, foi com a Jen, e sim, ele mentiu-te. Mas foi antes de ti. Não se larga

uma pessoa por ter dormido com alguém antes de nós. Sobre tudo quando nem sequer conversaste com ele sobre o assunto. Não percebo o que te leva a fugir. Primeiro viste a tua mãe a fazer as malas para fugir de casa, e depois o teu pai abandonou-vos. Não suportas que os outros te deixem, por isso antecipas-te. Acabar com elas antes que acabem contigo. Mas o que acaba por acontecer é que acabas contigo antes que os outros possam fazê-lo. Magoas-te a ti própria fugindo, virando as costas ou privando-te do que poderia ser uma experiência maravilhosa – enfrentar um mau momento.

Deitei a cabeça no braço do sofá.

– Amber, por uma vez na vida, não fujas. Nem física, nem emocionalmente. Por uma vez na vida, leva as coisas até ao fim. Aceita a dor, vê como as coisas podem ser belas quando passar a tempestade.

Da plataforma, o Eric fez-me sinal para que lhe ligasse.

Acenei quando o comboio arrancou.

Depois dissemos adeus um ao outro enquanto o comboio saía da estação.

Capítulo 33

o princípio...

Abri a porta que dava para o escritório do SC, no edifício do *Sunday Yorkshire Chronicle*, e por breves instantes pensei que a impassível rececionista, que me conhecia de todas aquelas vezes que viera ao escritório visitar o Greg, o tinha avisado da minha presença, pois vi-o levantar-se muito devagar.

No entanto não se virou para a porta. Em vez disso declarou em voz alta:

– Uns minutos da vossa atenção, se fazem favor!

Os cerca de vinte funcionários do escritório interromperam o que estavam a fazer; alguns pousaram o telefone, outros pararam de escrever ao computador, outros fizeram uma pausa nas conversas para olhar para ele.

– QUERO QUE PAREM DE ME PERGUNTAR SE ESTOU BEM – berrou ele. – A MULHER QUE AMO DEIXOU-ME E OS MEUS AMIGOS ODEIAM-ME. ESTOU CERTO DE QUE MUITA GENTE AQUI CONCORDARIA QUE SOU UM PATIFE, E QUE ESTAVA A PEDI-LAS. POR ISSO DEIXEM-ME EM PAZ. SÓ QUERO FAZER O MEU TRABALHO. OBRIGADO.

Parecia tão derrotado quando se deixou cair na cadeira que quase virei costas para fugir dali para fora. Não me apetecia nada fazer o que vinha fazer. Mas fugir, de acordo com o Eric, era a minha especialidade. E tinha de parar de o fazer. Arrastei-me até à secretária do Greg. De barba por fazer, ergueu os olhos quando me aproximei:

– Acho que devemos conversar – disse eu.

– Como é óbvio, ouviste aquilo – disse ele mexendo a espuma do *cappuccino* com a colher, que lambeu e meteu outra vez na espuma para voltar a remexê-la. Com surpresa, apercebi-me de que era um hábito meu. Era tão irritante que era de admirar que alguém quisesse beber café comigo. Aliás, agora que pensava nisso, ninguém bebia café comigo mais do que uma vez.

– Sim – respondi. – Presumo que estavas a falar de mim.

Pelo rosto dele perpassou a perplexidade, a mágoa e finalmente um meio-sorriso.

– Suponho que mereço isso. E sim, estava a falar de ti.

- Costumas perder as estribeiras com aquela facilidade?
- Não. Mas desde que perdi os meus amigos e que tu me deixaste, tem sido difícil manter a compostura.
- Ainda não fizeste as pazes com o Matt?
- O Matt tem umas questões a resolver, questões essas que envolvem não falar comigo, não querer ver-me nem responder aos meus e-mails. E tu e a Jen?
- Vou falar com ela mais tarde, no fim das aulas.
- Importas-te que vá contigo? Há cinco anos que não vejo uma luta entre duas gatas assanhadas.
- Ergui uma sobrancelha.
- Gatas assanhadas? Machista. O que chamas a uma luta entre dois homens?
- Uma luta, claro.
- Não uma luta entre cães?
- Hum, visto os homens serem todos uns cães, és capaz de ter uma certa razão.

– Eu não te disse que tenho sempre razão?

A cor voltou-lhe ao rosto barbado e as olheiras passaram de negras a cinzentas enquanto sorria.

– Em todo o caso, não percebo quem é o Matt para te recriminar – disse eu. – Andava a trair a mulher há três anos e quando viajava «a negócios» traía a Jen. De todos nós, era o pior. Tu não fizeste mais do que guardar os segredos dele. – *E ir para a cama com a namorada dele.*

O Greg lançou-me um olhar quase tão impassível e pétreo como o da Martha. Eu não sabia que ele era capaz de o fazer.

– Querias conversar sobre o quê? – perguntou ele com frieza.

– Que te parece? – balbuciei eu. Não estava a ser nada fácil. Era mais difícil de que eu pensara. Uma parte de mim estava tão crispada e sentia-me tão estúpida, tão enganada e tão de segunda categoria que só me apetecia atirar-lhe com o chá à cara. O resto, a parte de mim com a qual o Eric conseguira comunicar, estava preparada para fazer quase tudo para ficar com ele. Tudo.

Era assim que eu me sentia quando ele me virava as costas. Quando alguém se aborrecia comigo. Tinha medo de voltar a ser aquela menina que encontrou a mãe a fazer as malas para fugir; que regressou da escola um belo dia e descobriu que o pai saíra de casa. De vez. A divisão que veio a ser o quarto do Eric era o escritório do meu pai e quando cheguei a casa estava vazio. As coisas dele tinham desaparecido do quarto e ele nunca mais voltou para casa. Nunca

mais. Tampouco explicou porque nos deixara. Fez as malas e desapareceu para nunca mais voltar. A minha mãe dissera-me que ele fora viver para outro lado e que a seu tempo poderia ir visitá-lo. Eu não queria que o Greg desaparecesse assim. Ou de todo. No entanto...

– Estás com bom aspeto. – A voz dele suavizara-se novamente. Talvez tivesse percebido que eu estava assustada. – Estás muito bonita.

– Fui visitar o meu irmão. Estava sempre a arrastar-me para longas caminhadas e a obrigar-me a beber *whisky* medicinal e comer comida saudável.

– Imagino que agora ele também me odeia – disse ele com um sorriso triste. *Claro que não, mas não te vou dizer isso.* Inspirei fundo para reunir forças para fazer o que tinha de ser feito.

– Porquê a Jen? – quis eu saber.

Ele passou uma mão pelo cabelo sem tirar os olhos do café.

– Lembras-te de te ter dito que, já depois de me apaixonar por ti, tinha ido para a cama com uma mulher que não parava de me perseguir?

– A queca piedosa? – Estava atónita. – Era a Jen?

O Greg assentiu com um aceno de cabeça.

– A queca piedosa era a Jen.

– Era isso que me querias dizer na noite em que partiste a minha caneca?

Voltou a assentir e continuou a brincar com o *cappuccino*.

– Então afinal eu sempre tinha razão: foste para a cama com uma vaca.

Ele fez um sorriso que não lhe chegou aos olhos. Não sei porque não se rebolou no chão à gargalhada. Tinha piada e era verdade. Tinha piada *porque* era a verdade.

– Diz-me o que querias dizer-me aquela noite no hotel.

O Greg abanou a cabeça e esfregou a cara com as mãos.

– Isso foi há uma eternidade. Agora é tarde de mais.

– Diz-me.

– Não vejo qual é o interesse.

– Diz-me, por favor. Eu estava demasiado zangada e magoada e chocada e paranoica para te ouvir. Mas agora quero ouvir-te.

– Eu...

– Faz de conta que estamos no quarto do hotel. Acabei de chegar do meu passeio e... – dirigi-me à porta do café e parei. Olhei para ele. Regressei à mesa. – Agora tu dizes: «Tinha esperança de que

voltasses.» e eu digo: «Não vim para conversar, só quero dormir.» E deitamo-nos. E tu dizes...

- Foi antes de ti. Assim que acabou, arrependi-me.
- Não o devias ter feito.
- Eu sei, e tenho-me sentido um farrapo desde que aconteceu.

E fomos transportados para o quarto de hotel. Está escuro, o luar entra pelas janelas, banhando o quarto numa luz mágica. Ainda há um abismo de raiva e choque entre nós.

– *Porque o fizeste, então?* – digo eu do meu lado da cama, virada para o armário.

O Greg vira-se para olhar para mim.

– *Ela fez-me sentir especial.*

– *Como assim?*

– *Andava atrás de mim há imenso tempo. Namorava com o Matt há um ano quando tudo começou. Quando estávamos sozinhos fazia-me avanços ou dizia-me que era bonito e sexy.*

– *As mulheres com quem dormes não te dizem todas o mesmo?*

– *Sim, e eu dizia-lhe sempre para não ser tonta ou ignorava-a. Mas naquela noite, quando ela me ligou e me pediu para lhe levar os CD e os vídeos eu já tinha bebido de mais. Não me lembro quanto beberei, mas sabia que não queria parar. Tinha estado com a Nina ao telefone. Desta vez não me chamou sacana, como sempre. Disse-me umas coisas muito mazinhas que eu sabia serem verdade. Disse-me que eu ia ficar sozinho, que ninguém de quem eu gostasse ficaria comigo porque eu era incapaz de amar.*

– *Porque não me telefonaste? Contas-me sempre estas coisas.*

– *Eu tentei. Peguei no telefone para te ligar, mas depois desisti. Era tão humilhante. Nunca me sentira tão imprestável. Nem quando a Kristy me deixou. E estava apaixonado por ti, não podia dizer-te nada daquilo. Mesmo que não acreditasses imediatamente, estariam sempre «a descoberto». Alojadas algures na tua cabeça. Bem vistas as coisas, já não confiavas lá muito em mim. Quando cheguei a casa da Jen já não estava nada bem. Bebi ainda mais e ela não se poupou a esforços: tocava-me, elogiava-me. Estava sempre a lembrá-la e a mim próprio do Matt. Ela trazia um vestido... Não é desculpa, eu sei, mas senti-me desejado. Depois das coisas que a Nina me tinha dito, sentia-me muito carente. Apercebi-me de que não devia dar trela à Jen e levantei-me para sair. À porta ela pediu-me um beijo. Dei-lhe um beijo na cara. Ela aproveitou para me beijar a sério. Depois, o meu corpo passou a agir por conta própria.*

Quero e ao mesmo não quero ouvir aquilo. Tenho de o ouvir, a bem da minha sanidade mental, para não imaginar cenários piores como beijos em câmara lenta à meia-luz e solos de saxofone... mas não quero ouvir porque se trata do meu namorado e da minha melhor amiga a terem sexo.

– Fizeste amor com ela na cama do Matt?

– Não foi fazer amor. Nem sequer foi sexo. Foi uma foda. Rápida e sem qualquer significado. Podia ter sido com qualquer uma, mas foi com a Jen.

Virei-me na cama para olhar para ele.

– Assim que acabou soube que tinha feito uma coisa terrível. Era daquilo que a Nina estava a falar. Eu era emocionalmente corrupto. Lembro-me de ter pedido desculpa à Jen e de lhe dizer que não voltaria a acontecer. Ela disse que devíamos discutir o assunto na cama.

Passaram a noite juntos?! O corpo esguio dela aninhado a ele, a escutar o seu coração enquanto adormecia. As mãos dele a acariciarem-lhe os caracóis louros. Provavelmente até lhe contara uma história para adormecer.

– Ela queria que fôssemos para a cama, penso eu, porque isso legitimaria a coisa. Como se gostássemos um do outro. Mas eu disse-lhe que não e fi-la prometer que nunca mais falaríamos no assunto. Que faríamos de conta que nada acontecera. Fui para casa e dei cabo do meu quarto. Era isso ou atirar o carro contra uma parede.

– E a Jen devia estar a sentir-se o máximo. Dormes com ela e depois dás à sola.

– Não foi fácil, sobretudo porque sabia o que o Matt andava a fazer. Mas ela sabia muito bem quem tinha diante dela. Eu sou um patife. Quantas vezes ao longo dos anos o disse? Já devia saber que ter sexo comigo acabaria como acabou.

– Porque não me disseste tudo isto, simplesmente? – pergunto eu. – Disseste-me que a Nina tinha uma vagina apertadinha, ligaste-me de esquadras da polícia e quartos de hotel, porque não me contaste isto?

– Porque não me terias dado uma hipótese. Não teríamos começado a namorar.

– Não podes ter a certeza disso.

– Posso. Nem sequer me deixarias chegar perto de ti se pensasses que me tinha atirado à Jen, quanto mais...

– E podes censurar-me? Querias ficar comigo se eu tivesse dormido com o Matt?... Não, espera, não respondas a essa pergunta, já sei a resposta.

– Estava sempre à espera que descobrisses. Que a Jen te contasse e que o meu mundo se desmoronasse à minha volta. Sempre que vias a Jen ou falavas com ela, preparava-me para o pior. Foi o maior erro da minha

vida, e arrependo-me todos os dias.

Não digo nada.

– Amber, eu amo-te. Não digo isto a uma mulher há mais de cinco anos. Amo-te e não quero perder-te.

Esta é a parte em que me derreto. Em que, a soluçar, lhe digo que também o amo, que agora que se explicou não me vai perder.

A música sobe de tom. Um close-up às nossas mãos entrelaçadas, seguido de um close-up aos nossos olhos cheios de lágrimas. Corte de cena para o nascer do Sol lá fora: o mundo ilumina-se, sabemos que tudo se resolverá. No fim o amor acabará por vencer...

Eu não estou na porra de um filme.

Se aprendi alguma coisa é que não estou num filme.

– O que te leva a pensar que já não me perdeste? – pergunto eu. – O que te leva a pensar que de cada vez que olho para ti não te vejo a fazer amor com a minha melhor amiga? Ou te ouço a mentir quando estava prestes a descobrir tudo?

Acabou. Acho que é isso que lhe estou a dizer. Não posso ter a certeza se é o que estava a dizer porque não sei. Nunca tive uma conversa destas com um homem. Não com um homem de quem gosto. Suponho que o Eric tinha razão. Nunca tinha chegado a este ponto. As pessoas deixam-me. Eu deixo-as. Nunca discuti o assunto.

– O que te leva a pensar que não me pergunto se não estarás a comparar-me com ela?

– Não foi assim.

– Mas como posso eu ter a certeza? Não paro de me perguntar se não terás ido comigo para a cama como uma espécie de prémio de consolação. Se afinal era ela quem tu querias, mas era eu que estava mais à mão.

– Eu nunca quis a Jen.

– Tens uma forma estranha de o demonstrar.

Sempre tive uma espécie de sexto sentido para o fim das relações. Sou capaz de me aperceber de que está próximo, vejo-o na forma como alguém fala, no que diz, no que não diz. Sinto-o a chegar, por isso não me dou ao trabalho de responder a mensagens forçadas, não me refugio em e-mails mais ou menos amigáveis. Assim que vejo um movimento na direção da porta sob a forma de uma palavra, um olhar ou uma ação, disparo a correr antes que os outros possam fazê-lo e não volto atrás. Não marco encontros nem tenho paciência para discursos de despedida. E isto parece-me um desses. O Greg solta uma gargalhada contida e grave, como o Mutley, o cão d'A Mais Louca Corrida do Mundo. Uma gargalhada sem humor, apenas um som entrecortado. O luar reflecte-se nos seus olhos, que

estão brilhantes.

Está a chorar. Não a rir, mas a chorar. Acho que sabe. Percebe o que estou a dizer. Embora eu não tenha a certeza, ele sabe que chegou o fim. Cobre o rosto com as mãos e deixa-se levar. Sinto-o a tentar agarrar-se à sua dignidade e ao seu orgulho, sabendo que estão fora de alcance, enquanto chora. Perdeu tudo. O melhor amigo. A amiga Jen. E, a acreditar nas suas palavras, a mulher que ama.

Independentemente do que fez, está a sofrer. E eu não posso ver alguém que amo a sofrer sem fazer nada. Seria incapaz de ver alguém que não conheço a sofrer sem fazer nada. Chego-me a ele na cama, ponho os braços ao seu redor, afasto-lhe o cabelo e embalo-o.

Lentamente o quarto ilumina-se. A escuridão desvanece-se e é de dia. O quarto de hotel dissolveu-se no ar e estávamos no café. A cama dissolveu-se e estamos sentados a uma mesa. O Greg tinha a cabeça enterrada no meu peito e os braços à minha volta. Eu abraçava-o e fazia-lhe festas no cabelo.

– Anda – sussurrei –, eu levo-te a casa.

Capítulo 34

... do fim

A Jen trazia a sua gabardina azul-escura. Eu, a minha gabardina vermelha. Tínhamo-las comprado há uns anos no mercado de Leeds por dez libras cada uma. Tinha-me esquecido que a Jen possuía outra coisa que não roupa de marcas finas.

Não podia entrar nas instalações da escola sem autorização especial de Deus, assinada em triplicado, por isso acerquei-me dela do lado de fora do gradeado. Era hora de ir para casa e a Jen estava a supervisionar a entrega das crianças aos pais. Viu o vermelho da minha gabardina pelo canto do olho e virou-se para ver quem era.

– Olá – disse eu através do gradeado. Tinha o coração na garganta. Aquele mal-estar que senti enquanto falava com o Greg? Não era nada comparado com o medo que agora sentia. Se corresse mal, perderia a Jen para sempre. E isso... nem conseguia pensar nisso. Nem mesmo em abstrato.

– Olá – respondeu ela com gelo na voz. Mantinha um olho nas crianças que corriam pelo pátio da escola. – Ainda não sei muito bem o que hei de achar de tudo o que se passou, por isso diz o que tens a dizer e vai-te embora. Eu depois falo contigo.

Franzi o sobrolho, tentando perceber a que raio se referia ela e, bingo! Percebi.

– Achas que vim aqui para te pedir desculpa – declarei.

– Claro.

– Porque havia eu de pedir desculpa?

– Passaste mesmo dos limites. Disseste umas coisas que me magoaram muito.

Abri a boca para lhe fazer notar que ela me levava meses de avanço no departamento das injúrias, mas parei a tempo.

– Não vim aqui para discutir – disse eu. – Nem para pedir desculpa.

– Para que vieste, então?

– Para ver o que conseguimos salvar da nossa amizade.

– Amizade? – cuspiu ela. – Se fosses minha amiga não tinhas desaparecido quando mais precisava de ti. Se fosses minha amiga tinhas ficado e conversado comigo a semana passada. Em vez disso

desapareceste, não atendias o telemóvel nem respondeste às minhas mensagens. Nada. Durante uma semana inteira. Na universidade era a mesma coisa. Saías para ir comprar leite ou para deixar uma carta no correio e só aparecias horas depois porque tinhas ido visitar alguém ou ao cinema ou dar um passeio. Estava sempre à espera de que fosses comprar chocolate e nunca mais voltasses, como aqueles homens que vão à rua comprar um maço de cigarros e nunca mais se ouve falar deles. E nem me avisaste quando decidiste regressar a Londres. A mim, a tua melhor amiga. A tua senhoria sabia, a companhia de eletricidade sabia, a companhia do gás sabia, a Telecom sabia, a empresa das mudanças sabia, mas eu não. Só ouvi falar no assunto quando passaste por casa num táxi para deixar umas coisas minhas que tinhas pedido emprestadas e para me dizer que me ligavas quando chegasses a Londres. Esperei quase um ano.

– Eu precisava de mudar de ares – disse eu, pouco convincente. Talvez o Eric tivesse razão quando dizia que eu dava à sola em trinta segundos assim que as coisas aqueciam para o meu lado.

– Eu precisei de ti esta semana, Amber. A minha vida ficou feita em cacos, mas uma vez mais tu desapareceste.

– Por mais que goste de ti, Jen, não posso dar-te conselhos sobre o teu relacionamento com o Greg – respondi eu.

A Jen fez sinal a outra professora para que vigiasse as crianças e depois voltou-se para me encarar.

– Nunca tive nenhum relacionamento com o Greg. O Greg odeia-me.

– Estás enganada. Ele pode não estar lá muito contente contigo neste momento, mas não te odeia. – Eu sei que não devia, mas é mais forte do que eu. É quase automático querer fazer com que ela se sinta melhor.

– E que diferença é que isso faz? O que interessa é que não houve nenhum relacionamento com o Greg, e que, como se viu, o meu relacionamento com o Matt acabou.

– Fala-me sobre ti e o Greg.

A Jen lançou-me um olhar de puro ódio, mas não desviei os olhos. Sustentei-lhe o olhar. Não se safava da conversa com esgares ameaçadores, por piores que fossem. Tinha de me contar. Ficaria ali toda a noite se preciso fosse, mas tinha de ouvir a sua versão dos factos.

– Está bem, eu e o Greg. – Acedeu ela entre dentes. – Há cerca de dois anos, quando eu e o Matt estávamos juntos há um ano, fomos todos a uma discoteca no aniversário do Matt, lembras-te? Tu e o Matt

foram para a pista de dança – estavam os dois tão bêbados que chegaram a dançar juntos. Fui ao bar buscar umas bebidas, ou talvez à casa de banho... não sei, já não me lembro. Bom, seja como for, estava a chegar à nossa mesa quando vi o Greg. Estava sentado numa postura descontraída, com os ombros caídos, a bebericar uma cerveja, mas fascinado a olhar para qualquer coisa. Tinha um ar de completa felicidade, de afeto... de alegria, até. Segui a direção do olhar dele e eras tu. Eras tu o motivo de tanta felicidade. Ele desejava-te. Fiquei furiosa. Outro tipo que se ia apaixonar por ti e não por mim.

– Perdão?!

– Os tipos apaixonam-se todos por ti e o Greg, que podia ter a mulher que quisesse, estava a ir pelo mesmo caminho.

– Os tipos não se apaixonam por mim, tornam-se meus amigos.

– Não. Todos te desejam. É como aquela história entre ti e o Ross na universidade.

O Ross fora um dos namorados da Jen de quem eu ainda gostava menos que do Matt – oh, sim, era possível. A Jen parecia ter uma queda para bandalhos. O Ross tinha o mau hábito de despir as mulheres com os olhos e eu era uma dessas mulheres. Quando decidi esfregar-se em mim e apalpar-me os seios contei à Jen. A desculpa dele era que eu andava sempre a exhibir o meu corpo à frente dele e ele pensara que era o que eu queria. A velha mas surpreendentemente eficaz defesa do «ela estava mesmo a pedi-las». A Jen continuara a sair com ele e limitara-se a vigiá-lo melhor. Por outras palavras, a certificar-se de que não ficávamos sozinhos.

– Aquilo magoou-me muito. Esperava que fosses minha amiga e...

– Espera aí, quando dizes «aquela história entre ti e o Ross» referes-te ao facto de estar sempre a apalpar-me o peito e a esfregar-se em mim?

– Vocês tinham histórias diferentes.

– Jen, o tipo estava sempre a apalpar-me. Isso não são histórias diferentes. Ele era um patife e lamento que tenha sido necessário apanhá-lo com outra para perceberes isso.

Tinham-se separado quando ele a deixou por outra mulher. Ela pensava que se reconciliariam até o ver a enfiar a língua pela garganta abaixo da outra mesmo à sua frente.

– Ele estava sempre a falar da tua figura feminina e a dizer-me que devia pensar em implantes.

– De que mais provas precisas? O tipo não prestava para nada.

– Mas ele tinha razão. Os homens gostam de mulheres como tu.

– Em que universo paralelo?

– Meu Deus, Amber, os homens respeitam-te. Respeitam-te, e depois acabam caidinhos por ti. Já comigo, ou só me querem levar para a cama ou têm medo de se aproximar de mim. Vêm cheios de atitude, armados em bons, mas na hora da verdade não passam de uns rapazolas cobardes a fugir a sete pés. E quando isso se repete algumas vezes começa a erguer barreiras, a comportar-te de acordo com as expectativas deles. Adquires a reputação de «virgem frígida», ou «rainha do gelo». E o ciclo repete-se. Enquanto isso, a tua melhor amiga ganha a reputação de ser uma pessoa alegre, simpática e calorosa. Que era tudo o que tu querias. Ser amada. Adorada. Respeitada.

Calou-se e engoliu em seco.

– Foi então que apareceu o Matt. OK, não era tão atraente como o Greg, mas o Greg era um promíscuo, não pretendia um relacionamento sério. Não olhou para mim duas vezes. Mas tu... Naquela noite, na discoteca, a história voltava a repetir-se. O Greg estava caidinho por ti. Uma vez mais era a Amber calorosa e simpática que ficava com o tipo. Naquela noite disse basta. Se o Greg queria ficar com uma de nós, seria comigo. Não com a calorosa e cheia de curvas, mas sim comigo. Fui ter com ele e comecei a seduzi-lo.

– Deixa-me ver se entendi: não foste para a cama com ele porque querias, e sim para que eu não pudesse ficar com ele? És doida?

– Eu não fui para a cama com ele.

Reparei que ela ignorara a parte do «És doida?».

– Não houve tempo para isso. Cinco minutos, de pé contra a parede do corredor. Foi tudo tão à pressa que nem tivemos tempo de usar um preservativo.

Céus. Céus. Pensara já ter ouvido o pior. Sabia em primeira-mão que o Greg era um defensor fanático do sexo seguro – após quase um mês sem me ver praticamente me rasgara a roupa toda, mas esperara até encontrar um preservativo antes da penetração. Mas com a Jen não. Com ela não. E...

De repente as palavras «Foi um descuido. Ele vai matar-me. Vai dar-me com os pés e depois vai matar-me» ecoaram no meu espírito.

– Por isso é que ficaste com tanto medo quando pensaste que estavas grávida – disse eu a custo. – Pensavas que o filho era do Greg.

A Jen anuiu com um aceno de cabeça.

A brincadeira dela com o Greg custara-me cento e oitenta libras. Em momento algum me oferecera dinheiro pelos testes de gravidez ou por

ter tido de trocar os bilhetes de comboio. Não me agradecera por ter deixado de visitar os meus pais por causa dela. Não que eu precisasse de agradecimentos. Só queria a verdade. Só a verdade. Seria pedir demasiado à minha amiga mais próxima?

– Depois disso, sabia que ele desistiria da ideia de tentar alguma coisa contigo. No dia em que te disse que o Greg me tinha feito avanços, pois bem, o Matt tinha-me contado que tinham apanhado uma grande bebedeira os dois e que o Greg lhe confessara que te achava sexy. Por isso decidi contar-te aquela história. Sabia que lhe pedirias contas e ele lembrar-se-ia de como eu podia arruinar-lhe a vida se se aproximasse de ti.

Tive de lhe perguntar outra vez:

– És doida?

– Amber. – Agora que a maior parte dos pais já viera buscar os filhos podia falar mais alto. – As mulheres deitam-te olhares invejosos por causa do teu peito. Agora imagina o que é fazerem-no por causa da tua cara? Não sabes como é difícil ser bonita. As mulheres odeiam-me. Os homens evitam-me. Eu só queria, por uma vez que fosse, ter o que tu tinhas. Só queria que o Greg olhasse para mim com o mesmo carinho.

O que a Jen estava a dizer era pungente, tocante, comovente.

Cabra atrevida.

Uma cabra atrevida que atravessara a barreira invisível. Que fizera algo que eu não podia perdoar-lhe. Estava a chamar-me feia. «Não sabes como é difícil ser bonita.» Nunca me passara pela cabeça que entre nós fosse aquela a frase que não se podia desdizer. O problema não era chamarem-me feia. Antes feia que estúpida. Era quem o fazia.

Que raio de amiga é a tua melhor amiga quando nem sequer consegue fingir que és bonita? Para que serve uma melhor amiga senão para nos insuflar o ego? Claro que deve dizer-nos se um determinado batom nos faz parecer umas prostitutas baratas em vez das acompanhantes de classe que pretendíamos parecer; ou avisar-nos quando temos brócolos nos dentes; ou se um tipo anda a fazer de nós parvas. Não teria sido tão mau se tivesse dormido com o Greg por gostar dele. Eu não teria ficado nada contente, mas se ela gostasse mesmo dele eu teria arranjado uma forma de o aceitar. Ela não faria o mesmo por mim. Chamara-me gorda, e eu deixara passar. Arranjara-me encontros às cegas, e eu deixara passar. Mentira-me. Manipulara-me. Chegara ao ponto de tentar seduzir o meu próprio irmão, de quem eu tanto gosto.

Agora estava a dizer-me que eu era feia. E há limites para o que podemos deixar passar até ficarmos soterrados debaixo de uma montanha de maus-tratos e comentários escarninhos. Até nos tirarem tudo.

Mentalmente, passei em revista tudo o que pensava sobre a Jen como se vasculhasse um guarda-fatos atravancado. Uma por uma, tirei da cruzeta e lancei ao chão todas as ideias positivas, banindo o bom-nome dela do armário dos meus pensamentos. Primeiro foi a vez de «dedicada». A seguir, «atenciosa». «Encorajadora»; «simpática»; «cheia de vida»; «compreensiva»; «arrebataadora» – adjetivos em monte no chão, à espera de serem removidos.

Arrumei o meu armário mental, purgando-o de tudo o que dizia respeito à Jen, até nada me restar dela. Estava tudo no contentor para ser recolhido pelos homens do lixo. Para o diabo com ela. Com ela e com a sua vida de sonho.

A Jen terminou o seu monólogo de dor e confusão, de beleza loira perdida num mundo cão:

- Por isso, como vês, não há nada entre mim e o Greg.
- Não sentes mesmo nada por ele? – perguntei eu.
- Só amizade. Só quero o Matt. Sei que não devia, mas amo-o. Quem me dera não lhe ter feito o que fiz.

E o que me tinha feito a mim? Em nenhum momento me pedira desculpa, nem me dissera que lamentava ter-me feito o que fez, pois sabia que podia fazer-me o que quisesse e que podia continuar a contar comigo. Sabia que o meu medo de ser abandonada me levaria a aturar-lhe tudo.

- Tenho a certeza de que tudo correrá bem, se lhe deres tempo. O rosto da Jen iluminou-se.
- Achas? – perguntou, ansiosa.
- Claro. Olha, é melhor ires andando, as tuas aulas de apoio estão prestes a começar. Eu ligo-te depois.
- Está bem. Nenhuma de nós tem mais ninguém neste momento. Mais vale ficarmos juntas.
- Pois.

Olhei para ela uma última vez. O cabelo loiro, curto, o rosto cadavérico, o corpo terrivelmente magro. Depois afastei-me. Estava tudo acabado entre mim e a Jenna Leigh Hartman. Já não havia nada a fazer pela nossa amizade. Para nós, era o fim.

Capítulo 35

o fim, parte dois

Desejei ter obrigado o Greg a ir para casa depois do café.

Tentara levá-lo a casa, mas quando o táxi parou à porta dele agarrara-me a mão com o olhar desesperado e amedrontado de um homem agarrado a um ramo de árvore, balançando à beira de um abismo, por isso acabara por levá-lo para minha casa, onde o instalara no sofá antes de iniciar a minha épica viagem através da cidade para ver a Jen.

A Jen. O meu coração estremecia sempre que pensava nela. A caminho da paragem do autocarro vira-me obrigada a parar para vomitar. Recebera alguns olhares estranhos e as crianças que saíam da escola soltaram exclamações de nojo e afastaram-se a correr. (De terceira categoria para miúdos daquela idade – a maioria dos que eu conhecia possuía um vocabulário mais rico que o meu.) Não consegui evitá-lo. Verificar que a última coisa que eu queria que acontecesse tinha acontecido deixara-me fisicamente agoniada. Tive de enxaguar a boca com água da garrafa que trazia na mala.

Quando abri a porta de casa a televisão estava ligada e havia um cheiro diferente no ar. Inspirei fundo. Limpeza. Cheirava a limpo. Inspirei fundo mais algumas vezes. Limão. Cera de abelhas, também. Detergente em pó. Líquido de limpeza. Olhei para o chão. O tapete vermelho da entrada tinha sido aspirado. As molduras das fotografias penduradas nas paredes do corredor tinham sido polidas. Dirigi-me à sala. Igualmente impecável.

O Greg estava estendido no sofá, com a cabeça apoiada numa mão e os olhos fixos no ecrã do televisor, exatamente na mesma posição em que o deixara antes de sair. Ao vê-lo assim, senti-me inclinada a acreditar que as fadas-arrumadeiras tinham visitado o meu apartamento e que, enquanto o Greg via televisão, tinham arrumado tudo, lavado a loiça, aspirado o chão, polido todas as superfícies, esvaziado cestos do lixo e colocado uma caixa com as coisas do Greg aos pés deste.

Mentalmente, encolhi-me ao ver aquela caixa, escondendo-me num local recôndito dentro de mim.

Era uma enorme caixa de plástico vermelho que eu usara nas mudanças. A despeito do seu tamanho, estava a abarrotar com a roupa dele, os livros, os CD, os sapatos, os vídeos, a escova de dentes, o *aftershave*, as vitaminas, os produtos para o cabelo que ele usava. Andara mesmo a mudar-se para minha casa pela calada. Pelo menos não seria tão discreto ao sair. E qual era a surpresa? Eu já lhe tinha dito que estava tudo acabado entre nós e ele parecera ter recebido a mensagem. Nesse ponto estávamos na mesma página. Mas não me passara pela cabeça que terminar tudo entre nós significaria não o ter na minha vida.

«Tudo acabado» = «Nada de Greg.»

Sentei-me no sofá.

– Como correu? – perguntou ele. Não sei dizer se estava a olhar para mim porque não conseguia tirar os olhos da caixa vermelha.

– Eh... não sei – disse eu, passando a mão pelo cabelo.

– Voltaram a ser amigas?

Engoli em seco para eliminar o nó que tinha na garganta. Não era capaz de o dizer. Estava tudo acabado entre mim e a Jen. A mais longa relação extrafamiliar que já tivera. Terminada.

– Não sei – disse eu, por fim.

– Ah – respondeu o Greg.

Eu olhava, atônita, para a enorme caixa de plástico com as coisas do meu namorado.

– Porque... isto é... como... eh... andaste a arrumar – disse eu muito a custo.

– Em parte fui eu que desarrumei. Também juntei as minhas coisas. Sabes, para o caso de... – Deixou a frase em suspenso, propositadamente. Queria falar no assunto, mas não queria ser ele a dizê-lo. Queria saber em que pé estávamos.

Não estávamos. Pensei que já lá tinha chegado, pensei que tinha percebido quando lhe disse que estava tudo acabado, embora eu própria não tivesse ainda a certeza. Por que outro motivo juntaria ele as suas coisas?

– Então... em relação a nós...

– Não sei – confessei. Já não sabia nada sobre coisa nenhuma. Se tinha aprendido alguma coisa, não, duas coisas nas últimas horas era que:

1. Não estava dentro de um filme.
2. Não sabia nada sobre coisa nenhuma.

– O que quer isso dizer?

Esfreguei os olhos.

– Quer dizer que não sei.

– E esperas que eu fique pendente até saberes? – Levantara a voz. Porque estaria ele a gritar-me? Julgaria que assim me decidiria mais depressa?

– Tu não sabes, por isso eu tenho de, o quê? Esperar? Esperar até saberes? É isso?

Olhei para a parede oposta. Era branca e tentei limpar a minha mente, deixá-la em branco como a parede.

– Devo esperar até decidires pôr-me na rua? Ouve, Amber, ou resolvemos isto agora ou...

Finalmente encarei-o e ele calou-se. Inspirou fundo e trespassou-me com os olhos.

– Se nos separarmos agora, é definitivo. Não estou a brincar. Acabam-se as chamadas, a amizade, os encontros, a tensão mal resolvida e a indefinição entre dois trintões com medo de ficarem sós. Tudo. Eu e tu, acabou-se.

Mal podia conter o vômito ao olhar para ele. Parece melodramático, mas era a verdade. Ele dormira com a Jen, o que já de si era uma notícia horrível. Mas saber que se tinha vindo para dentro dela... Apetecia-me vomitar. Fizera algo tão íntimo com ela, mas comigo não. Nem com nenhuma outra mulher para além da Kristy, porque era inflexível no que dizia respeito ao sexo seguro. Exceto daquela vez em que...

Como pudera eu ser tão estúpida? De repente percebi.

O teste de HIV. Tinha sido por causa da Jen. Por isso é que ele dissera que a vida dele tinha acabado. Porque se desse positivo isso queria dizer que a Jen era positiva e o Matt e a mulher do Matt também. E o seu castelo de mentiras teria caído por terra. Como pudera eu ser tão estúpida? Dois dos meus amigos mais chegados tinham passado por uma crise sexual mais ou menos na mesma altura e nunca juntei dois mais dois. Não uni os pontos. Não podia ser mais estúpida se tivesse doado o meu cérebro à ciência.

– E então? – quis ele saber. – Em que ficamos?

Não suportava olhar para ele. Odiava a proximidade dele. Voltei a olhar para a parede oposta.

– Tudo bem! Como queiras!

Pegou na caixa e tentou enfiá-la debaixo do braço, mas não conseguiu porque estava demasiado cheia. Em alternativa, enfiou-lhe

o braço por baixo e pegou num saco preto que estava atrás dela.

– NÃO SEI O QUE ESPERAVA DE UMA BESTA CONTROLADORA COMO TU! NÃO SEI PORQUE ESPERAVA QUE ALGUÉM QUE QUER SEMPRE TUDO À SUA MANEIRA PUDESSE MUDAR! MAS SABES QUE MAIS?

Debruçou-se para mim.

– TUDO BEM! – gritou-me na cara, tão perto que senti salpicos de saliva na pele; o calor do bafo dele; o seu divino aroma a baunilha e a especiarias exóticas.

Puxei os joelhos contra o peito enquanto o ouvia a tentar escapar. A bater com portas, a deixar cair coisas, a vociferar. A rogar-me pragas terríveis. Apertei os braços à volta das pernas e encostei a testa aos joelhos. De repente os ruídos terminaram. O meu apartamento ficou silencioso. Vazio.

Ele não voltaria atrás. Estava tudo acabado.

Encolhi-me no sofá e apertei os braços à volta do corpo, formando um pequeno casulo, quente e seguro.

Vou dormir, decidi. E quando acordar tudo voltará a ser como dantes. Não terei dormido com o Greg. Ainda serei amiga da Jen. Tudo voltará a ser como dantes.

Capítulo 36

começar de novo

Esperamos que a nossa vida mude, como seria de esperar.

Mas a minha não mudara. Não de forma dramática. Não como eu esperava. Passou um mês e a minha vida ainda não desmoronara.

O Greg tinha feito uma limpeza completa. Não havia sinais da presença dele em minha casa. O meu porta-CD, a estante dos livros, o guarda-fatos, as superfícies da casa de banho estavam cheios de espaços vazios, o que queria dizer que, de cada vez que ia à casa de banho, à sala ou ao quarto para me vestir, lembrava-me de até que ponto o Greg se tinha mudado para a minha casa. No entanto, quando se foi embora, foi de vez. Levou tudo com ele. Removera o cheiro dele de todas as superfícies. Pôs os lençóis na máquina para lavar, aspirou. Não havia cartas de amor nem fotografias em que nos beijávamos porque não éramos esse tipo de casal.

As cartas que trocávamos eram escritas na nossa pele quando dormíamos juntos. Quando fazíamos amor. Fodíamos. Tanto faz. As nossas fotografias eram instantâneos gravados na memória, como aquela vez que ele vestiu o meu sutiã e apareceu na sala. Ou aquela vez em que o fiz rir quando íamos de carro para Harrogate e fez um sorriso enorme e olhou-me com tanto afeto que lhe beijei as costas da mão. Ou quando ele desenhou um coração de *ketchup* numa sanduíche de *bacon* e ralhei-lhe porque o pão tinha um aspeto nojento e ele disse que eu era uma cabra de manhã e que comesse a sanduíche ou ele... Ou quando fazíamos um piquenique na sala com cerveja e sanduíches de chocolate derretido. Ou quando saí para ir beber uns copos e lhe telefonei da estação de comboios para lhe desejar boa-noite e ele fora buscar-me de carro. Havia montes de ocasiões assim. Montes de instantâneos.

A Jen. A Jen era diferente. Eu não pensava nela. De todo. Em todo o caso as nossas chamadas diárias já tinham acabado há meses. Os nossos encontros semanais cancelados. Eu tinha uma abundância de memórias da Jen, fotográficas e mentais, mas não acedia a elas. Não pensava na Jen.

Estava a recomeçar, não a desmoronar-se. Nem sequer tinha

chorado. Estava bem. Porque tudo estava bem. A sério.

Nem sequer me enterrara no trabalho porque o mês a seguir ao Festival era o período mais calmo do ano. Tínhamos tempo para dormir, para nos juntarmos e repensar estratégias. Para nos prepararmos para a edição seguinte. Embora estivesse oficialmente de licença, a Renée continuava a ir de Roundhay ao escritório todos os dias e assim faria até ao nascimento do bebé. O marido trabalhava a partir de casa e ela dizia que se lá ficasse, dava cabo dele. A Martha, que decidira permanecer loira – porque, diga-se de passagem, lhe ficava bem – tinha obtido a sua proposta de casamento e daria o nó na primavera, por isso passava imenso tempo a folhear revistas de noivas e a pesquisar *websites* de casamento.

– É como estar à espera que a guerra rebente – comentou ela umas três semanas depois da minha separação do Greg e Jen.

– Ainda bem que foste a primeira a dizê-lo – disse a Renée. – É mesmo isso. Eu digo-te, não é boa para o bebé, esta espera toda.

Eu continuei a folhear o livro de cinema que tinha em mãos, em busca de um artigo sobre um filme para a *newsletter* do festival. Já quase nem lhes prestava atenção. Quando começavam a discutir, ia fazer chá. E deixava-me ficar na *kitchenette* enquanto não terminassem. Não arbitrava; não tentava pôr água na fervura. Uma parte de mim sentia-se embaraçada por terem assistido ao que aconteceu. Uma parte de mim não queria voltar a envolver-se. Apesar do que o Eric dissera eu tinha assentado, tinha-me envolvido em coisas às quais não podia virar as costas em trinta segundos, e aprendera a minha lição.

– Amber – chamou a Martha.

Ergui os olhos. Estavam as duas espcadas a olhar para mim.

– Estamos a falar de ti – disse a Renée.

– Porquê? O que fiz eu desta vez? – perguntei.

– Andamos as duas nervosíssimas à espera de que tenhas em esgotamento – explicou a Renée.

– É natural – acrescentou a Martha. – Não deixaremos de olhar para ti com a mesma consideração.

Lancei-lhes um sorriso que dizia «azar».

– Não sou do tipo de ter esgotamentos. Não foi nada de mais. Acabou e eu ultrapassei a questão. Virei a página, percebem?

Ficaram as duas a olhar para mim com um ar de quem não acreditara numa única palavra.

Abri a gaveta da minha secretária e tirei de lá um envelope branco.

– Ia esperar até terminar a licença de maternidade – disse eu –, mas agora é tão boa altura como qualquer outra.

A cor desapareceu primeiro do rosto da Renée, depois do da Martha. Impressionante, um empalidecer simultâneo.

– Eu... – desviei os olhos. Não suportava aquelas expressões. Por isso é que me deixara ficar por ali tanto tempo, que deitara raízes. – Vou-me embora. Consegui um emprego, Diretora Associada do Festival de Cinema de Brighton e Hove. Vou-me embora um mês depois de regressares da licença. Podia ir embora mais cedo, mas não vos faria isso.

– Tu não vais a lado nenhum – disse a Martha.

– Obrigada, Martha, tiraste-me as palavras da boca.

– Estou cá há doze anos, acho que chegou a altura de...

– Amber, tu não vais a lado nenhum – disse a Renée. – Achas que passámos anos a preparar-te para ser a Diretora do Festival para os outros colherem os frutos? Não te vamos perder para outro festival.

– E, e, e – disse a Martha, em pânico –, não podes fazer isso.

– Se fosses realizar filmes ou qualquer coisa do género, ainda se compreendia. Mas outro FESTIVAL? Não. Não o permitirei.

– E, e, e – acrescentou a Martha – não me podes deixar sozinha com ela. Não é justo. És tu que acabas com as guerras. E ela sempre pode irritar-se contigo em vez de se irritar comigo.

– Vais ser a madrinha do meu filho.

– Vais ser uma das minhas damas de honor. Ainda não vos tinha dito, mas vocês são as minhas damas de honor – acrescentou a Martha.

– Já aceitei o emprego – disse eu.

Ambas se levantaram e vieram ter comigo.

– És a constante nas nossas vidas – disse a Martha. – O escritório não funciona sem ti.

(Típico de uma pessoa do cinema: apropriar-se da fala de um filme para os seus próprios fins. Ainda por cima um filme do Tom Cruise.)

– Mas nós não estamos num escritório – disse a Renée. Somos como uma família. Tu completas-nos.

(Agora era a vez da Renée. Se alguma das duas voltasse a debitar falas do *Jerry Maguire* não sei o que faria.)

– Pois, talvez seja por isso que tenho de ir embora – disse eu. – Talvez precise de um emprego e não de uma família.

– Não nos faças sofrer à conta do Greg – suplicou a Martha.

– Isto não tem nada a ver com ele – disse eu. Não estava a dizê-lo só

por dizer. Aquilo não tinha mesmo nada a ver com ele. Pronto, tinha tudo a ver com ele. E com a Jen. E comigo. E com a Martha. E a Renée. E com precisar de um recomeço. Eu tinha de fugir. De tudo o que levara àquele momento. E se começasse de novo talvez pudesse fazer tábua rasa a tudo. Esquecer.

– Chora, corta o cabelo, gasta uma pipa de massa, vai para a cama com aquele realizador que te está sempre a telefonar, mas *não te vás embora* – disse a Renée, como se «ir embora» fosse um eufemismo para «cortar os pulsos».

– Tens de ser tu a ir a Cannes para o ano que vem – disse a Martha.
– Caso contrário essa cabra obriga-me a ir. E eu não vou nem morta. Alias, se tu fores embora, eu também vou. Não vou ficar a aturá-la sozinha. Nem pensar. A vida é curta de mais.

– Se fores embora já não volto depois da licença de maternidade. Recuso-me a aturar a Martha. Lembras-te daquela semana que tiraste? Foi um inferno. Ela foi uma vaca. Recusava-se a atender o telefone. Recusava-se a ir comprar chocolate. Vou ter um bebé. Quando regressasse já só vinha como Diretora Associada do Festival. Em *part-time*. Ias ficar como Diretora do Festival. Mas sabes que mais? Se fores embora, eu não volto.

– É horrível trabalhar com vocês – sibilei eu, furiosa, sem tirar os olhos da secretária. Não estava a contar com aquilo. Não ali. Não agora.

– Connosco? – responderam elas.

– Estão sempre a discutir. E nunca assumem as responsabilidades. E não atendem o telefone. – Deixei escapar um pequeno soluço.

– Nós sabemos.

– Se querem que fique, terá de haver mudanças.

– Tudo o que quiseses.

– Vocês têm de fazer chá – disse eu.

– Sim.

– E têm de parar de me deixar sozinha a acalmar os cineastas.

– Tudo bem.

– E acabaram-se as discussões.

Silêncio.

– Desculpa, Amber, não dá – disse a Martha.

– Há limites para o que estamos dispostas a fazer para ficares – Disse a Renée.

Deixei-me cair na secretária e comecei a soluçar a sério. Coloquei as mãos sobre a cabeça, criando um pequeno círculo privado. O meu

corpo tremia com soluções que não sabia ter em mim.

Realmente não tinha a ver com o Greg. Tinha a ver com tudo. Com ouvir a minha mãe dizer que eu não podia ter nada a longo prazo com o Greg. O Eric dizer que eu passava a vida a fugir. Com o ter deixado de poder ouvir uma história todas as noites. Não falar com a Jen. Era ter descoberto que o Greg tinha ido para a cama com a Jen no fim do Festival – quando já pensava que ele gostava de protagonistas do meu mundo, descobrir que afinal o que ele queria era uma protagonista estilo Gwyneth Paltrow, nascida-para-o-estrelato. Era ter passado a noite do meu trigésimo primeiro aniversário sozinha por escolha própria. Era ter-me sentido tentada a falar com a Jen quando ela me ligou e me cantou os parabéns para o atendedor de chamadas. Era ter devolvido as flores que ela me enviara. Era ter as piores colegas de trabalho do mundo, que eram fantásticas porque não conseguia deixá-las. Era ter passado três anos a fingir que gostava do Matt quando na realidade sempre o odiara, mas por vezes via-o três vezes por semana e dava-me com ele só para facilitar a vida da Jen. Era saber que o Eric tinha razão, que escolhia sempre o atalho mais curto porque era mais fácil que dizer o que sentia. Era descobrir que o Sainsbury's já não vendia molho de beringela. Era tudo e não era nada.

A Martha e a Renée entraram em modo de crise enquanto eu chorava. Quando houvera lágrimas no passado era eu que ia a correr buscar os lenços, o chá e as palavras de conforto. Não tinha a certeza se elas sabiam o que fazer, mas foram fantásticas. Uma trouxe-me os lenços, outra o chá. Ambas encontraram palavras de reconforto.

– Nós adoramos-te, Amber. Se queres mesmo, mesmo ir embora, nós cá nos arranjamos. Vamos adorar-te para sempre. Eu ia adorar visitar Brighton.

Esta era a Martha.

– Antes de ires embora eu organizo o batizado. Vai ser uma grande festa, tu e a Martha vão ter de comprar fatiotas novas. E chapéus. Muitos dos meus amigos do cinema também vêm. Mas podemos combinar o batizado com a tua festa de despedida. Vai ser maior que o Festival.

Esta era a Renée.

– Que estão vocês a dizer? – Disse eu entre soluços. – Vocês sabem muito bem que eu não vou a lado nenhum.

– Fantástico – disse a Martha. – Odeio o sul.

– Estou tão feliz por teres decidido ficar – disse a Renée. – Porque agora vou telefonar àquele desgraçado e dizer-lhe das boas. A tentar

roubar-me o pessoal, o *bandalho*.

– Aqui tens linda – disse a Martha. Deixou cair qualquer coisa em cima da minha secretária com estrondo. – Tenho guardado isto na minha gaveta para o caso de acontecer uma coisa assim. Sei que são os teus favoritos.

Levantei a cabeça para ver o que era. Um pacote de Maltesers.

Senti o estômago às voltas. Arrastei a cadeira para trás e fui a correr à casa de banho para vomitar.

«o que tem o chocolate de tão
interessante? prefiro mil vezes
um pacote de batatas fritas»

Capítulo 37

nervos antes do casamento

O convite olhou para mim.

Eu olhei para o convite.

Estava ali sentada no meu sofá a olhar para ele e a revirá-lo nas mãos vezes sem conta desde que me tinha sido entregue.

– O que é? – perguntara eu ao carteiro que mo trouxera à porta há duas horas.

– Um convite de casamento – respondera ele enquanto eu rubricava a folha que me apresentara. – Só sei porque está no posto há algumas semanas, mas deram-nos instruções específicas para só o entregarmos esta noite.

Sorrira-lhe, recebera o envelope e fora diretamente para a cozinha, que esquadrinhara à procura de chocolate.

Desde que... desde tudo aquilo que se passara, há meses, deixara de comer chocolate. Deixara de ir à loja para lhe sentir o cheiro. De o comprar. Comer chocolate lembrava-me que eu não sabia ler as pessoas. Que não conhecia ninguém. Nem a mim própria. A coisa mais parecida que encontrara na cozinha, no fundo de um dos armários, fora cacau em pó. Saquei-o da prateleira e enfiei-o na boca à colherada. Absorvia logo a pouca saliva da minha boca e ficava duro como cimento, mas era impossível parar. Continuei até atingir o ponto. Até atingir a calma que me permitisse sentar-me no sofá a olhar para o convite.

Muita coisa mudara desde... desde. É assim que pensava no que tinha acontecido: desde... desde. Em três meses muita coisa mudara. A Renée dera à luz uma menina e chamara-lhe Johanne Jayne. Ainda não tinha havido batizado, mas estava em preparação. Tínhamos conseguido convencer tanta gente do cinema a vir ao Festival que uma revista de celebridades nos pedira para cobrir o acontecimento. Felizmente, conseguira tirar o telefone das mãos da Renée antes que ela respondesse. (Também era o telefone de casa – as coisas não tinham mudado assim tanto.)

A Martha encontrara o seu vestido de noiva e vestidos de damas de honor para mim e para a Renée – não estava a brincar quando dissera

que queria que fôssemos as suas damas de honor. Há uma semana disse-me que pretendia conceber um filho durante a lua de mel (Deus livrasse o espermatozóide do Tony de não obedecer).

E eu terminara o meu argumento. Tinha imenso tempo. As noites eram um deserto imenso. Às vezes chegava a casa e estendia-me no sofá a olhar para a mancha de humidade no teto com a forma das Bahamas, a pensar. As horas que passavam pareciam minutos. Os minutos que passavam pareciam horas. Parecia ter perdido o sentido das proporções. Por isso começara a usar esse tempo, essas horas e horas que se eternizavam, de forma construtiva. Quando finalmente o terminara, entregara-o ao Sr. Farejador de Chocolate para ler. (Havia uma enorme atração entre mim e o Sr. FC. Quanto mais nos víamos, mais óbvia se tornava. E, bom... bom, eu mudara.) Passámos muito tempo a trabalhar no argumento. E passámos muito tempo a discutir por causa dele. Ele não tinha peias em dizer o que pensava e eu mudara. Defendia-me. Não era preciso muito para discordar apaixonadamente de uma opinião dele. Dera muito de mim ao meu argumento. Era o meu bebé e não admitia que ninguém o insultasse. Não admitia que ninguém me dissesse que esta ou aquela passagem não soava bem, não funcionaria. O mesmo acontecia com outras áreas da minha vida. Eu mudara. Se ainda comesse chocolate, se ainda pensasse em função do chocolate, diria que sou o tipo de chocolate que nunca teria interesse comercial por consistir numa mistura tão eclética.

Tudo o que eu guardava bem cá no fundo – as avelãs, as passas, os favos de mel – tinha vindo à superfície. Pedacos duros: irritava-me, perdia as estribeiras e não pedia desculpas nem me afligia com isso. Ser chefe implicava ter de ser dura por vezes e não me preocupar com isso. Também tinha pedacos doces, as passas que compunham a minha parte tonta e feminina. Tinha pedacos ultradoces, os favos de mel que me faziam chorar no final dos telefilmes mais ridículos (só tinham de dizer «amo-te» e eu desfazia-me em lágrimas, pois sabia que estavam prestes a bater a bota). Tinha pedacos de caramelo que faziam com que as pessoas quisessem colar-se a mim – reparei que agora as pessoas me abordavam com o mesmo respeito com que se dirigiam à Renée. Efetivamente, eu mudara.

O Greg foi fiel à sua palavra e não voltou a ligar-me. Não me enviou e-mails nem mensagens de telemóvel. Não voltou a aparecer cá em casa nem me escreveu. A tecnologia é muito mais eficaz a lembrar-nos quando alguém está a tentar evitar-nos.

A Jen telefonava-me, enviava-me e-mails e escrevia-me. Mas eu não atendia as chamadas dela. Se atendesse o telefone no escritório e fosse ela, dizia-lhe que ligaria mais tarde e não o fazia. Para nós não havia como voltar atrás.

Quanto ao Matt... Do Matt não sabia nada. Nem queria saber.

Olhei para o convite. Um envelope de cor creme, papel espesso. Caro.

Talvez o melhor fosse rasgá-lo ao meio e deitá-lo fora sem o ler. Não podia ir ao casamento do Matt e da Jen se não recebesse o convite. Ou talvez fosse do Greg. Li num artigo do *Sunday Chronicle* o mês passado que tinha ido a Dublin. A Dublin, onde a ex, a ignóbil Kristy, vivia. Aparentemente aproveitara para visitar velhos amigos durante a estadia. Se estaria a falar em sentido literal ou figurado, não sabia. Como reagiria eu? Como reagiria se o Greg se casasse? Já não era tão doloroso como antes. Já não era a primeira coisa que me vinha à cabeça de manhã, ao acordar, nem a última em que pensava antes de adormecer. De vez em quando pensava nele. Apenas umas quatro ou cinco vezes por dia.

Deslizo os dedos por baixo da aba do envelope e abro-o. Retiro o cartão da mesma cor. *OK, respira fundo. Lê-o.*

O meu coração parou. Literalmente. Senti-me asfixiar, pedi ao meu coração que recomeçasse a bater, sentia a vida a esvair-se do meu corpo. Aparentemente estava a sofrer um ataque cardíaco. Apertei o peito, procurando forçar a entrada de ar nos pulmões.

Nas minhas mãos tinha o seguinte:

Eden Salpone

e

Leonard Hampton

Solicitam o prazer da sua companhia no seu casamento.

Virei o cartão:

Amanhã.

A minha mãe e o pai n.º 2 iam casar-se no dia seguinte. Às três da tarde. No cartório em Lewisham. No dia seguinte. NO DIA SEGUINTE.

Passei em revista todas as conversas que tivera com os meus pais nas últimas semanas. Nada. Nem uma só menção a casamento. Nada sobre «juntarem os trapinhos». Nem uma palavra sobre pretenderem casar com alguém com quem já tinham ido para a cama. Não tinha a minha mãe dito que isso não era possível, quase provocando uma

discussão entre nós sobre o assunto?

Não tinha propriamente dito «Eu bem lhe disse» quando o Eric lhe dissera que eu me separara do Greg – eu nunca lho diria –, mas também não tinha dito «Estava convencida que era para durar». Não verdade ficara, quando muito, indiferente. O pai n.º 2 é que tentara convencer-me a dar outra oportunidade ao Greg.

– Porque não lhe telefonas, amorzinho? – dizia ele noite após noite.
– Tentem outra vez. Vocês ficam tão bem juntos.

A minha mãe mostrava-se apenas aliviada por eu não ter sexo antes do casamento.

Aposto que o Eric sabia do casamento. Provavelmente tinha combinado não me dizer nada por ainda estar de luto por uma relação baseada em mentiras e em traições. Ia dizer ao Sr. Eric poucas e...

RING! Dei um salto ao ouvir o telefone.

– POR QUE RAIÃO NÃO ME DISSESTE NADA? – gritou o Eric quando atendi.

– POR QUE RAIÃO NÃO ME DISSESTE NADA? POR QUE RAIÃO NÃO ME DISSESTE TU? – gritei-lhe eu.

Silêncio. Respiração ofegante.

– Então eles não te contaram? – perguntou ele.

– Eric, eles nunca me contam porra nenhuma. Muito menos isto.

– Nem para te alegrar por teres rompido com o Greg?

– Não.

– Enviaram-me dois bilhetes de avião, para mim e para a Arri. Estão doidos. Porquê agora? Porquê manter tudo em segredo?

– Talvez... não sei. Não sei mesmo.

– Vamos ligar-lhes. Tu ligas à mãe e eu ligo para o telemóvel do pai.

– Está bem, falamos depois, então.

Com o auscultador numa mão, carreguei na tecla para desligar a chamada e RING!

Quase deixei cair o aparelho. Com alguma atrapalhão encostei-o ao ouvido.

– Recebeste-o? – perguntou a minha mãe.

– Hã? Recebi o quê? – disse eu, sentindo o pensamento turvo e enevoadado.

– O convite – replicou ela, impaciente.

– Ah, o convite para o casamento sobre o qual não me disseste nada.

– Queríamos que fosse uma surpresa.

– Bom, lá isso foi.

Ela não respondeu. Obviamente à espera de qualquer coisa.

– Estou à espera de que o digas – disse ela.
– De que diga o quê? Ah, desculpa, parabéns. Apesar do choque, parabéns. Estou muito contente por vocês.
– Não é isso, Amber. Já percebi que estás muito aborrecida.
– Aborrecida porquê? – perguntei.
– Por me casar com o Leonard depois de tudo o que disse sobre ti e o Gregory.

– Mãezinha, estou muito contente por casares com o pai n.º 2. Adoro-te. Foi um choque, só isso. Não estou aborrecida. Porque havia eu de estar aborrecida?

– Não mudaria estes últimos anos com o Leonard por nada deste mundo. Eu era feliz com as coisas como estavam, e era disso que me devia ter lembrado quando te falei sobre vocês os dois. Eras feliz com o Gregory. O Leonard contou-me o que ele lhe tinha dito sobre ti. Como te respeitava. Eu não sabia. Assumi pura e simplesmente que estava a usar-te. Fiquei furiosa comigo própria quando te separaste dele porque tive medo que fosse por causa de alguma coisa que eu tivesse dito. Só estava preocupada por ele ter aparecido na tua vida de um dia para o outro. Pensei que ia fazer-te sofrer. Eu preocupo-me contigo, Amber. Receio que não percebas o orgulho que eu e o teu pai temos de ti. Sempre tivemos orgulho de ti, de tudo o que fazes. Mas temos receio de que nunca te casas nem tenhas filhos. Passaste tanto tempo sozinha e isso preocupa-me. Não queremos que o nosso casamento te impeça de construir uma família.

A minha mãe fez uma pausa para recuperar o fôlego e eu aproveitei para intervir. O que ela dissera era coisa séria, era como se tivesse descido a rua toda nua. E era o início de uma conversa importante que não íamos ter. Algumas pessoas sentem necessidade desse tipo de abertura emocional. Eu não. Muito menos com a minha mãe. Eu e ela estávamos bem como estávamos. Não precisávamos de tentar forjar nenhum laço emocional entre nós quando já tínhamos uma ligação emocional. Se alguma coisa aprendera nos últimos três meses é que somos os responsáveis pelo nosso papel num relacionamento. Os únicos responsáveis. Que a forma como reagimos perante os outros é muito mais importante que a forma como nos tratam. Se não gostamos da forma como nos tratam, cabe-nos a nós mudá-la. Se nos calamos, estamos a dizer à outra pessoa que tratar-nos assim não faz mal. Assim era a minha vida. A minha mãe, o pai e o pai n.º 2 esperavam sempre o melhor de mim porque os habituara a isso. Eu era a bem-comportada e era isso que esperavam de mim. Não gostavam menos

do Eric por ele ser mal comportado, por fazer só o que lhe apetecia. Se eu, a exemplo dele, fizesse o que bem me apetecesse em vez de me preocupar com quem me odiaria à conta disso, seria mais feliz. A um nível muito básico fiz o que queria; a um nível superior teria descoberto quem me amava de verdade, quem estava a meu lado. Por isso é que gostava tanto do Eric: ele sempre quisera que eu fosse o que era. Por isso é que gostava da Jen. Costumava pensar que ela não queria nada de mim a não ser que eu fosse eu. E por isso é que amara o Greg mais que a qualquer outra pessoa. Porque, de todos os outros, era ele que me obrigava – às vezes de forma involuntária, com aqueles comportamentos ultrajantes que me faziam perder as estribeiras – a ser eu própria. Como toda a gente do planeta parecia perceber – e dizer – com o Greg eu relaxava. Relaxava o suficiente para ser eu própria. Tive um momento de paz. Vi o meu lugar neste mundo. E não acabou quando ele saiu da minha vida. Todas estas conclusões foram o resultado de muita reflexão. Do virar de uma nova página. De muito crescimento interior.

Por isso não precisava de ter aquela conversa com a minha mãe. Não queria que ela desnudasse a alma por se sentir culpada. Não precisava que ela me explicasse porque se mostrara tão fria e indisponível quando já sabia porquê. Eu e a minha mãe nunca seríamos amigas do peito; eu não queira sê-lo. Queria que ela fosse uma mãe para mim. Que me amasse e que estivesse ligada a mim por sermos mãe e filha. Para isso não eram necessárias conversas profundas e emocionais.

– Gostava que me tivesses contado sobre o casamento mais cedo – interrompi eu, mudando de assunto. – Não tenho nada para vestir.

– Parece que me lembro de te ter comprado um vestido para uma ocasião especial – disse a minha mãe, aceitando o novo rumo da conversa com elegância. Ouvi-lhe o alívio na voz. Ela também não queria uma conversa profunda e emocional. Tal mãe, tal filha.

Os céus apartaram-se, um coro de anjos cantou e tudo se tornou claro. Fora por isso que a minha mãe me obrigara a aceitar aquele vestido, e ao Eric, aquele fato. Por isso é que lhes vieram lágrimas aos olhos quando saí do provador. Não estavam a ficar piegas com a idade – ficaram comovidos porque sabiam que a próxima vez que me vissem naquele vestido seria no dia do seu casamento.

Os meus pais iam casar. Aqueles malucos fantásticos.

– Amanhã de manhã apanho o primeiro comboio para aí. Com sorte, espero chegar a tempo.

– Acho bem que sim, minha querida filha, és a minha única dama de honor.

– Não te preocupes, lá estarei. Deixa-me falar com o pai n.º 2, que deve estar a falar com o Eric.

Atravessei a multidão da estação de King's Cross, apanhada de surpresa pela atmosfera natalícia. Decorações, grupos corais, laços em todas as montras. Tinha-me esquecido de que estávamos no Natal. Seria na semana seguinte. Estava por todo o lado, mas eu tinha estado isolada de tudo. É uma época com a qual não sinto afinidade. O Natal em família era uma época carregada de perigos. Eu e a Jen passámo-lo juntas umas poucas vezes, a beber até cair e a comer guloseimas, longe dos elementos mais assustadores das famílias no Natal. Este ano, visto que ainda nem sequer tinha reparado que era Natal, nem sequer pensara onde ia passá-lo. Provavelmente sozinha, já que a minha mãe e o pai n.º 2 estariam em lua de mel, o pai n.º 1 estava no Gana e o Eric e a Arriane deviam estar a precisar de algum tempo só para si. Passar o Natal sozinha não era tão assustador como antigamente.

No dia anterior passara quase duas horas ao telefone com a minha mãe e o pai n.º 2 a rever os preparativos, a ouvir o que era esperado de mim e que parentes ficariam ao meu cuidado.

– Espero bem que não tenhas engordado – dissera a minha mãe antes de desligar. – Aquele vestido assentava-te na perfeição quando o comprei.

Quando muito, perdera peso. Desde... desde que passava mais tempo ao computador que a comer. O vestido estava-me largo...

Um movimento, um movimento de uma silhueta familiar a atravessar a gare da estação chamou-me a atenção, interrompeu-me a linha de pensamento. Alto de ombros largos, mas trazia o cabelo negronegro, negro com reflexos azuis – cortado muito curto. Quase como um *skinhead*. Só o vi de costas, um breve vislumbre de um perfil. É o Greg.

GREG!

Abri a boca para o chamar, mas depois lembrei-me que o Greg já não fazia parte da minha vida. Mesmo que aquela figura de passo decidido, com o seu cabelo de cor invulgar, fosse o Greg, que podia eu dizer-lhe? «Olá?»

O vulto desapareceu na multidão, um lampejo de algo familiar no meio de uma multidão de estranhos.

Talvez lhe enviasse um e-mail, quando regressasse. Estava certa de

que gostaria de saber que os alucinados dos meus pais se tinham casado. Mas só para lhe contar isso. Nada mais.

Dirigi-me ao metropolitano. Tinha de parar a caminho de casa para comprar uns sapatos adequados à ocasião. A minha mãe matava-me se percorresse a igreja de sapatilhas.

O Eric e a Arri estavam no cartório a receber os convidados; eu estava à espera de que a minha mãe acabasse de se arranjar. Não estava autorizada a vê-la senão no fim. A casa estava cheia de parentes da minha mãe, gente que não via há uma eternidade e que provavelmente não voltaria a ver tão cedo. A atmosfera encheu-se de conversas animadas, dialetos galeses, vozes alegres.

Ouvi a campainha da porta. Antes que pudesse atender, alguém o fez por mim.

– Amber? – chamou uma voz familiar alguns segundos depois.

Fiquei paralisada enquanto observava as minhas unhas pintadas por uma manicura. *Não pode ser. É impossível.* Lentamente ergui os olhos. Era. Era mesmo.

– Papá? – disse eu enquanto me levantava da cadeira.

O meu pai, o meu pai verdadeiro, o ventre de quem eu sou o fruto, apareceu à porta. Mais alto que eu mas não por muito, de rosto enrugado e cabelo grisalho, num fato azul com camisa bege e gravata azul-marinho muito semelhante à que os meus pais tinham comprado ao Eric.

Antes que pudesse perguntar-lhe o que fazia ali as conversas esmoreceram. Fez-se silêncio porque a minha mãe apareceu ao cimo das escadas.

Senti um nó na garganta e vieram-me as lágrimas aos olhos. Ela estava linda de morrer num fato de duas peças de cor creme com um colarinho alto bordado a ouro. No cabelo trazia uma fita em tons creme e dourado.

– Estás linda – disse o meu pai. Tirara-me as palavras da boca e quase me fizera cair de susto. O meu pai *nunca* dizia nada assim. Nunca.

– Amber, esqueci-me de te dizer que é o teu pai que me vai entregar no altar – disse a minha mãe, jovial. Como se fosse a coisa mais normal do mundo ser entregue no altar pelo ex-marido com quem – tanto quanto a filha sabe – não falava há mais de dez anos.

Apeteceu-me gritar – É DE ADMIRAR QUE EU NÃO SEJA BOA DA CABEÇA COM UNS PAIS ASSIM? É DE ADMIRAR QUE EU SEJA UMA FEIRA DE HORRORES

A marcha nupcial soou enquanto conduzia os meus pais pela coxia do cartório.

Talvez afinal não contasse nada daquilo ao Greg. Era do mais bizarro que havia. Os meus pais, aqueles que se odiavam, os que tinham feito da minha infância um inferno, estavam ambos aqui. De braço dado, na cerimónia do casamento da minha mãe com o meu outro pai, o pai n.º 2.

Pelo ar do Eric via-se que também não sabia de nada.

Passei os olhos pelas cerca de sessenta pessoas presentes no cartório para avaliar as reações. O meu coração começou a bater a contratempo. Ali estava o Homem de King's Cross, o que, de costas, parecia o Greg. O homem voltou-se para a noiva, que vinha atrás de mim. O rosto dele estava exposto pelo corte de cabelo curto. Os olhos dele deslocaram-se da noiva e poisaram em mim. Lagos enormes de chocolate negro encontraram os meus olhos.

Tropecei mas consegui recuperar o equilíbrio antes que me estatelasse no chão. Os olhos dele, tal como o rosto, estavam desprovidos de qualquer expressão. Deixaram de me olhar e regressaram aos meus pais. Eu parei de olhar para ele e parei de andar porque chegámos diante do funcionário do registo civil.

Durante toda a cerimónia senti os olhos do Greg na minha nuca.

Capítulo 38

casados e com filhos

Está a preparar-se para ir para a cama com ela.

Via-se a milhas. Tinha o rabo encostado às costas de uma cadeira, as mãos nos bolsos das calças, os olhos colados aos dela, mas a enquadrar-lhe todo o rosto. Como costumava fazer comigo. Além disso, uma vez disse-me que alguns dos seus melhores encontros sexuais tinham acontecido em casamentos. E ela, uma das minhas primas segundas ainda solteiras (do lado do Eric), era gira que se fartava. Com a sua longa cabeleira platinada e figura esbelta tinha-se literalmente atirado para cima do Greg assim que chegámos todos ao salão da boda. Provavelmente já estava de olho nele desde o cartório, constatará que estava sozinho e resolvera fazer-se à peça. E ele não estava propriamente a mostrar-se desinteressado.

Palerma. Um palerma que vai ter sexo esta noite. Aqui. Provavelmente ainda dou de caras com eles enquanto estiverem naquilo, e ui... bebi de mais.

De mais, em muito pouco tempo, de estômago vazio. Começava a ver as coisas um pouco enevoadas. Mas isso não me impedia de continuar a beber. Engoli o meu champanhe, desviei o olhar do caszinho e sondei o ambiente. O Eric estava a travar conhecimento com o meu pai. Estavam sentados a um canto, sozinhos, a conversar e a comer em pratos de papel.

Ainda nem acredito que o pai n.º 1 estava ali. O pai n.º 2 já me tinha dito que a minha mãe e o pai n.º 1 só tinham começado a dar-se melhor há poucos meses. Ela telefonara-lhe e convidara-o para o casamento porque queria recomeçar do zero. Não por si, não pelo pai n.º 2, nem pelo pai n.º 1, mas por mim.

Segundo o pai n.º 2, queria que eu soubesse que podia falar com os dois. Que podia passar tempo com um deles sem ter de me preocupar com a reação do outro. Sem ter de me sentir responsável pela felicidade de qualquer um deles.

– Queria que soubesses que o que lhes aconteceu a eles não tem de te acontecer a ti – continuou ele. – Não que alguma vez o tenha dito. Sabes como é a tua mãe. É capaz de dizer mil coisas sem pronunciar

uma palavra.

Sorri-lhe. Era estranho que uma pessoa tão fechada como a minha mãe tivesse encontrado aquele que provavelmente era o único homem da sua faixa etária capaz de dizer aquelas coisas. Estranho, mas fantástico. A minha vida teria sido muito diferente se ela não tivesse conhecido o pai n.º 2 depois de o pai n.º 1 ter saído de casa.

– Sabes, querida, a tua mãe e o teu pai não querem que fiques sozinha por medo de sofrer. – Acompanhou este último comentário com um olhar severo na direção do Greg.

Eu fiz o mesmo. Ainda estava a conversar com a mesma mulher e, se os meus olhos não me enganavam, ela aproximara-se um pouco mais dele. Iam para a cama juntos, de certeza. Horrorizada, desviei o olhar para o Eric e o pai n.º 1.

– Vai lá falar com ele – sussurrou-me a Arriane ao ouvido.

– Com quem, com o Eric? – disse eu.

– Não, com o desconhecido alto e bem parecido do qual não tiras os olhos e que não tirou os olhos de ti durante toda a cerimónia e os discursos e que agora está a fingir muito mal que não te liga nenhuma.

– Não tenho nada para lhe dizer.

– Querida, nunca cheguei a agradecer-te por teres chamado o Eric à razão na questão do bebé. Aquela atitude não é nada típica dele. Eu não estava a conseguir comunicar com ele, começava a senti-lo a afastar-se de mim. Mas o que tu disseste mudou tudo. Depois do fim de semana que ele passou em tua casa começámos a conversar. A dialogar em vez de discutir.

– Não precisas de agradecer, Arri – respondi. – Basta darem o meu nome ao vosso primogénito. Seja rapaz ou rapariga, eu não sou esquisita.

A Arri soltou uma gargalhada. É mesmo a irmã que eu nunca tive. Gosto imenso dela. Nunca teria perdoado o Eric se a tivesse afastado. Aliás, ter-lhe-ia perdoado porque eu perdoo-lhe quase tudo, mas far-lhe-ia a vida negra.

– Não sei porque te ris, estou a falar muito a sério – declarei. Estava a um passo de a abraçar e dizer-lhe o quanto gostava dela. *Bebi mesmo de mais.*

– Disseste ao Eric que não deixasse que certas coisas que podiam nem sequer acontecer o impedissem de se tornar o homem que deseja ser. No teu caso, o pior já aconteceu. O Greg dormiu com a tua melhor amiga e vocês separaram-se. Aquilo que podia não acontecer, aconteceu. Tu sobreviveste. Agora sabes que és capaz de resistir a

tudo. Vai lá falar com ele. Aquilo de que tens medo pode nem sequer acontecer, e se acontecer, tu sobreviverás.

Ouvi as palavras dela. Depois ouvi o significado por trás das palavras. Mas não era capaz. Podia até ter virado a página, mas não a ponto de chegar ao pé dele e começar uma conversa normal. Ou uma conversa, ponto.

– Vou pensar nisso – respondi eu.

– Não demores muito, linda. Se ele for para a cama com ela, mando-o matar.

– Antes que me perguntes que raio faço aqui, deixa-me dizer-te que foi o pai n.º 2 que me pediu para vir.

O Greg e eu demos inevitavelmente de caras um com o outro à porta das casas de banho. Mais tarde ou mais cedo ele teria de urinar e eu ia de meia em meia hora até que, a certa altura, as nossas bexigas coincidiram. Eu queria vê-lo de perto, queria ter a certeza de que ele estava com um aspeto tão miserável como eu às vezes me sentia.

– Disseste «pai n.º 2»? – perguntei-lhe.

– Ele pediu-me para o tratar assim. Acha que Sr. Hampton é demasiado formal e eu seria incapaz de lhe chamar Leonard. E disse-me que era uma pena que só uma pessoa lhe chamasse isso e se fazia o favor de o tratar da mesma forma.

– Agora dás-te às mil maravilhas com os meus pais, não?

– Não. O pai n.º 2 disse que era uma pena que... tu sabes, mas se eu não me importava de vir ao casamento à mesma. Suplicou durante dias a fio até eu lhe dizer que sim. E só vim por causa dele, não para te v...

– *Dias?* Sabes disto há dias?

– Há semanas, para ser sincero. Ele fez-me jurar segredo, pediu-me para não te dizer nada. – A expressão dele endureceu. – Respondi-lhe que não haveria qualquer problema.

Essa doeu.

– Ótimo. Logo tu tinhas de saber do casamento dos meus pais antes de mim. Já agora, como conseguiram contactar-te?

– Através do jornal.

– Ah.

Silêncio. Todos os outros convivas estavam a dançar, a divertir-se, a comer e a beber, enquanto nós estávamos à entrada do salão envoltos num silêncio apertado e sufocante que ameaçava asfixiar-me. Também perdera peso. Assim de perto via-se que estava mais magro. O fato cor

de antracite – aquele que trazia quando conhecera os meus pais – estava-lhe muito mais largo.

– Ouvi dizer que tencionas mudar-te para Brighton – disse ele.

– Ai sim? Quem te disse?

– A Renée. Ligou-me. Disse-me que se te fores embora, arranja alguém para ir atrás de mim e reavaliar a posição das minhas rótulas. E que a Martha me arranca os tomates com um alicate.

Se ao menos ele soubesse que elas não estavam a brincar.

– Nunca soube o que era o medo até ter sido ameaçado por uma francesa e o seu sabujo do Yorkshire.

Talvez soubesse, afinal de contas.

– Parece que falas com todas as pessoas que eu conheço menos comigo – comentei.

O Greg desviou o olhar. Mais silêncio. Asfixia.

– E que achaste de Dublin?

– Então leste aquilo, hã? Foi ótimo. Resolvi um monte de cenas com a Kristy.

Tal como eu pensava.

– Embora, depois da nossa conversa, tenha passado a maior parte do tempo com o marido e com os filhos. Adoravam as minhas histórias.

Ah. Ah! Sorri por dentro. Silêncio. Mais silêncio. Costumávamos passar horas a conversar, e agora era uma luta preencher alguns minutos.

– Costumas ver aqueles dois? – perguntei-lhe. Estava curiosa. Curiosa para saber se tinham seguido com a sua vida para a frente sem mim, se tinham resolvido as divergências e se continuavam a formar um trio bizarro em lugar do quarteto bizarro que formávamos anteriormente.

– Vejo o Matt – disse o Greg baixinho. – De vez em quando vamos beber uma cerveja. Estamos a tentar voltar a ser amigos... Ao longo dos anos ele fez coisas horríveis e eu perdoei-lhe, por isso... estamos a trabalhar nisso. – Franziu os lábios por uns instantes e encolheu os ombros. – Aliás, ele percebeu logo que não tinha amigos para além de mim e do Rocky, e o Rocky... bom, ficou pior que estragado quando descobriu que o Matt lhe tinha andado a mentir e a usá-lo como álibi durante dez anos. Proibiu-o até de lhe telefonar e recusa-se a falar com ele. Só me deixou ficar em casa dele porque eu fiz uma coisa terrível ao Matt. Agora o Matt só me tem a mim como amigo. Como já disse, estamos a trabalhar nisso.

E a Jen? Também estaria a «trabalhar nisso» com ela?

– Não tenho ouvido falar na... tu sabes. – Parecia ter dificuldade em pronunciar o nome dela. – Não tenho motivos para falar com ela.

E depois, mais daquele silêncio enquanto processava o que ele me estava a dizer. Estava a tentar recuperar o relacionamento com o Matt. Compreendia-se: lembrava-me de o ouvir dizer que eram mais próximos que irmãos. E sempre soube que as pessoas eram importantes para o Greg. As pessoas e as amizades. Ele era muito mais tolerante que eu. Sobretudo porque raramente acumulava ressentimentos. Quando chamamos a atenção das pessoas para pequenos deslizes quando estes ocorrem, não se acumulam até provocar uma explosão monumental. Não acabamos a cortar relações com pessoas de quem gostamos. A menos, claro, que estejamos a falar de mim.

Eu sou a única pessoa do mundo a quem o Greg é capaz de o fazer.

– Bem, estás com um ar horrível – disse eu para tentar fazê-lo rir, embora a graça do comentário fosse um mistério até para mim.

– Obrigadinho – replicou ele. – Também não estás com um ar lá muito saudável.

– Quando tirar a maquilhagem ainda fico pior – disse eu, procurando prolongar a piada embora a do táxi consiga ser melhor do que aquela.

– Não duvido.

– Diz o homem que tem ar de quem não dorme há um mês.

– Diz antes três meses, duas semanas e cinco dias, mas que diferença é que isso faz? Olha, adorava ficar aqui toda a noite a trocar insultos contigo, mas tenho mais que fazer. – Virou-me as costas e fez menção de se afastar.

– Não queres antes dizer que tens alguém à tua espera no quarto?

Ele parou de repente e deu meia-volta. Olhou-me com aquilo que eu definiria como puro ódio.

– Vai-te foder, Amber. – De forma completamente desnecessária, reforçou o olhar com três palavras de ódio, embora tecnicamente uma delas não devesse sê-lo, por se tratar do meu nome.

– Acho que isso já tu fizeste – respondi eu, calmamente. – Ou esqueceste-te disso, dadas as centenas de mulheres que levaste para a cama?

O Greg semicerrou ligeiramente os olhos.

– Não, lembro-me bem de ti. Eras aquela que se achava muito perspicaz, mas que precisava de receber um postal de cada vez que eu queria tocar-lhe.

Não consegui evitar um pequeno sorriso que se debate com os meus lábios, tentando expressar-se.

– Diz-me lá porque estás tão irritado comigo? – perguntei eu. – Para que a pessoa que está habituada a ouvir-te falar por enigmas possa perceber.

– Não estou irritado contigo, tu é que começaste com os insultos.

– Tu é que entraste logo a matar com aquela história do «antes que me perguntes que raio faço aqui». E lamento muito, mas estás mesmo com um ar horrível.

– Tu também.

Encolhi os ombros.

– Eu não estou a tentar levar ninguém para a cama.

– E eu estou?

Vi a prima em segundo grau a deslocar-se na nossa direção. Ao que parece, a sua conquista estava a demorar-se muito e estava a conversar com uma mulher desacompanhada. Não suportaria assistir à cena. Para mim o ritual de acasalamento já é enfadonho que baste – os sorrisinhos afetados, o bater das pestanas, e tudo o mais. (Admito que cheguei a tomar parte nessa atividade em particular com o Sr. Farejador de Chocolate – e em público –, mas que era uma hipócrita já eu sabia.) Com o Greg, provavelmente seria o meu golpe de misericórdia.

O Greg ia dormir com outra pessoa. Podia pôr a mão no peito e sentir a dor a dissecar o meu coração. Ele era livre de ir para a cama com quem quisesse, mas ia mesmo fazê-lo. Ali. No casamento dos meus pais. Na minha cara.

– Vemo-nos por aí – consegui ainda dizer antes da chegada da priminha.

– Hã? O quê? – disse ele.

Refugiei-me na casa de banho.

Pouco depois espreitei por trás da porta: nem sinal do Greg e da galdéria da prima em segundo grau. *Ótimo, posso esgueirar-me de volta a casa.* Veria a minha família durante o almoço de família, no dia seguinte. Felizmente, seria interdito a primos, por isso não teria de olhar para o sorrisinho de satisfação da vadia. Nem para o Greg.

No meu quarto, ou melhor, no que costumava ser o meu quarto na casa dos meus pais, alguém desmontara a cama e pusera o colchão de solteiro no chão, bem como um par de sacos-cama para o Eric e a Arri. O pai n.º 1 ficaria no antigo quarto do Eric, dois dos convidados ficariam no quarto da minha mãe e do pai n.º 2 e outros dois na sala

de estar. Naquele dia a minha mãe e o pai n.º 2 iam dormir num hotel.

A noite anterior quase nem dormira. Tinha tanto receio de perder o comboio que acabara por me levantar às seis da madrugada, embora, como já acontecia há três meses, só tivesse conseguido adormecer por volta das três. Aconcheguei-me sob o edredão no colchão de solteiro.

Lembrava-me de estar deitada naquele quarto a desejar precisamente aquilo. Paz e silêncio. Enquanto crescia, ansiava por algo que substituísse o ruído interior e exterior. A minha mãe e o pai n.º 2 nunca discutiam, mas esperar pelas discussões era igualmente ensurdecador. Barulhento. Habitudara-me a contar com os berros e as discussões, embora isso nunca tivesse chegado a acontecer.

Aquela fora a minha casa dos horrores. Fazia tudo para evitar ir para casa. Ia para a biblioteca depois das aulas, levantava-me cedo para ir a casa de uma colega antes das aulas. Agora estava tudo calmo.

Pensei novamente nos meus pais.

Estavam diferentes. Tinham mudado ao ponto de fazer um esforço por mim. Finalmente tinham encontrado um motivo para acabar com todo aquele ódio. Não estava a vê-los tornarem-se amigos, mas pelo menos não andavam a atacar-se um ao outro. Que era tudo o que eu queria. Nunca quis que voltassem a viver juntos nem que fôssemos os melhores amigos. Só não queria que tivessem vontade de se matar um ao outro.

A minha vida mudara tanto nos últimos três meses. Ou melhor, no último ano, para ser mais exata. No último ano passara a ver as coisas de uma perspetiva diferente e percebera que os meus pais não eram malévolos, apenas pessoas. O sofrimento que me causaram não era intencional, mas não deixava de doer. Doía tanto mais quanto mais me agarrava a ele. Usara-o como uma arma para derrotar quaisquer possibilidades de amar, para me manter «segura» evitando passos mais arriscados. O passo mais arriscado que dera em toda a minha vida fora com o Greg.

A minha convivência com os meus pais ensinara-me a andar sempre em fuga, com medo de ficar presa. E agora sabia o preciso momento em que parara de fugir. Fora inconsciente, mas descobri o momento exato.

Puxei o edredão por cima da cabeça. Ver os meus pais juntos colocara a última peça do *puzzle* no seu lugar. O mo...

A porta do quarto abriu-se e preparei-me para sentir a Arri e o Eric a entrar aos tropeções, a despirem-se aos risinhos e provavelmente a beijarem-se... *Blargh! Espero que não se lembrem de ter sexo comigo aqui*

no quarto.

– Desculpe – sussurrou uma voz. – É aqui que o Eric e a Arriane vão dormir?

Eu conheço esta voz. Afastei o edredão.

– Amber? – disse ele enquanto me sentava no colchão.

– Greg – disse eu, lacónica.

– Aqueles... aqueles *sacanas* – rosnou ele. – Já devia saber que era bom de mais para ser verdade. Não acredito que me fizeram isto. – Agitou os braços no ar, frustrado. – O Eric ofereceu-se para trocar o meu espaço para dormir em East Finchley pelo espaço deles aqui. Disse-me que o quarto de East Finchley ficava a quilómetros de distância e que a pessoa com quem eu ia ficar seria um dos últimos convidados a ir embora. Deu-me as chaves da casa e disse que o quarto deles era o da direita.

– Este era o meu quarto.

– Ele disse-me. Jurou-me a pés juntos que não ficarias cá em casa.

– Já alguma vez ficaste com a impressão de que há alguém a tentar levar-nos na conversa? – disse eu. – Amanhã vou dizer-lhes poucas e boas.

– Então também tens de te haver com os teus pais. Por mais que goste do pai n.º 2, tenho a impressão de que fui convidado para falar contigo.

– És capaz de ter razão.

– Os outros quartos estão livres?

– Não, foi tudo planeado com precisão militar. Está tudo cheio: até o sofá. Mas acho que a casa de banho não tem ninguém. Já dormi numa banheira. Não é assim tão mau uma vez que nos habituamos a escorregar. E àquele momento em que acordamos com a sensação de que estamos num caixão aberto. E estamos sempre a ser acordados por pessoas que têm de usar a retrete.

– Vou a East Finchley reclamar o meu espaço.

– Está bem, faz como quiseres, mas será que não é possível passarmos a noite no mesmo quarto sem fazermos disso um drama? Fizemo-lo durante anos. Já estou meio a dormir. Daqui a cinco minutos estarei apagada como uma luz. Depois podes fazer o que bem entenderes. Menos bater uma. Não quero acordar com o cheiro do esperma e do suor. Mas se quiseres ir a East Finchley estás à vontade. Vou dormir. Boa noite.

– Está bem – disse o Greg, – eu fico. Se não te importares.

– Hum-hum.

Ele encostou a porta até deixar passar apenas um fio de luz. Ouvi-o despir-se e enfiar-se no saco cama mais próximo da porta e mais longe de mim, o que me pareceu muito bem, é claro. Passou algum tempo. Conseguia cheirá-lo, o odor que ele eliminara da minha casa. Aquele seu cheiro inebriante almiscarado. Baunilha e especiarias exóticas. Adorava aquele cheiro. Adorava-o quando se colava à minha pele. Adorava-o quando podia enterrar o rosto no peito dele e cheirá-lo. O tempo continuava a passar. Tentei abrandar o ritmo da minha respiração. Concentrar-me em adormecer.

– Eu não dormi com ela – disse ele passado um bocado.

– Com quem? – Uma pergunta que fazia muito sentido. Quer dizer, com quem é que ele ainda não teria dormido?

– Com aquela mulher, a Salene. Não dormi com ela.

– Como é óbvio.

– Pronto, não dormi com ela, não fui para a cama com ela, não fiz amor com ela, não a fodi. Nem sequer a beijei. Depois de ti não toquei em mais nenhuma mulher. Desde aquela noite que começou no corredor da minha casa.

Por isso é que ele tinha aquele aspeto horrível – estava em crise de abstinência.

Ele soltou uma pequena gargalhada.

– Lembras-te daquela noite, quando estávamos deitados no corredor? Olhei-te nos olhos e estive prestes a pedir-te em casamento. Quando te disse «quero que fiques comigo», o que eu ia mesmo dizer era «quero que fiques comigo para sempre, casa comigo». Felizmente parei a tempo, ou terias fugido da casa aos gritos.

Ele ia mesmo pedir-me para casar com ele? Aquilo era... de doidos. Tão... típico do Greg. Ele sabia que eu não acreditava no casamento, mas mesmo assim ia fazê-lo. Era por coisas assim que eu o amava. Eu não tinha jeito nenhum para relacionamentos e ele também não. Quando um de nós se mostrava carente, o outro desatava a fugir a sete pés. Estávamos na mesma página muitas vezes – só que em livros completamente diferentes.

– Contigo, tive algo melhor que andar por aí com uma e com outra. E quando se prova do que há de melhor, já não se quer outra coisa – disse ele. – E tu? Andas a sair com alguém?

Hesitei. Hesitei como ele costumava hesitar antes de dizer algo que sabia que eu não queria ouvir. Não é tão calculista como parece. É difícil saber que estamos prestes a dizer qualquer coisa que vai magoar alguém de quem gostamos.

– Mais ou menos – disse eu.
– Certo. – Inspirou profundamente. – E quem é?
– É um realizador de cinema que conheci. Tem estado a ajudar-me com um argumento que escrevi.

– Certo. – Outra inspiração profunda. – É coisa séria?
– Depende do que queres dizer com isso.
– Já... – interrompeu-se e voltou a inspirar fundo. – Já dormiste com ele?

Hesitei.

– Se passámos a noite a dormir na mesma cama? Não. Mas se estás a perguntar se já fui para a cama com ele... – Voltei a hesitar. – Então, sim. Já dormi com ele.

Ele conteve a respiração. Parecia magoado. Eu podia ter mentido, mas porquê reagir daquela maneira quando soube dele e da Jen, e dele e do Matt, se depois fazia o mesmo?

– Certo. Está bem. Bom, é melhor dormir – disse ele afetando indiferença. – Boa noite.

– Boa noite.

O quarto ficou em silêncio e ouvia-o respirar como se alguém estivesse a apertar-lhe uma almofada contra a cara e a pressionar-lhe os pulmões.

– Amber. – Desenvencilhou-se a custo do saco-cama e sentou-se. – Não quero que voltes a sair com esse homem. Sei que não tenho o direito de exigir nada, já que não estava propriamente a evitar a Salene e dormi com a tua melhor amiga uma vez há muito tempo, e era eu que não queria que continuássemos a ser amigos, mas não quero que saias com mais ninguém. Não quero que faças amor com mais ninguém.

– Não fiz amor com ele. Só fomos para a cama.

Ele continuava a fazer aqueles ruídos aflitivos ao respirar.

– Falas como se fosse uma coisa sem importância mas não é. Não é. Sobretudo quando ele parece tão perfeito para ti, faz coisas contigo que eu não posso fazer, como trabalhar no teu argumento. Parece o tipo de homem com quem eu esperava que ficasses. Se assentares com ele será o meu fim. Ainda não te esqueci. Não segui em frente nem sequer pensei em fazê-lo. Não sei como. Seguir em frente para onde? Tive raparigas atrás de mim durante estes últimos meses apesar do meu ar acabado. Mas não fui capaz, simplesmente não fui capaz... Imaginar outro homem a beijar-te, pior, saber que ele te tocou está a deixar-me doido. Está a dar cabo de mim... Achas que vim ao

casamento porque o pai n.º 2 me pediu? Vim para estar perto de ti. Tudo para estar perto de ti. Até cortei o cabelo porque sei como te irritava. Quando estive na Irlanda a Kristy disse que te odiava porque precisei de cinco anos e uma gravidez para a pedir em casamento. Andara anos a dar-me a entender por indiretas que queria que fosse viver com ela, que devíamos casar, enquanto bastaram seis meses para querer pedir-te em casamento e três para querer que vivêssemos juntos. Quando a Renée me disse que estavas a pensar ir viver para Brighton, a primeira coisa que fiz foi ir à Internet pesquisar empregos na região. Pensei que me conhecesses. Deves ter sabido que não te disse que não queria que fôssemos amigos por achar que eras uma besta controladora, mas porque não era capaz de olhar para ti dia após dia e saber que não podia tocar-te nem abraçar-te por ter sido tão estúpido...

– CALA-TE! – gritei eu de repente. – CALA-TE. CALA-TE. CALA-TE. SE TORNO A OUVIR MAIS UMA PALAVRA TUA, AQUELA BANHEIRA VAI PARECER-TE UMA SUITE DE LUXO.

O Greg fez o que lhe disse.

– Fui para a cama com ele uma vez. Uma única vez. Para provar a mim mesma que era capaz. Não queria que a última pessoa com quem dormi tivesse ido para a cama com a Jen. Era doloroso de mais, tinha de fazer alguma coisa. Fi-lo uma única vez com ele e sim, o sexo foi bom, mas mesmo assim não voltou a acontecer. Ele está sempre a convidar-me para sair, quer que seja namorada dele, quer fazê-lo outra vez. Nunca lhe disse que sim. Nem talvez. Digo-lhe sempre que não. Só continuo a vê-lo porque estou a trabalhar com ele.

– Ah – disse o Greg. – Então não estás interessada em sair com ele?

– Não. Nesse sentido, não.

– E o sexo não foi incrível?

– Não. Foi bom, incrível não.

– O sexo entre nós sempre foi incrível, não foi?

– Sim, Greg.

– Fantástico.

Agora sabia o momento exato em que parara de fugir. Fora aquele segundo a seguir ao primeiro beijo do Greg. A única pessoa que era capaz de trazer ao de cima o melhor e o pior de mim beijara-me, fizera algo tão bizarro que o meu subconsciente decidira juntar-se à brincadeira. Decidira fazer o impensável e levar a coisa por diante. Nesse fim de semana dera-me de conta que algo mudara, de que estava diferente. E tudo porque o Greg fizera algo de que eu não

fugira.

Sentia a falta dele. Não apenas do sexo e das histórias, da nossa rotina e das gargalhadas. Sentia a falta do Greg. Que importa se ele não farejava chocolate? Se era bonito de mais? Se fora para a cama com a minha melhor amiga? Eu deixara de fugir. Na folha de balanços da Martha, isso tem mais peso que tudo o resto. O meu homem perfeito não era perfeito.

Simplesmente provocava em mim aquele efeito balsâmico que só sentia quando comia chocolate.

Desatei a rir.

– És tão choninhas – disse eu entre risinhos – Oh, a Amber foi para cama com outro. Tenho dói-dói.

As gargalhadas luminosas do Greg, aquelas que vêm lá do fundo do peito, encheram o ar, fazendo-me rir ainda mais.

– E tu, senhora «Pergunto-me Se Ele Foi Para A Cama Com A Kristy Quando Esteve Em Dublin» e «Aposto Que Anda A Comer A Salene»? Havias de ver a tua cara... Estavas toda roidinha de ciúmes.

Ri-me ainda mais.

– Não, só achei que podias ter conseguido melhor.

O Greg abafou uma gargalhada.

– Sempre tive péssimo gosto em mulheres.

– Eu sei – disse eu sem conseguir conter o riso – Ahh, caramba, és tão engraçado. Como eu te adoro.

O riso morreu-lhe na garganta.

– Isso não teve piada nenhuma.

– Não estava a tentar ser engraçada. – Hesitei. – Estava a tentar dizer-te... Estava a tentar dizer-te que embora nunca tenha dito quando estávamos juntos, eu amava-te. Quero que saibas. Para o caso de teres dúvidas.

– E agora?

– Agora sei que posso viver sem ti.

– Certo – disse ele.

– Mas não quero.

– Estás a dizer que queres fazer as pazes?

– Estou a dizer que superei a questão da Jen. E do Matt. E as mentiras. Basicamente metemos nojo quando não estamos juntos. E quando estamos juntos somos perfeitamente repelentes, mas pelo menos o sexo é fabuloso.

O Greg saiu do saco-cama e atravessou divisão a gatinhar, agarrou-me por baixo dos cobertores e puxou-me para cima do saco-cama ao

nosso lado. Envolveu-me num abraço. O rosto dele estava a centímetros do meu quando disse:

– Após aturada reflexão, decidi deixar-te aceitar-me de volta. É o melhor para todos.

– Só estás interessado no sexo – disse eu entre gargalhadas.

– Como tu me conheces tão bem – respondeu ele. Antes que me beijasse pus-lhe dois dedos nos lábios.

– Tenho de te perguntar uma coisa antes de me deixares sem fôlego, meu menino.

– Não, o que se passou com a Jen não teve qualquer significado para mim. Foi a pior asneira que fiz na vida e todos os dias desejo poder voltar atrás e apagar o momento de loucura que me levou a fazê-lo.

– Obrigada por partilhares, mas não era nada disso que eu ia perguntar.

– Ah, desculpa. Finge que não falei no assunto. Pergunta lá.

– Queres ir viver comigo, meu grande doidivanas?

Epílogo

a senda do chocolate

– Que surpresa encontrar-te aqui.

Oh não. Esta voz pertence a uma pessoa que eu não quero ver. Nunca mais. O Eric e o Greg tentaram mandar-me à rua para lhes comprar chocolate enquanto assistiam ao jogo de futebol, e quando iniciei a segunda ronda de abusos verbais a Arriane intercedeu por eles e pediu-me o favor de vir à loja porque tinha desejos de chocolate induzidos pela gravidez. E agora isto.

Com uma tablete de chocolate em cada mão, viro-me para a esquerda.

– E que diabo queres tu? – pergunto.

Ela aperta o saco das compras junto ao peito como um escudo defensivo. Tem o aspeto que costumava ter antes da Metamorfose Matt: cabelo louro e ondulado, um rosto cheio, mais curvas. Voltou a ter uma aparência normal. Passaram-se quase nove meses desde que a vi pela última vez, no pátio da escola. É claro que a reconheço, com ou sem o peso, mas continuo a olhar para o rosto de uma estranha.

– Ver-te – responde ela.

Tenho de admitir que a Jen possui uma couraça dos diabos. Nos últimos nove meses tem-me telefonado quase todos os dias, a despeito do meu silêncio. Telefona, envia-me e-mails e cartas, embora eu continue a não lhe passar cartão. Só não tinha tentado falar-me pessoalmente – até agora. Quando o Greg veio viver comigo, alterei os meus números. Ou melhor, os nossos números (ao fim de seis meses ainda não me habituei a dizê-lo).

– Isto cheira-me a coisa do Greg.

– Não, foi o Eric.

– Mas meu irmão *odeia-te*. – Um comentário um tanto impertinente, mas pronto, está bem.

– E tem razões para isso. Mas também sabe como eu gosto de ti. Disse-me que te faria sair de casa para eu poder falar contigo.

O Eric é a única pessoa no mundo que sabe o quanto eu sinto a falta da Jen. O Greg não se atreveria a sugerir-me que fizesse as pazes com ela. É muito cuidadoso no que diz a respeito dela, é tudo. Quando a

nossa maratona de sexo de reconciliação chegou ao fim, sentámo-nos a conversar. E conversámos. E conversámos. (Nunca na vida falei tanto sobre os meus sentimentos. É esgotante.) Concordámos que ele poderia ver o Matt quando quisesse, pois queria (por razões que ainda não compreendo) restaurar a amizade entre ambos. Até podia falar-me sobre o Matt e eu saberia ouvi-lo e faria perguntas nos momentos certos, mas estava terminantemente proibido de me pedir para o ver ou falar com ele. Seguindo a mesma ordem de ideias, não me torturaria com cenas de ciúmes sempre que eu me cruzasse com o Sr. (ainda há uma centelha entre nós) Farejador de Chocolate.

Quando ver a Jen voltou a ser uma possibilidade, o Greg tentou iniciar outra ronda de negociações, mas eu cortei-lhe logo as bases (não era capaz de enfrentar toda aquela lengalenga outra vez) e disse-lhe que podia fazer o que bem entendesse porque confiava nele; que sabia que ele teria a presença de espírito de fugir do país caso as coisas com a Jenna se tornassem vagamente sexuais, pois não viveria para assistir ao nascer do Sol quando eu descobrisse. («Tudo bem», dissera ele. «Como vai o teu amiguinho realizador de cinema?»)

Além disso, não me importo que o Greg veja a Jen: assim posso saber das novidades, estar ligada a ela sem ter de mexer um dedo.

Apesar de não gostar da Jen, o Eric anda sempre a chatear-me para pelo menos ter uma conversa com ela. Sabe que existe uma enorme lacuna na minha vida onde ela deveria estar e que sinto a falta da sua amizade. Sim, sinto falta de uma amizade, de uma intimidade, de algo profundo que, afinal, só existia na minha cabeça, mas na altura eu não sabia. É o que o Eric me está sempre a dizer:

– Há assuntos por resolver entre ti e a Jen. Se estivesse mesmo tudo acabado entre vocês as duas, não reagirias como reages quando ela tenta entrar em contacto contigo. Não ficarias toda eriçada sempre que alguém te diz que devias falar com ela.

Pergunto-me se estarei toda eriçada agora que estou a falar com ela.

– Voltei com o Matt – diz a Jen. – Mais ninguém nos atura, estamos bem um para o outro. Deixou o emprego e agora só trabalha em Leeds. Vai divorciar-se.

– O Greg disse-me.

O Greg já me tinha dito que o Matt andara que tempos a suplicar-lhe uma segunda oportunidade, jurando a pés juntos que era com ela que queria ficar. E ela cedera. Como já não era minha amiga, o problema já não era meu e não fazia sentido sentir fosse o que fosse... mesmo sendo aquilo a coisa mais estúpida a seguir a praticar *bungee*

jumping sem corda.

– Vamos casar-nos para o ano que vem – continua ela. – Já sabias?

– Já.

– Tinha esperança, quer dizer, gostava muito que fosses a minha dama de honor.

Como é o chocolate no teu planeta?

– Não me parece que isso seja boa ideia – declaro alto e em bom som.

– Pois... Talvez não. O Greg contou-me que tu e a Renée estão a partilhar o cargo de direção do Festival e que lá para o fim deste ano vais começar um mestrado em realização de cinema em *part-time*.

– Ah, já entendi. Vieste para me dizer que sou gorda, feia e *quente* de mais para o fazer.

Ela fecha os olhos numa agonia silenciosa.

– Desculpa – diz, e volta a encarar-me. – Estou tão, mas tão arrependida. De tudo. Da forma como te tratei, de ter tentado separar-vos. No dia em que foste visitar-me fui uma vaca contigo. Tentei pôr-te as culpas de tudo o que te tinha feito. Não sei como pensei poder justificar o que andava a fazer. Estou tão arrependida. Nem sequer percebi o mal que fazia até teres cortado relações comigo. Admira-me teres aguentado tanto tempo.

– Bom – digo eu –, provavelmente devia ter-te contado sobre mim e o Greg mais cedo. – *Para poderes dar cabo de tudo mais cedo.*

– Para poder dar cabo de tudo mais cedo? – replica ela.

Não consigo evitar sorrir.

A Jen devolve-me o sorriso.

– Era nisso que estavas a pensar, não era? – O sorriso dela desvanece-se. – Mas tens razão. Para ser sincera, parte de mim já suspeitava de vocês os dois. Na noite do meu aniversário desconfiei que se passara qualquer coisa entre vocês porque andavam a evitar-se, mas pensei que fosse só por ele se ter atirado a ti, ou qualquer coisa do género. Foi por isso que organizei aquele encontro às cegas no fim de semana e não parava de dizer que o Greg era um palerma. Tinha esperança de que vocês se afastassem, mas não, estavam tão próximos como sempre. Mais próximos que nunca, até. Por isso menti-te quando te disse que ele se tinha atirado a mim, tentei derrubar a tua autoconfiança. Era a única maneira de te ter de volta.

Suspira.

– Sentia que a pouco e pouco te estavas a afastar de mim. Eu, que tinha sido o centro da tua vida durante tanto tempo. Durante anos

tinhas-te dedicado a mim e tudo o resto ficava em segundo plano, mas de repente deixei de ser a número um. Porque estavas com o Greg, suponho. Com a minha mãe passava-se exatamente o mesmo: sempre que arranjava um novo namorado perdia todo o interesse em mim. Já era uma sorte se conseguisse vê-la ao fim de semana. Contigo nunca tinha havido problemas. Mesmo quando estavas com o Sean eu vinha sempre em primeiro lugar. Tinhas-me um amor incondicional que nunca tinha tido na vida. Quando tu e o Greg se tornaram amigos íntimos transferiste muita da tua atenção e do teu afeto para ele. Estavam sempre a fazer coisas juntos, coisas que eu não podia fazer, como almoçar fora e sair à noite durante a semana. Era óbvio que gostavas muito dele e eu não gostava nada da ideia. *Detestava-a*. Naquela noite, no hotel, entrei em pânico. Quando vocês disseram que iam viver juntos soube que estava tudo acabado. A nossa amizade nunca mais seria a mesma, e ele passaria a vir em primeiro lugar. Eu não estava disposta a deixar que isso acontecesse. Estava tão desvairada de ciúmes que entrei em pânico. Não era minha intenção que descobrisses. Muito menos daquela maneira. Desculpa.

Ocorre-me algo que me incomodara durante anos.

– Disseste ao Sean alguma coisa sobre mim e o Greg?

A Jen morde o lábio e deita-me uns olhos enormes e cheios de tristeza.

– Posso... eh, ter mencionado de passagem a reputação de mulherengo do Greg.

– E que mais?

Ela baixa a cabeça.

– E que o Greg tinha dito ao Matt que iria para a cama contigo à menor oportunidade.

E apressa-se a acrescentar:

– É verdade! Foi o que ele disse. Mas foi numa brincadeira em que tinha de escolher entre ti, mim e a professora que tinham tido no sexto ano. Não contei ao Sean essa parte.

– Basicamente tentaste sabotar qualquer relacionamento que parecesse mais importante para mim que a tua pessoa, incluindo o meu relacionamento com o meu irmão.

– Sim. Não sabes como lamento.

És inacreditável, é o que tu és. Volto novamente a minha atenção para os chocolates.

– Está tudo de pernas para o ar – diz ela ante o meu silêncio.

– Não, não está. Eu tenho a minha vida resolvida. E tu também, ao

que parece. Ficaste com o homem que amas, casas-te para o ano que vem. O Greg contou-me que estão a tentar ter um filho. E recuperaram a amizade do Greg, por isso nem tudo está perdido. Há que manter a noção da realidade.

– Quando estamos com o Greg parece que ele só sabe falar de ti, em parte porque és o tópico de conversação preferido dele, mas sobretudo porque estou sempre a tentar arrancar-lhe informações sobre ti. É a minha ligação direta a ti.

– Pobre rapaz, faço-lhe exatamente o mesmo. E sempre que isso acontece, vejo pela expressão dele que se interroga porque não falo contigo...

Não, não dês parte de fraca. Lembra-te do que ela te fez. De como te magoou.

– Tenho de ir para casa. – Devolvo os chocolates à prateleira. – Acho que não merecem chocolates depois de me fazerem esta desfeita.

A Jen debate-se para não mostrar desapontamento enquanto me dirijo à porta.

É então que ouço uma voz dentro de mim a lembrar-me de que não fui uma vítima inocente em tudo aquilo. Como esperamos ser tratados quando não nos defendemos a nós próprios? Foi por não me defender que me meti em toda aquela confusão.

Se tivesse tido a coragem de dizer à Jen que a nossa amizade significava tudo para mim e que ninguém podia mudar isso talvez as coisas não tivessem corrido como correram. Quando estava em modo de fuga não partilhava com ninguém o que sentia. Com o Greg passava-se o mesmo, até que ficou de tal maneira sem saber o que eu sentia por ele que não viu outra solução senão exigir um compromisso da minha parte. A minha mãe também não podia perceber que as coisas com o Greg seriam diferentes porque nunca lhe tinha dado a oportunidade de conhecer outros namorados. Assim que comecei a abrir-me, que parei de fugir e comecei a permitir-me sentir e sofrer, a minha vida melhorou. Ficou mais cheia, mais abrangente, mais colorida. Devia ter-me aberto com a Jen há muito tempo. Devia ter parado de fugir e conversado com ela antes que chegasse a isto.

Volto-me para ela.

– Jen.

Ela ergue o olhar azul-topázio, toldado de lágrimas.

– Queres conhecer os nossos miúdos?

– Os vossos miúdos? – Tem a voz embargada, prestes a rebentar em soluços.

– Nos últimos meses eu e o Greg adotámos tantos peixes que provavelmente teremos de mudar para uma casa maior para eles poderem ter um quarto só para eles.

– Não sabia que gostavas de peixes.

– Há muita coisa sobre mim que tu não sabes. E há muita coisa que eu não sei sobre ti. – Os meus olhos encontram os dela. – Mas podemos descobrir.

Podemos tentar descobrir se havia algo de genuíno entre nós. Podemos descobrir se de facto havia amizade, ou se tínhamos ficado juntas por força do hábito – um hábito prejudicial que talvez tivéssemos de deixar. Seja como for, as coisas não voltarão a ser como dantes, não podem «voltar ao normal». Tudo mudou. Nós mudámos.

– E então, queres conhecê-los? – pergunto eu.

– Adorava.

– Então anda comigo. Está quase na hora do jantar. O Bartleby e o Loki comem que se fartam, mas o Capitão Picard é muito esquisito com a comida. O Mark Twain é o meu preferido, mas não digas ao Greg. Está sempre a dizer-me que tenho de gostar de todos por igual e tretas *hippy* desse género.

Teremos de descobrir uma nova normalidade. Não será assim tão mau. Não enquanto tivermos chocolate.

A Senda do Chocolate, v. & s. f. Fig. 1. v. Ato de sair de casa para ir comprar chocolate. 2. v. Saltitar com ligeireza ora num pé, ora no outro, estando na posse de chocolate. 3. n. A vida de uma pessoa que vê tudo em função do chocolate e que passa todo o tempo a evitar situações de intimidade. 4. n. Conjunto de desafios emocionais que todos enfrentamos num dado ponto das nossas vidas, e que são muitas vezes aligeirados mediante a deglutição de chocolate.